

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOLOGIA E LÍNGUA PORTUGUESA**

ALESSANDRA ARONNE

**Estudo das características fonético-fonológicas da variedade falada em
São José do Rio Preto**

**SÃO PAULO
2010**

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOLOGIA E LÍNGUA PORTUGUESA**

**Estudo das características fonético-fonológicas da variedade falada em
São José do Rio Preto**

Alessandra Aronne

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Mário Eduardo Viaro

Versão corrigida

“de acordo” do Prof. Orientador: _____

SÃO PAULO
2010

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E A DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTA
TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA
FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Alessandra Aronne

Estudo das características fonético-fonológicas da variedade falada em São José do Rio Preto

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Aprovada em: ____/____/____.

Banca Examinadora

Prof. Dr. Mário Eduardo Viaro (USP)
(Orientador)

Prof. Dr. Manoel Mourivaldo Santiago de Almeida (USP)
(Titular)

Prof. Dr. Jarbas Vargas Nascimento (PUC-SP)
(Titular)

Prof^a. Dr^a. Elis de Almeida Cardoso Caretta (USP)
(Suplente)

Prof^a. Dr^a. Maria Antonieta do Amarante Cohen (UFMG)
(Suplente)

À minha irmã e melhor amiga: Flávia.

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador Prof. Dr. Mário Eduardo Viaro, pela oportunidade e por ter me auxiliado durante a elaboração deste trabalho.

Ao Prof. Dr. Manoel Mourivaldo de Almeida e à Profa. Dra. Valéria Gil Conde, por terem prontamente aceitado participar da minha Banca de Qualificação, pelas suas observações que foram essenciais para eu nortear este trabalho e, principalmente, por terem acreditado em mim.

Novamente, ao Prof. Dr. Manoel Mourivaldo de Almeida e ao Prof. Dr. Jarbas Vargas Nascimento, por terem composto a Banca Examinadora da minha defesa de Dissertação de Mestrado, pelas valiosas contribuições e, principalmente, pela generosidade.

À minha família, especialmente à minha mãe, à minha avó e aos meus irmãos, pelo encorajamento, paciência e amor incondicional.

Aos meus amigos de longa data e àqueles que tive o privilégio de conhecer nesta trajetória, pelo estímulo, pelas experiências compartilhadas e pelas palavras de conforto.

Aos informantes do banco de dados Iboruna que foram imprescindíveis para coleta dos dados utilizados neste trabalho.

RESUMO

Com o objetivo de contribuir para a caracterização da variedade falada no noroeste paulista, bem como de auxiliar na compreensão da diversidade linguística encontrada no Brasil, descrevemos as características fonético-fonológicas da variedade falada em São José do Rio Preto, utilizando o referencial teórico-metodológico da Sociolinguística Laboviana e da Dialetoлогия.

Analisaremos doze amostras de fala do banco de dados do Projeto Iboruna, selecionadas segundo os fatores sociais: sexo, faixa etária e grau de escolaridade.

Descreveremos as vogais orais e nasais, as realizações dos fonemas /s/, /l/, /ʎ/, /r/ e /d/ e /t/ antes de [i] e outros fenômenos linguísticos. Fizemos também referência a obras que tratam da descrição de outras variedades do português com o objetivo de observar se as realizações encontradas em São José do Rio Preto são conservadoras ou inovadoras, se são peculiaridades de lá, ou se também são encontradas em outras variedades.

Concluimos que a variedade estudada apresenta características fonético-fonológicas que são comuns em outras comunidades lusófonas e que, se partirmos do português europeu para se estabelecer comparações com a variedade estudada, esta apresenta algumas características conservadoras.

Palavras-chave: Dialetoлогия; Sociolinguística; São José do Rio Preto; Características fonético-fonológicas.

ABSTRACT

Aiming to contribute to the characterization of the variety spoken in the northwestern region of São Paulo, as well as help understanding the linguistic diversity found in Brazil, the phonetic-phonological features of the variety spoken in São José do Rio Preto were described, using the theoretical and methodological references of the Labovian Sociolinguistics and the Dialectology.

Twelve samples of speech from Project Iboruna database, selected according to the following social factors: gender, age and education level will be analyzed.

The oral and nasal vowels, the pronunciation of the phonemes /s/, /l/, /ʎ/, /r/ and /d/ and /t/ before [i], and other linguistic phenomena were analyzed. The literature on the description of other varieties of Portuguese language was referred in order to observe if the variants found in São José do Rio Preto are conservative or innovative, if they are peculiarities from there, or whether they are found in other varieties.

The conclusion was that the analyzed variety presents phonetic-phonological features that are common in other lusophone communities, and if compared to the European Portuguese, it has some conservative features.

Keywords: Dialectology; Sociolinguistics; São José do Rio Preto; Phonetic-phonological features.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mapa da Microrregião de São José do Rio Preto (CITY BRAZIL, 2009).	17
Figura 2: Penetração dos Mineiros século XIX (Monbeig, 1984, p. 134).....	18
Figura 3: Cenário típico de São José do Rio Preto: capivaras ao redor da represa (Foto do arquivo pessoal da pesquisadora, setembro de 2010).....	19
Figura 4: Swift (Foto do arquivo pessoal da pesquisadora, setembro de 2010).....	22
Figura 5: Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto (Foto do arquivo pessoal da pesquisadora, setembro de 2010).	23
Figura 6: Hospital de Base (Foto do arquivo pessoal da pesquisadora, setembro de 2010). ...	24

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Variáveis controladas da Amostra Censo.....	29
Tabela 2: Informações sobre os informantes.....	34
Tabela 3: Normas de Transcrição.....	81

SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS.....	9
INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 1 – SÃO JOSÉ DO RIO PRETO	16
1.1 Geografia	16
1.2 Fundação.....	17
1.3 População	19
1.4 Desenvolvimento econômico	20
1.5 Considerações parciais	24
CAPÍTULO 2 - METODOLOGIA	26
2.1 Banco de dados Iboruna	28
2.1.1 Estudos concluídos sobre o falar de São José do Rio Preto a partir das amostras do Projeto Iboruna	30
2.2 Critérios de composição da amostra.....	31
2.3 Gravações e Informantes	34
2.4 Transcrição	38
CAPÍTULO 3 - ANÁLISE.....	39
3.1 Vogais.....	40
3.1.1 Vogais orais	40
3.1.1.1 Vogais tônicas	40
3.1.1.3 Vogais pretônicas	45
3.1.1.3 Vogais postônicas.....	48
3.1.2 Vogais nasais	50
3.2 Consoantes.....	53
3.2.1 /s/	53
3.2.2 /l/.....	55
3.2.3 /ʎ/.....	57
3.2.4 Realização de /ɲ/ como [ĩ].....	58
3.2.6 As realizações de /r/ e /r̃/	58
3.2.6 Fonemas /d/ e /t/ diante de [i].....	61
3.2.7 Consoantes sonoras	63
3.2.8 Metátese.....	64
3.3 Considerações parciais	64
CONCLUSÃO	71
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	74

ANEXO 1-CRITÉRIOS DE TRANSCRIÇÃO	79
---	-----------

ANEXO 2: TRANSCRIÇÕES DAS AMOSTRAS DE FALA.....	85
--	-----------

A1	85
A2	97
A3	115
A4	134
B1	144
B2	184
B3	196
B4	208
C1	226
C2	250
C3	258
C4	282

INTRODUÇÃO

A língua está intrinsecamente ligada à comunidade que a utiliza, refletindo em sua identidade e cultura, além de ser o próprio veículo de transmissão cultural. Visto que no Brasil há uma grande diversidade cultural, a língua portuguesa aqui falada também apresenta muita variedade.

Essa variedade é encontrada não somente entre comunidades linguísticas, como também entre os membros de uma mesma comunidade. Assim, diferenças geográficas e sociais dentro de um grupo podem resultar em variação, manifestada em diversos níveis linguísticos.

A motivação para esta pesquisa surgiu pelo fato de a pesquisadora ser natural de São José do Rio Preto e pelo fato de que, embora existam pesquisas sobre algumas características fonético-fonológicas da variedade¹ em questão, ainda não existe um trabalho que investigue um grande número de variáveis linguísticas a fim de dar um panorama geral do que é encontrado nela.

Com o objetivo de contribuir para a caracterização da variedade falada no noroeste paulista, bem como de auxiliar na compreensão da diversidade linguística encontrada no Brasil, em nossa dissertação, descreveremos as características fonético-fonológicas da variedade falada em São José do Rio Preto, utilizando o referencial teórico-metodológico da Sociolinguística Laboviana e da Dialectologia.

São José do Rio Preto é o maior município localizado no noroeste paulista. Iniciou o seu desenvolvimento econômico com a chegada da estrada de ferro em 1912 e atraiu

¹ O termo variedade deve ser entendido como sinônimo de falar, isto é, “línguas de pequenas regiões, através de um território lingüístico dado, que se distinguem uma das por oposições superficiais dentro do sistema geral de oposições fundamentais que reúne todas numa língua comum.” (CÂMARA JR., 1968, p.175).

imigrantes de diversas origens. Atualmente, continua atraindo pessoas de cidades vizinhas e de outros estados que estão em busca, principalmente, de serviços médico-hospitalares e de instituições de ensino superior, além do comércio variado.

Utilizamos como *corpus* doze amostras de fala do banco de dados do Projeto Iboruna (vide item 2.1), que foram escolhidas segundo os fatores sociais: sexo, faixa etária e grau de escolaridade. Serão dois informantes para a variável sexo (um homem e uma mulher), três para a variável faixa etária (18 a 30 anos, 31 a 49 anos e 50 a 65 anos) e dois para a variável grau de escolaridade (Ensino Fundamental I e Ensino Superior). Deste modo, temos: 2 (sexo) x 3 (faixa etária) x 2 (grau de escolaridade) = 12 informantes.

Acreditamos que ao definirmos o nosso *corpus* segundo esses critérios, conseguimos compor uma amostra que representasse a comunidade de fala estudada.

Analisaremos o comportamento das vogais orais e nasais, as realizações dos fonemas /s/, /l/, /k/, /r/ e /d/ e /t/ diante de [i] e outros fenômenos linguísticos.

Na nossa descrição, apresentaremos dados encontrados em nosso *corpus* e também faremos referência a obras que tratam da descrição do português, tanto do Brasil e de Portugal, como de outras comunidades de língua portuguesa. O nosso objetivo é comparar as realizações fonético-fonológicas encontradas na comunidade de fala rio-pretense com as das demais comunidades lusófonas e, assim, observar se as realizações encontradas naquela são conservadoras ou inovadoras², se são peculiaridades da variedade estudada, ou se são também encontradas em outras variedades.

Segundo Câmara Jr. (1979, p. 29), houve certo equilíbrio na proporção entre a imigração do norte e a do sul de Portugal para o Brasil. Deste modo, a nossa hipótese é que encontraremos em nosso *corpus*, dados que são considerados típicos tanto do norte, como do

² Consideramos conservadoras as características fonético-fonológicas que se mantiveram depois das mutações fonéticas do século XVIII e, inovadoras, aquelas que apresentaram mudanças.

sul de Portugal e também, fenômenos que são documentados como inovações do português brasileiro, mas que são encontrados em outras variedades lusófonas, que não a européia.

Sabemos, porém, que uma variação dialetal não é explicada somente pelos movimentos de população, mas também “pelas próprias forças centrífugas da linguagem humana, que tendem a cristalizar as variações e criar dialeção em qualquer território relativamente amplo” (CÂMARA JR., 1979, p. 11).

Assim, além de considerarmos os fatores sociais e a história da comunidade linguística investigada, levaremos em conta fatores linguísticos, principalmente, o contexto fonológico.

A nossa dissertação está dividida em três capítulos. No primeiro, apresentaremos a comunidade linguística que estamos investigando, incluindo a sua localização geográfica, um panorama sócio-econômico, bem como um pouco de sua história, pois acreditamos que o conhecimento dessas informações seja essencial para a compreensão dos dados linguísticos.

Iniciaremos o segundo capítulo, falando um pouco sobre a Dialectologia e a Sociolinguística, disciplinas às quais o nosso trabalho está relacionado. A primeira, porque o nosso objetivo principal é associar o emprego de formas linguísticas à localidade estudada e, a segunda, por nos ter auxiliado na composição de nosso *corpus* no que se refere à escolha dos informantes, bem como na opção pelas gravações de fala espontânea.

Além disso, discorreremos sobre o banco de dados Iboruna e mencionaremos algumas pesquisas já realizadas sobre o falar de São José do Rio Preto que utilizaram as amostras do projeto como *corpus*, explicaremos os critérios de composição da nossa amostra, apresentaremos os nossos informantes e falaremos sobre como as entrevistas foram conduzidas.

No terceiro capítulo, faremos a descrição das características fonológicas da variedade estudada, fazendo referência a outras variedades do português com o intuito de contextualizar a variedade estudada. Este capítulo está dividido em duas partes: na primeira, descreveremos

o comportamento dos fonemas vocálicos e, na segunda, o dos consonantais. Como já mencionamos, a nossa descrição levará em conta fatores de natureza linguística e social.

Na conclusão, faremos nossas considerações finais a respeito do que observamos em nossa descrição.

CAPÍTULO 1 – SÃO JOSÉ DO RIO PRETO

A língua portuguesa apresenta configurações linguísticas diferentes conforme o lugar onde é falada, pois possui uma história particular dependendo de fatores históricos, sociais, geográficos, demográficos e econômicos que determinam a sua difusão e implantação em cada um desses lugares.

A respeito da necessidade de se levar em conta a vida social da comunidade linguística pesquisada, disse Labov (2008, p.20): “Nem todas as mudanças são altamente estruturadas, e nenhuma mudança acontece num vácuo social. Até mesmo a mudança em cadeia mais sistemática ocorre num tempo e num lugar específicos, o que exige uma explicação.”.

Neste capítulo apresentaremos um panorama sócio-econômico de São José do Rio Preto, como também um pouco de sua história. Essas informações são relevantes, pois o conhecimento do perfil da comunidade pode auxiliar na compreensão de dados linguísticos.

1.1 Geografia

O município de São José do Rio Preto localiza-se no noroeste paulista e está a 443 km da capital paulista e a 714 km da capital nacional (GOOGLE MAPAS, 2009). Apresenta limite com os municípios de Bady Bassit, Cedral, Ipiguá, Guapiaçu, Mirassol e Onda Verde.

Segundo o IBGE, São José do Rio Preto apresenta uma área de 431,31 km².

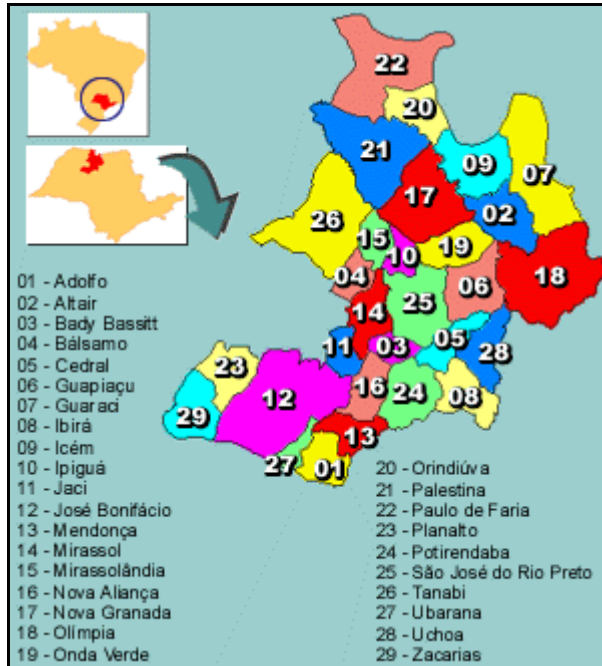


Figura 1: Mapa da Microrregião de São José do Rio Preto (CITY BRAZIL, 2009).

1.2 Fundação

Segundo Almeida (1943, p.19), os primeiros povoadores do Oeste paulista foram os mineiros. A pobreza causada pela decadência da mineração motivou os mineiros a migrarem para outras áreas. A maioria fixou-se em regiões onde o café já estava solidamente implantado, porém houve aqueles que procuraram regiões mais longínquas e extensas para que pudessem continuar a viver da pecuária (MONBEIG, 1984, p. 133).

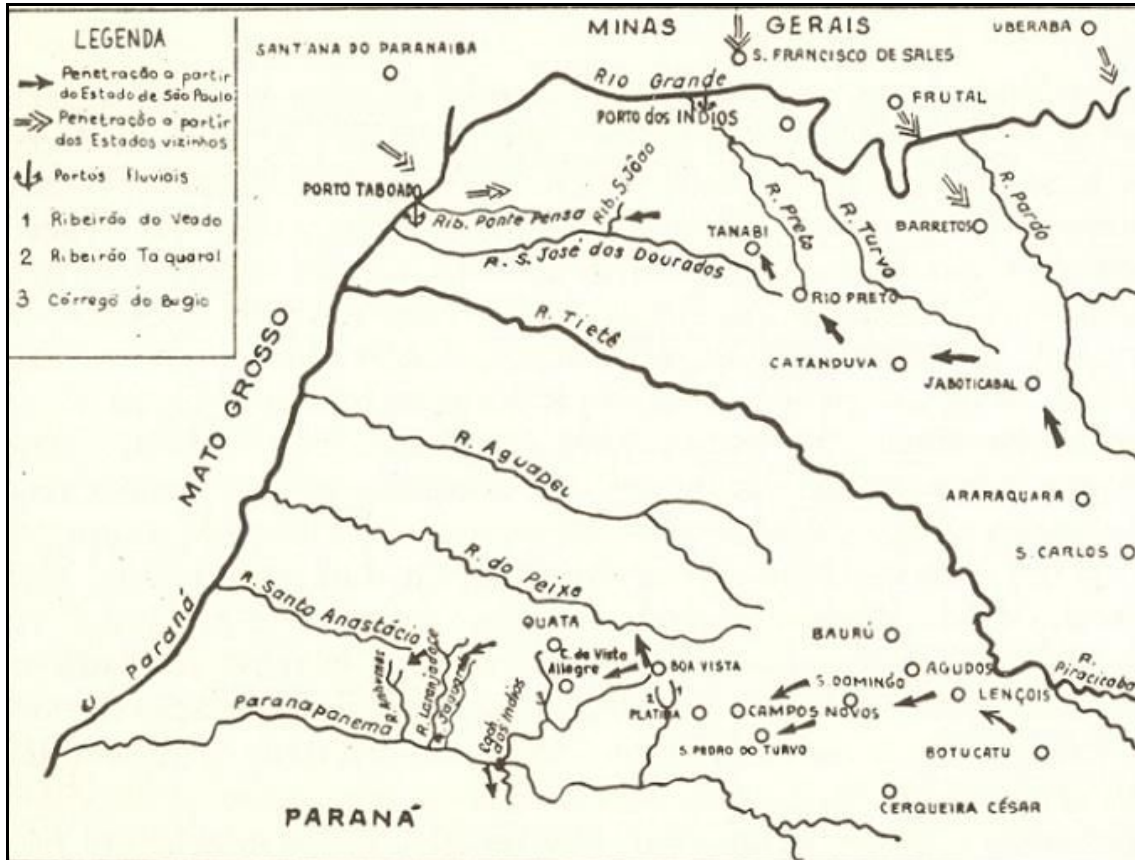


Figura 2: Penetração dos Mineiros século XIX (Monbeig, 1984, p. 134)

Pouco a pouco, próximo à fazenda de José Bernardino Seixas, foi se formando uma pequena povoação que seria São José do Rio Preto. Em 19 de março de 1852, os moradores deste povoado encaminharam uma carta à Câmara Municipal de Araraquara solicitando a criação do Distrito de Paz de São José do Rio Preto. Em 20 de março de 1855, o então bairro de Araraquara foi elevado a Distrito de Paz e de Polícia.

Embora tenha sido elevado à condição de Distrito de Paz e de Polícia somente em 20 de março de 1855, comemora-se a data de fundação São José do Rio Preto em 19 de março de 1852.

O Distrito de São José do Rio Preto fez parte do território do município de Araraquara e esteve subordinado a este no plano político-administrativo até 1890, quando passou a pertencer à Comarca de Jaboticabal.

Em 1894, desmembrou-se de Jaboticabal e foi criado o município de São José do Rio Preto pela lei nº 294 (ARANTES, 2001, p.99).

O nome do município é originado a partir da junção do nome do seu padroeiro, São José e do rio que o corta, Rio Preto. Em 1906, teve o seu nome simplificado para Rio Preto e, somente em 1945, o antigo nome foi retomado. Antes disso, o Centro Geográfico do Rio de Janeiro cogitou alterá-lo para "Iboruna", uma vez que existia um homônimo mais antigo no estado de Minas Gerais. Porém, diante de protestos dos habitantes, de associações de classe, de políticos, o antigo topônimo, São José do Rio Preto, foi restabelecido (PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO JOSÉ DO RIO PRETO, 2009).



Figura 3: Cenário típico de São José do Rio Preto: capivaras ao redor da represa (Foto do arquivo pessoal da pesquisadora, setembro de 2010).

1.3 População

Como já mencionamos, os primeiros desbravadores da região foram os mineiros. Foram eles que repeliram os índios que já estavam na região antes de sua chegada.

Segundo Almeida (1943, p. 29), muitos grupos indígenas viveram na região, dentre estes, houve os coroados que por serem mais rebeldes, se afastaram e, os chavantes que tinham aldeias localizadas na Fazenda Borá, a cerca de 10 km da cidade.

Quanto ao escravo, este não foi trazido pelo pioneiro provavelmente pelo receio de fuga sem possibilidade de perseguição ou captura (*Ibid.*, p. 22).

O imigrante europeu, quando chegou a São José do Rio Preto, já estava aculturado, pois não veio diretamente do seu país, mas das antigas fazendas de café, onde as terras já não eram mais produtivas. Isso se deu com as etnias de maior densidade: a italiana, a espanhola e a portuguesa.

Já os sírios, por serem comerciantes, não passaram pela lavoura de café e chegaram diretamente de seu país. O mesmo se deu com os japoneses que vieram posteriormente.

Segundo o IBGE, São José do Rio Preto apresenta uma população estimada em 402.770 habitantes, sendo mais de 90% desta urbana.

1.4 Desenvolvimento econômico

Segundo Brandi (2002, p.193), durante as primeiras décadas de existência do Distrito, a economia estava voltada para atividades primárias, pois o isolamento geográfico impedia São José do Rio Preto de beneficiar-se das transformações econômicas que estavam ocorrendo na província de São Paulo com a monocultura cafeeira, com a chegada do imigrante estrangeiro e do transporte ferroviário: “Enumerar os municípios mais procurados

pelos imigrantes seria simplesmente repetir a lista dos centros cafeicultores [...]”³. E, quanto ao transporte ferroviário: “As estradas de ferro não iam além dos cafezais da terra roxa.”⁴

Em 1912, chega a São José do Rio Preto a Estrada de Ferro Araraquarense (EFA) que possibilitou a sua ligação com centros consumidores e de exportação e, conseqüentemente, o seu desenvolvimento econômico.

A malha viária também contribui para o crescimento do município. Destacam-se a Rodovia Washington Luís (SP-310), que permite o acesso ao Centro-Oeste do país, a São Paulo e ao Porto de Santos, a Rodovia Transbrasiliana (BR-153), que liga o norte ao sul do país, e a Rodovia Assis Chateaubriand (SP-425), que vai do sul de Minas Gerais ao norte do Paraná, dando acesso a Ribeirão Preto e a Euclides da Cunha Paulista e ligando Mirassol à divisa com o Mato Grosso do Sul.

A industrialização teve início nos anos 40 com a instalação da Swift do Brasil que fabricava óleo de caroço de amendoim e de caroço de algodão. A fábrica funcionou até 1970, transformando-se em depósito e armazém. Em 1983, o prédio foi comprado pela Prefeitura Municipal de São José do Rio Preto para fins culturais. Em 2003, foi tombada pelo CONDEPHAAT (Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Arqueológico e Turístico do Estado de São Paulo) (PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO JOSÉ DO RIO PRETO, 2009).

³ Pierre MONBEIG, *Pioneiros e fazendeiros de São Paulo*, p. 172.

⁴ *Ibid.*, p. 174.



Figura 4: Swift (Foto do arquivo pessoal da pesquisadora, setembro de 2010).

A partir de 1970, a Região Administrativa de São José do Rio Preto passou a produzir matérias-primas agroindustriais, produtos agrícolas para exportação e alimentos. Nesse período, cresceu o peso das culturas exportáveis como laranja, café, e cana-de-açúcar, impulsionada pelo Próalcool, lançado em 1975, além de produtos da pecuária e do cultivo de seringueiras.⁵

Atualmente, a região Noroeste Paulista é a maior produtora de látex do Estado de São Paulo, participando com mais de 25% do total da produção nacional. Além disso, a região administrativa de São José do Rio Preto é a terceira no ranking do valor da produção agropecuária no Estado de São Paulo.⁶

Segundo Arantes (2001, p.93), depois do surto de industrialização ocorrido nos anos 70, a economia de São José do Rio Preto tem se apoiado na prestação de serviços, em especial

⁵ Região Administrativa de São José do Rio Preto. <<http://www.ppa.sp.gov.br/perfis/PerfilRASJRioPreto.pdf>>. Acesso em 20 ago 2009.

⁶ Perfil Econômico do Noroeste Paulista. <<http://www.gcex.com.br/portugues/editorial/index.asp>> Acesso em 20 ago 2009.

de serviços médicos, e no setor de ensino universitário que apresentou crescimento na década de 90.

Atualmente, há diversas instituições de ensino superior, dentre as quais citamos o IBILCE (Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas - Unesp) e a FAMERP (Faculdade de Medicina de Rio Preto).



Figura 5: Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto (Foto do arquivo pessoal da pesquisadora, setembro de 2010).

São José do Rio Preto conta com o Hospital de Base, hospital da FAMERP, que é centro de referência em serviços médico-hospitalares, tais como em diversas áreas cirúrgicas, transplantes e tratamento de AIDS, além de ser pioneiro na produção de materiais cirúrgico-hospitalares de alta complexidade e exportar equipamentos médicos para vários países.

O hospital atende mensalmente cerca de 40.000 pessoas não só de São José do Rio Preto, mas também de outros municípios do estado de São Paulo e de municípios de estados vizinhos, como Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso do Sul.



Figura 6: Hospital de Base (Foto do arquivo pessoal da pesquisadora, setembro de 2010).

1.5 Considerações parciais

Neste capítulo, vimos que a chegada da estrada de ferro em 1912 e a malha rodoviária contribuíram para o desenvolvimento econômico de São José do Rio Preto. Com isso, o município atraiu um grande contingente de imigrantes europeus, sírios e japoneses que lá se fixaram.

Atualmente, há uma grande circulação de pessoas provenientes de cidades vizinhas e de outros estados que buscam serviços médico-hospitalares, instituições de ensino superior, além do comércio variado.

O grande trânsito de pessoas faz com que a diversidade cultural presente em São José do Rio Preto seja bem grande, o que pode refletir nas características linguísticas de seus moradores.

CAPÍTULO 2 - METODOLOGIA

Sabemos que falantes de uma mesma língua, mas de regiões diferentes, têm características linguísticas diversificadas. À Dialetoлогия cabe o estudo das relações entre o espaço geográfico e o emprego de formas linguísticas, considerando o contexto histórico, social e cultural da localidade a ser estudada.

Quando os estudos de Dialetoлогия foram iniciados, escolhiam-se localidades da área rural ou interiorana e havia uma preferência por falantes analfabetos, que nunca tivessem saído de sua cidade de origem, conforme Nascentes (1953, p.14) explica: “Pouco nos interessa a língua de classes cultas, primeiro porque é correta, segundo porque lhe falta a naturalidade e espontaneidade da língua popular.”

Porém, atualmente, devido à difusão da educação, ao êxodo rural, às migrações internas e, principalmente, ao acesso aos meios de comunicação, é muito difícil encontrar comunidades tão isoladas. Ainda que o isolamento geográfico exista e os habitantes nunca tenham deixado o seu local de origem, estes entram em contato com outras variedades linguísticas por meio da televisão, rádio, internet e outros meios de comunicação.

Com o tempo e com as mudanças sócio-econômicas que tornaram a sociedade mais complexa, a Dialetoлогия passou a considerar fatores estabelecidos pela “Teoria da Variação Linguística”, modelo teórico-metodológico iniciado pelo americano William Labov (OLIVEIRA, 2005, p. 385-386). Assim, fatores sociais, tais como, sexo, faixa etária, grau de escolaridade e outros são levados em conta para se definir as peculiaridades linguísticas de uma localidade.

Quando estávamos decidindo como iríamos conduzir a nossa pesquisa, surgiram algumas questões metodológicas, a saber: como iríamos constituir o nosso *corpus*, incluindo

aqui, o perfil e número de informantes, se iríamos utilizar gravações de fala espontânea ou se trabalharíamos com um questionário linguístico.

Como o nosso objetivo principal é descrever as características fonético-fonológicas da variante falada em São José do Rio Preto, precisávamos necessariamente de um registro oral que fosse o mais fiel possível à linguagem informal utilizada no dia-a-dia dos informantes.

O questionário linguístico seria uma opção, pois é uma forma mais direcionada de se obter dados que sejam característicos do ponto de vista diastrático ou diatópico, além de possibilitar comparações com dados já documentados em pesquisas anteriores.

Optamos, porém, pela gravação de fala espontânea, pois concordamos com o sociolinguista Labov (2008, p. 63), segundo o qual, “O melhor método para se obter uma grande quantidade de dados confiáveis de fala de uma pessoa é a entrevista individual gravada”.

Mas sabemos que, em comparação com o vernáculo do dia-a-dia, a entrevista é uma fala formal, monitorada por um documentador que, na maioria das vezes, é um desconhecido para o informante que porta um gravador e que observa a sua fala.

Na Sociolinguística, essa questão é chamada de Paradoxo do Observador, isto é, o objetivo da pesquisa linguística é observar como as pessoas falam quando não estão sendo sistematicamente observadas, embora os dados sejam obtidos por meio da observação sistemática (LABOV, 2008, p. 244).

No entanto, segundo o pesquisador referido, há meios de contornar esse paradoxo, desviando a atenção do falante, seja por meio de intervalos e pausas, que dão à pessoa a impressão de que não está sendo entrevistada, ou por meio de assuntos que recriem emoções fortes que o informante tenha experimentado no passado.

Tendo optado pelas entrevistas, decidimos utilizar as amostras de fala do Projeto Iboruna, pois os dados foram coletados de acordo com os critérios da Sociolinguística

Laboviana, isto é, incluiu o controle de variáveis sociais e os documentadores estavam atentos ao paradoxo do observador.

A metodologia da Sociolinguística nos auxiliou também na seleção dos informantes. Uma vez que o nosso intuito é observar a língua em uso dentro de uma comunidade de fala, precisávamos de informantes que representassem essa comunidade. Assim, consideramos as variáveis sociais: sexo, faixa etária e grau de escolaridade.

Uma outra etapa da pesquisa que serve como suporte ao nosso trabalho, cara tanto pela Dialetoлогия, como pela Sociolinguística, é o estudo das características históricas, sociais e econômicas da localidade estudada, que apresentamos no primeiro capítulo.

Neste capítulo, descreveremos o banco de dados Iboruna, apresentaremos algumas pesquisas já realizadas sobre o falar de São José do Rio Preto a partir desse banco de dados e explicaremos os critérios de composição da nossa amostra.

2.1 Banco de dados Iboruna

O projeto Iboruna ou Projeto ALIP (Amostra Linguística do Interior Paulista), desenvolvido no IBILCE (Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – Unesp), consiste em um banco de dados do português falado em São José do Rio Preto e em sete cidades vizinhas, a saber: Bady Bassit, Cedral, Guapiaçu, Ipiranga, Mirassol e Onda Verde.

O projeto Iboruna foi concebido no interior do Grupo de Pesquisa em Gramática Funcional, (GPGF) do IBILCE/UNESP, entre os anos de 2002 e 2003, em razão do interesse dos membros do grupo em trabalhos de descrição do português falado e escrito. O projeto foi financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP.

A equipe técnica do projeto é composta pelo coordenador geral, Prof. Dr. Sebastião Carlos Leite Gonçalves, pela sub-coordenadora, Profa. Dra. Luciani Ester Tenani, pelos professores colaboradores, Profa. Dra. Erotilde Goreti Pezatti, Profa. Dra. Marize Mattos Dall-Aglio Hattner, Profa. Dra. Sanderléia R. Longhin-Thomazi, Prof. Dr. Roberto Gomes Camacho e Profa. Dra. Sandra Denise Gasparini Bastos e, também, por auxiliares técnicos bolsistas e voluntários.

Iboruna, do tupi-guarani, *y*= rio e *-úna* = preto, Rio Preto. Como foi mencionado, no passado, pretendiam atribuir ao município esse nome, mas diante de protestos, o antigo nome, São José do Rio Preto, foi retomado.

O banco de dados é composto por dois tipos de amostra de fala: Amostra Censo e Amostra de Interação. No primeiro tipo, as amostras de fala são controladas por variáveis sociais, a saber: faixa etária, escolaridade, renda familiar, sexo e localidade.

Variáveis	Variantes
Faixa etária	(1) de 7 a 15 anos, (2) de 16 a 25 anos, (3) de 26 a 35 anos, (4) de 36 a 55 anos e (5) + 55 anos.
Escolaridade	(1) 1º Ciclo do Ensino Fundamental, (2) 2º Ciclo do Ensino Fundamental, (3) Ensino Médio e (4) Ensino Superior.
Renda	(1) + 25 salário mínimos, (2) 11 a 24 salários mínimos, (3) 6 a 10 salários mínimos e (4) até 5 salários mínimos.
Cidade	(1) Bady Bassit, (2) Cedral, Guapiaçu, (3) Ipiruá, (4) Mirassol, (5) Onda Verde e (6) São José do Rio Preto.
Sexo	(1) masculino e (2) feminino.

Tabela 1: Variáveis controladas da Amostra Censo.

Além disso, nesse tipo de amostra, as entrevistas foram direcionadas para que se obtivessem cinco tipos de textos de cada informante: narrativa de experiência pessoal (NE), narrativa recontada (NR), relato de descrição (DE), relato de procedimento (RP) e relato de opinião (RO).

Já na Amostra de Interação, as gravações foram feitas secretamente com o intuito de se capturar uma interação dialógica espontânea. Deste modo, os contextos e os perfis sociais foram mais livres, sem o controle de qualquer variável.

De acordo com Gonçalves (s.d.), um dos coordenadores do projeto:

A concepção do Projeto ALIP, portanto, embasa-se em uma proposta mais ampla e mais aberta, guardando a preocupação de captar o máximo possível do dinamismo lingüístico do PB usado na região de São José do Rio Preto. Desse modo, a expectativa é a de que esse banco de dados propicie material lingüístico para a descrição do PB e forneça condições para a validação e o desenvolvimento de teorias lingüísticas, representando, assim, importante ferramenta de pesquisa.

O banco de dados pode ser acessado por meio da *homepage*:
www.iboruna.ibilce.unesp.br.

2.1.1 Estudos concluídos sobre o falar de São José do Rio Preto a partir das amostras do Projeto Iboruna⁷

No nível fonético-fonológico, Pavezzi (2006) descreveu a haplologia no falar paulista, utilizando os dados do NURC- SP para representar a fala da capital do estado de São Paulo e os dados do Iboruna para representar a fala do interior do mesmo estado, mais precisamente da cidade de São José do Rio Preto. A intenção da pesquisadora foi observar a aplicação ou a

⁷ É válido lembrar de estudos realizados sobre falar de São José do Rio Preto antes da constituição do Projeto ALIP: Prando (2000), Guiotti (2002) e Vettorazzo (2002).

não aplicação da haplologia e, além disso, verificar se há diferença nos resultados de aplicação e de bloqueio da haplologia entre esses *corpora*.

Silveira (2008) estudou o comportamento das vogais médias pretônicas na fala de informantes cultos de São José do Rio Preto estratificados em quatro faixas etárias (16 a 25 anos; 26 a 35 anos; 36 a 55 anos; mais de 55 anos), utilizando os dados do Iboruna. Em sua análise, a autora considerou fatores estruturais como: vogal da sílaba tônica, posição da vogal pretônica em relação à sílaba tônica, vogal átona seguinte, consoantes precedentes, consoantes seguintes, tipo de sílaba, nasalidade, e grau de atonicidade da vogal pretônica. A autora concluiu que o alçamento vocálico é um fenômeno de baixa produtividade.

Ainda, no nível fonético, Ramos (2009) estudou o comportamento das vogais postônicas não finais, mais especificamente, a realização dos processos fonológicos de apagamento das vogais postônicas não-finais e de alçamento das vogais [e] e [o] postônicas não-finais em nomes, a partir da análise de dezenove amostras de fala do Iboruna e de dois experimentos elaborados para a análise de cunho fonológico. A pesquisadora concluiu que o percentual de apagamento das vogais não-finais é baixo, 8%. Quanto aos percentuais de alçamento, os da vogal [e] postônica não-final são: (i) 59%, nos dados de fala espontânea e (ii) 44%, nos dados de fala dirigida e os da vogal [o] postônica não-final são: (i) 62%, nos dados de fala espontânea; e (ii) 92%, nos dados de fala dirigida.

No nível morfossintático, Rúbio (2008) estudou a concordância verbal de terceira pessoa do plural. O autor analisou setenta e seis amostras de fala do Iboruna, estratificadas de acordo com escolaridade, faixa etária e gênero. De um total de 3.308 ocorrências de terceira pessoa do plural analisadas, verificou que 70% apresentaram marcas de plural explícitas nos verbos, tratando-se, assim, de um caso de variação estável na comunidade investigada.

2.2 Critérios de composição da amostra

Para determinar o número de informantes que comporiam a nossa amostra, optamos por utilizar o mesmo critério estipulado para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), segundo o qual, para cada ponto seriam entrevistados quatro sujeitos. Entretanto, diferentemente do ALiB que, inicialmente determinou três faixas etárias (18 a 30 anos, 31 a 49 anos e 50 a 65 anos) mas que, por motivos financeiros optou pela primeira e terceira, decidimos manter as três faixas.

Utilizamos as amostras de fala da Amostra Censo. Consideramos dois informantes para a variável sexo (um homem e uma mulher), três para a variável faixa etária (18 a 30 anos, 31 a 49 e 50 a 65 anos) e dois para a variável grau de escolaridade (Ensino Fundamental I e Ensino Superior). Sendo assim, temos: 2 (sexo) x 3 (faixa etária) x 2 (grau de escolaridade) = 12 informantes.

Os informantes escolhidos são naturais de São José do Rio Preto e foram divididos em três grupos etários: A, B e C. O grupo A com quatro informantes de 18 a 30 anos, o grupo B com quatro de 31 a 49 anos e o grupo C com quatro informantes de 50 a 65 anos, conforme as faixas etárias determinadas pelo ALiB.

Partindo da hipótese que os falantes mais velhos tendem a preservar formas mais antigas (NARO, 2004, p. 43), o nosso objetivo ao separar os informantes em três faixas etárias e relacioná-las ao emprego das variantes é observar no falar rio-pretense formas mais conservadoras e mais inovadoras e, por conseguinte, apontar manutenções ou mudanças nesta variedade.

Escolhemos informantes de graus de escolaridade diferentes: Ensino Fundamental I e Ensino Superior. Esperamos que quanto maior for o grau de escolaridade, maior será a influência da normatividade na fala do informante.

Inicialmente, pensamos em considerar mais informantes para cada variável, entretanto, após a análise das entrevistas, verificamos que o número seria excessivo, uma vez que

obtivemos ocorrências exaustivas de um mesmo fenômeno linguístico. Esperamos que considerando as variáveis mencionadas, seja possível obter uma amostra representativa da comunidade de fala estudada.

Os informantes serão identificados por códigos: A1... A4 para os informantes do grupo A, B1... B4 para os informantes do grupo B e C1... C4 para os informantes do grupo C.

A seguir, apresentamos uma tabela com o código do informante, a amostra⁸, as iniciais, a idade e o grau de escolaridade:

⁸ A melhor qualidade da gravação determinou quais amostras utilizamos para compor nosso *corpus*.

CÓDIGO	AMOSTRA	INICIAIS	IDADE	SEXO	GRAU DE ESCOLARIDADE
A1	AC-032	M.F.F.S.	26 anos	Feminino	1º Ciclo do Ensino fundamental
A2	AC-061	E.R.V.	24 anos	Masculino	1º Ciclo do Ensino Fundamental
A3	AC-054	A.C.S.C.	19 anos	Feminino	Superior
A4	AC-055	L.M.R.	18 anos	Masculino	Superior
B1	AC-090	S.M.C.	38 anos	Feminino	1º Ciclo do Ensino fundamental
B2	AC-059	D.G.S.F.	35 anos	Masculino	1º Ciclo do Ensino Fundamental
B3	AC-084	R.M.E.	33 anos	Feminino	Superior
B4	AC-087	A.P.L.	32 anos	Masculino	Superior
C1	AC-096	V.C.A.	53 anos	Feminino	1º Ciclo do Ensino fundamental
C2	AC-091	J.O.J.	55 anos	Masculino	1º Ciclo do Ensino Fundamental
C3	AC-120	M.A.A.	51 anos	Feminino	Superior
C4	AC-119	J.E.P.C.	55 anos	Masculino	Superior

Tabela 2: Informações sobre os informantes.

2.3 Gravações e Informantes

Quanto às gravações, a duração variou de 16 a 41 minutos e, embora os informantes soubessem que estavam sendo gravados, a equipe do projeto Iboruna estava atenta para a

questão do “Paradoxo do Observador”, isto é, tentaram criar uma situação em que fosse possível observar a fala do informante sem que este se sentisse observado (LABOV, 2008).

Para evitar esse tipo de problema, uma das etapas para a preparação das amostras do tipo Amostra Censo incluía um roteiro prévio da entrevista, elaborado de acordo com o perfil sócio-cultural do informante e, inclusive, se possível, era feito um contato entre o documentador e o informante antes da coleta definitiva (GONÇALVES, s.d.).

Sendo assim, o tópico conversacional, em todos os tipos de textos gravados (narrativa de experiência pessoal, narrativa recontada, relato de descrição, relato de procedimento e relato de opinião), quando possível, foi direcionado a um assunto que fizesse parte da realidade do falante, que lhe interessasse ou, ainda, que o emocionasse.

A seguir, faremos uma descrição de como foi a gravação de cada um dos informantes, bem como o grau de intimidade destes com os documentadores. Retiramos essas informações da ficha social e do diário de campo que podem ser acessados na *homepage* do projeto Iboruna: www.iboruna.ibilce.unesp.br.

A1, 26 anos, garçõete e trabalha como faxineira na casa da vizinha da documentadora. Inicialmente, ficou um pouco relutante em participar da gravação, mas acabou aceitando. Essa relutância aparece também no início da gravação que foi um pouco formal. Entretanto, pelo fato de a vizinha da documentadora, patroa da informante, ter dado àquela algumas dicas sobre o que perguntar e sobre a personalidade de A1, as perguntas foram direcionadas, dando assim mais espontaneidade à entrevista. A gravação foi realizada no local de trabalho da informante, na casa da vizinha da documentadora.

A2, 24 anos, desempregado, foi procurado na escola onde cursava o ensino supletivo. Após saber do que se tratava o projeto, aceitou ser gravado no mesmo momento. A gravação ocorreu na biblioteca da escola. Apesar desta disposição inicial, o informante manifestou

nervosismo, tendo a documentadora que insistir diversas vezes num mesmo relato para conseguir mais detalhes.

A3, 19 anos, estagiária, já era conhecida da documentadora, pois ambas eram estudantes da mesma universidade. A entrevista foi gravada do lado de fora da biblioteca da faculdade, por isso escuta-se ruído de automóveis e de terceiros.

A4, 18 anos, estudante, é irmão de uma das integrantes do Projeto, por isso a gravação foi feita pela mesma para que o informante se sentisse mais à vontade. Inicialmente, o informante ficou muito atento ao gravador, sinalizando que estava nervoso, mas no decorrer da gravação, foi ficando mais confortável com a situação. A entrevista foi feita em duas partes. Inicialmente, foram gravadas a Narrativa de Experiência Pessoal e a Narrativa Recontada e, depois de uma pausa relativamente grande, a Descrição, o Relato de Procedimento e o Relato de Opinião.

B1, 38 anos, manicura, também trabalhava como faxineira na casa do coordenador do Projeto Iboruna, Prof. Dr. Sebastião Carlos Leite Gonçalves. A informante não se mostrou nervosa durante a entrevista. Imaginamos que isso seja devido ao fato de a gravação ter ocorrido em seu local de trabalho, na casa do Prof. Dr. Sebastião Carlos Leite Gonçalves e também por este ter estado presente no momento da gravação e por ter participado da entrevista como documentador em alguns momentos.

B2, 35 anos, pintor, foi indicado pela sua esposa que já havia sido entrevistada pela documentadora. No começo da entrevista, o informante se mostrou inibido, mas no decorrer da entrevista foi se tranquilizando. A entrevista pode ser direcionada pela documentadora, pois a esposa do informante havia lhe dado dicas sobre o que perguntar ao seu marido previamente. A entrevista foi realizada na sala da casa do informante. Como esse cômodo era o mais próximo da rua, ouvem-se vários barulhos de carro, bombas, cachorros e pessoas que

conversavam do lado de fora da casa. Além disso, pode-se também identificar, ao fundo da gravação, a esposa e a filha do informante que conversavam alto na varanda da casa.

B3, 33 anos, secretária, é amiga da documentadora, mas mesmo assim ficou inibida pela situação de gravação, o que fez com que ela tivesse dificuldade de se lembrar de acontecimentos para relatar. A maior parte dos seus relatos é do tempo em que morou na Itália, um período de seis meses. Ouve-se muito barulho de trânsito e de pessoas conversando na gravação, mas segundo a documentadora, diante da disponibilidade da informante, esta foi a melhor opção de lugar encontrada.

B4, 32 anos, estudante, é amigo da documentadora da faculdade. O informante aceitou participar da entrevista e mostrou-se desinibido e muito disposto a contribuir com a pesquisa, cooperando assim com a gravação.

C1, 53 anos, bibliotecária, é tia-avó da documentadora. A gravação ocorreu na casa da informante e contou com a presença da irmã da documentadora, mas não houve interferência desta. C1 mostrou-se muito interessada em participar do projeto Iboruna. O único inconveniente foi que a informante estava com dor de garganta e com tosse, de modo que em alguns momentos ela interrompe a sua fala para tossir, o que não atrapalha o andamento da coleta, pois a informante logo retoma a sua fala de onde parou.

C2, 55 anos, eletricista de autos, ficou muito à vontade durante a gravação, muito embora tivesse conhecido a documentadora no dia em que foi gravada a entrevista. A documentadora estava procurando pelo bairro onde mora alguém que se encaixasse no perfil e acabou encontrando o informante em seu local de trabalho, em uma oficina mecânica. A entrevista foi gravada à noite do mesmo dia, na casa do informante, com a presença da esposa e do filho do informante que não se manifestaram durante a gravação.

C3, 51 anos, bordadeira, não tinha nenhuma relação com a documentadora, mas se mostrou muito disposta em participar da gravação. Ela não demonstrou inibição nem

dificuldade para responder as questões, a não ser a narrativa de experiência recontada, na qual ela apresentou dificuldade em se lembrar de algum fato. A gravação ocorreu em sua casa, com a presença, por alguns segundos, de sua filha, que não se manifestou na gravação. A gravação teve que ser interrompida por alguns instantes, quando o telefone tocou e sua filha teve que atendê-lo.

C4, 55 anos, representante comercial, era pai de uma amiga da documentadora. A entrevista ocorreu na casa do informante com a presença de sua filha, a qual não se manifestou durante a gravação. O informante agiu com bastante naturalidade não se importando em nenhum momento com o gravador. Não houve nenhuma interrupção significativa, apenas alguns ruídos vindos da rua e um toque do telefone que foi prontamente atendido por outra pessoa da família no fundo da casa.

A gravação e a transcrição grafemática das amostras utilizadas estão na *homepage* www.iboruna.ibilce.unesp.br.

2.4. Transcrição

Uma vez que a nossa pesquisa trata da descrição das características fonéticas do falar rio-pretense, fizemos ajustes na transcrição ortográfica para facilitar a análise de dados fonético-fonológicos, isto é, utilizamos o alfabeto fonético internacional para transcrever os sons cujos comportamentos descrevemos nesta pesquisa.

Assim como a equipe do Iboruna, também tivemos a preocupação de evitar transcrições intermediárias que muitas vezes deixam transparecer preconceitos linguísticos, já que nesse tipo de transcrição apenas a fala do informante é transcrita deste modo e não a do documentador. Os critérios de transcrição estão explicitados no anexo.

CAPÍTULO 3 - ANÁLISE

Neste capítulo faremos uma análise do nosso *corpus*, descrevendo as características fonético-fonológicas da variedade falada em São José do Rio Preto.

Sabemos que falantes de uma mesma língua podem apresentar características linguísticas diferentes, mesmo que sejam pertencentes a uma mesma localidade. Essas diferentes variantes linguísticas podem ser condicionadas tanto por fatores linguísticos, a saber: contexto fonológico, variáveis morfossintáticas, categoria lexical, além de variáveis estilísticas, pragmáticas e discursivas, como também por fatores sociolinguísticos, como: sexo, faixa etária e grau de escolaridade, que são relevantes para a nossa pesquisa, além de outros.

Deste modo, faremos a nossa descrição levando em conta esses fatores de natureza linguística e sociolinguística.

Este capítulo está dividido em duas partes. Na primeira delas, descreveremos o comportamento das vogais orais e nasais, levando em consideração a tonicidade da sílaba e, na segunda, descreveremos as realizações dos fonemas /s/, /l/, /ʎ/, /r/ e /d/ e /t/ diante de [i] e outros.

Escolhemos essas variáveis linguísticas para serem estudadas, pois estas ocorrem com frequência no curso da conversação espontânea e podem apresentar variação nas pronúncias.

As realizações fonéticas serão exemplificadas com alguns dados encontrados nas amostras de fala dos informantes. Em seguida, faremos referência a outras variedades do português para mostrar semelhanças e diferenças destas em relação à variedade falada em São José do Rio Preto.

3.1. Vogais

3.1.1 Vogais orais

3.1.1.1 Vogais tônicas

As vogais tônicas /a/, /ɛ/, /e/, /i/, /ɔ/, /o/ e /u/ são realizadas como [a], [ɛ], [e], [i], [ɔ], [o] e [u] respectivamente por todos os informantes, conforme o padrão brasileiro:

/a/: padr[a]sto (A1), c[a]sa (A4), m[a]gra (B1), cri[a]do (B2), ach[a]va (B3), t[a]l (C2) e fic[a]va (C4).

/ɛ/: dom[ɛ]stica (A1), [ɛ]ssa (A2), m[ɛ]dico (B1), p[ɛ]rto (B3), querm[ɛ]sse (C1), aconte[ɛ]ce (C3).

/e/: p[e]so (A3), mex[e]r (B1), [e]les (B2), v[e]zes (B3), m[e]do (C1), desesp[e]ro (C2) e m[e]ses (C4).

/i/: t[i]ve (A1), cast[i]go (A4), s[i]tio (B3), m[i]l (B4), dent[i]sta (C1), p[i]so (C4).

/ɔ/: alc[ɔ]lica (A4), ag[ɔ]ra (B1), hist[ɔ]ria (B2), l[ɔ]go (B3), tr[ɔ]te (B4), futeb[ɔ]l (C2), [ɔ]lha (C3) e escrit[ɔ]rio (C4).

/o/: fav[o]r (A1), nerv[o]so (A3), m[o]ço (B1), metr[o] (B4), av[o] (C1) e t[o]do (C3).

/u/: p[u]lo (A2), cost[u]me (A4), [u]lcera (B2), cult[u]ra (B3), d[u]as (B4), s[u]sto (C1), atit[u]de (C3) e [u]ma (C4).

Em monossílabos e em oxítonas, quando há uma consoante fricativa na coda da sílaba, as vogais /a/, /ɛ/, /e/, /ɔ/ e sofrem ditongação: trê[j]s (A1), nó[j]s (A2), fa[j]z (A3), fe[j]z (A4), gravide[j]z (B1), rapa[j]z (B2), de[j]z (B3), ve[j]z (B4), mê[j]s (C1), trê[j]s (C2), talvez[j]z (C3), atra[j]s (C4). Houve apenas um caso em B1 em que não ocorreu a ditongação: [ali'az] *aliás*. Em relação às vogais /o/ e /u/, verificamos alguns vocábulos em que o contexto favorecia a ditongação, mas esta não ocorreu: *posto* (A2, B4 e C2), *injusta* (B1) e *susto* (B3 e C1).

Encontramos também na fala dos informantes de grau de escolaridade Ensino Fundamental I, exceto B4, variantes em que ocorre a apócope da fricativa: ['faj] *faz* (A1), ['maj] *mas* (B1, B2, B4 e C2), ['nɔj] *nós* (A2, B1 e B2), [a'traj] “atrás” (A2).

Dados semelhantes foram encontrados na zona rural de Taubaté: “mai” por *mais*, (ANTÔNIO, 2000, p. 88-89), em Alagoas e em Pernambuco: “rapai” por *rapaz*, “pai” por *paz* e “mai” por *mas* ou *mais* (MARROQUIM, 1945, p. 47).

O aparecimento do iode nesse contexto, muito comum no português brasileiro, é considerado um dos aspectos inovadores da fonética brasileira (TEYSSIER, 2001, p. 103 e CASTILHO, 2004, p.246).

Em formas rizotônicas de verbos terminados em *-iar*, encontramos a seguinte realização da terceira pessoa do singular do presente do indicativo em B2: [ma'sejɐ] *amacia*. O mesmo fenômeno também está registrado em Penha (1997, p. 100) “vareia” por *varia* e “alumeia” por *alumia*

Observamos também a variante [ˈvevi] *vive* na fala do mesmo informante que parece ser uma analogia às formas do imperativo e do presente, em que ocorre a abertura da vogal /e/ quando há um [e] ou [i] final nas terceiras pessoas dos verbos da segunda conjugação, como por exemplo [ˈbebe] ou [ˈbebi] *bebe*.

Quando diante da consoante palatal [ʃ], encontramos a variante [a] em vez do ditongo *ai* em sílabas pretônicas e tônicas: [ˈɪbaʃu] *embaixo* (A1), [ˈbaʃu] *baixo* (A2), [ˈkaʃɐ] *caixa* (A3 e C1), [apaʃoˈno] *apaixonou* (B1), [kaˈʃẽw] *caixão* (B2), [kaˈʃiɲɐs] *caixinhas* (B3), [ˈfaʃɐ] *caixa* e [ˈkaʃi] *encaixe* (C4).

Encontramos a variante [e] no lugar do ditongo [ej] antes das consoantes [ʃ], [ʒ], [r] e [g] em sílabas tônicas e pretônicas na fala de todos os informantes: [ˈberɐ] *beira* (A1), [ˈpeʃi] *peixe* (A2), [puˈerɐ] *poeira* (A3), [kamijoˈneru] *caminhoneiro* (A4), [ˈʃeru] *cheiro* (B1), [paɾˈterɐ] *parteira* (B2), [ˈkeʒu] *queijo* (B3), [fuɾmiˈgeru] *formigueiro* (B4), [awmeˈrẽw] *almeirão* (C1), [kaɾˈterɐ] *carteira* (C2), [hoˈzerɐ] *roseira* (C3) e [beˈʒẽnu] *beijando* (C4) e, antes de e [g], no vocábulo *manteiga* em B3 e C1.

Esse último caso parece ser o único em que a variante monotongada [e] ocorre antes de consoante velar. É encontrada em diversos falares brasileiros, a saber: em Caixias- MA

(ARAÚJO, 1999, p. 73), em Altamira- PA (LOPES, 2002, p. 24), em Capivari- SP (GARCIA, 2009, p. 612) e no Rio de Janeiro (NASCENTES, 1935, p. 42). Há registros dessa forma em Portugal, no falar de camponeses nos arredores de Lisboa:

“Quem mo fez notar foi o meu amigo Sr. Eduardo Napoleão e Silva,... Com efeito, o E antes do I (segundo a pronúncia da Capital e de muitas outras partes do Reino) é quase sempre, talvez sempre, ÂI. No Alentejo e noutras províncias difere. Os camponeses dos arredores de Lisboa Pronunciam-no como E, e suprimem o I; dizem *mantêga* em lugar de *manteiga*; e nós *mantaiga*”. (Antônio Feliciano Castilho *apud* Silva Neto, 1979, p. 614)

E nos dialetos do Centro-Interior e Sul (SEGURA, 2003). De acordo com Machado (1959 [1952]), o vocábulo *manteiga* é de origem incerta, mais provavelmente de origem pré-romana, e sempre apresentou grande variação dialetal no que se refere à ausência/presença da semivogal.

Uma vez que a variante [e] ao invés de *ei* no vocábulo *manteiga* ocorre em diversos falares brasileiros e também é encontrada em Portugal, acreditamos que essa forma tenha vindo de lá para o Brasil.

Houve dois casos em que a semivogal foi realizada em A4: [tejfe'rẽw] *Teixeirão* e em B4: [ˈfejɾɐ] *feira*. Nessas exceções, parece haver a atuação de outros fatores, como mais atenção do informante a própria fala, ênfase, ritmo da fala, além de outros. O primeiro caso, *Teixeirão*, é o nome do estádio de futebol da cidade, por isso o informante pode tê-lo pronunciado com mais cuidado. No segundo caso, o informante estava se referindo ao dia da semana em que faria a matrícula na faculdade: “na:: sexta-feira... assim... com a flor da pele esperan~~o~~o até terça- f[ej]ra pra fazer:: a inscrição da UNESP assim vai passa o domin::go...”.

A variante [o] também foi realizada exclusivamente por todos os informantes ao invés do ditongo [ow] antes das consoantes [r]e [t] em sílabas tônica e pretônica: [ˈotru] *outro*

(todos os informantes), [se'noɾɐ] *cenoura* (B1), ['koɾu] *couro* (B2), [do'ra] *dourar* (B3), [dora'dzɨɲu] *douradinho* (B4), ['oɾu] *ouro* (C1), [dura'doɾu] *duradouro* (C2) e, na terminação da terceira pessoa do singular no pretérito perfeito do indicativo –ou: [akredʒi'to] *acreditou* (A1), [laɾ'go] *largou* (A2), ['vo] *vou* (A3), [kɔ'pɾo] *comprou* (A4), [kome'so] *começou* (C3) e [ʃa'mo] *chamou* (C4).

A única exceção foi C3 que apresentou apenas uma realização de ['owtru] *outro*, mas que também realizou ['otru]. Assim como no caso da realizações do ditongo [ej] que não eram esperadas, a realização de [ow] pode ser decorrente de uma pronúncia enfática em que o vocábulo “outro” contrasta com “de um lado”: “primeiro sobrinho tanto de um lado quanto do [ow]tro... né?”.

A opção pela forma monotongada à ditongada não é comum nos falares do norte de Portugal, porém pode ser encontrada no sul, inclusive na fala de pessoas cultas “em pleno parlamento, ouvi uma vez um deputado alentejano dizer *ribêra* (ribeira).” (VASCONCELLOS, 1928, p. 119).

É válido mencionar que as formas [e] e [o] não tiveram a mesma aceitação no português europeu. Pela observação da isoglossa da forma monotongada [e] e [o] em Teyssier (2001, p. 58), vemos que a isoglossa da segunda abarca um território maior do que a da primeira.

Diante de consoante nasal, a vogal /o/ se realizou com timbre fechado, exceto no vocábulo *fome* em que a vogal não é totalmente fechada: f[ɔ]me (B1, B2, C2)⁹. No território português, convivem também as duas variantes, sendo a aberta mais comum e a fechada encontrada em Beira-Alta (VASCONCELLOS, 1928, p. 31).

⁹ O vocábulo *fome* só pareceu nas amostras de fala dos informantes B1, B2 e C2. Assim, não temos elementos para discutir como os demais informantes realizariam a vogal /o/ nesse mesmo contexto.

3.1.1.3 Vogais pretônicas

As vogais pretônicas /e/ e /o/, na maioria dos casos, foram realizadas como [e] e [o], segundo o padrão do centro-sul do Brasil (TEYSSIER, 2001, p. 104). Alguns exemplos que diferiram desse padrão: *c[u]mer* (A1), *c[u]meço* e *c[ũ]versei* (A2), *n[i]nhum*, *acr[i]dito*, *m[i]lhorias* e *m[i]lhorado* (A4), *n[i]nhum*, *d[i]rruba* e *c[u]meçaram* (B1), *c[u]mer*, *c[ũ]padre*, *g[u]verno* e *d[i]pois* (B2), *[i]scr[i]via*, *c[u]berta* e (C1), *v[i]rídica*, *acon[t]i[cido]*, *apar[i]cia*, *d[i]vido*, *pr[i]firo* e *r[i]p[i]tir* (C2) e *[i]zemplo*, *m[i]lhor*, *d[i]rrubar*, *d[i]finitiva* e *d[i]cidido* (C4) .

A3, B3, B4 e C3 não apresentaram nenhum exemplo em que as vogais *e* e *o* pretônicas se comportassem de modo diferente do padrão centro-sul do Brasil.

Silveira (2008), ao estudar o comportamento das vogais *e* e *o* pretônicas na fala culta de São José do Rio Preto, verificou a tendência ao não alçamento. Segundo a autora que considerou apenas fatores estruturais para explicar o comportamento das vogais em questão, o alçamento das vogais pretônicas ocorre devido à harmonia vocálica ou à redução vocálica.

No primeiro caso, as vogais /e/ e /o/ podem ocorrer como [i] e [u] respectivamente quando há uma vogal alta na sílaba contígua a que contém a pretônica, como nos exemplos: *n[i]nhum* (A4 e B1), *acr[i]dito* (A4), *[i]scr[i]via* e *c[u]mida* (C1), *v[i]ridica*, *acon[t]i[cido]*, *apar[i]cia*, *d[i]vido*, *pr[i]fir* e *r[i]p[i]tir* (C2), *d[i]rrubar* (B1 e C4) e *d[i]finitiva* e *d[i]cidido* (C4).

Entretanto, houve casos em que mesmo diante do contexto favorecedor, as vogais pretônicas não sofreram alçamento como nos exemplos: *s[e]rviço* (A1), *esc[õ]dido* (A2),

br[õ]quite (A3), *b[e]bido* (A4), *f[e]liz* (B1), *c[o]nh[e]ci* (B2), *fal[e]cidas* (B3), *s[e]guinte* (B4), *s[ɔ]zinha* (C1), *s[o]fri* (C2), *desc[õ]fia* (C3) e *v[ê]dia* (C4) e, ainda, casos em que o contexto não favorecia o alçamento, mas que o fenômeno ocorreu, como *p[i]quena* e *c[u]mer* (A1), *c[u]meço* e *c[ũ]versei* (A2), *m[i]lhorias* e *m[i]lhorado* (A4), *c[u]meçaram* (B1), *c[u]mer*, *c[ũ]padre*, *g[u]verno* e *d[i]pois* (B2) e *m[i]lhor* (C4).

Nesses últimos exemplos, ocorre a redução vocálica, “processo que torna os segmentos articulatoriamente mais semelhantes entre si pela diminuição da diferença articulatória da vogal pretônica com relação aos segmentos consonantais adjacentes.” (SILVEIRA, 2008, p. 116).

Consideramos apenas casos em que as realizações das vogais *e* e *o* pretônicas pareciam destoar do padrão encontrado na região sudeste. Sendo assim, não levamos em conta casos como *p[i]quena* (A1), *qu[i]ria* (A2), *p[i]dir* (A3 e C4), *c[u]mida*(C1) e outros, pois estes parecem ser mais comuns na fala do que [e] e [o].

Não acreditamos que os exemplos em que ocorrem as variantes [i] e [u] em vez de [e] e [o] respectivamente possam ser atribuídos à harmonia vocálica ou à redução vocálica, mas partilhamos da hipótese de Viaro (2005, p. 228), segundo a qual alçamentos motivados por assimilações são muito frequentes desde o período medieval e devem ser entendidas como a forma-base de todos os falares.

Segundo Melo (1975, p. 122- 123), a pronúncia das vogais *e* e *o* pretônicas é um dos pontos em que mais se pode notar a diferença entre o português europeu e o brasileiro, sendo este último o mais conservador, uma vez que mantém a pronúncia de Portugal antes das mutações fonéticas do século XVIII. Atualmente, em Portugal, a pronúncia da vogal /e/ é [ɐ], mas no Norte do país, que é mais conservador, encontram-se formas como “tilhado” por

telhado, “sinhore” por *senhor*, “jinela” por *janela*, “chigar” por *chegar* e “disijava” por *desejava* (VASCONCELLOS, 1928, p.205).

A nasalização de /i/ ocorreu em apenas um caso [ĩle'gaw] “ilegal” em B1. Exemplos similares são em outras variedades do português brasileiro (MARROQUIM, 1945, p.62, NOGUEIRA, 2007, p.59) e também em Portugal (VASCONCELLOS, 1928, p. 137)

O ditongo crescente [wa] em “guarita” foi realizado como [u] em B2: [gu'ritø].

Aféreses foram encontradas em A1: [gwẽ'tavø] *aguentava*, A2: [ka'bo] *acabou* e [prõ'tavø] *aprontava*, A4: [kõtesi'vø] *acontecia*, B1: [ka'bej] *acabei*, [ka'bo] *acabou* e [ma'ginø] *imagina*, B2: [hu'mo] *arrumou*, [ma'seje] *amacia* e [masja'mẽtu] *amaciamento*, B4: [ka'bo] *acabou* e [larẽ'zadu] *alaranjado*, C1: [koɾ'dej] *acordei*, [ĩdø] *ainda*, [trave'sẽmu] *atravessamos* e [ka'bo] *acabou*, C2: [ka'bo] *acabou*, [hẽ'kej] *arranquei* e [hẽ'ka] *arrancar* e C4: [ka'bo] *acabou*, [gwẽtø] *aguenta* e [hẽ'kẽmu] *arrancamos*.

A aférese de vogais pretônicas¹⁰ é um fenômeno comum em diversas variantes do português e de crioulos, a saber: no português brasileiro “inda” por *ainda*, “maginar” *imaginar* e “té” por *até* (PENHA, 1997, p140, 142 e 144), “sinadu” por *assinado*, “cunteceu” por *aconteceu* e “guentá” por *aguentar* (ANTÔNIO, 2000, p. 88-89) e “maginário” por *imaginário* (VASCONCELLOS, 1928, p. 173), no crioulo de Cabo Verde, no crioulo indo-português de Daman, no crioulo da Guiné-Bissau, no crioulo de Príncipe, no crioulo indo-português de Sri Lanka, em Daman e no antigo crioulo sino-português (VIARO, 2005, p. 228).

Entre oclusivas dentais e sibilantes, [i] sofre síncope: [akõt'¹sew] *aconteceu* (A4), [dzvi'adu] *desviado* (B1), [dska'hegø] *descarrega* (B2), [dzĩko'razø] *desencoraja*, (B4),

¹⁰ É válido lembrar que outros fatores, como a prosódia e o vocábulo antecedente, podem causar a aférese da vogal pretônica.

[d'sɔwvi] *dissolve* (C1), [dzmẽ'ʃa] *desmanchar* (C2), [dze'nɔvi] *dezenove* (C3) e [dzo'nestɔ] *desonesto* (C4).

Segundo Cagliari (2007, p.108), sequências de consoantes oclusivas com fricativas são comuns na fala contínua do português brasileiro. O autor apresenta os seguintes exemplos no contexto sintagmal: [pɔð seɹ] *pode ser* e [pɛð zɛ] *pede Zé*.

Casos de prótese foram verificados em A1: [amõ'tẽnu] *montando* e A4: [anivela'mẽtu] *nivelamento*.

3.1.1.3 Vogais postônicas

A vogal postônica final /e/ é realizada como [i] por todos os informantes: *hoj[i]* (A1), *del[i]* (A2), *passass[i]* (A3), *perfum[i]* (A4), *exam[i]s* (B1), *long[i]* (B2), *vez[i]s* (B3), *aquel[i]* (B4), *quermess[i]* (C1), *diss[i]* (C2), *alegr[i]* (C3) e *quinz[i]* (C4).

O [i] final átono é apagado quando diante de fricativas alveolares: [ˈẽtʃs] *antes* (C1), [ˈdẽtʃs] *dentes* e [ˈfẽjtʃs] *enfeites* (A4), [ˈpartʃs] *partes* (B2), [hemanɛ'sẽtʃs] *remanescentes* (B4) e [dʒifiku'dadʃs] *dificuldades* e [ĩgredʒi'ẽjtʃs] *ingredientes* (C3).

A não ocorrência da vogal átona entre uma consoante oclusiva, uma nasal bilabial ou uma fricativa alveolar de um lado, e uma outra consoante de outro é comum no português brasileiro, fazendo com que alguns encontros se realizem sem epêntese: [ˈaptu] *apto*, [ˈtaksi] *táxi* e [ˈlaps] *lápiz* (CAGLIARI, 2007, p. 117-118).

O mesmo ocorre em apócopos após consoantes dentais, [ˈʒẽt] *gente*, [deˈpẽd] *depende* e [saˈud] *saúde* (B2) e [ˈgrad] *grade* e [passaˈpõʁt] *passaporte* (C4). O mesmo fenômeno é comum com o sufixo *-mente*:

[ekonomikaˈmẽt] *economicamente* (A4),

[profũdaˈmẽt] *profundamente* (B2),

[provavewˈmẽt] *provavelmente* (B2),

[hapidaˈmẽt] *rapidamente* (B2),

[prĩsipawˈmẽt] *principalmente* (B2).

Observamos que a vogal postônica /o/ se fecha quando está na sílaba seguinte à tônica: *agríc[u]la* (B2), *ép[u]ca* (A3, A4, B1, B2, B3, C3 e C4), *ép[u]cas* (B4). A tendência ao fechamento está documentada em Noll (2008, p. 55): *pérola* [ˈpɛrulɐ] e *agrícola* [aˈgrikulɐ].

A vogal postônica final /o/ é realizada como [u] por todos os informantes: *namorad[u]* (A1), *med[u]* (A2), *motiv[u]* (A3), *mesm[u]* (A4), *dinheir[u]* (B1), *criad[u]* (B2), *prim[u]* (B3), *cant[u]* (B4), *log[u]* (C1), *vizinh[u]* (C2), *nervos[u]* (C3) e *cert[u]* (C4).

A realização de /e/ como [i] e /o/ como [u] em posição átona final é comum em todo o território brasileiro. No português europeu, atualmente, tem-se a mesma realização para o /o/, porém o /e/ é pronunciado como [ɐ], que deve ser entendido como derivado de [i]. Além do Brasil, essa pronúncia é conservada no território europeu no Minho, Beira Baixa, Algarve, Madeira e Açores. (TEYSSIER, 2001, p. 72).

Verificamos dois casos em que uma proparoxítona é transformada em paroxítona: [ˈaʁvi] *árvore* e [ˈʃakrɐ] *chácara* (A2), o que é comum em todo o Brasil (AMARAL, 1920, p. 112) e também no português europeu (VASCONCELLOS, 1928, p. 190).

A apócope da vogal postônica foi encontrada em A2, B2 e C3: [ˈmej] *meio*, sendo que A2 e C3 também realizaram [ˈmeju] *meio*.

3.1.2 Vogais nasais

Neste subcapítulo, descreveremos as realizações das vogais nasais, bem como o comportamento das vogais orais quando seguidas de uma consoante nasal no que se refere ao timbre.

A vogal /ẽ/ foi sempre realizada como [ẽ̃] por todos os informantes: port[ẽ̃]to (A1), c[ẽ̃]to (A2), t[ẽ̃]bém (A3), [ẽ̃]bulatório (A4), [ẽ̃]biente (B1), manh[ẽ̃] (B2), qu[ẽ̃]do (B3), gr[ẽ̃]de (B4), [ẽ̃]pla (C1), car[ẽ̃]ba (C2), interess[ẽ̃]te (C3) e [ẽ̃]tigo (C4).

Seguindo o padrão brasileiro, no falar rio-pretense, a vogal /a/ quando seguida de uma nasal [n ɲ m] é realizada como semifechada [ɐ̃]: [ẽ̃]nos (A1), b[ẽ̃]nho (A2), c[ẽ̃]ma (A3), b[ẽ̃]nheiro (A4), espont[ẽ̃]nea (B1), tam[ẽ̃]nho (B2), acomp[ẽ̃]nha (B3), embarc[ẽ̃]mos (B4), estr[ẽ̃]nha (C1), m[ẽ̃]nhã (C2), g[ẽ̃]nh[ẽ̃]mos (C3) e tam[ẽ̃]nho (C4).

Não verificamos a oposição fonológica encontrada no português europeu que distingue presente do pretérito perfeito do indicativo na primeira pessoa do plural da primeira conjugação (presente *cantamos* [ɐ̃] versus pretérito perfeito *cantamos* [a]). (NOLL, 2008, p.50).

A vogal /ê/ apresenta sempre timbre fechado, sendo realizada como [ẽ̃] por todos os informantes, exceto por B4: d[ẽ̃]tro (A1), v[ẽ̃]de (A2), apr[ẽ̃]ssiva (A3), acontec[ẽ̃]do (A4),

c[ẽ]to (B1), nascim[ẽ]to (B2), l[ẽ]brar (B3), t[ẽ]po (C1), d[ẽ]te (C2), g[ẽ]te (C3) e quar[ẽ]ta (C4).

Observamos a realização da semivogal [j] em sílabas tônicas travadas por nasais em todos os informantes, exceto em (B2): simplesm[ẽj]te (A1), ningu[ẽj] (A2), t[ẽj]ta (A3), b[ẽj] (A4), t[ẽj] (B1), par[ẽj]tes (B3), paisag[ẽj] (B4), qu[ẽj] (C1), algu[ẽj] (C2), prepot[ẽj]te (C3) e armaz[ẽj] (C4). Vasconcellos (1928) descreve a realização ditongo nasal [ẽj] como corriqueira em diversas localidades de Portugal.

Em início de palavra, a vogal nasal /ẽ/ é realizada como [ĩ] por todos os informantes: [ĩ]baixo (A1), [ĩ]sinou (A2), [ĩ]tão (A3), [ĩ]bora (A4), [ĩ]ganada (B1), [ĩ]genheiro (B2), [ĩ]graçado (B3), [ĩ]contrar (B4), [ĩ]tregar (C1), [ĩ]quanto (C2), [ĩ]tendeu (C3) e [ĩ]barque (C4).

Em posição final átona, as realizações [ẽ] e [ẽj] convivem com a forma [i]: ['omi] *homem* (A1, A2, B1 e C2), [i'maʒi] *imagem* (B1) e [pa'saʒi] *passagem*, [se'kaʒi] *secagem* e [vẽ'taʒi] *vantagem* (C4).

A tendência à desnasalização também foi observada no paradigma verbal: [mo'hesi] *morressem* (A1), [f'ikø] *ficam* (A4), [ĩ'fejʔ] *enfeitam* (B1), [a'prẽjdʒi] *aprendem*, [falø] *falam* (C1), [kolo'karu] *colocaram*, [ho'daru] *rodaram*, [mẽ'daru] *mandaram*, [ẽ'daru] *andaram*, [ẽj'traru] *entraram*, [aboɾ'daru] *abordaram*, [sow'taru] *soltaram*, [le'varu] *levaram*, [mawtra'taru] *maltrataram*, [aprovej'tasi] *aproveitassem* e [prepa'rasi] *preparassem* (C2), [falø] *falam* e [fi'karu] *ficaram* (C4).

De acordo com Silva Neto (1976, p.166), a desnasalização da vogal da nasal final átona é característica comum da linguagem popular e regional do Brasil. Está documentada em Amaral (1920, p. 26) “viaje” por *viagem*, “virge” por *virgem*, “home” por *homem*, “êles

corre” por *eles correm*, em Penha (1997, p. 189-194) “home” por *homem*, “nuve” por *nuvem*, “onte” por *ontem*, em Melo (1975, p. 110) “viági” por *viagem*, “imági” por *imagem*, “homi” por *homem*, em Teixeira (1944, p. 55) “image” por *imagem* e “homi” por *homem*, além de também ser encontrada no norte de Portugal tanto em substantivos: “birge” por *virgem*, “biage” por *viagem* e “home” por *homem*, como em verbos: “andáro” por *andaram*, “foro” por *foram*, “biéro” por *vieram* e “fugiro” por *fugiram* (VASCONCELLOS, 1928).

No meio de palavra encontramos apenas um exemplo em B1: [mestru'avə] *menstruava*.

A vogal /ĩ/ é sempre realizada como [ĩ] por todos os informantes: l[ĩ]par (A1), ass[ĩ] (A2), ol[ĩ]piadas (A3), v[ĩ]te (A4), a[ĩ]da (B1), [ĩ]dústria (B2), s[ĩ]ples (B3), l[ĩ]do (B4), v[ĩ] (C1), m[ĩ] (C2), enf[ĩ] (C3) e segu[ĩ]te (C4).

A vogal /õ/ foi realizada com o timbre fechado [õ] na maioria dos casos: pr[õ]ta (A1), tr[õ]pa (A2), [õ]ça (A3), [õ]de (A4), enc[õ]tra (B1), marr[õ] (B2), l[õ]ge (B3), [õ]das (B4), p[õ]to (C1), c[õ]dução (C2), c[õ]plicado (C3) e [õ]ze (C4).

Observamos a geração da semivogal [w] no vocábulo *bom* [ˈbõw] em todos os informantes e em [ˈsõw] *som* em B1. O ditongo nasal [õw] apresentou também a variante [ẽw]: [ˈbẽw] *bom* em A2 e B2. A variante [ẽw], nesses casos, é geralmente estigmatizada no português brasileiro, mas, no português europeu, é encontrada também na fala de pessoas cultas, inclusive de professores de ensino superior conforme relata Vasconcellos (1928, p. 127).

A vogal /ũ/ é sempre realizada como [ũ] por todos os informantes: ass[ũ]to (A1), seg[ũ]da (A2), m[ũ]do (A3), n[ũ]ca (A4), f[ũ]do (B1), def[ũ]to (B2), n[ũ] (B3), alg[ũ]ns (B4), perg[ũ]to (C1), conf[ũ]di(C2), f[ũ]do (C3) e ass[ũ]to (C4).

3.2 Consoantes

3.2.1 /s/

Os informantes de todos os grupos etários realizaram o /s/ como [s], quando o segmento fônico seguinte era uma consoante surda ou, em final de palavra, quando houve pausa e, como [z], quando o segmento fônico seguinte é uma consoante sonora ou uma vogal tanto em contexto de vocábulo como em de sintagma.

Exemplos de /s/ realizado como [s]: [pa'drastu] *padrasto* (A1), [pis'kẽnu] *piscando* (A2), [pres'tej] *prestei* (A3), [ispe'ra] *esperar* (A4), [tris'tʃi] *triste* (B1), [istabili'zadu] *estabilizado* (B2), [gos'tɔzɐ] *gostosa* (B3), [ista'sẽw] *estação* (B4), ['sustu] *susto* (C1), [dẽ'tistɐ] *dentista* (C2), [iskõ'de] *esconder* (C3) e [bas'tẽtʃi] *bastante* (C4).

Exemplos de /s/ realizado como [z]: Em vocábulo: ['mezmɐ] *mesma* (A3), [dzmaj'ej] *desmaiei* (A4), [dʒvi'adu] *desviado* (B1), [ĩfeliz'mẽt] *infelizmente* (B2) e [nɛɾvo'zizmu] *nervosismo* (C2) e, em sintagma: ['dɛjz 'ẽus] *dez anos* (A1), ['az ami'zads] *as amigas* (A2), ['eliz 'nũ] *elas num* (B3), ['dojz 'miw] *dois mil* (B4), ['trejz 'ɔvus] *três ovos* (C1), ['eliz e'ziʒẽj] *elas exigem* (C3) e ['az ɨ'prezɐs] *as empresas* (C4).

Os alofones [s] e [z], encontrados no falar de São José do Rio Preto, ocorrem também nos estados do sul, em São Paulo, Minas Gerais, Espírito Santo, Goiás, como também em uma região intermediária no Nordeste, entre a Bahia e o Maranhão. (NOLL, 2008, p.66)

Em Portugal, o /s/ antes de consoantes surdas e em final de palavra realiza-se como [ʃ] e, antes de consoantes sonoras, como [z].

No que se refere à realização de /s/ em posição de coda, a pronúncia sibilante encontrada no Brasil é mais conservadora que a pronúncia chiante encontrada em Portugal (TEYSSIER, 2001, p. 67).

Conforme já mencionamos no capítulo referente às realizações das vogais tônicas, é comum a apócope do /s/ em final de palavras, quando ocorre a ditongação da vogal tônica: [ˈfaj] *faz* (A1), [ˈmaj] *mas* (B1, B2, B4 e C2), [ˈnoʒ] *nós* (A2, B1 e B2), [aˈtraj] “atrás” (A2) e no vocábulo *menos* [ˈmenu] (C4).

A síncope do /s/ ocorreu nos vocábulos *mesmo* [ˈmemu] (A2) e *mesma* [ˈmemə] (C4). O fenômeno, além de ocorrer no português brasileiro, é encontrado no português europeu e no crioulo indo-europeu de Daman (VIARO, 2005, p. 230).

Verificou-se também a apócope do /s/ na marcação da primeira pessoal do plural dos verbos: [namoˈrẽmu] *namoramos* (A2), [ˈfomu] *fomos* (B1), [fũˈzimu] *fugimos* (B2), [kõˈprẽmu] *compramos* (B4), [traveˈsẽmu] *atravessamos* (C1), [heseˈbemu] *recebemos* (C2), [ˈtẽmu] *estamos* (C3) e [ˈdemu] *demos* (C4) e na indicação de plural: [ˈtrezi ˈẽnu] *treze anos* (A1), [ˈaz amiˈzadzɨ] *as amizades* (A2), [ˈesvz isˈtɔrjɐ] *essas histórias* (A3), [ˈmiw heˈaw] *mil reais* (B1), [ˈdojs ˈprimu] *dois primos* (B2), [ˈsetʃi ˈɔrɐ] *sete horas* (B4), [ˈduvs ˈpɔrtɐ] *duas portas* (C1), [ˈsuvs ˈkazɐ] *suas casas* (C2) e [kwaˈrẽtɐ ˈdʒiɐ] *quarenta dias* (C4).

Diante da africada [tʃ], o /s/ apresenta a variante [ʃ]: [do'mɛʃtʃikɐ] *doméstica* (A1), [gi'naʃtʃikɐ] *ginástica* (A2), [veʃtʃibu'laʃ] *vestibular* (A3), [kaʃ'tʃigu] *castigo* (A4), [ewkariʃ'tʃiɐ] *eucaristia* (B1), [iʃtʃi'letʃi] *estilete* (B3), [iʃtʃi've] *estiver* (B4), [ˈplɑʃtʃikɐ] *plástica* (C1), [ĩveʃtʃi'mẽtu] *investimento* (C2), [eziʃ'tʃiɐ] *existia* (C3), [ĩpreʃtʃimu] *empréstimo* (C4). Acreditamos que esses casos sejam decorrentes da assimilação do traço palatal da consoante [tʃ], uma vez que não encontramos exemplos em outros contextos.

3.2.2 /l/

Em posição de coda, o fonema /l/ é realizado como [w] por todos os informantes: [ˈfasiw] *fácil* (A1), [noɾ'maw] *normal* (A2), [po'sivew] *possível* (A3), [ˈbowsɐs] *bolsas* (A4), [dʒi'fisiw] *difícil* (B1), [bra'ziw] *Brasil* (B2), [kwaw'kɛɾ] *qualquer* (B3), [ˈnivew] *nível* (B4), [ˈgɔwpɪ] *golpe* (C1), [ˈfɔwɣɐ] *folga* (C2), [ˈmaw] *mal* (C3) e [ˈkuwpɐ] *culpa* (C4).

A variante [w] é resultado do processo de enfraquecimento da consoante *l*. O processo apresenta as seguintes etapas: posteriorização, vocalização e apagamento.

Segundo Callou *et alii* (2002, p. 540), a vocalização do /l/ encontra-se muito avançada no Rio de Janeiro, São Paulo, Salvador e Recife, principalmente, em posição de final e, em Porto Alegre, o processo está em fase intermediária, tanto em posição final como medial.

Atualmente a pronúncia vocalizada é a padrão do português brasileiro (exceto no sul do país), ainda que no passado tivesse tido uma avaliação negativa: “Contra estas tendências

(e mais a da vocalização do *l* velar: *Brasiu, carnavau*, etc) levanta-se com muita força o ensino escolar” (SILVA NETO, 1976, p. 163).

Diante da vogal *u*, encontramos alguns exemplos em que o fonema /l/ não se realiza: [a'zu] *azul* (A2), ['utrɐ 'sõ] *ultra-som* (B1), [faku'dadʒi] *faculdade* (B4), [ku'padus] *culpado* (C1), [kõsu'tɔrju] *consultório* (C2) e [dʒifi'kudadʒi] *dificuldade* (C4).

Verificamos apenas um caso de apagamento do fonema /l/ diante da vogal *o*: [ko'fẽw] *colchão* (A4). Nesse caso, após a vocalização do fonema /l/, ocorreu a monotongação do ditongo *ou*, pois a consoante seguinte, /ʃ/, favorece esse fenômeno.

Além da variante [w], B2 e C2 realizaram em menor número a variante [r]: [aɾ'gumɐ] *alguma* e ['faɾsu] *falso* (B2), ['kuɾpɐ] *culpa* e ['sɔɾtɐ] *solta* (B2 e C2). Essa variante é característica do dialeto caipira (AMARAL, 1920, p. 27).

A troca do *l* pelo *r* nesse contexto é também verificada em Portugal: “áurdéia” *aldeia*, “áurto” *alto*, “áurma” *alma*, “sáurça” *salsa*, “silba” *silva*, “surdado” *soldado* e “úrtimo” *último* (VASCONCELLOS, 1928, p. 68). Sabemos que não há registros da pronúncia retroflexa em Portugal, mas acreditamos que algumas formas em que ocorre o rotacismo do *l* tenham vindo de lá para o Brasil e que, aqui, assumiram a pronúncia retroflexa, característica da região.

Na segunda posição de ataque, quando antecedido de consoante plosiva, ocorre rotacismo e o /l/ se realiza como [r]: [po'bremɐ] *problema* (B2 e C2), ['sĩpris] *simples*, ['krubi] *clube*, ['tẽpru] *templo*, ['ẽprɐ] *ampla* e [ĩkru'zivi] *inclusive* (B2) e [e'zẽpru] *exemplo*, [he'fɾɛtʃi] *reflete*, [ĩ'prikɐ] *implica* (C4).

Ainda que seja muito difundido no português brasileiro, o rotacismo é um fenômeno estigmatizado e associado às classes baixas e a um baixo nível de instrução. No falar cuiabano

esse fenômeno ocorre independente de variáveis sociais e do grau de formalidade, podendo até mesmo ser encontrado em registros escritos, como por exemplo, a etiqueta adesiva que fechava um saco de pão integral comprado em um grande supermercado em Cuiabá: “Ingred: Farinha integral, farinha de trigo comum, **gruten** e sal”(COX, 2005, p. 110, grifo do autor).

Em Portugal, a troca de [l] por [r] também está documentada por Vasconcellos (1928, p.133): “suprimẽnto” por *suplemento* e “cumpréto” por *completo*.

O rotacismo é um fenômeno que atuou não somente na constituição da língua portuguesa, como também na constituição de outras línguas românicas. Encontra-se ativo em todas as variedades do português, do Brasil à China (VIARO, 2005, p. 233).

3.2.3 /ʎ/

O fonema /ʎ/ apresentou as variantes [ʎ], [j] e [l]. A primeira, considerada padrão, foi encontrada em todos os informantes: [tra'baʎø] *trabalha* (A1), [o'ʎẽnu] *olhando* (A2), [f'iʎu] *filho* (A3), [apa'reʎu] *aparelho* (A4), [me'ʎoɾ] *melhor* (B1), [de'taʎis] *detalhes* (B2), [mɔʎø] *molha* (B3), [triʎu] *trilho* (B4), [aʎu] *alho* (C1), [mu'ʎeɾ] *mulher* (C2), [ba'ruʎu] *barulho* (C3) e [ga'ʎu] *galho* (C4).

A variante [j], estigmatizada e associada à fala de pessoas menos escolarizadas, foi encontrada em A2: [veɾ'mej] *vermelho*, [muj'ɛ] *mulher*, ['vejju] *velho* e [tra'bajø] *trabalha*, B1: [fiø] *filha*, [ʎjø] *olha* e ['vejju] *velho*, B2: [tra'bajø] *trabalha* e [o'jẽnu] *olhando* e B4: [ʎjø] *olha*.

A vocalização do [ʎ] também é encontrada nos crioulos do português africano. No caboverdiano: [ˈvɛj] *velho*, no guineense: [ˈfiv̥] *filha* e em São Tomé: [ˈfojv̥] *folha* (MELO, 1975, p. 58-59).

A variante despalatalizada, [l], foi encontrada apenas em B1 [muˈlɛɾ] *mulher*. A despalatalização de /ʎ/ é comum em todo território português: “le” por *lhe* (VASCONCELLOS, 1928, p.22).

3.2.4 Realização de /ɲ/ como [ĩ]

É comum que a palatal nasal [ɲ] não tenha se formado epenteticamente ou que tenha se desfeito por síncope, gerando realizações como [nĩˈũa] por *nenhuma* e [sĩˈoɾ] por *senhor* e a realização de - *inho* como [ĩ] (VIARO, 2005, p.232). Encontramos em nosso *corpus* realizações desse último caso em A2: [sɛɾˈtʃĩ] *certinho*, [pɛɾˈtʃĩ] *pertinho* e [bɛˈĩ] *banhinho* e B1: [kaskuˈdʒĩ] *cascudinho*. Segundo o autor citado, além de ser comum em vários lugares no Brasil, a terminação -*im* por -*inho* também é encontrada no Crioulo de São Tomé.

Os informantes que apresentaram a realização de - *inho* como [ĩ], A2 e B1, possuem grau de escolaridade ensino fundamental I. Acreditamos que essa realização tenha ocorrido na fala desses informantes e não na fala daqueles de ensino superior, pois a ausência do segmento fônico é muito reprimida pela norma culta.

3.2.6 As realizações de /r/ e /r̃/

Em posição intervocálica o fonema /r/ se realizou como [r] por todos os informantes:

[vi'ro] *virou* (A1), [namo'ra] *namorar* (A2), [f'ɔrɐ] *fora* (A3), [a'gɔrɐ] *agora* (A4), [mo'ravɐ] *morava* (B1), [ɛrɐ] *era* (B2), [pa'rɛsi] *parece* (B3), [is'pɛrɐ] *espera* (B4), [demo'ro] *demorou* (C1), [apavo'rej] *apavorei* (C2), [pa'radɐ] *parada* (C3) e [aɛro'poʁtu] *aeroporto* (C4).

No mesmo contexto, encontramos o fonema /r̄/ que se realiza como [h]: [tɛhɐ] *terra* (A1), [kahu] *carro* (A2), [a'humu] *arrumo* (A3), [fɛ'hadu] *ferrado* (A4), [ka'ʃohu] *cachorro* (B1), [sɛhɐ] *serra* (B2), [e'havɐ] *errava* (B3), [mohu] *morro* (B4), [bahɐ] *barra* (C1), [e'hadu] *errado* (C2), [ka'hɔsɐ] *carroça* (C3) e [fo'ha] *forrar* (C4).

Em início de palavra, o /r/ apresentou apenas a variante aspirada [h]: [hɛnɛ'gavɐ] *renegava* (A1), [hɔwpɐ] *roupa* (A2), [hɛ'bɔki] *reboque* (A3), [hɛ'prezɐ] *represa* (A4), [hɛ'mɛdʒju] *remédio* (B1), [hɛsɛ'bew] *recebeu* (B2), [huɐs] *ruas* (B3), [hodo'viɐ] *rodovia* (B4), [hapidɐ] *rápida* (C1), [hipi'tʃi] *repetir* (C2), [hɛkla'mɛj] *reclamei* (C3) e [hɛʒjo'naw] *regional* (C4).

Quando antecedida por uma consoante obstruinte, o /r/ foi realizado como [r] por todos os informantes: [pa'drastu] *padrasto* (A1), [profe'sorɐ] *professora* (A2), [p'rɛstɐ] *presta* (A3), [gɾasɐ] *graça* (A4), [magrɐ] *magra* (B1), [kũ'padri] *compadre* (B2), [p'rimu] *primo* (B3), [kwadrus] *quadros* (B4), [kɛ'brow] *quebrou* (C1), [ĩgra'sadu] *engraçado* (C2), [bravɐ] *brava* (C3) e [sɔgrɐ] *sogra* (C4).

Ainda, em encontro consonantal do tipo obstruinte + /r/, verificamos a síncope da líquida ([pr] > [p]): [pa] *pra* (A1, A2, A3, B1, B2, B3, B4, C1, C3 e C4), [pis'zo] *precisou* (B1, B2), [p'rɔpju] *próprio* (B1), [po'bremɐ] *problema* (B2), [pisɐ] *precisa* (B2), [pus] *pros* (B4, C1, C2 e C4) e [pas] *pras* (C2).

Em posição de coda, o fonema /r/ apresentou como realização: a variante retroflexa, a vibrante simples e também a ausência de qualquer segmento fônico.

A variante retroflexa foi encontrada na fala de todos os informantes: [duɾ¹mi] dormir (A1), [va¹loɾ] valor (A2), [kuɾ¹sĩɲu] cursinho (A3), [noɾ¹maw] normal (A4), [puɾ¹ke] porque (B1), [mu¹ʎeɾ] mulher (B2), [iɾ¹mẽws] irmãos (B3), [koɾta¹dʒĩɲu] cortadinho (B4), [pa¹voɾ] pavor (C1), [kõfiɾ¹mej] confirmei (C2), [f¹iɾmø] firma (C3) e [kwaɾt¹ʃĩɲu]quartinho (C4).

Considerada uma inovação do português brasileiro, a variante retroflexa é encontrada, principalmente, nas áreas desbravadas pelos bandeirantes (CASTILHO, 2004, p. 249). Segundo Brandão (1991, p. 22), sem contar o interior do estado de São Paulo e Minas Gerais, a variante retroflexa é encontrada em: “[...] determinadas áreas da Paraíba; de Sergipe; da Bahia; do nordeste fluminense (municípios de Campos e de São João da Barra); do Norte do Paraná e do Nordeste de Santa Catarina, além de Goiás e Mato Grosso.”

Os nossos dados coincidem com os resultados encontrados por Guiotti (2002, p. 63):

Os índices mostram que a variante retroflexa é a mais empregada em todos os grupos etários. [...] esses dados mostram que o /r/ retroflexo não está em vias de desaparecimento; se estivesse, os índices diminuiriam progressivamente conforme a redução da idade.

Segundo a pesquisadora referida, a manutenção da variante retroflexa deve-se a uma avaliação positiva da figura do agro-empresário e não do caipira em si.

A queda de /r/ ocorreu em menor número: [kaw¹kε] qualquer (A1, A2, B1 e C1), [mu¹j¹ε] mulher (A2) e [mu¹ʃadø] murchada (B1).

O pequeno número de casos de ausência de /r/ pode ser atribuído à correção exercida pela escola, uma vez que, na escrita, a variante é caracterizada pela falta de segmento.

Segundo Amaral (1920, p.28), é característica do dialeto caipira o apagamento do /r/ em posição final como em: “andá” por *andar*, “muié” por *mulher*, “esquece” por *esquecer*,

“subi” por *subir*, “vapô” por *vapor*, “Artú” por *Artur*. Silva Neto (1976, p.141) aponta tal característica como geral da língua portuguesa do Brasil.

Já nos verbos no infinitivo, a não realização do fonema /r/ foi quase geral entre todos os informantes, exceto A3 que apresentou uma ocorrência: [de'seɾ] *descer*, A4 que apresentou três ocorrências: [evi'taɾ] *evitar*, ['veɾ] *ver* e [tra'zeɾ] *trazer* e B1 que apresentou uma ocorrência: ['keɾ] *quer*.

A vibrante simples [r] foi verificada apenas em B4: [korta'dʒĩɲu] *cortadinho*. Acreditamos que essa realização seja decorrente da situação formal de gravação, em que o informante optou por evitar o uso da variante retroflexa, que é estigmatizada.

3.2.6 Fonemas /d/ e /t/ diante de [i]

Encontramos em nosso *corpus* as variantes dentais [d] e [t], as palatalizadas [dʲ] e [tʲ] e as africadas [dʒ], [dz] e [tʃ].

Verificamos poucas ocorrências das dentais em B2 e C4, que também apresentaram as demais variantes: [heaw'mêɪ] *realmente*, ['ʒêɪ] *gente*, [sa'ud] *saúde* e ['pɔd] *pode* (B2) e [to'dĩɲu] *todinho*, [passa'pɔɾt] *passaporte*, ['grad] *grade* (C4).

Todos os informantes realizaram as palatais [dʒ] e [tʃ]:

[dʒ]: [i'dadʒi] *idade* (A1), [iskõ'dʒidu] *escondido* (A2), [dʒi'fisiw] *difícil* (A3), [dʒi'êɪɪ] *diante* (A4), [dʒizimu] *dízimo* (B1), ['mɛdʒiku] *médico* (B2), [dʒia'letu] *dialeto* (B3),

[dʒi'ur̃nu] *diurno* (B4), [ami'zadz̃i] *amizade* (C1), [vi'ridʒikə] *verídica* (C2), [dʒisi] *disse* (C3) e [preʒudʒi'ka] *prejudicar* (C4).

[tʃ]: [do'mɛʃtʃikə] *doméstica* (A1), [bas'tɛ̃ʃi] *bastante* (A2), [vɛʃtʃibu'laɾ] *vestibular* (A3), [ĩpoɾ'tɛ̃tʃi] *importante* (A4), [dɛ̃'tʃistə] *dentista* (B1), [ɛzistʃiə] *existia* (B2), [gramatʃi'kajs] *gramaticais* (B3), [sɛtʃi] *sete* (B4), [tʃi'vesi] *tivesse* (C1), [sĩ'tʃi] *senti* (C2), [tʃiɲə] *tinha* (C3) e [pɛnawtʃi] *pênalti* (C4).

Em relação às variantes [dʲ] e [tʲ], A4, B1, B2, B4, C1 e C4 realizaram a variante [dʲ] e A4, B4, C1 e C3 realizaram a variante [tʲ]:

[dʲ]: [dʲzmaj'ej] (A4), [dʲzvi'adu] *desviado* (B1), [dʲska'hɛgə] *descarrega* (B2) e [dʲsəwvi] *dissolve* (B4), [dʲsow've] *dissolver* (C1) e [dʲze] *dizer* (C4).

[tʲ]: [dɛ̃tʲs] *dentes*, [akõ̃tʲ'sew] *aconteceu*, [ĩ'fɛjtʲs] *enfeites* (A4), [ĩ'ɛ̃tʲs] *antes* (A4, B4, C1 e C3) e [ĩgredʒi'ɛ̃tʲs] *ingredientes* (C3).

Observamos, também, a variante [dz] para o fonema /d/: [dzkoõ̃'fiɛ̃sə] *desconfiança* (A4) [dzistoɾ'sidə] *distorcida* (B3), [dzizli'go] *desligou* (C1), [dzis'peru] *desespero* (C2), [dze'nəvi] *dezenove* (C3), [dzĩpre'gadu] *desempregado* (C4).

Assim, temos o seguinte quadro de variantes para os fonemas /d/ e /t/:

Variantes de /d/	Informantes	Variantes de /t/	Informantes
[d]	B2 e B4	[t]	B2 e B4
[d̥]	todos	[t̥]	todos
[dʲ]	A4, B1, B2, B3, B4, C1 e C4	[tʲ]	A4, B4, C1 e C3
[dz]	A4, B3, C1, C2, C3 e C4		

A africativização dos fonemas /t/ e /d/ diante de vogal anterior é apontada como uma característica inovadora do português brasileiro (TEYSSIER, 2001, p. 103 e CASTILHO, 2004, p.246). Entretanto, as formas palatalizadas também são encontradas no crioulo de São Tomé: [ˈdetʃi] *dente*, no crioulo de Príncipe: [ˈpotʃi] *ponte*, no crioulo angolar: [ˈdwɛtʃi] *doente*, no crioulo de Ano-Bom: [tuˈdzia] *todos os dias* e no papiamento falado em Aruba, Curaçao e Bonaire, nas Antilhas Holandesas: [ˈnotʃi] *noute* (VIARO, 2005, p. 231).

3.2.7 Consoantes sonoras

Encontramos algumas ocorrências em que os fonemas /b/ e /d/ não são realizados após /m/ e /n/ respectivamente, devido a uma assimilação progressiva.

O /b/ não foi realizado no vocábulo *também* [tãˈmẽj] em A1, A2, A3, A4, B1, B2, B3, B4, C1, C2, C3 e C4. Segundo Vasconcellos (1928, p. 17), o fenômeno é muito comum em Portugal.

Em relação ao /d/, o mesmo fenômeno foi verificado no gerúndio em todos os informantes: [sa'bẽnu] sabendo (A1), [kõveɾ'sẽnu] conversando (A2), ['vẽnu] vendo (A3), [fa'lẽnu] falando (A4), [asej'tẽnu] aceitando (B1), [dziveɾ'tʃĩnu] divertindo (B2), [prku'rẽnu] procurando (B3), [deko'lẽnu] decolando (B4), ['põnu] pondo (C1), [ʃo'vẽnu] chovendo (C2), [ʒe'rẽnu] gerando (C3) e [pe'gẽnu] pegando (C4).

3.2.8 Metátese

A metátese do [r] ocorreu em [istru'padø] *estuprada* (A1 e B2), [istru'po] *estuprou* [istru'pa] *estuprar* (B2).

Segundo Viaro (2005, p.235), metáteses são muito comuns e deveriam ser usadas como ponto de partida para se explicar variantes faladas. Por exemplo, o vocábulo *precisou* pronunciado como [psi'zo] por B1 e B2 pode ser explicado a partir de *precisou*, porém *pirsis* no crioulo da Guiné-Bissau, *perciso* no português de Goa e *pirciz* no crioulo indo-português de Daman devem partir de **percisar*.

3.3 Considerações parciais

No decorrer da nossa descrição das características fonético-fonológicas da variedade falada em São José do Rio Preto, tentamos relacionar o uso de uma variante linguística com as variáveis sociais que consideramos relevantes para esta pesquisa.

No que se refere a essas relações, observamos:

- A apócope da fricativa /s/ em posição de coda de sílaba tônica, quando a vogal da mesma sílaba é ditongada, na fala dos informantes com grau de escolaridade ensino fundamental I (A1, A2, B1, B2 e C2) e na fala de B4;
- A aférese da vogal átona na fala de todos os informantes, exceto entre as mulheres com grau de escolaridade superior (A3, B3 e C3);
- A prótese, em menor número, nos informantes da primeira faixa etária (A1 e A4);
- A síncope da vogal *i* pretônica, quando entre uma consoante oclusiva e uma consoante fricativa, em menor frequência, tendo sido verificada apenas em A4 da primeira faixa etária. Em relação às demais faixas, o fenômeno apenas não ocorreu em B3 da segunda faixa e ocorreu em todos os informantes da terceira faixa;
- A realização [i] em vez de [ẽ] ou [ẽj], em posição átona final em A1, A2, B1, C1 e C4. Exceto C4, todos possuem grau de escolaridade ensino fundamental I;
- A realização da variante [ẽw] em vez de [õw] nos informantes da primeira e da segunda faixas etárias de sexo masculino e de grau de escolaridade ensino fundamental I (A2 e B2);
- A realização do fonema /l/, em posição de coda, como [ɾ] na fala dos homens da segunda e terceira faixas etárias com grau de escolaridade ensino fundamental I (B2 e C2);
- Rotacismo, o /l/ ocorre como [ɾ], na segunda posição de ataque, antecedido de consoante plosiva, na fala dos homens da segunda e da terceira faixas etárias com grau de escolaridade ensino fundamental I (B2 e C2) e na fala do homem da terceira faixa etária com ensino superior (C4);

- A realização do fonema /ʎ/ como [j] em A2, B1 e B2, informantes com grau de escolaridade ensino fundamental I e, em B4, com ensino superior. A variante despalatalizada, [l], ocorreu apenas uma vez em B1;
- Em posição de coda, o fonema /r/ sendo realizado como [r] somente em B4 e, também, a ausência de qualquer segmento fônico em A1, A2, B1 e C1, todos com grau de escolaridade ensino fundamental I;
- Síncope de [r] quando antecedido por uma consoante obstruinte em todos os informantes, exceto A4;
- As realizações dentais [d] e [t], as africadas [dʒ], [dz] e [tʃ] e as palatalizadas [tʃ] e [dʃ] para os fonemas /d/ e /t/. As dentais apareceram em nosso *corpus*, em menor número, em B2 e C4, as africadas [dʒ] e [tʃ] ocorreram com mais frequência em todos os informantes, a africada [dz], bem como as palatalizadas [dʃ] e [tʃ] não foram observadas em A1, A2 e A3.
- A realização de [ĩ] por - *inho* poucas vezes em A1 e B2, ambos com grau de escolaridade ensino fundamental I;
- Poucas ocorrências de metátese do [r] em A1 e B2, em derivados do verbo *estuprar*.

Nota-se que as variantes caracterizadas pela ausência de segmento fônico ocorrem em menor número e são quase sempre mais frequentes entre os informantes com grau de escolaridade ensino fundamental I. A exceção foi a síncope de [r], quando antecedido por uma consoante obstruinte, que ocorreu na fala de quase todos os informantes independente do grau de escolaridade.

Acreditamos que isso seja devido à correção exercida pela escola, uma vez que, na escrita, a variante é caracterizada pela falta do grafema.

Outros casos, que também estão associados à falta de instrução, e que por isso são estigmatizados, tais como: a pronúncia de - *inho* como [ĩ], metátese, a vocalização do [ʎ], a opção pela variante [ẽw] em vez de [õw], a realização de /l/ como [ɾ] em posição de coda e a realização de /l/ como [r] em segunda posição de ataque foram mais comuns entre os informantes menos escolarizados.

Quanto à variável social sexo, observamos que os três últimos casos mencionados ocorreram apenas entre os homens e casos de aféreses não foram verificados entre as mulheres mais escolarizadas.

As diferenças na fala de homens e mulheres podem ser um reflexo dos papéis que estes desempenham na sociedade. Porém, na comunidade de fala que estudamos, não parece haver diferenças na organização social que possam influenciar nas realizações linguísticas.

Entretanto, é válido mencionar que há vários estudos que apontam para o fato de as mulheres serem mais atentas ao status social das formas linguísticas do que os homens, o que faz com que aquelas optem por formas de mais prestígio (PAIVA, 2004, p. 35).

Em relação à variável faixa etária, vimos que a síncope da vogal *i* pretônica, quando entre uma consoante oclusiva e uma consoante fricativa, foi menos frequente entre os informantes da primeira faixa etária, tendo sido verificada apenas em A4. Nas outras faixas, o fenômeno apenas não ocorreu em B3 da segunda faixa e ocorreu em todos os informantes da terceira faixa.

Observamos que a realização dental [d] e [t] para os fonemas /d/ e /t/ foi nula na primeira faixa etária e pouco frequente nas demais faixas, por ser mais antiga do que as demais variantes.

Além de estabelecer relações entre usos linguísticos e variáveis sociais, fizemos referência a estudos sobre outras variedades do português, tendo em vista compará-las com a variedade estudada. Assim, vimos que:

- A opção pela forma monotongada dos ditongos *-ei* e *-ou* é muito frequente no sul de Portugal, mesmo entre falantes cultos, porém a variante monotongada [o] teve mais aceitação do que a variante [e];
- A realização das vogais *e* e *o* pretônicas como [i] e [u] é encontrada no norte de Portugal, região que conserva características linguísticas mais antigas. Acreditamos que as formas alçadas tenham vindo de Portugal para o Brasil, visto que recebemos colonos provenientes de todas as regiões de Portugal (CASTILHO, 2004, p. 238).
- A realização de /e/ como [i] e /o/ como [u], em posição átona final, é comum em todo o território brasileiro. Em Portugal, ouve-se a mesma realização para o /o/, porém o /e/ é pronunciado como [ɐ], que é originado a partir de [i]. A pronúncia encontrada no Brasil é considerada conservadora. No território europeu, ainda é encontrada no Minho, Beira Baixa, Algarve, Madeira e Açores. (TEYSSIER, 2001, p. 72);
- No que se refere à realização das vogais nasais, a vogal /a/ quando seguida de uma nasal [n ɲ m] é realizada como fechada [ɐ], não havendo a oposição fonológica encontrada no português europeu que distingue o presente do pretérito perfeito do indicativo na primeira pessoa do plural da primeira conjugação;
- A realização de /ẽ/, em posição final, como [i] é comum em todo o Brasil e é também encontrada em Portugal, tanto em nomes como em verbos (VASCONCELLOS, 1928);

- A vogal /o/, seguida de nasais, foi realizada com o timbre fechado [o] na maioria dos casos, podendo também ser realizada como [ɔ] no vocábulo f[ɔ]me (B1, B2 e C2). Em Portugal, as duas variantes são também encontradas, sendo a aberta mais comum e a fechada encontrada em Beira-Alta (VASCONCELLOS, 1928, p. 31);
- Em relação à consoante /s/, a pronúncia sibilante verificada em nosso *corpus* comparada à chiante, que é encontrada em Portugal atualmente, é considerada conservadora.
- Diante da africada [tʃ], o /s/ apresenta a variante [ʃ] em todos os informantes, exceto B2. Atribuímos esse caso à assimilação do traço palatal da consoante [tʃ], uma vez que não encontramos exemplos em outros contextos.
- A troca do *l* pelo *r*, em posição de coda, como também na segunda posição de ataque, é encontrada em Portugal (VASCONCELLOS, 1928);
- Embora a realização de /d/ e /t/ como [dʒ] e [tʃ] seja considerada uma inovação do português brasileiro (TEYSSIER, 2001, p. 103 e CASTILHO, 2004, p.246), há registros que nos mostram que as formas palatalizadas não são exclusivas da variedade brasileira (VIARO, 2005);
- A não realização fonemas /b/ e /d/ após /m/ e /n/, respectivamente, ocorre devido a uma assimilação progressiva. A pronúncia [tẽ^hmẽj] *também* é muito comum em Portugal (VASCONCELLOS, 1928)

Pudemos observar que muitas diferenças entre as pronúncias encontradas no Brasil e em Portugal são decorrentes das mutações fonéticas que ocorreram, no século XVIII, no português europeu (MELO, 1975).

Geralmente, as pronúncias mais antigas foram mantidas no norte de Portugal, que é mais conservador, enquanto que o sul caracteriza-se por ser mais inovador. Como já

mencionamos, em nosso *corpus*, encontramos características fonéticas peculiares de ambas as regiões.

Além disso, vimos que algumas características apontadas como inovações do português brasileiro são encontradas também em outras variedades do português.

Acreditamos que essas características semelhantes, que a língua portuguesa desenvolveu em diferentes variedades quando saiu do continente europeu, possam ter uma motivação estrutural, podendo ser explicadas pela hipótese da deriva.

Todas as línguas naturais podem sofrer mudanças ao longo do tempo que são determinadas pelas suas forças estruturais. Sendo assim, segundo a hipótese da deriva, a própria língua portuguesa vinda de Portugal seria a causa das modificações fonéticas inexoráveis (VIARO, 2005, p. 220).

Haveria uma deriva, que atuou na passagem do indo-europeu ao latim, do latim ao português e da língua portuguesa às demais variedades fora da Europa, que permitiria prever mudanças fonéticas, como a passagem de /l/ > [w] e a do /d/ e /t/ > [dʒ] e [tʃ], encontradas na variedade estudada e em outras variedades do português fora da Europa.

CONCLUSÃO

O objetivo desta pesquisa foi descrever as características fonético-fonológicas da variedade falada em São José do Rio Preto e tentar estabelecer relações entre os usos linguísticos e as variáveis sociais que consideramos relevantes nesta pesquisa (sexo, faixa etária e grau de escolaridade).

A partir da análise do nosso *corpus*, composto por doze amostras de fala do tipo censo do banco de dados do Projeto Iboruna, vimos que muitas variantes linguísticas estigmatizadas e vistas como erradas do ponto de vista da norma culta foram mais frequentes entre os informantes menos instruídos e entre os homens.

Já esperávamos que formas menos prestigiadas fossem mais frequentes entre os menos instruídos, uma vez que quanto maior o grau de escolaridade, maior pode ser a influência da normatividade na fala do informante.

As diferenças entre a fala de homens e de mulheres, geralmente, refletem a forma como a sociedade se organiza. Ao estudarmos o perfil da comunidade linguística em questão, não verificamos diferenças entre os papéis dos homens e das mulheres que justificassem essas diferenças.

Mas vimos que alguns estudos que consideraram a variável sexo relevante concluíram que as mulheres são mais atentas ao status social das formas linguísticas e, por isso, optam por formas de maior prestígio (PAIVA, 2004, p. 35).

Fenômenos menos frequentes entre os informantes mais jovens foram: a síncope da vogal *i* pretônica, quando entre uma consoante oclusiva e uma consoante fricativa, e a realização dental [t] e [d] para os fonemas /t/ e /d/, que foi nula na primeira faixa etária e pouco frequente nas demais.

Em relação à realização dos fonemas /d/ e /t/, sabemos que as realizações [d] e [t] são mais antigas do que [dʒ] e [tʃ] e, é possível que, por essa razão, estas tenham sido mais frequentes.

Ao descrevermos o comportamento das variáveis linguísticas que escolhemos para serem investigadas, vimos que as características fonético-fonológicas da variedade falada em São José do Rio Preto são comuns em outras variedades do português brasileiro, tais como: casos de aférese, síncope, apócope, rotacismo, metátese, o comportamento das vogais orais e nasais, a africativização dos fonemas dentais /t/ e /d/, a variante retroflexa em posição de coda, a pronúncia sibilante de /s/ em posição de coda, a vocalização do /l/ e do /ʎ/, além de outras.

Observamos que, considerando o português europeu como referência para se estabelecer comparações com a variedade estudada, esta apresentou características conservadoras, a saber: a pronúncia [i] e [u] para as vogais *e* e *o* pretônicas e postônicas e a pronúncia sibilante de /s/.

A partir de leituras de obras que tratam de variedades falada em Portugal, vimos que essas características sobrevivem em áreas mais conservadoras que mantiveram a pronúncia de Portugal antes das mutações fonéticas do século XVIII.

Conforme mencionamos na introdução, uma mudança pode ser ocasionada pelas forças internas de uma língua. Assim, a variedade do português que se desenvolveu no Brasil adquiriu características similares as que encontramos em nosso *corpus* tais como: a africativização das dentais /t/ e /d/, a vocalização do /l/, a ditongação de vogal tônica quando na coda da sílaba há uma sibilante e a variante retroflexa [ɽ] em posição de coda.

Observamos em nosso *corpus* pronúncias que são também encontradas em outras comunidades lusófonas que não em Portugal, a saber: a vocalização do /ʎ/, a africativização dos fonemas /t/ e /d/ e a terminação *-im* por *-inho*.

Essas características semelhantes, que foram desenvolvidas pela língua portuguesa em outros territórios quando saiu do continente europeu, podem ser explicadas pela hipótese da deriva, que é um processo de mudança linguística que pode afetar qualquer língua, e também, por fatores externos, como fatores sociais e históricos, que também atuam no processo de mudança linguística.

Esperamos que o nosso estudo tenha contribuído para se conhecer um pouco mais das características fonético-fonológicas da variedade falada em São José do Rio Preto e que tenhamos podido oferecer elementos que auxiliem na compreensão da diversidade linguística encontrada no Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, A. T. de. **Oeste Paulista: a experiência etnográfica e cultural.** Rio de Janeiro: Alba, 1943.

AMARAL, A. **O dialeto caipira.** São Paulo: Casa Editora “O livro”, 1920.

ANTÔNIO, D. Coleta de dados na região de Taubaté:mapeamento das trilhas percorridas pelos bandeirantes. In: MEGALE, Heitor (org.). **Filologia Bandeirante.** São Paulo: Humanitas, n. 1. 2000, p. 77-91.

ARANTES, L. **Dicionário Rio-Pretense, a História de São José do Rio Preto de A a Z.** São José do Rio Preto: Casa do Livro, 2.ed. ampl. atual. 2001.

ARAÚJO, M. F. Ribeiro de. **A alternância /ei/~e/ no português falado na cidade de Caxias, MA.** Dissertação de Mestrado. Campinas: UNICAMP, 1999.

BRANDÃO, S. F. **A geografia lingüística no Brasil.** São Paulo: Ática, 1991.

BRANDI, A. **São José do Rio Preto 1852-1894 roteiro histórico do distrito: contribuição para o conhecimento de suas raízes.** São José do Rio Preto: Casa do Livro, 2002.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Elementos de Fonética do Português Brasileiro.** São Paulo: Paulistana, 2007.

CALLOU, D; LEITE, Y. & MORAES, J. Processo(s) de enfraquecimento consonantal no português do Brasil. In: ABAURRE, M. B & RODRIGUES, A. (orgs.) **Gramática do português falado VIII: novos estudos descritivos.** Campinas, UNICAMP/FAPESP, 2002, 537-555.

CÂMARA JR, J. M. **Dicionário de Filologia e Gramática, referente à língua portuguesa.** São Paulo: J.Ozon, 1968.

_____. **História e Estrutura da Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro: Padrão, 1979, 3 ed.

CASTILHO, A. T. de. O Português do Brasil. In: ILARI, R. **Linguística Românica**. São Paulo: Ática, 2004, 3. ed.

CASTILHO, A. T. de; PRETI, D. (Org.) **A linguagem culta falada na cidade de São Paulo: materiais para seu estudo**. São Paulo: T.A . Queiroz, 1986-1987.

CITY BRAZIL. http://www.citybrazil.com.br/sp/microregiao_detalhe.php?micro=4. Acesso em 16 ago 2009.

COX, M. I. P. O rotacismo no falar cuiabano: a potência da voz mameluca em uma variedade do português brasileiro. In: ALMEIDA, M. M. S. & COX, M. I. P. (orgs.). **Vozes Cuiabanas: estudos lingüísticos em Mato Grosso**. Cuiabá: Cathedral, 2005, p. 69- 93.

GARCIA, R. R. **Para o estudo da formação e expansão do dialeto caipira em Capivari**, 2009. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) USP, São Paulo.

GOOGLE MAPS. Disponível em <<http://maps.google.com.br/>>. Acesso em 30 nov 2009.

GONÇALVES, S. C. L. **Projeto ALIP (Amostra Lingüística do Interior Paulista)**. Disponível em <http://www.filologia.org.br/ileel/artigos/artigo_478.pdf > Acesso em 10 ago 2009.

GUIOTTI, L. P. **O Estudo da Variante Retroflexa na Comunidade de São José do Rio Preto**, 2002. Dissertação (Mestrado em Estudos Lingüísticos) UNESP, São José do Rio Preto.

IBGE. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br/>>. Acesso em 16 ago 2009.

LOPES, R. **A realização variável dos ditongos /ow/ e /ej/ no português falado em Altamira/PA**, 2002. Dissertação (Mestrado em Lingüística), UFPA, Belém.

MACHADO, J. P. **Dicionário etimológico da língua portuguesa** : Com a mais antiga documentação escrita e conhecida de muitos dos vocábulos estudados.[Lisboa] : Editorial Confluência, [1952-1959], Vol. 2

MARROQUIM, M. **A língua do Nordeste (Alagoas e Pernambuco)**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1945, 2. ed.

MELO, G. C. de. **A língua do Brasil**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1975, 3.ed melhorada e aumentada.

MONBEIG, P. **Pioneiros e fazendeiros de São Paulo**. São Paulo: Hucitec, 1984.

NASCENTES, A. **O linguajar carioca**. Rio de Janeiro: Edição da "Organização Simões," 1935, 2. ed., completamente refundida.

NARO, A. J. O dinamismo das línguas. In: MOLLICA, Maria Cecília & BRAGA, Maria Luiza (orgs.). **Introdução à Sociolingüística**. São Paulo: Contexto, 2004, 2. ed., pp. 43- 50.

NOGUEIRA, A. B. **Aspectos fonéticos, lexicais e morfossintáticos da variante açoriana catarinense**, 2007. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) USP, São Paulo.

NOLL, V. **O português brasileiro: Formação e contrastes**. Trad. Mário Eduardo Viaro. São Paulo: Globo, 2008.

OLIVEIRA, D. P. de. O estudo dialetológico no Brasil: A volta ou a sedimentação de uma metodologia de trabalho?. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade. **A geolingüística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer**. Londrina: EDUEL, 2005, p.381- 389.

PAIVA, M. C. da. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, Maria Cecília & BRAGA, Maria Luiza (orgs.). **Introdução à Sociolingüística**. São Paulo: Contexto, 2004, 2. ed., pp. 33- 42.

PAVEZZI, V. C. **A haplologia na variedade paulista**. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos), UNESP, São José do Rio Preto, 2006.

PENHA, J. A. P. **Português rural de Minas numa visão tridimensional: na fala, nos textos regionais, nos escritores antigos**. Franca: UNESP, 1997.

PERFIL ECONÔMICO DO NOROESTE PAULISTA.
<<http://www.gcex.com.br/portugues/editorial/index.asp>> Acesso em 20 ago 2009.

PRANDO, C. M. M. **A presença do r-retroflexo no português falado na cidade de São José do Rio Preto**. Monografia. (Aperfeiçoamento/Especialização em Estudos Avançados em Linguística e L. Portuguesa) UNESP, São José do Rio Preto, 2000.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO JOSÉ DO RIO PRETO. Disponível em <<http://www.riopreto.sp.gov.br>>. Acesso em 19 ago 2009.

PROJETO ALIP. Disponível em <<http://www.iboruna.ibilce.unesp.br/>>. Acesso em 20 abr de 2009.

RAMOS, A. P. **Descrição das vogais postônicas mediais no dialeto paulista**. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos), UNESP, São José do Rio Preto, 2009.

REGIÃO ADMINISTRATIVA DE SÃO JOSÉ DO RIO PRETO. Disponível em <<http://www.ppa.sp.gov.br/perfis/PerfilRASJRioPreto.pdf>>. Acesso em 20 ago 2009.

RÚBIO, C. F. **A concordância verbal na língua falada na Região Noroeste do Estado de São Paulo**. 2008. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2008.

SEGURA, L. Variação dialectal em território português. Conexões com o Português do Brasil. Disponível em: <http://www.clul.ul.pt/equipa/mcruz/segura.pdf>. Acesso em 29 mai 2009.

SILVA NETO, S. da. **Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil**. Rio de Janeiro: Presença, 1976, 3. ed.

_____. **História da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1979.

SILVEIRA, A. A. M. da. **As vogais pretônicas na fala culta do interior paulista**, 2008. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) UNESP, São José do Rio Preto.

TEYSSIER, Paul. **História da língua portuguesa**. Trad. Celso Cunha. São Paulo: Martins Fontes, 2001, 2. ed.

VASCONCELLOS, J. L. **Opúsculos, v.2: dialetologia**. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1928. Disponível em: <http://cvc.instituto-camoes.pt/bdc/etnologia/opusculos/vol02/opusculos02.pdf> . Acesso em 21 jul 2010.

VETORAZZO, A. F. R. **O uso de ‘seu’ e ‘dele’ na língua falada de São José do Rio Preto**. 2002. Monografia. (Aperfeiçoamento/Especialização em Estudos Avançados em Linguística e Língua Portuguesa). Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2002.

VIARO, Mário Eduardo. “Semelhanças entre o português brasileiro e as variedades africanas e asiáticas.” In: SILVA, Luís Antonio da (org.). **A língua que falamos: Português: história, variação e discurso**. São Paulo: Globo, 2005, p.211-251.

ANEXO 1-CRITÉRIOS DE TRANSCRIÇÃO

O objetivo principal do projeto Iboruna é oferecer um *corpus* que sirva para examinar diferentes aspectos linguísticos, a saber: fonético-fonológico, morfossintático, semântico-lexical, pragmático e discursivo. Deste modo, a equipe do projeto optou por disponibilizar uma transcrição grafemática das amostras de fala.

Uma vez que o nosso objetivo era analisar algumas características fonético-fonológicas, vimos que fazer uma transcrição fonética de toda a entrevista seria desnecessário e dificultaria a consulta de dados por interessados sem formação linguística específica. Assim, optamos por manter a transcrição grafemática, mas transcrevendo foneticamente os dados que mostravam traços relevantes para a nossa pesquisa. Utilizamos a transcrição fonética ampla.

Seguimos as normas de transcrição estabelecidas pelo projeto NURC em Castilho e Preti (1987):

Ocorrências	Sinais	Exemplificação
Incompreensão de palavras ou segmentos	()	ai eu levei um susto... parou de brincadeira () (C1)
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	acho que fica maquinando (ainda de/) (B1)
Truncamento	Uso da barra oblíqua	ah:: ficou lo/ fiquei (A2)
Entoação enfática	Maiúscula	então é o quarteirão do MEio da rua (A3)
Prolongamento de som	Uso dos dois pontos	quando a gente foi beben::do

		a gente começou beber (A4)
Silabação	Transcrição da palavra com hífen	e num tem até hoje é pa-ra-le-le-pí-pe-do (C3)
Interrogação	?	dá pra ligar né? (A3)
Pausa	...	quem vai levar o ovo quem vai levar a farinha... então... depende (C1)
Comentários descritivos do transcritor	((minúscula))	uhum ((concordando)) (A1)
Superposição ou tomada de turno	Uso de colchetes a partir do momento em que uma outra pessoa toma o turno	Inf.: é tava [Doc.: isso daria quanto assim... um mês:... (B1)
Citações literais, reproduções de discurso direto ou leituras de texto	Aspas	ela falou assim “não cê pode vim aqui em casa” (A2)
Início do turno, exceto quando se tratar de nome próprio	Uso de iniciais minúsculas	Inf.: eu passo:: Brilho Alumínio... (A1)
Fáticos	Devem ser transcritos da seguinte maneira: ah, éh, oh, ahn, uhn, tá, uhum, aham	acho que fica maquinando (ainda de/) (B1)
Nomes estrangeiros	Estão em itálico	aí ela foi me levar pra conhecer o <i>Duomo</i> (B3)
Números	Devem ser escritos por	... tem a normal um e oitenta

	extenso	um e noventa (B2)
Combinação de sinais	:...	éh:: éh eu conheci a B. num::/ numa praça (B2)
Não utilização dos sinais de pontuação característicos da linguagem escrita, a saber: ponto-e-vírgula, ponto final e vírgula e ponto de exclamação.		J. conta pra mim alguma história que tenha acontecido com o senhor:: assim... que foi interessante alegre ou triste (C4)

Tabela 3: Normas de Transcrição

A fim de facilitar a interpretação dos dados fonético-fonológicos, bem como de evitar transcrições intermediárias e, muitas vezes preconceituosas, que põem em evidência apenas a fala do informante ao não transcrevê-la conforme a norma culta, fizemos algumas modificações na transcrição grafemática baseadas no modelo proposto por Nogueira (2007):

- Todo *-e* e *-o* postônicos finais devem ser interpretados como [i] e [u], exceto se for indicado: *pulo* se lê [ˈpulu], mas *pul[o]* se lê [ˈpulo]. Quando em outras posições, se diferirem de [e] e [o], indicaremos: *ép[u]ca*, que deve ser lido como [ˈɛpukə].
- As pretônicas só foram analisadas quando destoavam da forma padrão do sudeste: *depois* se lê [deˈpojs], mas *d[i]pois* se lê [dʒiˈpojs].

- O ditongo *-ou-* é sempre monotongado como [o]: quando indicado *vou* se lê ['vo], mas *v[ow]* se lê ['vow]. A única exceção é *tô* (forma aferética do verbo *estar* na primeira pessoa do singular).
- O mesmo ocorre como ditongo *-ei-* que se monotonga antes de *r, x, ch, j*: *terceira* se lê [teɾ'serɐ], mas *terc[ej]ra* se lê [teɾ'sejɾɐ].
- O *-r* infinitivo não é pronunciado: *falar* se lê [fa'la], mas *fala[r]* se lê [fa'laɾ]. O *-r* em posição de coda nas outras classes gramaticais se lê [ɾ]: *qualquer* se lê [kwaw'keɾ], mas *qualqueØ* se lê [kwaw'kɛ] e *qualque[r]* se lê [kwaw'keɾ].
- Em posição de ataque, tanto em início de palavra, como quando grafado com *rr*, se lê [h]: *errado* se lê [e'hadu] e *rua* se lê ['huɐ].
- O *-l-* em posição de coda se lê [w]: *tal* se lê ['taw] e quando não for realizado, como em *dificuØdade* se lê [dʒifiku'dadʒi].
- Em segunda posição de ataque, o *-l-* se lê [l]: *reflete* deve ser lido como [he'fletʃi], mas *ref[r]ete* se lê [he'fretʃi].
- O *-s-* em posição de coda se lê [s]: *pista* se lê ['pistɐ]. Indicaremos quando houver outra variante, como em *empré[[f]timo*, que deve ser lido como [ĩ'preʃtʃimu]. Quando *-s* final das primeiras pessoas do plural não são pronunciadas, usa-se Ø: *fomos* se lê ['fomus], mas *fomoØ* se lê ['fomu].
- O /d/ e o /t/ diante de [i] se lêem [tʃ] e [dʒ]: *frente* se lê ['frɛ̃tʃi], mas *fren[t]e* se lê ['frɛ̃ti] e *dia* se lê ['dʒiɐ], mas *[d]ia* se lê ['diɐ]. As demais variantes: [tʃⁱ] e [dʒⁱ] e [dz] são

lidas conforme são representadas, assim: *[dʲ]issolve* se lê [dʲiˈsɔwvi], *an[tʲ]es* se lê [ˈẽtʲis] e *[dz]enove* se lê [dzeˈnɔvi].

- Palavras oxítonas ou monossílabas tônicas terminadas em *-s* e *-z* têm o iode característico de outras falas brasileiras: *fez* se lê [ˈfejs], mas *fe[s]* se lê [ˈfes]. O mesmo vale para a conjunção *mas* e o pronome *nós*.
- Os artigos *o* e *os* se lêem [u] e [us] respectivamente.
- Foi indicado quando o *b* da palavra *também* não era pronunciado: *tamØém*.
- Foram indicados quando outros sons não são pronunciados, como o *d* de *quanØo*, o *a* de *Øcabou* e o *o* de *meiØ*.
- Foi indicado quando o *d* da terminação *-ndo* dos gerúndios não foi pronunciado: *inØo* se lê [ˈinu], mas *indo* se lê [ˈĩdu].
- Foram indicadas as formas da desinência da terceira pessoa do plural: *envolveØ* se lê [ĩˈvɔwvi] e *ficar[u]* se lê [fiˈkaru].
- Foi indicada quando a terminação *-inho* é pronunciada como [ĩ]: *cert[ĩ]* se lê [sɛɾˈtʃĩ], mas *certinho* se lê [sɛɾˈtʃĩnu].
- Foi indicada a desnasalização: *hom[i]* se lê [ˈomi], mas *homem* se lê [ˈomẽj]
- Foi indicada a iotização do *lh*: *traba[j]a* se lê [traˈbajɐ], mas *trabalha* se lê [traˈbaʎɐ].
- Casos de prótese foram indicados *[a]montanØo* se lê [amõˈtẽnu].

- As sequências *com o*, *com a*, *com os*, *com as* se lêem ['ku], ['kus], ['ka], ['kas]. Mantiveram-se as formas *pra*, *pro*, *pras*, *pros*, *prum*, *pruns*, *pruma* , *prumas* e também as formas sincopadas *po*, *pa*, *pos*, *pás*, *pum*, *puns*, *puma* e *pumas*.
- Mantiveram-se as formas *cê* e *ocê* para você.

ANEXO 2: TRANSCRIÇÕES DAS AMOSTRAS DE FALA

A1

NE

Doc.: M. eu queria que cê me contasse alguma histó::ria alguma... coisa que aconteceu com você:: assim e você... éh::... que ficou marcado pra você você num se esqueceu e cê pode contar

Inf.: a::i a minha história... com dez anos de idade... eu saí da escola que eu tive que trabalhar de domé[ʃ]tica... pa poder ajudar dentro de casa... mas eu tinha um padrasto muito ruim... então:: ele:: me maltratava muito... me renegava comida... então eu tinha que trabalhar pra fora pra poder c[u]mer

Doc.: uhn

Inf.: ... e:: por isso que eu saí da escola

Doc.: uhum ((concordando)) e:: e tua mãe assim como que ela ficava diante de/ dessa situação?

Inf.: a::i ela apoiava muito ele né?

Doc.: uhn

Inf.:... ela ia mais a favor a ele do que eu

Doc.: mais e aí como que foi você () ((ruído muito forte))

Inf.: com... um ano e meio eu fugi de casa... porque ele renegava muita comida pra mim que eu tinha que trabalhar pa pôr... dinheiro dentro de casa... apesar que ele não tinha necessidade de fazer isso mas ele era muito ruim comigo... aliá[z] muitas coisa aconteceu dentro daquela casa

Doc.: cê pode contar?... uma das coisa?

Inf.: ai POsso

Doc.: pode/ então pode falar

Inf.: ele simplesmente::... quando eu ia dormir à noite ele tentava mexer comigo... aí um dia eu cheguei na minha mãe contei pa minha mãe minha mãe NÃO acreditou... eu já tava namoranØo... o meu namorado sabia né?... aí:: que que ele::?... aí ele chegou no meu padrasto foi conversar... aí VIrou aquele brigueiro... ele catou eu e levou eu pra casa da mãe dele

Doc.: uhum

Inf.: mas a minha mãe toda vida acreditou no padrasto

Doc.: uhum

Inf.: nunca acreditava em mim... portanto HOje ela se arrepende o que ela fez

Doc.: uhn e seus irmãos... como que era?

Inf.: ai eles são irmão assim por parte ((ruído)) de mãe só né?

Doc.: uhn...

Inf.: eles eram muito pequeno né?... num falava nada... portanto HOje ninguém toca assunto em nada tamØém e:: ficou como ficou

Doc.: e hoje tua mãe ainda está com ele?

Inf.: não ele faleceu...

Doc.: uhn

Inf.: já faz:: dez ano já que ele faleceu

Doc.: uhn tá e tua mãe fala o que assim hoje de tudo isso?

Inf.: não ela não puxa assunto...

Doc.: uhn

Inf.: ela num fala nada

Doc.: tá e assim éh:: além dessa história () ((ruído)) que mais que cê tem pra contar dele assim que você lembra... que:: você num esqueceu?

Inf.: ai tem tantas coisa viu? a gente num ... ai eu namora::va... ele pnhava horário que no máximo OITO e meia eu tinha que tá dentro de ca::sa... que aí ficava mais fácil dele mexer comigo né?... porque a minha mãe dormia cedo trabalhava o dia todo... ela dormia cedo então ele aproveitava a ocasião... e vinha mexer com a gente...

Doc.: uhn::

Inf.: ele sempre gostava que eu dormia SOzinha num quarto... que eu tinha meus irmão tamOém mas aí ele aproveitava né?... que ele deixava meus irmão sair e eu tinha que tá em casa cedo

Doc.: e quando você contou pro seu namora::do assim qual que foi a reação dele assim?

Inf.: nossa ele ficou doido... porque ele acreditou em mim né?... contei tudo certinho... aí:: quando foi daí umas duas ou três semana... ele levou eu pra casa da mãe dele e a gente ficou moranOo lá

Doc.: uhn::

Inf.: daí três quatro meses a gente casou no papel

Doc. : e como que foi assim morar lá na casa dele éh esse tempo?

[

Inf.:

ah:: foi outro dilema né?

Doc.: por quê?

[

Inf.: NÃO pela minha sogra pela minha cunhada... eu sofri muito na mão da minha cunhada... que eu trabalhava ((ruído forte)) de doméstica... e:: eu chegava bem dizer seis hora seis e pouco e ela queria que eu limpasse a casa da mãe dela... como eu tinha o meu quarto eu tinha que cuidar do meu quarto primeiro né?... aí virava aquele brigueiro... mas foi pouco tempo tam~~o~~ém três meses

Doc.: mas e aí ((ruído)) que que cê fazia cê fazia o que ela manda::va ou?

Inf.: não não num fazia porque eu num ~~o~~guntava eu já tava muito cansa::da né?... aí ele chega::va falava pra e::le... claro que ele ia favor a eu né? que ele via que eu trabalhava direto... é isso aí

NR

Doc.: agora eu queria que cê me contasse alguma história que alguÉM te contou você não presenciou essa histó::ria... mas você ficou sabendo pela boca de alguém:: ou...de alguma forma cê ficou sabendo dessa história e cê podia contar

Inf.: aí o que que eu poderia contar?... ah eu tenho minha vizin::ha ela me contou uma histó::ria

Doc.: uhn... mas pode contar o que/ que/ que ela contou assim... sobre o que que é essa história?

Inf.: a:: ela contou sobre a tia dela né?

Doc.: ahn

Inf.: porque:: a tia dela é mulher da vida

Doc.: uhn

Inf.: então:: ela tava contan~~o~~o pra mim tudo que a tia dela faz

Doc.: uhn::...

Inf.: por aí:: nos motel:: que que faØ na/ na beira das rodovi::a peganØo bei::ra... que bem dizer a tia dela já foi até est[r]upØada... mas como a tia dela é tranquei::ra num vale na::da e ela conta isso... pra:: sobrinha dela lá na maior...

Doc.: uhum

Inf.: assim num tem::... bom qualcheØ um que ela encontrar ela conta... tudo o que aconteceu com e::la que ela é mu[l]er da vi::da... se ela tiver que saIr com alguém ela sai no outro dia... ela con::ta... quem é a pesso::a... é isso que a minha vizinha tava/ me conta

Doc.:uhum

Inf.: direto

Doc.: e assim dessas histórias assim... assim que mais marcaram assim... a/ a vida dela que ela... conta da::... da TIA né?

Inf.: é da tia

Doc.: que que é assim que ela mais fala ou ela fala assim... por falar?

Inf.: não ela fala por falar...

Doc.: uhum

Inf.: inclusive ela fala que a tia dela é:: mulher...de zo::na mesmo então ela conta tudo... pra ela... aí ela vem e me conta

Doc.: e ela fala onde ela traba::lha assim que cida::de?

Inf.: éh::... fala... ela mora acho que é em São João... só que ela mora embaixo duma ponte ela éh:: mora tipo dum rancho que ela fala... ela TEM o amigo dela mora com ela... e:: e ela PESca... vive de pesca... aí ela fala que a pesca num dá nada então ela faz isso

Doc.: uhn e como que ela fala que é essa tia dela assim?... éh... que que idade ((ruído)) que ela tem:: como que ela é?

Inf.: ai a tia dela acho que tem uns cinquenta ano já...

Doc.: uhn::

Inf.: ... tem cinquenta ano

Doc.: e a família assim dela?

Inf.: a:: a família nenhuma vale nada

Doc.: é e assim fora essa história cê sabe de mais alguma história assim que alguém te contou:: seu mari::do algum dia assim... te contou::?

Inf.: é:: que nem né? do meu marido trabalha... numa fábrica né?

Doc.: uhum

Inf.: onde tem muito homeØ e sai muita coisas né?

Doc.: uhum

Inf.: ai ele tava contando que tem um/ uma mulher lá perto de casa a menina tem treze ano... tá grávida... e:: isso ele me contou já faz uns dois meses... aí quando foi:: a semana passada a vizinha veio me falar... que:: a outra lá tava grávida mas... aí eu peguei e falei que eu já tava sabendo

Doc.: é::?... então tá

DE

Inf.: ()

Doc.: M. cê falou pra mim... que você trabalha em várias casas que você é faxinei::ra assim tem várias patroas... cê poderia descrever pra mim assim como que é é cada uma das casa que você trabalha?

Inf.: posso... eu tenho uma que eu traba::lho ela é muito boa... gostosa de limpar... pequena a casa... tem apartamento... que é:: bastante decora::do a gente tem que limpar com o maior cuida::do pa num bater ((ruído)) a vasso::ura nos móveis né?...

Doc.: uhum ((concordando))

Inf.: e tem uma que é maior... tem quintal:: na fren::te tem::... é tudo cimenta::do o fun::do tem quintal de te::rra tam~~o~~ém... no fundo... é mais trabalhoso pra limpar

Doc.: uhum... ma/ e as suas patroas assim você pode falar características de cada uma delas assim?

[

Inf.: posso todas elas são muito boa pra mim inclusive... ninguém fica em casa são todas professora... UMA é dentis::ta... as outras são professo::ra... ela/ a maioria elas não ficam em casa então... a casa fica por MINHA conta

Doc.: uhum ((concordando))... e:: assim essas casas... elas/ elas têm o que assim dentro elas têm muito o que limpar:: o serviço é difí::cil como que é?

Inf.: ah é que nem no apartamento tem né? que a maiori::a é mesa de vi::dro... éh:: tem:: éh:: assim tipo *rack* que você tem que arrastar os *rack* com o maior cuida::do pra limpar::

Doc.: uhum ((concordando)) e nas outras casa não?

Inf.: não nas outras casa são mais simples... de limpar

Doc.: uhum ((concordando)) e a tua casa assim... quem que limpa você mes::mo como que é?

[

Inf.: a:: minha casa é eu inclusive eu posso sair seis horas da tarde eu chego em casa eu tenho que limpar a minha...

Doc.: uhum ((concordando))

Inf.: sempre um vassouri::nha passar um pa::no eu pa::sso limpar banhe::iro TODO dia... é sagrado

Doc.: e como que é assim a tua casa cê pode descrever?

Inf.: posso é dois quarto sala cozinha... tem um quintal no fundo... que é meio grandinho... os quintal eu num ligo muito de limpar todo dia mas a casa... tem que limpar todo dia

Doc.: uhn:: tá e o lugar lá onde você mora assim como que é?... éh:: cê pode me descrever assim se você tem muito vizin::ho assim como que é?

[

Inf.: tenho tenho bastante vizinho

Doc.: é? e/ e assim a sua relação com eles assim como que é?

Inf.: ai como eu saio de manhã e volto só à tarde... então eu num sou muito assim de ficar conversanØo com vizinho num tenho nem tempo né?

Doc.: uhum ((concordando))

Inf.: porque eu já che::go vou limpar a mi::nha vou cuidar da jan::ta

Doc.: uhum ((concordando))

Inf.: marido chega tipo se::te sete e me::ia... inclusive HOje... hora que eu sair do meu serviço... eu vou chegar em casa e hoje e num vai dar tempo de eu limpar... que eu trabalho como garçõnete tamØém

Doc.: uhn::... e como que é esse serviço cê pode me descrever assim... como que você faz?
((ruído))

Inf.: posso

Doc.: você trabalha só mesmo servin::Øo assim?

Inf.: éh:: só servinØo é:: que nem quando é tipo assim:: jantar né?... a gente serve a gente trata muito bem:: o pessoal:: maioria do pessoal conhece a gente já né?... agora tem vez que é churras::co é mais fácil ainda da gente trabalhar::

Doc.: uhum ((concordando))... cês tem uma equi::pe assim como que é?

Inf.: tem tem uma equipe né? tem meu marido que pe::ga tem outra colega de::le que pe::ga é assim o pessoal vai liganØo... aí a gente vai chamanØo o pessoal pa trabalhar

Doc.: e aí cês fecham éh:: o contrato como que é assim? e aí o dinheiro cês divi::dem?

Inf.: é éh:: que nem a gente cada garçom ganha trinta e cinco reais... aí a gente chama o pessoal de uns trin::ta garçom vinte garçom depende a festa que tem

Doc.: uhn::

Inf.: ()

RP

Doc.: M... eu sei que cê gosta bastante de cozinhar... sabe fazer bastante receita cê podia explicar uma receita pra gente?

Inf.: posso

Doc.: pode falar

Inf.: lasanha?... uai lasanha é mais prático né? e é mais fácil de fazer né?...

Doc.: uhum ((concordando))

Inf.: eu faço o molho de carne moída...

Doc.: uhn

Inf.: com:: Pomar::la cheiro ver::de essas coisa... e vou [a]montanØo ela

Doc.: e:: e que mais como que cê faz assim ((ruído)) os os tempe::ros que você u::sa?

Inf.: a:: eu afogo a carne moída com alho né? cebo::la...

Doc.: uhn

Inf.: joga ela a carne... refogo bem ela... aí eu coloco o mo::lho... tá pron::ta

Doc.: e a massa... cê compra pronta?

Inf.: compro pronta...

Doc.: uhn::

Inf.:aí eu vou [a]montanØo ela uma camada de cada...

Doc.: uhum ((concordando))

Inf.: mais prático

Doc.: que mais que cê sabe fazer assim

[

Inf.: uhn

Doc.: que sua família gosta assim de comer?

Inf.: macarrona::da

Doc.: pode falar

Inf.: a:: macarronada tam~~o~~ém::... cê pega um molho lá um::/ uma Pomaro::la alguma coisa afoga... éh põe a massa de toma::te cozinha o macarrão e joga um queijo ralado... e o que nós mais come

Doc.: uhum ((concordando)) e costurar assim alguma coisa assim cê SAbe?... que mais que cê sabe fazer que cê podia contar?

Inf.: uhn...

Doc.: o que cê gosta de fazer?

Inf.: faxinar?... faxinar eu adoro faxinar eu/ é meu::

Doc.: conta então como/ assim o que cê mais gosta de fazer numa faxina de uma casa?

Inf.: lavar... lavar

[

Doc.: é?

Inf.: pare::de lavar tape::te... gosto mais de lavar

Doc.: como que cê faz pa lavar assim o tapete?

Inf.: o taPE::te? eu estendo ele no chão jogo sabão em pó... esfrego bem:: enxáguo ele numa aguinha de Comfort... enxáguo... de novo

Doc.: uhn

Inf.: e ponho no varal... quando é pequeno né? quando é grande eu enrolo ele

Doc.: uhn:: tá e cê falou tam \emptyset ém que cê gosta de arear os alumínio

[

Inf.: gosto ((risos))

Doc.:... COmo que cê faz pa arear os alumínio?

Inf.: eu passo:: Brilho Alumínio... deixo um pouquinho aí eu enxáguo... esfrego o Bombril...
aí tem uma buchinha tam \emptyset ém que eu/ que eu uso... enxáguo de novo uso a buchinha e pronto

Doc.: uhn

Inf: tá areado

RO

Doc.: M. agora eu queria que cê me faLasse que que você Acha... da violência que a que/ que assim nos dias atuais a gente presencia tanta coi::sa assim de violên::cia... mor::tes assim que que cê acha assim que que CAUsa essa violência?... cê acha que assim é:: culpa do gover::no que num tem empre::go ou cê acha que são as pessoas mesmo que num querem trabalhar:: e acaba se envolven \emptyset o... em dro::gas depois parte pra esse mundo aí da violên::cia

Inf.: eu acho que é as pessoa que num quer trabalhar:: envolve \emptyset ... em dro::ga em ro::ubo... essas coisa

Doc.: e assim qual que seria assim uma solução cê acha pa diminuir a violência?

Inf.: ai prender tudo né?... prender esses que ro::ubam que mexem com dro::gas

Doc.: uhum ((concordando))... e você é a favor da pena de morte?

Inf.: sou

Doc.: por quê?

Inf.: eu acho que... que tudo quanto é preso fosse... morresse \emptyset todos ia acabar

Doc.: mas cê acha assim::... que a gente tem direito de tirar a vida de alguém?

Inf.: é:.... não né?

Doc.: então... cê acha que talvez assim seria melhor uma OU::tra solução?

Inf.: é tem:: várias solução né?

Doc.: por exemplo... cê acha que::...devia fazer o que com os preso assim?

Inf.: deixar eles um pouco mais sem comida que eles são MUITO bem tratado dentro de uma cadeia

Doc.: é:.... tá... agora mudando um pouquinho de assun::to sobre religião... que que você assim eu queria que cê me falasse que que você acha assim de religião qual que é a importân::cia da religião... na:: na vida de uma pesso::a assim SEJA ELA QUAL FOR entendeu acreditar em De::us ter uma fé

Inf.: a mais importante?

Doc.: não eu acho a/ a/ assim éh:: qual que:: você acha que é importante ter um religiã::o acreditar em De::us?

Inf.: acho acho importante

Doc.: por que que cê acha importante?

Inf.: a:: que nem eu... eu sou devota a Nossa Senhora Aparecida... cada um tem a sua religião né?... aliá[s] TODOS vão na minha porta eu atendo muito bem... o:: Jeová:: ou::...qualqueØ um.... que vai eu vou atender eles muito bem converso muito... peço explicação

Doc.: uhmm ((concordando)) mas aí você acha o quê? então que é importante ter uma religião?

Inf.: é importante

Doc.: tá... ((ruído)) e:: sobre:: éh:: a sua família que que qual que é a sua opinião sobre família assim sobre TEr uma famí::lia constituir uma famí::lia?

Inf.: é eu num sou assim MUITO assim relacionada com a minha família né?

Doc.: mas você acha importante (ter uma) família?

[

Inf.: é importante... importante uma família

Doc.: tá... por que que cê acha que é importante assim?... na criação dos fi::lhos?

Inf.: é pode ser na criação dos filhos

Doc.: tá

A2

NE

Doc.: E.... agora você vai me contar... uma história da sua vida... pen::sa em alguma coisa que você... ahm:: uma coisa que foi emocionante pra você:: que marcou a sua vi::da

Inf.: comecei gostar de uma de uma pessoa... a pessoa num me deu valor... gostei dela basTANte... e ela num quis maiØ na/ maiØ nada comigo... e ela estuda aqui

Doc.: e onde que você/ você conheceu ela aqui?

Inf.: tem quinze ano ela tem

Doc.: quinze anos... e você lembra quando foi a primeira vez que você viu como que foi me conta como foi a priMEIra vez que vocês se encontraram

[

Inf.: primeira coisa é que a gente c[u]meçou conversar... aí começou ficar ficar ficar... nós começou namorar... escondido aí a mãe dela foi que pegou... no pulo

Doc.: uhn::

Inf: depois fui lá e comecei conversa com a mãe dela e o pai dela... aí namoramos num/
 numa boa... fico dois mês junto... depois que largou

Doc.: como que foi o dia que você foi contar pros pais dela me conta de/ assim como que foi

[

Inf.: ah:: ficou lo/
 fiquei meio com medo fiquei na hora... porque o pai dela é meio bravo...

Doc.: uhum

Inf: acho que eu conversei com ele foi numa boa se quer namorar namora mas... sem fazer
 graça entendeu?... normal...

Doc.: não::

Inf: aí ficou numa boa... aí ela foi e largou de mim... aí ela tá namorando com outro cara

Doc.: e... e como que foi quando vocês terminaram assim que que ela falou pra você::?

[

Inf.: ah ela falou que
 num queria mais nada... acabou acabou... falei "tá bom"... aí ela chorou eu chorei também
 pronto... ficou cada um num canto... chega na na classe ela fica olhando pa minha cara e
 piscando ainda... mas eu num quero mais nada com ela... acabou... né?

Doc.: é... e você lembra de uma outra história que tenha acontecido?...

Inf: ()

Doc: você lembra de:... algum dia alguma pessoa que você conheceu:... outra namorada que
 você teve

Inf.: não

Doc: como foi?

Inf.: só essa

Doc.: então tá bom... E. você lembra como que foi o primeiro dia que você veio aqui na escola?

Inf.: ah:: fiquei um pouco com vergonha né?...

Doc.: ficou?

[

Inf: primeiro dia... com vergonha

Doc.: como que foi?

Inf.: ah:: num conhecia ninguém meiØ... meiØ chato

Doc.: aí cê entrou assim na esco::la

Inf.: conversei com a direto::ra depois fui... entrei na classe comecei conversar com a... com a professora... pa depoiØ começar::... as amizade... agora tá inØo as amizade...

Doc.: é::

Inf: até hoje

Doc.: e:: como que foi assim/ primeiro dia com que que cê conversou... primeiras... amizade que você fez

Inf.: primeira amizade que eu fiz foi com a minha ex-namorada

Doc.: uhn::... como que foi a primeira conversa de vocês... que/ sobre o que que cês conversaram cê lembra?

Inf.: comecei conversar com ela... ela falava assim pra mim... “não num é assim não” () falei “tá bom”... aí ela foi e me ensinou... depois ela foi e falou assim pra mim... “não E... num é assim meu amor”... aí ela começou falei “nossa”

Doc.: ((risos))

Inf: aí eu pedi pa ficar com ela ela num queria ficar... aí depois ela foi e ficou... aí c[u]meçou

Doc.: ((risos)) como que foi... assim... esse dia que ela aceitou pra ficar assim

Inf.: ah ela ficou um pouco com vergonha

Doc.: que que ela falou assim::?

Inf.: falou que não... aí depoiØ ela foi e ficou

Doc.: e::... como que foi esse seu... o seu final de semana agora?

Inf.: foi ótimo

Doc.: onde cê foi?

Inf.: fui lá pa Vila AzuØ...

Doc.: Vila Azul?

[

Inf.: na chácara do meu irmão

Doc.: uhn:: me conta o que que aconteceu lá como que foi quando cê chegou:: lá:: com quem que cê conversou:: sobre o que vocês conversaram

Inf.: c[**u**]nversei com meu irmão::... aí nóØ foi lá limpar... a chácØra... depoiØ nóØ lavou a piscina... depoiØ nóØ foi... limpou... a casa... que a mu[**j**]eØ dele num tava lá... tinha ido traba[**j**]ar... nóØ limpou a casa inteirinha... aí depoiØ chegou meu primo...ajudou limpar a casa tamØém::...

Doc.: uhn::

Inf.: depoiØ nós:: foi... lavou o carro... depoiØ nóØ foi... deu banho no/ nos quatro cachorro... só

Doc.: e::/ e foi divertido?... foi bom? cê descansou?

Inf.: i::xe bastante

Doc.: ((risos))... então tá bom... e essa sua... ex-namorada assim... ela contava como que era as coisas na casa de::la... que que ela te contou?

Inf.: ela contou... o pai dela a mãe dela falou pra mim ir pra lá::... aí eu falei que eu num queria ir ela falou “se/ seu eu num fosse lá... ela ia vim buscar eu” falei que num ia... ela falou que eu tava com medo do pai dela...

Doc.: uhum

Inf.: ela falou assim “não cê pode vim aqui em casa”... aí eu fui lá... c[u]nversei numa boa...
depois aí ele foi... deixaram eu posar lá...

Doc.: uhum

Inf.: posei lá no quar/ no quarto dela... numa boa ficou conversanØo

Doc.: uhn::... sobre o que vocês conversaram?

Inf.: a gente ia na igreja... rezar...

Doc.: uhn

Inf: nóØ foi e rezou::... depoiØ domingo nóØ voltou::... na igreja de novo pa rezar...
chegamoØ lá::... o padre foi e benzeu nós::... aí nós/ nós rezou mais bastante... depoiØ nós
veio embora

Doc.: éh:: que que o padre falou cê lembra na missa?

Inf.: num lembro falou tanto que num...

Doc.: ((risos))

Inf.: tudo o que ele falou

Doc.: como que foi lá me conta assim?

Inf.: ah:: na igreja foi b[ẽw]... ele rezou::... nossa bastante... aí depois... benzeu nós com
a água...

Doc.: uhum

Inf.: aí ficou b[ẽw]... agora graças a Deus num tá acontecenØo mais nada de errado

Doc.: ai que bom né?

Inf.: uhum ((concordando))

Doc.: então ta

NR

Doc.: então E... tenta lemBRAR... de uma história que alguém te contou... que você num tava lá... você tem irmãos?... uma história que seu irmão te contou que aconteceu com ele

Inf.: ixe... contou nada ainda... ele viaja muito pra fora o meu irmão

Doc.: éh:: e ele já te contou alguma vez de uma viagem dele

Inf.: ah ele só contou um dia que ele foi viajar o/... bateu o caminhão... aí o caminhão saiu assim fora da pista

Doc.: ele dirige caminhão?

Inf.: uhum ((concordando))... aí ele ficou com medo...

Doc.: uhn::

[

Inf: essa daí a história aí ele viajava... ele via/ viajava pra fora tamØém... tal com me/ mexia com remédio... mexia... aí:: ia viajar pra fora... patrão tem hora que pisava na bola com ele... num pagava cert[1]... ele ficava pra fora na cidade... meu irmão passou um sufoco tamØém

Doc.: é né?... e::... seus pais::... sua mãe seu pa/ sua mãe já te contou alguma coi::sa assim... de como ela conheceu seu pai::

Inf.: num conta nada

Doc.: e de quando você era criança ela contou alguma coisa que você fazia? cê num lembra?

[

Inf.: ah:: ela falava que eu Øprontava muito...

Doc.: é

Inf: quando que era criança... vixe::... taquei fogo na casa

Doc.: eh:: e como que foi esse dia que cê/ que tacou fogo na casa?

Inf.: quando que eu era pequeno ela saiu... aí eu fui lá e taquei fogo dentro do guarda-roupa...

Doc.: ((risos))... mas cê tinha quantos anos?

Inf.: oito ano

Doc.: e você lembra desse dia?

Inf.: lembro mais ou menos... faz tempo ixe

Doc.: ((risos))... e::... deixa eu pensar::... e aqui a professo::ra... daqui ela já te contou alguma história assim que aconteceu com e::la?

Inf.: não ela só contou a história de um livro aí

Doc.: ah o que que ela contou?

Inf.: o negócio do livro que::... ela viu o livro... aí o livro depois... tinha uma história linda... de uma/ de uma moça de um rapaz... que eles ficaram muito junto... e deu certo... ela falou que deu

Doc.: como que era a história cê lembra detalhes dessa história?

Inf.: não... num/

Doc.: só lembra disso?

Inf.: uhn... que ela falou ta:./ ela falou só um pedacinho

Doc.: uhum... tá bom obrigada E... e eles já te contaram alguma coisa... lá da onde eles trabalham... alguma conversa deles com o che::fe?

Inf.: meu pai só vivia briganØo com o patrão

Doc.: é?... ele já te contou de alguma briga dele com o patrão?

Inf.: o patrão::... já tá peganØo muito no pé dele e ele tá com o saco cheio o meu pai

Doc.: é?... como que foi uma briga que eles tiveram assim?

Inf.: por causa que meu pai fez um serviço lá na casa da mu[j]eØ po/ pôs um vidro já lá a mu[j]eØ re/ éh:: reclamou pra ele...

Doc.: uhn

[

Inf: e ele/ e ele num gostou meu pai...

Doc.: uhn

[

Inf: aí o patrão foi lá e ficou bravo com ele... próxima::/ próxima gracinha que fazia ele ia mandar embora

Doc.: uhn::... e ele sempre bi/ briga com esse patrão dele?

Inf.: todo dia

Doc.: ele contou de outra briga dele?

Inf.: vive brigando ele falou que ele tá cansado já de brigar com ele já... mas o home não manda embora... porque a única pessoa que faz o serviço certo é ele... ()

Doc.: uhn::... e sua mãe onde ela trabalha?

Inf.: de lavar roupa

Doc.: é? onde/

[

Inf.: lavar roupa em casa

Doc.: na sua casa... das outras pessoas

Inf.: uhum ((concordando))

Doc.: e ela já contou de alguma dessas pessoas que ela lava rou::pa assim?

Inf.: também não

Doc.: não... ela num/ nunca

[

Inf.: oh

Doc: brigou com ela?

Inf.: só só o ve[j]o que contou... meu pai

Doc.: é?... ah então tá... e::... e seus amigos assim?

Inf.: oh eles tava ven~~O~~o sábado agora que nós vai:: lá puma chác~~O~~ra nós vai...

Doc.: é

Inf.: uma festa que nós vai fazer

Doc.: uhn::... e eles trabalham?

Inf.: traba[j]a lá no Praça Shopping

Doc.: como que é o trabalho deles eles já contaram?

Inf.: traba[j]a de vender tênis

Doc.: éh... que que eles te contaram já lá?

Inf.: ah falou que... vende/ vende tênis o povo que entra lá... pede o tênis e ele tem que buscar...

Doc.: uhum

Inf.: pa::... oferecer po::... po cliente...

Doc.: entendi...

Inf.: aí ele vai e ganha dinheiro... o dinheiro que ele vende... o tênis que ele vende ele ganha dinheiro

Doc.: entendi... e ele já contou alguma história de algum cliente que foi lá:: e que deu ro::lo que brigou::?... (quando/)

[

Inf.: falou ficou normal... ele vende as coisa lá numa boa...

Doc.: é::?

Inf.:o povo lá gosta dele ((alguém falando ao fundo))

Doc.: uhn::... e ele nunca contou alguma história engraça::da... como que foi que ele arrumou emprego lá:: (ele num falou)?

Inf.: foi o pai dele que pôs ele lá

Doc.: é?... ele já contou como foi logo quando ele chegou lá o que aconteceu::?

Inf.: não

Doc.: não te contou?

Inf.: isso daí não ((alguém falando ao fundo))

DE

Doc.: agora eu queria que você penSasse... num lugar... num lugar que você gosta assim

Inf.: pescar

Doc.: pescar?... onde que você costuma pescar?

Inf.: lá no Rio Grande

Doc.: como que é lá no Rio Grande

Inf.: ah é b[ẽw]... divertido vixe

Doc.: é?

Inf.: é calmo sossegado né?

Doc.: como que é tem bastante ár::vore como?

[

Inf.: tem... bastante ár::v[i]... o rio lá é bonito... tem um

lugar pa dormir tamOém lá... tem o ran::cho... lá é b[ẽw] lá é gostoso

Doc.: como que é o rancho?

Inf.: o rancho é:: normal ca::sa... porta tem tudo... tem o/ os negócio... eh a::... os berço tem lá tamOém... tem tudo tudo tudo... tudo o que pensar lá

Doc.: como que é me explica assim pra eu tentar imaginar como que é esse rancho

Inf.: o ran::cho... perto do rio...

Doc.: uhum

Inf.: aí do rio lá... a casa é um pouquinho mai/ mais... pra cima... aí o rio é pra baixo né?... aí fica aqui aí... a cama... é perto do rio...

Doc.: uhum

Inf.: as porta um pouquinho mais pra cá... do lado esquerdo...

Doc.: uhum

Inf.: assim... tudo junto assim... que dorme... dorme um perto do outro...

Doc.: uhum

[

Inf.: dorme um pert[1] do outro lá

Doc.: entendi... então tá bom e:: aqui a escola qual é o lugar que você mais gosta daqui?

Inf.: ah eu gosto de estudar e de vim aqui né?...

Doc.: aqui

[

Inf.: pa ver é pa ver os livro

[

Doc.: na biblioteca?

Inf.: é

Doc.: então descreve pra mim essa biblioteca... fala os detalhes dela

Inf.: uhn::... o que que eu vou falar

Doc.: como ela é?

Inf.: ela é boa... bonita

Doc.: com/ me explica como são as pare::des as estan::tes

Inf.: parede é boa... estante... bonitão tam~~o~~ém::... tudo bonito... chama mais atenção

Doc.: é?... e como que é o jeito assim da pare::de a cor::... a cor da estante?

Inf.: a estante é cinza... a parede é branca... branca e verde... o lugar aqui é bom

Doc.: é legal... cê gosta

Inf.: é

Doc.: daqui... e a sua casa?

Inf.: minha casa é boa também

Doc.: como que é?

Inf.: ((risos))... normal uai... por::ta... cozinha... sala... varanda... corredor... banheiro... três quarto... tem dois carro na garagem... tudo junto

Doc.: como que é seu quarto?

Inf.: meu quarto?... é só:: é só meu... só minhas coisa que tem lá

Doc.: que que tem ... das suas coisas?

Inf.: guarda-roupa tem... televisão de vinte/ vinte e nove polegada... dvd::

Doc.: tem alguma coisa colada na parede?

Inf.: não::... num gosto dessas coisa

Doc.: não?

Inf.: é chato essas coisa

Doc.: tem me::sa?

Inf.: tem mesa na cozi::nha... tudo bonito

Doc.: uhn::... e uhn::... cê me falou que você gosta de::... ir no shopping

Inf.: no shopping jogar boli::che

Doc.: como que é lá o lugar onde joga boliche cê lembra pra me explicar?... na hora que você entra o que que você vê?

Inf.: a hora que eu entro...

Doc.: uhum

Inf.: vejo um monte de coisa... tudo divertido

Doc.: o que que cê vê?

Inf.: ah... vê os vidro... na parede grudada... vê a televisão... em cima... vê o chão... verme[j]Ø... verme[j]Ø e preto... a hora que cê vai começar a jogar tem que pegar a bola escolher a bola que cê joga...

Doc.: uhum

Inf.: aí cê tem que acertar a bola lá no nos negócio...

Doc.: uhum

[

Inf.: a hora que acertar cê ganha ponto

Doc.: a bola fica do lado assim onde fica a (bola)?

[

Inf.: do lado direito...

Doc.: uhn

Inf.: aí cê tem que marcar o ponto... marcar o ponto cê ganha

Doc.: uhn:: entendi... tá bom E. obrigada

RP

Doc.: então E. você vai me explicar como faz alguma coisa... você me falou que cê gosta de pescar num é? como que faz pra pescar... eu nunca pesquei... me ensina

[

Inf.: pega u/... pega uma vara... e uma minhoca... e joga dentro do rio... a hora que o peixe vim tem que puxar...

Doc.: uhum

Inf.: aí cê vai... pega o peixe... tira do anzol... e põe dentro do::... da cova... e joga dentro do rio de novo... é assim... pescar

Doc.: uhn... entendi... e:: num tem nenhuma preparação:: assim::?

Inf.: nã::o já vai pronto já na vara

Doc.: tranquilo?

Inf.: certinho

Doc.: e boliche... quais são as regras do boliche?

Inf.: ah:: ali tem que... prestar atenção certo... então cê perde

Doc.: é?... como que é?

Inf.: joga uma pessoa primeiro... depois joga a outra... aí depois a pessoa senta e vai a outra pessoa... vai uma atrás da outra... a pessoa que errou... perde o lugar... aí a outra pessoa que vai:: no lugar da pessoa que errou... aí vai inØo...

Doc.: uhum

Inf.: desse jeito

Doc.: e quem ganha?

Inf.: quem ganha é o último... quem acertar o último ganha...

Doc.: uhn

Inf.: aí marca ponto

Doc.: entendi... uhm:: cê mora aqui perto da escola

Inf.: perto do mercado América

Doc.: cê con/ segue me explicar como que eu faria pra chegar na sua casa... sai daqui da esco::la

Inf.: sai da escola... passa a Fernando Costa... vai reto... passa na frente do mercado América... não na primeira não na segunda... a terceira sobe... na rua do Machado... subinØo...

Doc.: uhn

[

Inf.: quatrocentos e oito

Doc.: uhn::... entendi... e::... como que é o seu dia assim o que que você faz?... cê acorda e aí?

Inf.: já acordo... tomo banho almoço e venho pa escola

Doc.: mas me explica detalhes... cê acorda... aí você escova os dentes

Inf.: escovo os den::tes... faço um pouquinho de giná[]tica dePOIS que eu venho pa escola...

tomo um ba[1]... depois eu venho pa escola

Doc.: e depois?

Inf.: depoiØ chego aqui na escola... a professora faz nós rezar.. depois nós começa estudar

Doc.: e?

Inf.: uhn?

Doc.: e depois?

Inf.: nóØ estuda... a hora do recreio depois nós descansa um pouco depois com/ continua de novo

Doc.: e aí?... depois cê vai pra sua casa

Inf.: vou pa minha casa

Doc.: e aí?... que que cê faz na sua casa à noite?

Inf.: chego em casa depois assisto Malhação

Doc.: ((risos)) de/

[

Inf.: aí depois oito horas eu vou po posto... os amigo já tá marcado né?

Doc.: ((risos))... aí cê fica no posto até tarde?

Inf.: até três hora... depois eu venho embora

Doc.: chega lá no posto que que cês fazem na hora que cês chegam?

Inf.: ah:: nós chega lá tem que esperar os cara chegar os cara chega aí nós vai lá e compra vodka...

Doc.: uhum

Inf.: vodka com laranja... pa beber... aí fica bom...

Doc.: ((risos))

Inf.: fica gostoso

Doc.: aí bebe depois vai embora?

Inf.: não:: fica mais lá... nó~~o~~ fica até tarde conversan~~o~~o lá a hora que vai ver já é três hora
depoi~~o~~ vai embora

Doc.: ah:: ((risos)) entendi

Inf.: é b[ẽw]

Doc.: é legal?... ((risos))... tá bom E. obrigada

Inf.: nada

RO

Doc.: E. eu quero saber... a sua opinião... a sua opinião sobre essa escola... o que que você
acha daqui o ensi::no como que é os professo::res?

Inf.: é b[ẽw]...

Doc.: é?

Inf.: tá ensin~~o~~o certinho as coisa

Doc.: é?

Inf.: é

Doc.: e você acha que é importante estudar?

Inf.: é

Doc.: por quê?

Inf.: se num estudar num arruma serviço... tem que estudar cert[1]... se num estudar... não faz o curso... do livro... tem que fazer o livro... pa:: passar de ano..então não faz... por isso que tem que estudar...

Doc.: uhum::

Inf.: e nós tá fazenOo::... a quinta... pa passar... agora esse ano agora nós vai entrar no livro...

Doc.: uhn

Inf.: pa ver se passa de uma vez

Doc.: entendi... e você acha que é importante estudar?

Inf.: é... pra mim é

Doc.: uhn... e::... cê me falou do shopping né? que você gosta de passear no shopping que que você acha do shopping de Rio Preto?... ele é legal

Inf.: é

Doc.: cê gosta?

Inf.: o melhor... o melhor shopping de Rio Preto é aquele lá

Doc.: é?... porque o que que ele tem que você acha que éh... faz:: ser melhor

[

Inf.: o Bola Sete o::... como fala meOmo?

Doc.: o boliche?

Inf.: boliche

Doc.: uhn::

Inf.: o Bola Sete quando que tinha antes eu ia tamOém no Bola Sete...

Doc.: uhum

Inf.: mas aí Ocabou

Doc.: entendi... e o posto?... por que que cê gosta de ir no posto?

[

Inf.: ei... o posto lá é b[ẽw]

Doc.: o que que tem lá porque que cê gosta?

Inf.: os amigo vão tudo lá os amigo...

Doc.: é?

Inf.: vai lá zoar nós vai

Doc.: ((risos)) e é legal lá?

Inf.: é:.... vai um monte de amigo lá... fica lá até as três hora da manhã... lá é b[ẽw]

Doc.: é o lugar que você acha mais divertido aqui em Rio Preto pra ir?

Inf.: o posto e o shopping... só

Doc.: o que que faz o posto ser divertido?

Inf.: ah... aparece umas amiga lá tam~~o~~ém e fica conversan~~o~~o... numa boa... mas num faz nada de errado não

Doc.: aham... e os seus amigos como eles são eles são legais são amigos que você pode contar num momento difícil?

Inf.: legal... é legal pra caramba

Doc.: é?... você acha importante ter amigos?

Inf.: é

Doc.: por quê?

[

Inf.: eu acho... por causa que amigo dá apoio né?...

Doc.: uhum

Inf.: qualque~~o~~ coisa ele dá apoio... “não num é assim num é assim”... vai dar ajuda

Doc.: tá bom então E.... obrigado

Inf.: nada

A3

NE

Doc.: então pra começar cê me conta uma:: uma narração de experiência pessoal

Inf.: então eu vou contar:: de quando eu prestei ve[]tibular assim... e::... bom eu num tinha feito cursinho nada porque eu num tava muito intereSSAda assim em passar... éh:: e num tinha essa cobrança nada né? tava indo pro terceiro a::no e::... eu tava:: na escola pública tal então até minha mãe falava “ah não num:: presta ve[]tibular” ganhei a inscrição tamOém num paguei nada ((risos)) minha mãe falou “presta ve[]tibular só pra você ter uma noção daí o ano que vem aí cê faz cursinho e::...e aí sim você né? vai aí... cobra/ cobra-se um pouco ma::is e você tenta éh::... aí você tem mais uma::... um motivo a mais pa passar porque você fez cursinho” eu falei “é:: tudo bem então” aí eu até tinha feito a prova do ENE::M... que::... que foi n/ é no ano né? de dois mil e DOis... quando eu prestei ve[]tibular... aí... na prova do ENEM eu fiquei super nervosa num sei porque assim ((risos))... que outra vez eu tinha feito ENEM e num tinha ficado nervosa... aí me deu me deu dor de cabe::ça... ai a boca ficou se::ca na prova do ENEM tudo... aí eu falei “puta... quando eu for prestar o ve[]tibular então eu vou::... eu vou ter um troço

[

Doc.: um treco

Inf.: ((risos)) vou ter um troço vixe Maria” mas aí eu peguei ah:: no dia do ve[]tibular::... eu fui tranquila assim sabe?... ah:: ainda tinha que ir de ônibus dava mais nervoso de ir de ônibus do que

[

Doc.: aham ((concordando))

Inf.: de fazer prova tudo... aí eu fiz tranquila tudo... eu pensava que era uma bicho de sete cabeças assim todo mundo falava “ve[]tubular faculdade pública num sei que num sei que”... e eu falava “ai meu Deus do céu eu que nu::m num sei de nada tô cainØo de paraquedas”...

Doc.: cê nunca tinha visto uma prova de vestibular... antes

Inf.: ah minha mãe levava uns cadernos pra mim mas eu nem me interessava assim em ficar venØo muito assim... e:: eu não eu tinha noção de como que era tudo mas assim aquela coisa “ah é difícil difícil difícil” aí fiz o primeiro dia... e num achei TÃO difícil assim... ou melhor é difí::cil mas assim eu num achei tã::o fora do meu... alcance

Doc.: ()

Inf.: é aí eu peguei num:: fui tão mal assim... aí eu fui até mais confiante no segundo dia só que aí tinha que ser... tudo escrito né? tudo dissertativo... aí eu pegue::i... aí (tinha) assim um pouco mais apreensi::va mas só que:: aliás até no primeiro dia era a final do campeonato brasileiro ((risos))

Doc.: ah ((risos))

Inf.: que o Santos tava joganØo né?... o Santos tava na final... eu fiquei morrenØo de raiva de fazer a prova pu::ta que pariu... sabe? ((risos)) tava com raiva... aí no segundo dia eu fui mais... um pouco mais assim porque aí eu até num achei também tã::o difi::cil...

Doc.: aham ((concordando))

Inf.: é:: eu falei “pu::ta se eu num passar pelo menos num vou ficar muito longe de quem passou né?” aí terceiro dia tamØé::m foi normal num achei tã::o difícil assim o ENEM que tinha sido::... assim tipo num tem

Doc.: tanto peso

[

Inf.: tan::to tanto peso assim tanto VALor assim tipo “eu passo ou num passo passo ou num passo” eu fiquei nervo::sa ah:: e no ve[]ticular não tanto acho que mais pela falta de cobrança só que aí... o interessante foi TEr saído de lá:: assim com essa noção de que seu eu num passasse eu num ia ficar::... muito longe né?... de quem passou... ((barulho de buzina))
 éh:: e/ aí eu... sabia... um cursinho que eu fize::sse já::... já seria BEM mais fácil de entrar assim... sabe? eu... eu já tinha ido u/ relativamente bem no ano que eu nem estudei num fiz nada... aí no outro ano... eu até poderia tá passanØo então assim isso me deixou bem mais tranquila... só e só o que aconteceu porque daí eu nu::m... :: eu num fiquei... eu num passei direto que eu fiquei na lista de espe::ra...

Doc.: uhum ((concordando))

Inf.: né?... nossa mas a hora que eu fiquei sabeno que eu fiquei na lista de espera... eu nem acreditava assim... meio (que cê vai ser) de outro mundo né? tipo “nossa eu num vou me inserir nunca nisso”

Doc.: aham ((concordando))

Inf.: até porque eu nem tinha feito na::da pra isso... aí::... éh:: hora que eu soube eu::... ah achei legal tudo mas eu fiquei com raiva porque... porque daí cê fica na lista de espe::ra e::... e:: ai às vezes a/ a gen/ (gente) fica com raiva na hora a gente fala “puta melhor num passar né?”

Doc.: aham ((concordando))

Inf.: ... do que ficar na lista de espera e::... ficar nessa agonia que daí sim dá uma agonia tremenda... e no outro ano um ano antes de mim eu fiquei em quarto na lista de espera um ano antes de mim... entraram quatro pessoas...

Doc.: uhum ((concordando))

Inf.: aí eu falei “não muita coincidência se esse ano entrar... entrarem... ma/ entrar mais quatro pessoas... né? eu sou a quarta” aí cê fica “puta vai que entra três e a:: besta ai/ que que

adianta ter ficado em quarto e em último lugar num... é a mesma coisa né?" ... aí deu certo tudo que eu entrei né? fiquei em quarto... mas... aí foi legal num sei eu acho assim num sei se foi cedo de eu entrar na faculdade porque eu tava saindo do colegial... então é um/ uma coisa assim... é um... trunca/ um truncamento assim na vida/ na vida né? no nos tipos de coisas... nas vida que você leva... mas... ah éh até que danço pra acompanhar tudo então deve ter sido a hora certa

Doc.: e não ter que fazer cursinho também é uma boa né? ((risos))

Inf.: é também né? porque cursinho a pessoa mesmo se cobra né?

Doc.: aham ((concordando))

Inf.: a gente mesmo num/ bota essa cobrança tô com umas amigas fazendo também... aí elas chegam numa situação um pouco chata assim né?...

Doc.: uhum ((concordando))

Inf.: chata no sentido de... não de... é chato porque:: tem que ficar estudando nada mas ai a gente mesmo... se coloca numa condição de muita cobrança eu acho

Doc.: aham ((concordando))

Inf.: né?... ai é muita pressão e... ainda mais quando cê paga pra fazer o cursinho nossa... aí entra a questão financeira também... então... é foi um... foi um alívio foi um

Doc.: tirou um peso

Inf.: é tirei um peso e... é foi bom é isso ((risos))

Doc.: tá certo

NR

Doc.: agora a gente passa pro último que é a:: narrativa de experiência recontada

Inf.: eu vou falar de umas histórias que minha avó contava pra mim assim conta até hoje... e:: só que a/ é vou até misturar um pouco as coisas assim as histórias que ela conta

Doc.: uhum ((concordando))

Inf.: mas tudo tem o mesmo::... éh ((falando baixo)) ah tudo do mesmo luga::r assim então

Doc.: ahm

Inf.: dá pra ligar né?... que ela contava principalmente ((risos)) ela conta até hoje ela insiste nessa história que tip/ ah é/ lá do Ceará essas história...

Doc.: aham ((concordando))

Inf.: tem hora que/ minha família é:: é do Ceará... daí ela conta que lá tinha uma cobra... que eu morro de medo de cobra

Doc.: aham ((concordando))

Inf.: pavor da minha vida... tinha uma cobra l/ lá::... que comeu um boi... só que assim a gente SAbe? que cobra come boi normal

[

Doc.: aham

Inf.: beleza... assim já ouvi mesmo já vi:: fatos jornalí[]ticos... só que ela num/ só que aí a cobra come boi mas a cobra::... maceta o boi né?

[

Doc.: aham ((concordando))

Inf.: quebra tudo os ossos e maceta ele dentro dela... só que meu avô fala que boi ficou inte::iro e o boi até mugia dentro da cobra

Doc.: ficou em pé lá dentro? ((risos))

[

Inf.: é:: ficou em pé lá dentro tipo o boi anDAva dentro da cobra

[

Doc.: aham ((concordando))

Inf.: ela acredita nisso (até)... ah mas num é possível... senão a cobra ia ficar com três metro de altura assim

[

Doc.: aham ((concordando))

Inf.: de:: de comprimen::to né?... aí eu ficava imaginanØo... só que quando eu era pequena eu ficava imaginanØo e... morrenØo de me::do né?

Doc.: aham ((concordando))

Inf.: no::ssa... eu era:: eu sei que a cobra num ia comer o boi desse jeito... aí minha avó falava que se você éh... estendesse a cobra tamØém ela passava de um pré::dio assim::... daí eu fiquei pensanØo que lá no Ceará... no/ no Caculé né?..

Doc.: aham ((concordando))

Inf.: nem tem prédio ((risos))... aí ela falava das casas aí tinha um cara tamØém que ela falava que::... ele subia na ca::sa e descia com um guarda chUva ...

Doc.: aham ((concordando))

Inf.: ele descia ele pulava da casa com um guarda chuva assim sabe?

Doc.: voando de guarda chuva ((risos))

[

Inf.: voando de guarda chuva e ela conta também uma vez que ele tava numa casa lá no sítio... e apareceu uma onça ...

Doc.: uhum ((concordando))

Inf.: e a onça... queb/ tava... não ela tava nu/ numa casa... e apareceu uma onça aí essa casa num tinha segurança... daí eles tiveram que ir pra outra casa atravessar um riozinho tudo... então foi a família aquele monte de filho atravessar o rio... pra chegar na outra casa... por causa dessa onça que tava rodeanØo...

Doc.: uhum ((concordando))

Inf.: daí a onça chegou nessa outra casa também depois deles... e aí ela ficava batendo na porta assim né? querendo... quebrar tudo... e foi uma/ ela contou isso como uma situação de MUITO medo assim na vida deles né?

[

Doc.: aham ((concordando))

Inf.: lógico... se fosse comigo também eu:: já entrava em pânico... mas aí essas histórias que minha avó conta aí... ela conta de uma família da família do Borges... lá do Ceará:... que o Borges era um:: cara muito bravo assim sabe?

[

Doc.: aham ((concordando))

Inf.: aqueles (tipo) mandão assim sabe?... aí qualquer coisinha que todo mundo qualquer coisinha que alguém falava ele falava assim “o nega do cu roxo” a ((risos de Inf. e Doc.))... (ela falava muito isso)... então qualquer coisa... aí minha avó guardou isso então ela sempre fala também isso qualquer coisa

Doc.: aham ((concordando))

Inf.: e ela me conta isso há há muito tempo assim mas eu sempre lembro qualquer coisa eu falo do Borges pra ela sabe?

Doc.: aham ((concordando))

Inf.: ela fala da família Borges... é:: deixa eu ver:: alguma coisa mais que ela contou... vixe minha vó é cheia de história (no::ssa) e aí tem essas cabulosidades assim que cê fala “ah mas isso num existe assim então”

Doc.: é

Inf.: e ela conta tipo eu num vou falar pra ela assim né? “ai vó como... como assim uma cobra comeu um boi e:: o boi ficou lá dentro mugindo” mas... ela conta e acho que ela acredita nisso... aí minha avó contou também uma vez... aí meu avô...

Doc.: aham ((concordando))

Inf.: ele contou que ele tava na::... numa casa lá tinha mu/ eu num lembro num sítio... lá no Ceará também... aí de repente parou um caminhão:: na estrada... um estradão assim de Terra... pa pedir informação né?... daí tava ele e o:: M. que é o irmão dele... aí eles foram lá ver e era o Luís Gonzaga que tava no caminhão... aí meu

[

Doc.: ahm

Inf.: avô a/ no::ssa ele guarda isso assim né? como um... super legal que ele já viu

[

Doc.: ahm

Inf.: o Luís Gonzaga... é ele tava lá e ele falou:: aí o Luis Gonzaga pediu... uma informação lá tudo... aí meu avô contou nossa eu... até acho muito legal sabe?... puta que ()... aí meu avô já viu o Luís Gonzaga tudo ((risos)) no

Doc.: aham ((concordando))

Inf.: Ceará... éh... a::í... nossa num... num tô lembrada mais de nenhuma história

Doc.: e eles contam d/ assim eles vieram pra cá:: sua família eles contam como

[

Inf.: é

Doc.: eles vieram ou não

Inf.: não porque é... eles... eles eram muito migrante então::o

Doc.: aham ((concordando))

Inf.: cada filho nascia num lugar assim... porque aí eles vinham pra cá minha avó engravidava voltava... aí tem uns a/ a maioria dos filhos nasceram lá no Ceará mesmo mas aí tem meu tio que nasceu... aqui no estado de São Paulo mesmo meu tio mais no::vo... que que foi quando eles vieram definitivamente pra cá... que::... vieram naqueles esquema né? de ônibus aí depois chegava pegava charrete aqui... e aí te::m... ai nossa passaram o maior aperto aqui minha vó minha vó conta da casa dela que eles moravam que dormia numa cama dormia quatro filho assim sabe?...

Doc.: uhum ((concordando))

Inf.: e:: e... foi muita foi muita pobreza né? pobreza de m/ miséria mesmo né? ai mi/ minha mãe falava que... ela só tinha um calça::do né? um havaiana só... e era de quando saía... ela fala... e meu vô era tamØém muito durã::o assim... meu vô num falava as coisas pos filhos e mandava minha vó falar

Doc.:uhum ((concordando))

Inf.: aí minha avó que saía como chata até hoje... ela que era a chata porque ela que num deixava sair:: ela que num deixava namorar::... éh:: começava estudar::... tinha que parar pra trabalhar e minha vó que era chata porque meu vô só falava pa minha vó minha vó tinha que falar (pros filho)

[

Doc.: era porta voz

Inf.: era porta voz e ela ficou como chata né?

Doc.: uhum ((concordando))

Inf.: e:: quando... fazia tempestade tamØém que ia todo mundo pra baixo da me::sa assim porque a casa era tudo::... né? num tinha:: num tinha segurança assim... era be::m bem precário mesmo... então ela conta de/ dessas mu/ dessa coisa... dessa::... desse passado bem:: bem pobre mesmo de quando eles chegaram aqui... e aí foi mudanØo quando os filhos

foram... casa::ndo tal e aí... começaram... trabalhar e::... puderam dar::... né? proporcionar uma vida melhor assim tanto pra eles mesmo como pa minha avó e pó meu avô que hoje eles... tem uma casa pró::pria e::... mas as histórias continua vixe

Doc.: ah pra sempre ((risos))

Inf.: é e ela con/ e ela ins/ e ela continua insistin~~O~~o ne/ nessas cabulosidades aí que eu... acho::... interessante... (risos)

Doc.: então tá C. ()

DE

Doc.: a gente passa agora pra descriçã::o de:: um ambiente então

Inf.: é tipo eu vou:: falar sobre o meu quarto... bom meu quarto é peque::no... é::... quadradinho assim bem quadradinho

Doc.: uhum ((concordando))

Inf.: ma::s é super pequeno... e é e::... lá sa/ assim eu e minha irmã a gente divide o quarto eu/ minha irmã::... gêmea... a gente divide o quarto... e::... aí fica uma cama do lado da outra... uma:: uma prateleirinha assim cheia de:: u/ um monte de treco e poeira ((risos)) no meio

[

Doc.: normal

Inf.: (que lá no Cristo Reis)... nossa senhora tem muito pó e aí peg/ ah aí a gente dorme assim do la::do aí tem um guarda-roupa aqui ((gesticulando)) a por/ guarda-roupa aqui não ((risos)) o guarda-roupa na frente das ca::mas... e a porta... meio de lado assim ((gesticulando))

Doc.: uhum ((concordando))

Inf.: a janela em cima da prateleirinha... e aí aconteceu que... a are::ia que fize::ram o rebo::que da minha ca::sa... éh::... num sei que aconteceu mas ela devia ter bi::cho... então deu

mofo na parede né? então começou a:: a ficar úmido assim embolorado... aí teve q/ aí éh:: teve que quebrar o rebo::que assim tirar um pouco do reboque tudo... então... passou outro reboque então o quarto tá meio manchadão assim porque tem... aquela parte cheia de::... no reboque

Doc.: aham ((concordando))

Inf.: e a outra parte pintada que ele é azul... que antes tinha um papel de parede embaixo daí a hora que tirou o papel de parede a gente viu que tava aquele (cheio) aquele mofo e como eu e minha irmã a gente tem bronquite num pode ter essas coisa de mofo e aí junta... ácaros e fungos e tal... e meu quarto e éh::... porque na minha casa tem um quarto maior... que é o que minha mãe dorme que daria muito bem pra eu e minha irmã/ minha irmã:: dormirmos mas só que a gente ia ficar a gente ia ficar com mais espaço só que a:: esse quarto maior tem pouca luminosidade e a gente... por causa da bronquite tem que ter claridade essas coisa e tal então a gente dorme no menor... ((barulho de veículo passando)) só que... aí a gente pensou em mudar também esses dias mas num vai mudar então assim... agora o/ a solução vai ser uma beliche... então a gente vai comprar uma beliche e vai colocar onde fica minha CAma... éh:: vai colocar a beli::che... e aí vai diminuir um bom tanto assim o espa::ço... sei lá dá pa colocar uma poltroninha alguma coisa assim... é lug/ e aí sim o guarda-roupa meu guarda-roupa é MUito bagunçado... porque eu sempre arrumo mas num num mantenho né?

Doc.: uhum ((concordando))

Inf.: entã::o... aí eu chego e joga as coisa... aí minha m/ meus matéria::is assim às vezes ela:: a hora que eu chego tarde a roupa que eu tiro eu coloco éh em cima tudo em cima da cama aí a hora que vou dormir eu coloco no chão... aí eu acordo e volta pra cama então meu material fica do chão pra cama assim toda hora... porque no meu guarda-roupa num tem espaço... ah... minha irmã consegue fazer espaço eu não né?... aí... e tem também:: ah no criado tem u/ no criado tem um monte de:: daqueles negocinho que brilha sabe bem furreca ((risos))

[

Doc.: ah tá que/ de estrelinha?

Inf.: exatamente...

Doc.: uhum

Inf.: bem comum de néon que hora que cê apaga a luz brilha...

Doc.: uhm

Inf.: acaba fican~~O~~o só cinco minutos brilhan~~O~~o e num

[

Doc.: uhum ((concordando))

Inf.: num presta muito... tem um ventilador também... feio... branco... do Paraguai ((risos))
mas a gente vai retirar de lá porque ele tam~~O~~ém num faz... num tem... muito muita serventia
não

Doc.: é de teto?

Inf.: é ventilador de teto... só que ele num tem muita serventia não porque... quase num faz
vento sabe?

Doc.: aham ((concordando))

Inf.: só abafa o ar quente que tá e:: aí piora tudo... e agora tam~~O~~ém... tem muito pernilongo...
a gente a/ acorda tromban~~O~~o em pernilongo

Doc.: uhum ((concordando))

Inf.: e eu acho que é porque eu moro perto de um pasto lá ((risos)) e::

Doc.: favorece

Inf.: favorece né? o acúmulo de insetos... não tem muita sa/ é a época tam~~O~~ém tá calor... tem
muito pernilongo... e::... que mais que eu vou... ai em cima do guarda-roupa tem um monte de
coisa... caixa de sapato essas coisa... faz um regaço ((risos))

Doc.: todo guarda-roupa tem caixa de sapato

[

Inf.: é caixa de sapato tem mochila tem uma mochila da minha irmã que ela joga... tem minhas joelheiras... é aí do lado do guarda-roupa tem uma estante uma prateleirinha... onde fica os calçados...

Doc.: uhum ((concordando))

Inf.: aí tem um monte de calçado assim... é:: tê::nis... chinelo essas coisa... atrás as/ aí na porta tem um um um desenho assim de um carinha... meio... meio chapado assim

Doc.: aham ((concordando))

Inf.: é:: desenhado no giz de cera e mais uns uns símbolos da paz assim vários símbolos da paz do lado... aí no no no lado contrário da porta tem... mais uma coisinha de colocar sapatos assim

Doc.: uhum ((concordando))

Inf.: e:: dependurado no ventilador umas fitas duas fitas de cetim colorido ((risos))

Doc.: ham ((risos))

Inf.: e uns espelinhos que eu peguei e fiz num num fio de *nylon* coloquei vários espelinhos assim daí ficam girando... aí tem umas fadinhas penduradas também perto da janela... uns murais na parede... cheio de fotos essas coisas... tem um cartaz que eu peguei... lá no Instituto de Arte de São Paulo... que eu é::... sobre teatro assim uma árvore bonita... e::...

é e algumas coisas a mais que minha irmã prega assim essas/ e na janela tem uns desenhos também assim coisa já acumulada de tempo ((alguém dando gargalhada)) mas a gente tá pa modificar tudo isso então... é::... vai durar pouco assim sabe?

Doc.: aham ((concordando))

Inf.: aí o quarto vai s/ ser modificado daqui um tempinho

Doc.: é isso o quarto?

Inf.: é eu acho/ eu posso ter esqueci/ eu acho que eu esqueci várias coisas mas depois eu lembro

Doc.: não mas tá bom

Inf.: então tá

RP

Doc.: agora a gente passa pro relato de procedimento então

Inf.: eu vou:: falar:: como você faz pra ir daqui na faculdade... até minha casa de carro...

Doc.: uhum ((concordando))

Inf.: bom então cê sai aqui na a/ aqui na frente... e pega essa rua aqui da frente até a:: Nossa Senhora da Paz...

Doc.: aham ((concordando))

Inf.: que é pra você ir pra B.R... daí é fácil até chegar na B.R é fácil... daí cê... pegou a B.R. vai reto até::... a igreja de São Judas Tadeu... e:: pode sair na primeira ou na segunda saída... que:: tem a a ponte do Laranjão... né? o o::... o viaduto lá a passarela do Laranjão... aí tem uma uma saída a::ntes e uma depois... que é quase lá no:: no bairro Mansur Daud... aí dá po cê ir po/ por qualquer uma das duas a de cima é melhor por causa do::... trânsito ali da passarela

[

Doc.: uhum ((concordando))

Inf.: ali do viaduto... aí cê... aí hora que você v/ virar pra entrar no:: no viaduto... vai ter uma::... vai ter uma pa/ uma saída livre assim... que te/ que ali e/ o pessoal chama de queijo Rex... aí cê vai pegar uma que vai lá pra cima pro bairro Romano Calil...

Doc.: uhum ((concordando))

Inf.: aí é:: logo que cê já vira a esquerda... é bem rápido assim é um espaço pequeno então cê já virou... no viaduto cê vira... depois à esquerda pra pegar a avenida de Maio... que também é conhecida assim ali né? então num tem erro... aí cê pegou a avenida de Maio vai reto reto reto reto... até o prolongamen/ em que tem essa parte assim... a primeira parte dela é::... mão dupla... aí logo ela já se divi/ se divide... e fica::

Doc.: duas mãos

[

Inf.: é como é que fala? é duas mãos... aí cê vai até/ aí vai passa pela Caic vai passar os predinhos da Caic assim... aí cê vai até chegar no Cristo Rei... aí vai ter um balão::... tem a avenida que sobe pro *Carrefou::r...*

Doc.: uhum ((concordando))

Inf.: e::... e uma que vai pra Vila Toninho que é a continuação da avenida de Maio aí ce pode pegar... ir pelos dois caminhos... se você for... pelo caminho do Carrefour pela avenida do Carrefour... cê conta que lá no Cristo Rei é mais fácil... rua um dois assim... então... porque é be::m... bem ordenado as ruas (lá)... são bem ordenadas assim... aí cê/ a minha é a rua dois... a rua um::... num tem:: só tem casa de um lado... nos outros caso é/

[

Doc.:

uhum ((concordando))

Inf.: do outro lado é pasto assim sabe?... tem a linha do trem lá em baixo assim... aí a rua dois a rua um só tem casa de um lado a próxima já é a rua dois... porque tem gente que confunde... que... aí num casa dos dois lados então conta né? a rua dois como um...

Doc.: uhum ((concordando))

Inf.: aí... então... hora que você vai pela do Carrefour... logo que a primeira cê já entra à esquerda... aí desce seis quarteirões o meu é o terceiro quarteirão... tanto de baixo pra cima quanto de cima pra baixo... então é o quarteirão do MEio da rua... na/ a minha casa é o

número quinhentos e sessenta... que agora tá de portão azul né? que meu pai pintou na greve do fórum... e::... éh/ e mudou a janela também que antes tinha uma janela... enorme que parecia uma porta agora a janela é::... quadrada assim tá mais bonitinha

[

Doc.: uhum ((concordando))

Inf.: tem tijolinho na frente... a minha casa... bem pequenininha também... e aí que você for pela o/ pela outra rua... que é o prolongamento da avenida de Maio que vai pra Vila Toninho... éh:: cê pega até chegar no linhão na avenida do linhão que é onde tem aquelas... torres de energia elé::trica

[

Doc.: uhum ((concordando))

Inf.: assim... que::... é que também corta o bairro...

Doc.: aham ((concordando))

Inf.: ela corta o bairro... aí cê pega vira pra::... vira nessa avenida do linhão e já vira a próxima à esquerda que seria a rua que você... ia desce[r] tamØém se tivesse ido pelo do *Carrefour* que é minha rua rua dois... e:: aí é fácil depois pra voltar também é fácil de qualquer lugar porque tem a/ a Washington Luís ali pe::rto...

Doc.: uhum ((concordando))

Inf.: então dá pra descer a rua até o final pegar... é::... a última rua lá do Cristo Rei... se você seguir a última rua lá do Cristo Rei... retinho vai parar na marginal da Washington Luís... e aí é mão pra qualquer lado da cidade

Doc.: uhum ((concordando))

RO

Doc.: agora a gente vai pro relato de opinião

Inf.: é eu vou falar sobre a seleção brasileira de vôlei não só porque ganhou:: a medalha... de ouro olímpica ma::s... que eu até acompanho assim... que::... bom éh eu achei assim né? que a medalha foi super mereci::da

Doc.: uhum ((concordando))

Inf.: por causa por conta do trabalho que eles fize::ram tudo... durante anos porque... no vôlei não dá (tipo assim)... querer mu/ formar uma coisa:: pegar todos os estrelinhas de vários times e... ai põe pra jogar junto e pronto... é::... isso num é garantia de sucesso assim de forma nenhuma... tem que ter um trabalho em conjunto né?... e:: foi o que o:: técnico Bernardinho fez agora que ele tá trabalhanØo com esses jogadores há:: muito tempo assim... alguns são bem velhos já de carreira... alguns são mais novos... é até legal ele mesclar assim porque... a experiência dos mais velhos vai ser passada com certeza pros mais NOvos... e assim por diante né?... assim como tamØém os mais velhos tem muito a aprender com quem é mais novo

Doc.: uhum ((concordando))

Inf.: entã::o ele tá fazenØo esse trabalho já há um te::mpo... e:: durante esse tempo ele tem ganho também... é:: várias ele ganhou também várias outras... outros títulos do mundia::l... da copa tudo da liga... e::... é esse esse ouro nas olimpíadas agora... é:: foi só u::m... ah retribuiu... um trabalho que merecia mesmo

Doc.: uhum ((concordando))

Inf.: então... acho também que a/ éh::... é bem merecido também por causa da::... do:: da conduta do próprio técnico... que:: trata os jogadores... todos assim de forma igual né? num tem nenhum assim... que é considerado mais... éh:: porque é mais visto na mídia ele num trata diferente

Doc.: mais antigo

Inf.: é exatamente ele tem uma filosofia mesmo... ele coloca uma filosofia... de:... uma:... ele dá uma visão... de competição né?... pro time que num é aquela visão de “ah tem que ganhar porque tem que aparecer nos jornais e conseguir trazer esse ouro que num sei que num sei que” não é é por uma:... um/ uma auto-afirmação mesmo de que... éh:: quem ganha... é:... é porque fez um bom trabalho pra isso né?

Doc.: uhum ((concordando))

Inf.: entã::o se você dá cem por ce::nto... você é/ é o/ que ele mesmo fala “se você der cem por cento e perder” você fala “puta mas... pelo menos eu:: é:: eu fiz o melhor” quer dizer que o time... o outro time fez cento e u::m ou entã::o o cem por cento dele... deu melhor nesse... éh:: nessa ocasiã::o né?

Doc.: uhum ((concordando))

Inf.: agora se você dá noventa por cento você vai ficar se lamentanØo por causa dos outros dez por cento... é sempre assim... entã::o acho muito legal o trabalho que ele tá fazendo... e que:: ele vai já falou que vai manter num é porque agora tamØém ganhou que aí... eles ele vai ficar até mais quatro anos... até as olimpíadas de dois mil e oito ele vai ficar na seleçã::o... pra manter esse trabalho e tentar... né? novamente... várias outras glórias assim... e::... até o::s jogadores... até por por tere::m... ganho a meda::lha assim eles num... num entram naquela uma de estrela::to e tal... porque até o André Nascimento veio aqui em Rio Pre::to

Doc.: aham ((concordando))

Inf.: é:: segunda-feira e ele é super gente boa super legal assim... falou com todo mu::ndo... e::... ah e vôlei ele é muito da hora né?... ((risos)) mas aí te::m... tem sempre igual aqui em Rio Preto... aqui em Rio Preto os times... são formados assim... é:: tem o time da UNORP que é o time da cida::de né?... da::... éh::... daí eles pegam... e contratam jogadores de fo::ra... que num tem... éh::... porque aqui num tem... nenhuma categoria de base num tem

[

Doc.: hum

Inf.: escolinha... então... as... as escolinhas que tem são mantidas pela prefeitura... num tem escolinha assim de::... de formação continuada né?

Doc.: hum

Inf.: as escolinhas que tem são mantidas pela prefeitura e::... chega num certo ponto muda o Técnico ou então num tem verba PÁ::ra... e:: e assim vai inØo então nunca tem uma continuidade...

Doc.: uhum ((concordando))

Inf.: é aí ch/ chega um ponto que nunca vai ter atleta pro time daqui então vão ter que buscar fora só que também num tem a preocupaçã::o... de fazer uma categoria de ba::se... pra aí... mesmo que não nan/ num v/ nu/ num tem... que ter o objetivo de... formar::... jogadores... produzir jogadores pra poder... vender e *et cetera* mas simplesmente pra... éh::... pra ter éh pra ter essa continuidade porque... todo bom time deveria ter uma categoria de base pra ir forma::ndo... porque vai chegar um ponto que num vai ter mais... nem sequer levantado::r

Doc.: uhum ((concordando))

Inf.: o pessoal num/ geralmente num gosta muito dessa posição... e:: acabam ficando tamØém na seleção feminina que agora... a hora... éh:: na hora que a levantadora... titular aposentar assim né?... parar de jogar... num vai ter muito quem escolher:: dentre os times aqui do Brasil porque... num tem ninguém que se destaca nessa:: nessa posição aInda... justamente por num ter por essa falta de... desse trabalho de base né?

Doc.: uhum ((concordando))

Inf.: das categorias de base que daí num vai crescenØo num vai crescenØo e vai sempre... tendo esse *déficit* assim... e também num/ num/ dá pra ver que num há essa preocupação...

Doc.: aham ((concordando))

Inf.: não é?... até porque vôlei no Brasil agora... é que tá sendo visto assim... mas mais por essa:... coisa do mérito mesmo porque...

Doc.: verdade ((concordando))

Inf.: aqui o o espaço maior é:: é:: do futebol mesmo né?

[

Doc.: uhum ((concordando))]

Inf.: ... ma::s... agora acho que vai dar uma mudada assim é legal (vê eles assim)

Doc.: ((risos)) ()

Inf.: é tomara

A4

NE

Doc: M.... conta pra mim enTÃO alguma história que você lembra que aconteceu com voCÊ

Inf.: ah:: teve uma vez:: que eu e meus colega a gente devia tá mais ou menos em QUATro... a gente combinou de ir comer PIZZA... numa pizzaria que fica lá:: na avenida Alberto Andaló... chama Portugália... aí tudo bem::... acon[te]ceu tudo normal:: a gente comeu a pi::zza ficou che::io... a gente resolveu ir... pra represa a pé... aí no/ a gente fo::i no percurso a gente foi zuan::o numa bo::a a gente decidiu... parar... numa:: loja/ num estabelecimento que vendia bebida alcoólica...

Doc.: hum

Inf.: ... a gente pegou:: e comprou uma::... uma vodca né? uma garrafa inteira de vodca... e a gente NUNCA tinha bebido vodca a gente be/ decidiu comprar pra experimentar tal...

aí...quando a gente foi beber::do a gente começou beber... cada um bebia um ou dois co::pos e:: EU... muito metido... em vez de misturar a vodca com a Fanta como os outros fizeram NÃO eu bebi DOIS copos viREI com pura vodca... eu num sabi::a porque eu nunca tinha beBIdo eu num sabia que era fra::co e tamØém num sabia que vodca era forte só sei que eu bebi pra fazer graça mesmo né?... e tudo bem:: e eu fui e peguei levantei e fui (ainda dar) umas voltas na represa né?... daí em diante eu num lembro de muita coisa porque:: realmente eu fiquei MAL... meus colegas disseram que eu dei traba::lho que eu comecei:: éh:: a mexer com o po::vo que eu num sabia o que eu fazi::a falou que eu abraçava pos::te... que eu caía no chã::o que eu zoava todo mundo mas isso eu já num lem::bro direito creio eu que é verdade porque eu tava bem ruim... eu LEMbro de alguns FATos que aconteceu sabe? alguns relances assim eu num lembro de tudo... eu sei que a gente fo::i andou::... continuou andanØo na avenida do:: do T[ej]xeirã::o o estádio... até que eu parei numa praça e sentei num banco... foi aí que eu comecei vomitar vomitei vomitei vomitei até que eu num aguentava mais eles disseram que eu:: tentava vomitar e num saía mais nada... foi aí que eu [dʒ]Øsmaiei... aí eu [dʒ]Øsmaiei:: num lembro mais de na::da... eu fui acordar eu acho que umas QUATro horas depois no::... no po[s]tinho tomanØo glico::se... ((risos)) com a minha mãe e com o meu pai do lado pra::... falando pra eu ir embora e:: ((risos))... que provavelmente eu ia ficar de ca[s]tigo e eu tava ferrado com eles ((risos))

Doc.: M. continua:: contanØo pra mim alguma história que tenha si/ acontecido com você

Inf.: eu tinha costume de todo domingo... ir LÁ no SESC jogar basquete com o meus amigos

Doc.: hum

Inf.: ... aí teve um dia que::... quando eu estava jogando... eu fui dØsputar um:: lan::ce... eu pule::i... pra:: tentar pegar o rebote... e:: o:: outro jogador desceu o cotovelo dentro da minha boca... foi quando eu percebi que::... a parte de baixo da da mandí::bula o/ os meus den[t]Øs

tavam Todos tortos... pra pra trás... aí eu entrei em desespero porque eu num sabia se eu tinha perdido o dente se: se aquilo era normal BOM normal não ERA certo?... aí: eu peguei e fui... eu fui aonde: fui lá no: ambulatório do SESC pra ver se tinha algum jeito: se o médico me dava remédio: porque eu estava sentindo muita dor até... lá ele disse que num era nada sério que:... que eu podia ficar [dʲ]ospreocupado: mas eu num consegui ficar [dʲ]ospreocupado de JEITO nenhum... foi quando eu liguei pro meu pai:i... aí meu pai estava trabalhando mas ele conseguiu éh::... ir lá no SESC... e me pegar né? meu pai trabalha numa ambulância... ele tava na ambulância nessa hora... aí ele me levou até:/ éh:: eu tenho um convênio chamado COPE que ele tem éh:: vinte e quatro hora certo? e eu tava com o cartão nessa/ nesse dia eu dei sorte... aí a gente foi no convênio... chegamos no convênio tal eu [dz]espera::do... ainda dei azar que tinha um na minha frente ainda com o be/ com um problema pior do que o meu ainda e eu num consegui esperar porque eu tava/... eu achei que eu ia se/ eu ia perder os den::[tʲ]os que:/ eu tava totalmente [dz]esperado mesmo... até que o:... o dentista me atendeu... aí ele pegou e COLOCOU os dentes no lugares eu tinha que/ ele falou que eu tinha fra/ fraturado a mandíbula mesmo foi uma coisa BEM séria... e:: falou que eu só num perdi os den[tʲ]os porque:: eu usava aparelho na época... o aparelho que se/ que segurou os meus den[tʲ]os certo?... aí eu co/ eu eu fiquei mais tranquilo mas assim mesmo ele disse que:... eu tinha que tomar antibió::tico... que:... pOecisava cicatrizar o lugar:: tal:: fiquei um BOM tempo preocupado com isso... mas agora deu tudo cer::to e::... ((risos)) meus den[tʲ]os estão no lugares novamente ((risos))

NR

Doc: M. conta pra mim ago::ra alguma história que tenha acontecido com algum amigo teu:: assim alguma pessoa conhecida

Inf.: hum... tem um amigo meu ele chama U.... ele TEM a fama de ser meio garanhão:: tal:: volta e meia ele leva umas menina pra casa de::le... aí teve uma ca::so que ocorreu assim... teve uma vez que ele chegou em mim [dz]esespera::do... falanØo “M. M.... pelo amor de Deus... se a minha mãe perguntar... DI::Z... que on/ ah:: na noite anterior você estava em casa comi::go tal porque acon[tj]Øceu um negócio lá deu rolo e ela [dz]escobriu um negócio que eu fiz”... e eu curioso LÓ::gico perguntei pra ele o que ele tinha feito né?... aí ele disse que tava/ ele:: levou uma menina na casa de::le esperou os PAIS dele sair né? que ele era/ que aí ele ficou sozinho e levou a menina na casa dele... aí ele fo::i pegou o coØchão da cama dele... e colocou na sala... aí lá:: na sala tal rolou aquele cli::ma ele fez o que ele tinha q/ ele foi/ o que ele queria fazer realmente com a menina tudo bem... aí a menina foi embo::ra... e:: ele levou o coØchão novamente pra cama dele só QUE... ele pôs inverti::do... ele num pôs do jeito que tava... e a mãe dele como arruma... a cama... TODO dia... lo::gicamente que perceBEU... que o coØchão estava invertido... e pra num dar e pra piorar a situação tava com aquele perfume... MUITO FORTE da menina entendeu? e a mãe dele perceBEU aquele perfume é lógico... aí a mãe dele começou a pressionar ele a pressionar ele até que ele disse que foi... a/ EU que tava na cama dele brincan::Øo e que aquele perfume era meu certo?... é lógico que depois de alguns meses a mãe ((risos)) dele [dz]escobriu porque essa história NUN::CA que ia colar... nunca que ia dar certo... até que ela perguntou pra mim... disse que o U/ que::... ela disse que::... que o U. já tinha:: Dito pra ela entendeu?... mas na verdade e/ aí é só pra eu confirmar a histÓria mas na verdade ela me engaNOU porque o U. não tinha confirmado a história com ela entendeu? e eu acabei contanØo a história verdadeira pra ela foi assim que ela [dz]escobriu a história realmente

Doc.: M.... continua contanØo pra mim então alguma história que:: aconteceu com alguém

Inf.: hum:: essa história acon[te]ceu há MAIS de vinte anos atrás eu NEM tinha nascido ainda foi minha mãe que me contou... ela morava numa casa... que não é a casa que eu moro hoje... e ni/ na época meu pai era caminhoneiro... então ele viajava ele ficava... várias semanas fora de casa... e::... as minhas irmãs eram pequenas certo?... aí TODA noite... a minha mãe SEMpre escutava um barulho na porta... um barulho como se tivesse abrin[do] a porta da sala a porta da frente da casa... e ela sempre achava que era meu PAI... que tava chega::ndo da via::gem e tava no meio da madrugada::da mas ela NUNCA levantou e nunca percebeu nada... na manhã seguinte quando acordava... ela perceBia que a porta tava abert::ta mas... meu pai não tinha chegado... aí ela começou a [dz]esconfiar de várias co::isas ladrã::o... alguém queren[do] brincar:: tal:: mas e/ era... essa a única [dz]esconfiança dela... e isso SEMPRE Ocontecia sempre foi acontecen::do... sempre se repetia esse esse caso... até que um dia ela começou/ ela comentou com uma vizinha dela... o que tava acontecendo... nisso a vizinha contou:: que an[te]s... de minha mãe morar ali... a minha família... morou uma senhora... com a filha dela tal:: e::... ela:: essa senhora MATO::U a filha dela e se MATOU depois entendeu?... foi quando a minha mãe perceBEU que::... que provavelmente que QUEM abria a porta seria algum fantas::ma ou algum espírito e::... o MAIS rápido possível ela se mudou daquela casa para evita[r] qualquer problema... o::u para ((fala rindo)) VE[r] um fantasma mesmo realmente entendeu?

DE

Doc.: M. descreva pra mim a tua casa

Inf.: bom eu vou começar [dz]escrevendo a sala... na sala:: tem dois sofás... um é maior que:: dá pra sentar até três pessoas... o outro menor que dá pra sentar duas pessoas... no centro da

sala... tem a mesinha que tem alguns enfeio[s] algumas flores... na estante há uma televisão e mais alguns enfeio[s]... a:: a parede tem/ é é pintada com uma tinta amarela... e na parede também há alguns quadros também uns dois::is três quadros... a cortina também é amarela um pouco mais escura... agora eu vou começar a [dz]iscrever a cozinha... a cozinha tem uma janela BEM GRANDE que fi/ que:: entra bastante luz então deixa a/ a cozinha bem clara e ventilada... há:: algum/ dois armários... um:: embutido na parede e o outro normal... também há uma grande mesa de madeira no me/ no centro... com várias cadeiras de madeira também... e:: e aí agora... aí... vo/ na:: cozinha há uma porta que vai pro corredor e no no corredor dá os quartos e o banheiro... aí há:: três quartos na minha casa... o primeiro seria das minhas irmãs... que há duas camas éh::... o guarda-roupa dela:: éh o telefone FICA nesse quarto... depois o:: quarto da minha mãe:: que tamém há um guarda-roupa uma::... penteadeira e a cama dela... depois o banheiro o banheiro é normal cê tem a pi::a tem o boxe onde toma o ba::nho tem::... o vaso sanitário ((risos))... depois tem o meu quarto o meu quarto é um pouco maior tem uma cama::... meu quarto é o único que tem a cama de:: de casal:: tem um grande guarda-roupa... tem também o *rack* onde fica a televisão:: meu vídeo *ga::me* o SOM... e o vídeo-cassete... e fora da minha casa há uma grande área de serviço::... onde há::... uma pia onde lava as roupas... o/ há Outro banheiro também::... e::... e só ((risos))... quê fo::i?

RP

Doc.: M... fala pra mim alguma coisa que você sabe fazer

Inf.: bom... eu sei jogar basquete...

Doc.: hum

Inf.: ... pra voCÊ jogar basquete cê precisa de cinco jogadores... éh:: seria... um armador... pra armar as jogadas... dois alas... que ficaØ nas laterais... e dois pivôs... que ficaØ no CENTRO

perto da/ das cestas... normalmente esses dois jogadores são maiores... precisa de:: MUITO treino pra você:: dominar esse esporte... porque é muito complexo... éh:: tem a/ alguns fundamentos básicos... que seria a bande::ja... que seria::... uma corrida em movimento... de um é co/ você pega a bola e pula pra f/ em sentido à cesta pra cê fazer a cesta... aí depois tem::... alguns::... dribles que seria outros fundamentos... que seria:: éh:: bola por debaixo da perna... por trás das costas... e o GIRO que o giro seria o mais conhecido de todos... aí o/ a:: altura da cesta do basquete é::... a oficial é mais ou menos três metros e cinco... e por isso e q/ por essa altura que normalmente o jogador tem ser alto ou possuir uma boa impulsão... mas hoje em dia HÁ jogadores pequenos que jogam por... por mais por sua agilidade entendeu? e como eles sempre ficam na armação do jogo... normalmente não são eles que concluem a cesta só se for um:: um chute de longa distância que seria de três pontos... aí tem uma linha... que tra/ trata::da que cê éh:: atrás dessa linha seria... mais ou menos a cesta de três pontos que mais ou menos uma [dz]istância de se::te oito metros da cesta... DENtro dessa linha a:: a pontuação:: seria da cesta seria de dois pontos... e há também o lance de falta... que seria:: quando o jogador tá... pra fazer a cesta e ele recebe a falta e há u/... um:::/... ele::/ aí acontece o seguinte... é o lance livre certo?... n[i]nhum jogador interfere ele a:: a arremessar a bola esse lance livre é mais ou menos de três metros da cesta ele fica... sozi::nho e ele arremessa aí e/ essa::/ esse... esse arremesso seria::/ vale apenas um ponto... e o basquete precisa de muito treino mesmo como eu já disse... treinar diariamente mesmo pra... treØnar os a/ o arremesso treØnar... todos os fundamentos e:: todas as regras que::... a/ no:: no caso é MUIto complexo por causa disso o basquete

Doc.: (entendo) eu sei que cê joga vôlei também:: aprende vôlei na faculda::de... cê sabe como é que faz pra::/ algumas técnicas pra se jogar o vôlei?

Inf.: o vô::lei seria o contrário do basquete... porque no basQUETE você fica... o tempo todo com a bola na mão... o vôlei é um esporte de REPULSÃO da bola você não FICA... com ela

na mão você rePULsa ela pra outro jogador... e a:: o objetivo do vôlei É... passar a bola por cima da rede... pra cair na/ ah no chão da quadra adversária esse é o o objetivo principal do vôlei que todos sabem... e HÁ também os fundamentos do vôlei que seria... o primeiro... seria::... o SAque né? porque é onde:: éh:: começa o jogo... e há depois na recepção... que você pode::... passar que seria o passe por cima da cabeça ou a manCHEte da recepção do... do SAque adversário... depois vem a:: jogada de ataque que seria o levantamento e a cortada... e depois no/ nov/ novamente é::... a:: a defe::sa pra o contra-ATAQUE o:: basicamente o jogo é esse... e HÁ várias jogadas de defe::sa m/ mais comple::xas tal... e:: mas o::... o objetivo mesmo do vôlei foi o que eu disse... passar a bola por cima da rede pra cair na na::... na área da::/ do adversário

RO

Doc.: M. eu queria saber sua opiniã::o... sobre o que você acha sobre esse:: projeto/ esse programa do governo PROUNI... de:: a facilitar a entrada de pessoas na universidade particular

Inf.: eu acr[i]dito que por ser um projeto recente... precisa de m[i]lhorias...importante... mas... ele:: engloba o seguinte... ele:: consiste:: em traze[r] os alunos de escola estadual::... que cursou a vida inteira escola estadual::... eles fazem a prova do ENEM... e::... e eles POdem... entrar numa escola:: uma universidade PAGA... que seria a particular... só que há há:: algun::s... alguns Erros nesse programa... por exemplo... eles não nã/ não... eXIgem... que a pesso/ éh eles não exigem não pedem n/ NAda... em respeito se a pessoa é carente se a:: se a pessoa é mais pobre do que a o::utra por exemplo porque às vezes... mesmo EU estudando no/ éh:: minha vida inteira numa escola estadual... eu TENHO condição de pagar uma escola particular entendeu?... e NIso há pessoas que não NÃO TEM CONDIÇÃO NENHUMA e

eles não VÊEM isso entendeu?... aí acho/ ESSA parte do projeto injusta mas ela... ela É importante... o gover/ essa iniciativa do governo com esse projeto... porque é o início de tudo certo? eles eles viram que::/ eles começaram a se preocupar com:: o estudo no Brasil porque::... quanto mais gente... com ensino superior... SEMpre vai melhorar a:: o país economicamentØ socialmente e de/ de/ em todos os sentidos... e com isso dando oportunidade... pra quem NÃO TEM... dando essas BOLSas é:: é o início mas... é um início bom... mas eu acho que tem que ser m[i]lhora::do danØo oportunidade pra quem REALMENTE precisa... porque NEsse senTido... ainda eles tão muito a desejar

Doc.: você acha que esse tipo de:: de seçã::o da PROUNI que é feito só pelo ENEM enfraQUECE o estudo na na na na universidade?

Inf.: eu Acho que::... depende muito da... universidade...porque HÁ universidade particular... que eles FAzem::... a::/ uma PROva DENtro do estabelecimento... e isso eles medem o conhecimento do aluno que que tá entranØo na faculdade... e há alguns cursos de::... a::... como eu posso dizer?... [a]nivelamento que seria:: eles::... o aluno que é::... que tem MENos conhecimento... com esses cursos que a:: a faculdade oferece... seriam cursos éh::... cur/ um curso a MAIS entendeu? ele ele acaba conseguindo se/ a ficar JUNto com os outros alunos que seriam de escola... escolas particulares entendeu?... então depende da universidade... se toda a universidade tiver Isso... mesmo os/ que o aluno vier de uma escola estadual... que... infelizmente ho::je a/ nós sabemos que a escola estadual é bem inferior do que a particular... com esses cursos que a faculdade oferece dentro da faculdade ele pode... ajuntar... ficar junto com os alunos de escolas particulares e conseguir ter o mesmo ensino e::... e:: conseguir aproveitar o ensino totalmente que a:: faculdade oferece a eles

Doc.: cê acredita que vale a pena você perDER... um ano gastanØo com cursinho::... pra:: pra entrar num universidade PÚBLica... ou vale a pena você tenTAr um ENEM que é tudo gratuito pra tentar fazer uma universidade particular gratuita?

Inf.: EU acredito que::... a esco/ a:: faculdade estadual ou federal... ela é/ é bem mais conhecida ela é bem ma::is... como eu posso dizer?... bem mais conceituada que uma escola/ uma faculdade particular... então Nesse senTido as pessoas... inVEstem ah:: UM... DOIS... TRÊS ANOS fazemOo curSInho pra entrar nessas faculdades que são BEM:: mais difíceis porque são be/ bem mais concorrido... MAS::... as:: faculdades particulares... TAMBÉM são boas... às vezes os/ por os alunos tarem pagando eles pensam que eles não precisam estuDAR ou que eles num precisam se esforçar porque... mesmo se eles ficarem de depê é só eles pa/ que/ pagar e continuar:: levanOo pra frente... claro que na:: faculdade estadual não é desse jeito... mas creio EU que a/ uma escola particular oferece... um ensino mel/ iGUAL ou meLHOR do que uma escola estadual o que muda são os alunos mesmo

Doc.: cê acha que os recursos que a escola:: particular pode dar... POR Ter dinheiro por ter laboratórios... éh::... mais bem elabora::dos i/ i/ isso ajuda do que uma escola/ uma faculdade pública que:: normalmente num tem muitos recursos pra::... pra investir nessas tecnologias to::das

Inf.: aJUda é nisso que/ nisso que eu quero cheGAR... uma escola/ uma faculdade particular... há há mais inve[[t]]imentos devido ao diNHEiro que os alunos PA::gam entendeu? como eles PAGam eles exigem que que tenha uma melhor:: situação... possível... e com isso SIM a escola particular tem mais recursos e DÁ pra você aprender melhor porque::... é::... não não se compara a uma faculdade estadual por exemplo

Doc.: por que que num se compara?

Inf.: devido a esses inve[[t]]imentos que eu tô dizendo pra você... são... são... totalmente:: melhores do que uma faculdade... estadual... mas é::... a:: população... ou a sociedade nã::o... não QUER enxergar isso entendeu?... mesmo sabendo que uma faculdade... estadual... tem menos recurso devido ao/ ao/ o/... às difiCULDAde do governo::... até... eles SEMpre acham que a faculdade estadual é melhor... mas... a:: uma faculdade particular... POde ser

considerada TÃO BOA... quanto... devido a:: e::sses... esses recursos que ela tem MUITO...
mas MUITO MAIS... se comparada a uma faculdade... estadual

B1

NE

Doc.: então vamos lá... eu queria que você me me me contasse... uma história que tenha
acontecido com você... que tenha sido importante pra você... ou:: uma coisa que você
presenciou que você possa tá... contando narrando pra gente

Inf.: uma coisa que aconteceu comigo maØ num foi muito boa não né?...

Doc.: uhn

Inf.: ((risos)) eu perdi meu segundo filho

Doc.: ah é?

Inf.: é... tive a primeira gravidez... sem problema n[i]nhum... tenho minha filha já de vinte e
dois anos...

Doc.: uhn::

Inf.: e depois o outro foi complicado

Doc.: como que foi assim como que aconteceu?

[

Inf.: eu come/ EU descobri a minha gravidez já tava com:: dezesseis semanas

Doc.: ah é?

Inf.: é tava

[

Doc.: isso daria quanto assim... um mês:...

Inf.: nã::o

[

Doc.:dá mais?

Inf.: cinco meses

Doc.: cinco meses dezesseis semanas?...

Inf.: é (então)

Doc.: ah é

Inf.: né?... e:... só descobri porque começou mexer né?... eu era muito magra tava muito magra tava amamentando achava que era isso... aí depois descolou placenta eu vi/ foi difícil porque:... eu/ uma... criança pequena... com dois aninho e eu ficava quinze dia no hospital... uma semana em casa

Doc.: você já tinha a sua outra filha?

Inf.: já tinha a M. de dois ano... até foi até engraçado que aí fa/ eu fazia muito uOtra-som...

Doc.: uhn

Inf.: aí eu... tive que saber o sexo da criança

Doc.: uhum ((concordando))

Inf.: aí... a M. já colocou o nome T. né?... aí foi foi quando chegou:: oito meses num deu mais...

Doc.: uhn

Inf.: até com sete meses o médico queria tirar... ele falou assim “oh vai depender de você do seu repouso” ... aí:: foi muito triste foi até na época de uma copa...

Doc.: uhn

Inf.: foi em oitenta e:: a M. é de oitenta e dois... oitenta e quatro...

Doc.: uhn

Inf.: oitenta e quatro...

Doc.: uhn

Inf.: e::... e a M./ aí... num teve mais jeito...

Doc.: uhn

[

Inf: aí foi dia vinte e cinco de junho estourou a bolsa...

Doc.: sei

Inf.: até eu levantei de manhã eu fui/ eu morava per/ ali onde que eu moro é perto do Pastorinho supermercado

[

Doc.: uhn

Inf.:Pastorinho... nós fomos buscar pão... eu e a M... tranquila tudo num sentia nada num tinha dor num tinha nada... era só repouso...

Doc.: uhum ((concordando))

Inf.: aí estourou a bolsa fui pro hospital tudo foi:: internei ma/ minha irmã minha morava comigo... levou todos meus exames tudo... meu marido tava em São Paulo... aí o médico chamou tudo... porque aí ele num ouvia mais o nenê...

Doc.: ah

Inf.: aí ele falou assim “ou um ou outro... nós temos que salvar” aí um exemplo um tenta na criança e:: salva ela... aí fiz a cesárea eu ia entrando no centro cirúrgico ainda perguntei né?... “a Argentina perdeu?”

Doc.: ((risos))

Inf.: eu queria que ela perdesse porque ela que tinha tirado o Brasil da copa ((fala rindo))

Doc.: ah

Inf.: ainda o:: anestesista num esqueço dele... ele falou assim “nossa vai ter nenê e ainda tá pensanØo em jogo?”

Doc.: ((risos))

Inf.: né?... aí foi tudo bem... eu só achei estranho quando nasceu... que eles colocam o seu filho assim pra você ver... eu falei “nossa doutor é::... ele tá roxo” ele falou assim ainda brincou “mas filho de preto cê quer que seja loiro?”

Doc.: ahn

Inf.: meu marido é moreno

Doc.: ah ele colocou assim então pra você ver

[

Inf.: colo::ca eu vi ele

[

Doc.: e ele tava vivo o neném

[

Inf.: vivo chorava... é o único que parecia comigo tinha um olho verde grandão né?...

Doc.: ah

Inf: mas num era pra ser meu... ((barulhos ao fundo)) ele só viveu uma noite... sabe? foi muito triste que depois cê ter leite eu tive bastante leite sabe?

Doc.: uhn::

[

Inf: mas eu fiz um ato muito bonito depois...

Doc.: hum

Inf.: eu fui seis meses no Austa...

Doc.: ah é?

Inf.: tirar leite... e por lá na::... pas crianças que precisasse né?

[

Doc.: sei

Inf.: num foi fácil... num foi fácil... o meu médico falava pra mim “olha... cê arruma outro vai viajar” mas um filho num tampa...

Doc.: é verdade

[

Inf.: a falta do outro... aí tanto é que depois de seis meses eu fiquei grávida da N.... que hoje a N. tem dezoito anos

Doc.: ah é... que bom

Inf.: e foi tudo ótimo... só no dia que eu tive ela que eu tive medo... mas... foi uma história que aconteceu comigo sabe? que:: me marcou muito... porque::... cê espera né? todas essas expectativa no filho né? uma cr/ uma criança é diferente da outra... mas... hoje eu entendo hoje no meu no meu modo de pensar no meu modo de de ver as coisas sabe? de... ainda o médico falou assim “oh... cê ia ter um filho com problema... ia sofrer você e ele”

Doc.: uhn::

Inf.: então Deus sabe o que faz e nós num sabe o que fala

Doc.: com certeza

Inf.: né?... então foi essa/ uma história que aconteceu comigo que eu::... sabe?... foi muito triste... e::... e hoje até agradeço a Deus...

Doc.: uhum ((concordando))

Inf.: que hoje eu tenho certeza que ele ta melhor que a gente

Doc.: com certeza

Inf.: né?... melhor que a gente... e

[

Doc.: S. mas assim você tinha algum problema de saúde

[

Inf.: não::o... nada nada

nada nada nada

Doc.: mas e/ en/ porque/ você/

[

Inf.: tanto é que eu não

Doc.: ahn

Inf.: ficava grávida...

Doc.: ah

Inf.:eu precisei de/ eu fazia tratamento fazia tratamento fazia tratamento tomava remédio tomava remédio tomava remédio... e nada...

Doc.: ahn

Inf.: aí:: um belo dia doutor E. A. falou assim “você num tem nada se ti/ alguém que tiver que ter algum problema é o seu marido”... e num deu outra... meu marido tinha varicocele

Doc.: ah

Inf.: o homem a veia do homem tem que tá aberta e a do meu marido tava... ele falou assim “existe tratamento”...

Doc.: uhn

Inf.: ou::... cirurgia... tratamento demora de oito anos pa frente cirurgia no máximo oito meses e foi fato mesmo em um ano já tava grávida

Doc.: ah é?

Inf.: e o/... mas... (um a/)

[

Doc.: e o repou::so quando o médico

[

Inf.: fazi/ fazia com uma criança de dois ano num era fácil meu marido viajava sabe?... cê já sabe uma criança de dois a::no... sabe?... num era fácil mas eu... eu fi/ ainda trabalha::va deixei de fazer u::nha...

Doc.: uhn

Inf.: fazia direitinho... mas num deu

Doc.: será que num/ e:: aconteceu tudo isso por você demo/... ter demorado a descobrir a da/ a gravidez:: e ter trabalhado muito an::tes

[

Inf.: não:: não foi de um/ foi assim descolou a placenta isso acontece no meio de mil mulher... o médico explicou... uma

[

Doc.: uhn

Inf.: eu fui a premiada... então o sangue que era pra ir po cordão umbilical da criança eu perdia...

Doc.: uhn

Inf.: eu meØstruava dia noite mesmo e a semana inteira mês inteiro

Doc.: uhn

Inf.: aí::... tive que tomar remédio fazer muito repouso aí parou... parou juntou muito líquido na bolsa...

Doc.: uhn

Inf.: virou um monstrinho...

Doc.: ai (meu Deus)

[

Inf.: aí:... aí num teve jeito num era pra ser mesmo né? uma coisa que:... num era pra ser mesmo

Doc.: uhum ((concordando)) né? tá certo então

NR

Doc.: S. conta então pra gente... é:: uma história que tenha acontecido com alguém

Inf.: é aconteceu co/ dentro da minha casa mesmo né? com a minha irmã...

Doc.: uhn

Inf.: é:: eles era da/ de:: de dentro de casa mesmo a família

Doc.: eles quem?

Inf.: esse o/ que/ que hoje é o marido dela...

Doc.: ahn

Inf.: o A....

Doc.: uhn

Inf.: ele ele é mais velho que o meu pai...

Doc.: uhn::

Inf.: o so/ o genro do meu pai é mais velho que ele

Doc.: ah é?

Inf.: eu acho tão engraçado isso ((risos))... mas é sério o meu pai tem setenta e três anos e ele tem setenta e cinco

Doc.: nossa

Inf.: né?... e ele tem assim (dizer) pescar com o meu pai sabe? era aquele pessoal vivia final de sema::na nós morava sempre moramoØ no sítio...

Doc.: uhn

Inf.: em Bady Bassitt...

Doc.: uhn

Inf.: na fazenda... e eles era pa ir/ ia pra lá de final de sema::na ficava a família as fi::lha dele tudo sabe?... e dePOIS a gente mudou:: acabou aquilo lá meu pai veio pa cidade sabe?... a compadre... compadre... do meu pai...

Doc.: ah é?

Inf.: sabe? o pai batizou... a comadre filha dele lá... crismou uma das filha...

Doc.: sei

Inf.: aí depois... minha fiØa minha irmã veio morar em Rio Preto...

Doc.: e/

Inf.: trabalhar...

Doc.: que idade que a sua irmã tem?

Inf.: minha irmã é um ano mais nova que eu quarenta e um...

Doc.: uhn

Inf.: né? eu tenho quarenta e dois... veio pra Rio Preto já faz uns... uns dez ano doze ano... aí:: c[u]meçaram sabe? um se engraçou com o outro... (isso po meu po/)

[

Doc.: onde assim que eles se viam?

Inf.: escondido... porque... ninguém sabia de nada nós só ficou sabendo quando ela:: foi mesmo embora morar com ele lá... sabe... se/ ela foi até corajosa... porque::... ainda se fosse uma pessoa rica né?... mas bonito um feio velho e pobre ai foi muito burra ela...

Doc.: ahn

Inf.: mas amor

Doc.: eles se conheceram da época do sítio?

Inf.: É:: de dentro da da nossa casa lá de passar final de sema::na tu::do sabe?... aí foi:: a época que ela veio pa cidade ele... ele se engraçou com ela eu sei de/ ela deve ter gostado dele né?... porque... tá tá com ele até hoje inclusive tem até um filho...

Doc.: ah é?

Inf.: o L.... o L. tem sete ano... né?

[

Doc.: uhn::

Inf.: eles vive bem... sabe?...

Doc.: uhn

Inf.: hoje eles moram em Buritama cuida/ eles mora num rancho MA-RA-VI-LHO-SO o rancho

Doc.: ah é?

Inf.: eu num/ eu vejo só por foto eu ainda num fui lá...

Doc.: uhn

Inf.: mas a minha filha já foi... e:: só que nunca mais... ele voltou em Bady Bassitt... depois que ele assumiu mesmo que ele foi morar com a minha irmã...

Doc.: uhn

Inf.: ele separou da família dele que a família dele mora tudo em Bady...

Doc.: uhn

Inf.: as filha tudo a mulher... tudo os... filho dele... nunca mais ele voltou em Bady Bassitt esse homeØ...

Doc.: uhn

Inf.: nunca mais

Doc.: mas porque será?

[

Inf.: ele era açougueiro em Bady tinha um açougue sabe? na época sabe?... mas acho que é por causa de CISma do meu pai de vergonha

[

Doc.: por causa de falatório?

Inf.: mesmo do meu pai porque foi assim:: meu pai é meu pai num perdoou ele até hoje por causa disso

Doc.: num aceita?

Inf.: num aceita...

Doc.: uhn

Inf.: num aceita... a minha irmã vem na minha casa tudo... o menino ele aDOra o neto... mas num toca no assunto dele não que o meu pai vira um bicho...

Doc.: ah é?

Inf.: então ele num existe é uma pessoa:: uma carta fora do baralho po meu pai...

Doc.: uhn

Inf.: né? porque... o meu pai acha assim... (eles era) de pescar jun::to sabe sei tomar as... pinga dele lá jun::to

[

Doc.: eram bem amigos?

Inf.: era amigo mesmo amigo amigo amigo amigo amigo irmão mesmo...

Doc.: sei

Inf.: e::... foi uma:: traição né?

Doc.: ah ((riso))

Inf.: uma traição não só pelo o meu pai... é né? com a gente tudo né?... que meu pai falou assim “o[j] o que eu:: eu/ respeitava tanto você tuas filha e você num respeitou a mim nem minha casa nem minha filha” ... “uma andorinha sozinha num faz verão” tá certo que ela

tam~~o~~ém fez a parte dela... mas meu pai::... até hoje num/ ainda ontem mesmo ele falou assim
ó “cê num sabe do teu... cunhado mais ve[j]o que o pai?” ((risos)) ele tá no hospital meu pai...

Doc.: uhn

Inf.: que a minha irmã vem hoje pra cá lá de Buritama com a criança... com o menino... aí::
ainda perguntamo~~o~~ se nós num sabia nada do... do nosso cunhado mais ve[j]o... que o pai?

Doc.: ((risos))

Inf.: ... (e ele mesmo) ((risos))... o cunhado serve pa ser vô... né?

[

Doc 2.: o M.... mas o dia que eles:/: que
cês ficaram sabendo assim cê lembra desse dia ou não?

Inf.: nossa foi a maior tragédia po meu pai...

Doc.: uhn

Doc 2.: como foi?

[

Inf.: eu pai que/... meu pai queria matar ele... porque quando o meu pai ficou sabendo...
minha irmã tava até grávida dele...

Doc.: nossa

Inf.: mas diz que já rolava oh... há muito tempo... porque minha irmã morava em Rio Preto...

Doc.: uhn

Inf.: com uma moça... trabalhava com a doutora C.... minha irmã trabalhava em Rio Preto
porque minha irmã... ela é caprichosa ela... sabe? pin::ta... ela faz esses... ara::ra... esses...
tucano sabe?... ela tem u::ma... éh... éh... um verdadeiro Bombril... é o... faz tudo...

Doc.: uhn

Inf.: tudo ela sabe fazer... tudo que ela pega pa fazer ela sabe fazer... sabe?... assim ah é/
época de carnaval ela ve[j]tia a sobrinhada tudo... tudo decorado sabe ela fazia a fantasia... as

borboleta é num sei o que fazia os carnaval... e sempre em casa sabe cê nunca nunca des/ foi foi uma traição assim uma coisa muito bem escondido porque nóis nunca desconfiou de nada... de nada de nada de nada de nada é?... porque viVIA dentro da sua casa...

Doc.: uhum ((concordando))

Inf.: ... né? a gente conviVIA ali

Doc.: e quem foi que levou a notícia assim?

Inf.: a a caçula... que falou pra nós...

Doc.: hum

Inf.: a minha irmã caçula né? agora né?... nossa o meu pai ficou uma o::nça e cê já sabe as pessoa... do tempo do zagaia assim meio ignorante... hoje ele já tá mais moderno um pouco hoje ele já tá aceitanOo até coisa que num devia aceitar...

Doc.: uhum ((concordando))

Inf.: né?... até eu (ainda falo) “pai cê tem coisa que o senhor foi tão enérgico... e quando o senhor pOecisou” ta certo que::... num adianta...

Doc.: uhn

[

Inf.: é porque eu acho que era pra ser...

Doc.: uhum

Inf.: mas:: nossa foi uma época nossa minha mãe mesmo se revoltou com ela tudo brigou sabe? falou um monte de coisa que tinha que falar que/... que num tinha que falar também... aí depois disso tudo acabou em pizza... porque veio uma criança quando ele viu o neto minha filha ele desmanchou...

Doc.: ah é?

Inf.: então... ele se apaixonou pelo neto...

Doc.: uhn

Inf.: né?... ele conversa com a minha irmã minha irmã vem na minha casa sabe?... a/ hoje a minha mãe vai na casa dela... meu pai nunca pisou lá...

Doc.: uhn

Inf.: nunca... nunca... e num vai hein... num vai... ixe isso:: ele morre maØ num vai

Doc.: então a relação da sua irmã com ele:: bo::a?

[

Inf.: é boa eles vive bem... eles vive bem... apesar que eu num sabe?... sei lá eu sabe? nossa cê cê olhar assim dá até dó... porque ela é... simpática minha irmã sabe? bonitona... com um ve[j]o do lado dela minha nossa senhora...

Doc.: ah é ((risos))

Inf.: e/ o amor é cego como diz o outro né?... mas tudo bem e po meu pai isso meu pai acho que fica maquinando (ainda de/) TODO MUNDO conhecia... ele conhecia nós... todo mundo conhece... então meu pai ficou por (mais lá no fim que ch/) que chateado co/ né? com... com vergonha disso tudo né? poxa... olha só que cachorro que ele foi né?... ele se sumiu uma época uns quatro meses eles sumiram que nem:: nem num sabia notícia de ninguém... porque acho que se pintava em Bady acho meu pai fazia uma besteira...

Doc.: uhn

Inf.: aí depois cê já sabe né? depois do temporal vem a calma...

Doc.: uhum ((concordando))

Inf.: aí foi foi foi... aquela história... convive... aceita porque tá vivendo longe...

Doc.: uhum ((concordando))

Inf.: porque se fosse pra ver todo dia eu num/ eu acho que num:: dava certo... era só briga em cima de briga...

Doc.: uhn::

Inf.: então quando ela vem num toca nem no assunto dele...

Doc.: uhn

Inf.: então ela vem ela quer saber do meu pai da minha mãe da gente conversa aí um pouco... vai embora... então num tem assunto não entra em relação a ele... não entra... e hoje até uma na/ uma::... uma:: relação boa com os filho dele... os filho dele vai na casa dela...

Doc.:uhn

Inf.: as filha... aceitaram des/ não/ da época... que é difícil né?

Doc.: uhn

Inf.: mas... depois agora aceitou tudo inclusive uma filha dela... da da::... do marido dela... morou lá no rancho com ele...

Doc.: ah é?

Inf.: os neto dele tem éh::... ele tem mais neto que o meu pai

Doc.: ah é ((risos))

Inf.: é... meu Deus do céu umas coisa que olha... aí na época eu falei assim “gente quem sou eu” ainda falava assim “ah eu num vou falar nada porque... quem sou eu pa julgar” ... né? eu num posso falar que dessa água que eu num bebo porque eu posso beber... né?... mas... eu num sei se ela é feliz... ou se num é feliz... se ela se arrependeu... ou se não se arrependeu... só sei que eles vive junto...

Doc.: uhum ((concordando))

Inf.: entendeu?... então “o que os olhos num vê o coração num sente”...

Doc.: uhum ((concordando))

Inf.: então... sabe? cê tem que acostumar com tudo nessa vida... com tudo nessa vida

DE

Doc.: S.... cê pode contar pra gente agora/ descrever... um local?

Inf.: pos::so... a casa da minha amiga F...

Doc.: uhn

Inf.: muito linda a casa dela no Recanto Real...

Doc.: ahn

Inf.: apesar de ela né? num tá... bem mas... o lugar onde que ela convive é muito lindo... um paraíso aquilo lá...

Doc.: uhn

Inf.: cê/ eu entrei na casa num sabia sair daquela ca/ ((fala rindo))

Doc.: ahn

[

Inf.: de tão grande...

Doc.: enorme?

Inf.: de tão enorme que era ((fala rindo))... e é muito bonito lá sabe?... muito jardim... muita flor sabe lá é tudo aberto num tem grade portão nada que fecha é tudo aberto...

Doc.: uhn

Inf.: porta fica aberta achei aquilo lá interessante falei “nossa

Doc.: ahn

Inf.: nunca tinha vindo num lugar desse” ... lugar muito bonito

Doc.: como que é assim o fundo da ca::sa

Inf.: o fundo da casa... tem bastante plan::ta piscina né?

[

Doc.: ah é?

Inf.: bastante planta mesmo...

Doc.: uhn

Inf.: F. gosta daquelas/ colocou umas... uma casca::ta assim com uma ima::gem fica jogando água

[

Doc.: ah é?

Inf.: sabe?... muito bonito mesmo... um espírito muito gostoso realmente num dá vontade de ocê embora não... enjoar ((fala rindo))

Doc.: e:: assim tem muitos cômodos?

Inf.: tem:: quatro suíte...

Doc.: ahn

Inf.: quatro suíte... três sala...

Doc.: uhn

Inf.: garagem pa cinco carro...

Doc.: uhn

Inf.: né?... enorme enorme escritório... sala de T.V. de três ambiente churrasqueira... muito grande mesmo lavanderia enorme

Doc.: é... e como que é assim a decoração da casa?

Inf.: é simples e bonita...

Doc.: uhn

Inf.: sabe?... tem pouca coisa né?

[

Doc.: uhn

Inf.: é mais embutida as coisa lá

Doc.: ah é?

Inf.: é

Doc.: num tem muitos móveis não?

Inf.: não no quarto dela é a cama já embutida com o armário embutido aquel/ aQUELE
banheiro que dá po câ... tamanho da minha casa só o banheiro dela

[

Doc.: ah é ((risos))

[

Inf.: ((risos))... a/ os quarto das menina tam~~O~~ém
é mesma coisa...

Doc.: uhn

Inf.: né? (grande)

Doc.: uhn

Inf.: agora a sala tudo T.V. em/... uma uma sala lá de... (vê que é) uma academia

Doc.: ah é

Inf.: é

[

Doc.tem academia?

Inf.: tem academia dentro da casa dela

Doc.: olha

Inf.: ()... esteira... ergométrica... tem bastante coisa na casa dela...

Doc.: uhn

Inf.: uma mesa eno::rme...

Doc.: ahn

Inf.: onde tem a churrasqueira que ele faz piscina... (cadeira) tudo (male/ ma::/) muito... muito
bonito... muito bonito

Doc.: tem sala de T.V::?

Inf.: sala de T.V.... escritório... sala só de:: sofá assim que num tem nada só tem o sofá

né?

Doc.: sei

Inf.: e os enfeite

[

Doc.:sala de estar

Inf.: é uma sala de estar

[

Doc.: uhn

Inf.: .. os enfeite muito:... boni/

Doc.: uhn

Inf.: muito bonita a casa dela... maravilhosa

Doc.: e/ e a frente como é que é assim?

Inf.: a frente é é simples...

Doc.: uhn

[

Inf.: que é aberto é um... bonito de um jardim... né?... e:: a casa toda cheia de pedra...

Doc.: ah

Inf.: tem uma:... chafariz lá tamØém que fica

[

Doc.: olha

Inf.:joganØo água na frente agora no Natal é lindo aquilo lá

Doc.: ahn

Inf.: eles enfeitaØ

Doc.: tá decorado agora?

Inf.: tá decorado tudo lá... porque o Recanto tem bas/ o::... o Recanto não o::... o Dahma... o Dahma um...

Doc.: ah::

Inf.: é::... eles enfeitaØ né?...

Doc.: uhum ((concordando))

Inf.: e ela gosta...

Doc.: uhn

[

Inf.: ela::... ela tem o espírito natalino mesmo...

Doc.: ah é?

Inf.: ela gosta de::... coisa alegre...

Doc.: sei

Inf.: ela gosta de coisa alegre música sabe? o negócio dela é falar be/ algum/ agora não porque agora ela::... a situação dela é outra...

Doc.: ahn

Inf.: doente...

Doc.: uhum ((concordando))

Inf.: mas ainda mesmo assim ela num perde o pique não...

Doc.: sei

Inf.:né?... mas é muito bonito o lugar lá

Doc.: e/ e/ é/ é condomínio::nio é bairro como que é?

Inf.: é um condomínio fechado...

Doc.: ahn

Inf.: é um condomínio fechado (aquilo...) tem Dahma um Dahma dois

[

Doc.: e como que é... ahn?

Inf.: Dahma três... ela mora no um... ali perto da repre::sa

Doc.: sei... tem muitas casas nesse con/?

Inf.: nossa é enorme...

Doc.: é

Inf.: as casas... só tem mansão (aquele ali)

[

Doc.: ah é?...

Inf.: tudo casa mesmo... né?

[

Doc.: ah::... tá certo... O.K.

RP

Inf.: é mas tem que gostar né?

Doc.: é... S. você é manicure...

Inf.: sim

Doc.: você num pode ensinar então...

Inf.: posso

[

Doc.: como é que

Inf.: você

Doc.: faz qual

[

Inf.: ()

Doc.: é o procedimento de... fazer unha?

[

Inf.: eu acho que/ eu acho que manicura num tem que ter curso tem que gostar daquilo que faz...

Doc.: ahn

Inf.: né? porque é tudo assim sabe?... é desde cortar a u::nha pôr de mo::lho sabe?...

Doc.: uhum ((concordando))

Inf.: tirar cutícula né?... tem que ter muito... a mão firme porque pode cortar assim arranca uns peda/ uns bifinhos de certas pessoas aí já grita...

Doc.: aham ((concordando))

Inf.: quer te matar ((risos))

Doc.: aham ((concordando))

Inf.: né?... e:: va/ acontece num vou falar tam~~o~~ém que nunca cortei lógico já cortei né?... tira... mas eu sou muito raro até de... tirar bife das pessoa

Doc.: uhum ((concordando))

Inf.: e assim sabe é... corta lixa tira cutícula passa uma base

Doc.: primeiro tem que... pôr o pezinho na á::gua

[

Inf.: na água um de/ de mo::lho com creme...

Doc.: uhn

Inf.: água sempre morna...

Doc.: uhn

Inf.: tem a baci::a tem as... essas coisa da gente né?

Doc.: uhum ((concordando))

[

Inf.: li::xa... motor de pé:: de lixar aquele que é mais cascud[í] um pouco

Doc.: uhn... e o que que você faz primeiro então?

Inf.: primeiro eu corto a unha...

Doc.: uhn

Inf.: eu gosto de cortar a unha... tiro o esmalte... né?... corto... põe de molho...

Doc.: uhn

Inf.: aí eu já tiro a cutícula... aí depois a gente... dá uma p[u]lida ou/

Doc.: num dá uma afastadi::nha

Inf.: isso empurra a cutícula tudo...

Doc.: uhum ((concordando))

Inf.: ... faz uma massagem no pé tamém...

Doc.: uhn

Inf.: passa um base... aí tem aquelas que pinta tem aquelas que gosta de fazer uma unha mais decoradinha

Doc.: sei

Inf.: um pouco mais de trabalho... isso num dá trabalho

Doc.: sei

Inf.: tem que gostar... geralmente é uma hora e vinte uma hora e quarenta pa fazer um pé e uma mão

Doc.: ah é?

Inf.: é

Doc.: pintan e tudo

Inf.: é pintan e tudo... é... mas é::... é ótimo

Doc.2: e a unha decorada como é que é?

Inf.: ah unha decora/ eu num gosto muito de fazer não eu faço só a francesinha

Doc.: uhn

Inf.: né?... eu num gosto muito eu sei fazer mas eu:: corro dela...

Doc.: uhn

Inf.: num::... minha irmã... faz bem ela gosta tem que gostar

[

Doc.: entendi

Inf.: que nem eu te falei... eu gosto de fazer unha mas o básico... tanto é que as minha cliente é assim tudo::... sabe?... num gosta dessas coisas emperequetada não...

Doc.: sei

Inf.: tem mais é idosa...

Doc.: sei

Inf.: né?... tem poucas pessoas nova

Doc.: e como é que é pa fazer a francesinha?

Inf.: a francesinha cê tira cutícula normal... aí cê pinta só a ponta dela

Doc.: mas cê põe alguma coi::sa?

Inf.: não não eu já faço direto... com o próprio pincel mesmo cê passa o branco... cê passa o um:: renda... limpa pronto...

Doc.: é?

Inf.: tá feito

Doc.: e:: o/ e a decorada como que é?

Inf.: a decorada tem florzi::nha tem tudo... tudo quanto é coisa que o cê pensar mas eu num gosto...

Doc.: uhn é?

Inf.: tudo tudo... o mapa... estrela... tudo quanto é coisa que tem hoje em dia tem a unha decorada

Doc.: dá muito trabalho?

Inf.: muito trabalho... uma unha decorada tem que cobrar vinte reais... e num pagam

Doc.: uhn

Inf.: então eu prefiro:: num me arriscar...

Doc.: uhn

Inf.: né?... e agora tem aqueles lugar que gosta que usa uma uma uma:: ocasião especial...

né?... então tem gente que gosta de fazer

Doc.: tem que misturar:: muitos esmaltes?

[

Inf.: é usa tinta... tinta de sa/ de:: tecido...

Doc.: ah

Inf.: aí cê compra a cor que cê quer verde amarelo azul... vermelha branca... cor que quer

[

Doc.: uhn... mas essa

tinta depois num sai com água?

Inf.: não...

Doc.: uhn

Inf.: num sai não... depois que ela secou ali na va/ unha e cê passou um:: transparente por cima/ toda unha decorada tem que passar uma base...

Doc.: uhn

Inf.: (então só)

Doc.: sei... e depois por fim passa::?

Inf.: uma base

Doc.: base por cima?

Inf.: base por cima... pa secar pa fixar

[

Doc.: uhn:... depois um olhinho secante

Inf.: é... tem quem goste mas eu num gosto muito de usar não que aí empipoca e tem que fazer tudo de novo

Doc.: ah é?

Inf.: ((risos))

[

Doc.:((risos))

Inf.: num gosto muito de usar óleo... mas tem gente que usa... depende

Doc.: uhn... tá certo... S.... então... conta pra gente como que você faz... uma farofa

Inf.: eu faço essa farofa... é farofa fria que eles falam né?

Doc.: uhn

Inf.: até em confraternização lá dos ministro nas com/... churrasco final do... () a gente faz... ai a:/: eles me chamam de F. na minha casa... “a F. faz a farofa” que a minha farofa diz que a minha farofa é boa... mas é simples... minha farofa sabe? é::... bacon... linguiça... defumadas né?

Doc.: quanto que vai?

Inf.: vai assim eu ponho assim geralmente um meio quilo de bacon... umas... duas três gomos de linguiça... sabe?...

Doc.: uhn

Inf.: um dois três pedaços de paio... aquilo eu frito tudo...

Doc.: uhum ((concordando))

[

Inf: sabe?... deixo bem douradinho... aí naquele próp~~o~~io óleo lá... eu ralo a cenoura... cebola... bastante cheiro verde... uva passa... maçã... picadinha...

Doc.: uhn

Inf.: e aquela farinha biju lá... uns dois pacote

Doc.: uhn::

Inf.: aí cê pega naquela coisa que cê fritou lá aquele bacon aquela linguiça... e ce joga lá o pimentão... verde e vermelho

Doc.: uhn

Inf.: põe uns dois verde e uns dois vermelho... e aquela cenoura... dá uma boa refogada nela... assim... uma muØchada né? que aquele/ que aquelas coisas tá frita...

Doc.: uhn

Inf.: aí cê dá uma muØchada...

Doc.: uhn

Inf.: aí cê põe na bacia lá... a faro/... a farinha... aí cê pode pôr uva passa da preta e da branca maçã bem picadinha bastante cheiro verde cebola... né?... aí cê joga aquela:.... coisa que cê fritou lá com:.... a cenou::ra... o pimentão:.... aí cê joga tempera a gosto... Doc.: uhum ((concordando))

Inf.: é uma farofa que eu faço bastante que o nosso pessoal... adora... fria né? que é uma farofa fria

Doc.: uhum ((concordando))

Inf.: então é muito boa po cê comer com churras::co até

Doc.: uhn

[

Inf.: com comida mesmo assim... o pessoal adora

Doc.: rapidinho de fazer

[

Inf.: rapidinho...de fazer... é a coisa que eu mais gosto de fazer que é rápido né? é uma coisa que é rápido ((fala rindo))

Doc.: uhum ((concordando))

Inf.: ... é essa farofa e o *mousse* de maracujá que eu gosto sempre de fazer também que é rápido

Doc.: e como que é o *mousse*?

Inf.: o *mousse* também é fácil...

Doc.: uhn

Inf.: é uma lata de leite condensado...

Doc.: uhn

Inf.: uma de creme de leite...

Doc.: uhn

Inf.: e a mesma medida de:.... suco de maracujá...

Doc.: sei

Inf.: bate tudo no liquidificador e põe na geladeira...

Doc.: uhn::

[

Inf.: sabe fica bem consis/... cê tem que deixar ele ficar bem consistente então... eu nem tiro o soro do creme de leite não eu joga tudo junto

[

Doc.: não?

Inf.: não... ()

[

Doc.: isso que eu ia perguntar num fica molengo?

Inf.: não põe tudo e o:./ o segredo é cê bater bem... geralmente

Doc.: ah::

[

Inf.: eu num gosto de pôr não:: o suco do maracujá... sabe aquelas poupas que cê compra de maracujá...

Doc.: sei

Inf.: tem de todos... sabor...

Doc.: sei

Inf.: no mercado... então a polpa da Bras/ Brasfrut...

Doc.: ah sei

Inf.: tem de maracujá... cê... bate (uma/)

[

Doc.: é melhor que fica mais firminho?

Inf.: fica mais firme...

Doc.: uhn

Inf.: então cê põe uma lata de leite condensado uma de creme de leite e um:: pacotinho daquelas de polpa...

Doc.: uhn

Inf.: e bate uns cinco minutos

Doc.: no liquidificador?

Inf.: no liquidificador... mas ba::te mesmo... num precisa de por tem gente que põe gelatina essas coisas não... ()

[

Doc.: isso que eu ia falar... uhn

Inf.: põe num pirex... dali uma hora e meia uma hora cê já pode comer...

Doc.: ah é?

Inf.: fica muito b[ẽw] rapidinho... e... num dá muito trabalho

Doc.: faz alguma cal::da?

Inf.: aí depois cê quiser...ti/... cortar o maracujá e tirar aquela...

Doc.: semente

[

Inf.: semen/ tinha que às vez joga por cima pra ficar bonito...

Doc.: uhn

Inf.: põe... mas num precisa tamØém

Doc.: e como que faz essa calda assim?... num num/

[

Inf.: não só tira corta

Doc.: só põe mesmo

Inf.: é só corta o maracujá cor/ compra uma fruta boa... porque geralmente e[j]s são::... tem/ é

Doc.: murcho né?

Inf.:a gente:: geralmente dá uma colher cada um... aí cê joga em cima aquele caldinho que já vem né? aquela... aquela sementinha pa ficar bonito o prato fica bonito

Doc.: uhum ((concordando))... tá O.K.... tá certo

RO

Doc.: S. o que que você acha... de religião uma maneira geral?

Inf.: eu a/ acho que todo ser humano tem que ter uma religião... o teu o Deus nosso é um só né? num importa né? que religião que... cê... cê frequenta...

Doc.: uhum ((concordando))

Inf.: tem que frequentar cê tem que ter um Deus na sua vida...

Doc.: uhn

Inf.: mas tem muitas coisa tam~~o~~ém na religião que eu num concordo...

Doc.: uhn

Inf.: acho muito assim::... sabe... muita coisa muita::...

Doc.: que/

[

Inf.: eu acho por exemplo... na minha/ eu sou católica...

Doc.: uhn

Inf.: na minha igreja... eu num:: concordo muito com esse negócio de folheto não... fica lá...

((imita a fala))

Doc.: ahn

Inf.:que nem papagaio repetin~~o~~o... eu acho que tem que ser uma/ aquela coisa que sai do coração lá sabe da alma lá sabe tem que... né?

Doc.: cê acha que num é espontâneo

Inf.: é num é espontânea... então::... cê nem tá prestan~~o~~o a atenção cê tá lendo ali cê num tá prestan~~o~~o atenção

Doc.: uhn

Inf.:né?... então se você tá len~~o~~o uma () um evangelho... cê tá numa igreja... vai ler o evangelho

Doc.: uhn

Inf.: voCÊ vai ler... então eu tô olhan~~o~~o em você eu tô prestan~~o~~o atenção... agora cê você tá lendo eu também tenho aqui e tô acompanhando... eu viajo na maionese... todo mundo eu acho que é assim

Doc.: ahn

Inf.: num presta muita atenção...

Doc.: sei

[

Inf.: né? e:: e se num tem

[

Doc.: mas a renovação carismática é diferente

Inf.: é

Doc.: que/ então você... o que você acha?

[

Inf.: então mas a re/ ah mas a renovação () também () ela ela:... sabe eu ::
muito:... esse negócio de fazer muita gritaria eu num gosto dessas coisas...

Doc.: ((risos))

Inf.: eu gosto dessas coisa mais... mais *light*

[

Doc.: uhn

Inf.: na coisa... eu num gosto... eu gosto de cântico... eu acho/ é tem que ser alegre...

Doc.: uhn

Inf.: uma missa assim... o padre Marcelo... ele é um:: carismático mas ele num é aquele
carisMÁ::tico que::... d[i]rruba tudo...

Doc.: sem excesso

Inf.: né?... que eu gosto daquele padre daquele pastor daquela pastora que que segura ao ao/ a
pessoa... ()... o meu padre da minha igreja mesmo coitadinho dele ele é muito fraco... às
vezes eu falo meØmo “ó padre de um a dez zero po senhor”

Doc.: ((risos))

Inf.: eu falo hoje hoje eu tenho essa coragem de falar ((fala rindo))

Doc.: aham ((concordando))

Inf.: eu gosto muito de do padre do:.... Menino Jesus de Praga...

Doc.: uhn

Inf.: o padre Ariovaldo lá da... CECAP por quê?... é um padre que cativa principalmente o jovem...

Doc.: uhum ((concordando))

Inf.: hoje em dia... né?

Doc.: uhum ((concordando))

Inf.: então num adianta e:./ o o falar de coisas... aconteceu a mil ano atrás... pra você num vai

[

Doc.: uhn

Inf.: interessar aquilo lá

[

Doc.: uhum ((concordando))...

Inf.:o que interessa é o que ta acontecenØo hoje...

Doc.: uhum ((concordando))

Inf.: né? e hoje em dia eu a/ eu num concordo com essas coisas que vem falanØo que nem o padre Torrente aqui na igreja... ele é muito de falar de órgão... do dos... dos tantos lá da da Conchinchina isso num interessa

[

Doc.: uhn::

Inf.: pra gente...

Doc.: uhum ((concordando))

Inf.: sabe?... é uma cultura bonita... mas...

Doc.: sei

[

Inf.: num num num pega bem... num num/ e an/ e que espanta... espanta... espanta até eu

Doc.: espanta os fiéis né?

Inf.: é... então::... tem que ser/ eu acho que tem que ser uma coisa mais convincente

Doc.: sei

Inf.: né?... não aquela coisa tamØém de/... () sabe? que eu num gosto por exemplo o o/ tem certos evangélico...

Doc.: uhn

Inf.: que:: é:: o dele que é certo

Doc.: é... radical né?

Inf.: radical... né? num acredita... eu num adoro... eu num adoro santo imageØ... eu gosto eu vejo uma imageØ assim como:: uma fotografia da minha mãe...

Doc.: uhum ((concordando))

Inf.: entendeu?...

Doc.: uhum ((concordando))

Inf.: né?... e eles não porque num eXISte::... principalmente Maria...

Doc.: uhn

Inf.: ué... da onde que veio então o nosso...

Doc.: uhum ((concordando))

Inf.: Jesus... ele teve uma mãe...

Doc.: uhum ((concordando))

Inf.: né?... então:: é cheio de/ então eu nem escuto eu num gosto de discutir muito religião não tem coisa que eu concordo então eu hoje eu sou assim sabe... eu fiz um propósito comigo mesma às vez eu prefiro ser cega surda e muda...

Doc.: sei

Inf.: eu entro calada e saio muda... muitas coisa... então é melhor você nem:: vê... ou vê e num tá ven~~o~~o... do que... porque num vai mudar... eu sei que isso num vai mudar...

Doc.: uhum ((concordando))

Inf.: num vai mudar... é umas coisa que é::... num vai mudar mesmo nunca mu/... é é velho isso aí...vai mudar agora?

Doc.: S. e que que você acha... éh::... da cobrança do dízimo na igreja?

Inf.: olha... eu sou católica ministra da eucari[~~s~~]tia e falo pra você... eu não pago dízimo...

Doc.: ahn

Inf.: não pago dízimo... o meu/ por quê?... o meu dízimo é de outra forma... eu na minha consciência na minha... sabe? deito a minha cabeça no travesseiro e durmo tranquilo... posso até tá errado... tá na Bíblia... é os dez por cento... que... muita igreja evangélica cobra isso::... o::

Doc.: tá na Bíblia então?

Inf.: tá na Bíblia... que é dez por cento... mas eu acho assim que cê tem que fazer aquilo... o seu verdadeiro dízimo é dentro da sua casa... primeiro a verdadeira igreja é dentro da sua casa...

Doc.: uhn

Inf.: num adianta cê fazer lá fora e detro da sua casa tá destruído... hum né?... então eu vejo assim eu faço::... eu vou:: de outro modo com meu dízimo... dar assistência a uma pessoa... carente... mas também a gente faz uma participação com aquela pessoa tam~~o~~ém eu num vou/... que hoje em dia é fácil qualque~~o~~ um que chega “ai:: tô precisan~~o~~o disso tô precisan~~o~~o daquilo” ... mas a gente vai faz uma pesquisa o que realmente tá acontecen~~o~~o porque tá passan~~o~~o por essa situação...

Doc.: uhn::

[

Inf.: aí cê adota aquela família até ela...

Doc.: uhum ((concordando))

Inf.: tomar um rumo na vida...

Doc.: sei

Inf.: a gente faz então um trabalho muito bonito...

Doc.: uhn

Inf.: trabalho bastante com o hospital de Jaci que as criança excepcional...

Doc.: uhum ((concordando))

Inf.: né?... mas o dízimo o dízimo mesmo... dinheiro dinheiro assim... eu dou minha oferta no domingo sabe espontânea assim... não é o dízimo... isso num é dízimo... você falar cê um exemplo cê ganha aí mil real cê tem que dar os dez por cento...

Doc.: uhum ((concordando))

Inf.: né?... mas... na católica... eu creio que não... se tiver dez por cento...

Doc.: uhn

Inf.: que dê... é pouco hein... é pouco os fi/ os fiéis que dá

Doc.: é né?

Inf.: mas é assim... dão tem muito sabe... porque eu ve/ eu trabalhei bastante tempo no dízimo também... na equipe do dízimo... assim de montar mi::ssas de de de leitu::ras sabe de... de propagan::da de fazer cartaz:: sabe... mas... cê vê muita coisa errada que acontece... então... em todo lugar

[

Doc.: é né?

Inf.: em todo lugar... num é... é [dʲ]Øsviado lá na escola é [dʲ]Øsviado lá na igreja é [dʲ]Øsviado lá na empresa em todos lugar tem os... então eu num concordo eu acho então

[

Doc.: uhum ((concordando))

Inf.: eu pego... eu num tenho/ dá dinheiro... eu num sou muito com::/ concordo (com isso) né?... cê fazer algo fazer...

Doc.: uhn

Inf.: sabe?... se tiver que fazer comprar uma cesta básica por exemplo cê compra cesta básica cê entrega lá cê sabe... cê entregou...

Doc.: uhn

Inf.: ago::ra aquele::... sabe?... eu sei que tem gasto na igreja realmente o dízimo é pra manutenção da igreja... é luz telefone tem funcionário né?... os folhetos todos domingo lá que não são... os mesmo...que eu acho

[

Doc.: tem um

Inf.: certo gasto

Doc.:né?

[

Inf.: é:: tem um certo gasto... né?... mas... teria que ser diferente

Doc.: tem as outras religiões as evangélicas... principalmente... éh::... os fiéis são bastante assíduos né? com o pagamento do dízimo

Inf.: deixa de/ eu eu eu o que eu num concordo...

Doc.: uhn

Inf.: às vezes tem um:: irmão dentro da própria casa que tá/ precisa de um remédio... deixa de ajudar... porque “não eu tenho que dar os dez por cento da igreja” ... cê acha que Deus tá feliz com uma pessoa dessa?... eu... eu posso tá enganada... mas eu acho que não

Doc.: a pessoa às vezes até se priva né? de alguma coisa

[

Inf.:... ali... por exemplo ali mesmo tá num lugar que é... mais de comércio... os paroquianos de lá... são poucos... porque você tem que fazer pra todo/ é eu creio assim que a gente tem que fazer pela sua paróquia...

Doc.: uhn

Inf.: sabe... mas... a maioria dos fiéis que vem na Basílica... é:: de outra... de outro bairro...

Doc.: uhn

Inf.: per/ par/ pertence em outro bairr/ porque eu acho veio porque:: a igreja é mode::lo né? nós que tem... sabe... então tem... vem mais é por isso mesmo mas não que é paroquiano dali

Doc.: certo

Inf.: mas eu acho que tem que parar um pouco com essas coisas de comércio dentro da igreja que perde... perde sabe?... e depende muito do nosso::... padre que tá lá... se ele num for::... ele entra parecenØo que tá numa guilhotina...

Doc.: uhum ((concordando))

Inf.: hoje tem que ser mais povo... hoje em dia tem que ser mais povo... não aquela/ mas assim coisa que cê vê que tá acontecenØo não coisa tamØém só pa falar... vou fazer por fazer e tá resolvido o problema não... ((emite som de negação)) eu acho que não tem que ser de verdade a coisa... porque o pessoal afasta mesmo

Doc.: as pessoas percebem né?

Inf.: oh por isso que eu falo que nem eu falei pra você que eu gosto muito do padre::... lá da Menino Jesus de Praga...

Doc.: uhn

Inf.: padre Gilmar... é um padre que hoje/ eu faço unha de umas cliente minha... e eu vejo os jovens acho muito bonito isso... meni/ principalmente um moço... menino... um rapaz... “olha nós temos que ir lá porque... o o:: padre Gilmar falou assim assim assim” .. né?... se vê então... que[r] dizer... gravou na cabeça deles aquilo... né?

Doc.: uhn::

[

Inf.: foi importante... pra eles

[

Doc.: uhn

Inf.: né?... agora::... sair por ir... é melhor que num vá...

Doc.: uhum ((concordando))

Inf.: né?... que cê veja é é trabalho lá na igreja tô lá em cima no presbitério... então cê tá olhanØo o jovem tá conversanØo tá mascanØo chicle::te

Doc.: ((risos))

Inf.: ... i::xe tá rinØo... aí depois entra tudo na fila da comunhão e comunga...

Doc.: ahn

Inf.: porque num tem uma espiritualidade do nosso pastor assim...

Doc.: aham ((concordando))

Inf.: tá faltanØo isso...

Doc.: ahn

Inf.: e num sou eu que vou pegar o microfone e falar... isso é um dever do/ dele... é um dever dele... mas cê fala cê pede cê... é devagar a coisa sabe

Doc.: uhn

Inf.: é devagar... então desanima... tan/ mais é... aí que eu/ eu falo assim cê num vai na igreja por causa do padre... cê vai na igreja pro teu Deus

Doc.: claro

Inf.: né?... que é Jesus que você acredita... mas só que nós tem que tem um

Doc.: tem que ter um:: incentivador

Inf.: né? um:: um alicerce ali po cê::... ter vontade de ouvir ele... ele falou coisa que foi importante pra você que serviu pra você...

Doc.: uhn

Inf.: senão... vai in~~O~~o que aí esfria... e Deus num gosta de ninguém morno... vai comer... uma comida morna é horrível né?

Doc.: é

Inf.: né? então você tem que/ num gosta Deus num gosta de coruja em cima de toco não... ou você é... ou você num é

Doc.((risos))

[

Inf.: ((risos))

Doc.: aham ((concordando))

Inf.: eu acho que ~~O~~contece num é SÓ na católica só na espírita só na evangélica só no... sabe? budista nada não... em todos os lugares...

Doc.: uhn

Inf.: mas ta faltando... o povo mesmo acordar

Doc.: uhum ((concordando))

Inf.: o povo acordar

B2

NE

Doc.: D.... cê podia me contar alguma histó::ria que aconteceu com você:: na sua vida assim que ficou marcado... e você pode contar pra mim assim os deta::lhes como que foi?

Inf.: sim... é uma história de quan/ na minha data de nascimento... o meu pai como é separado hoje é separado da minha mãe quando foi pra mim nasCEr... deu pØb[r]ema no parto naquela época num existia mé::dico pa fazer era só em casa parto normal... e:: a parteira chamou ele porque era c[u]mpadre... e:: chamou ele e falou “oh c[u]mpadre cê pØ Ocisa procurar um médico porque... o d/ o parto tá senØo muito difícil”e ele como era muito ruim ele falou pra ela que ela se virasse pra ELE poderia morrer os dois... é uma história que marcou pra mim e eu/ essa eu nunca esqueci que minha mãe sempre contou pra mim... nunca escondeu de mim

Doc.: aham ((concordando)) e assim fora essa histÓria... eh:: uma outra história já depois que você já cresce::u... quê mais que você sabe contar por exemplo assim... eh:: você é casado já faz bastante tem::po COMO que foi assim teu casamento? assim como que cê conheceu a B.? cê pode contar?

Inf.: éh:: éh eu conheci a B. num::/ numa praça... e:: nós namoramoØ um ano... e depoisØ nós casou... nós fugimoØ casamoØ... teve uma vida muito difícil hoje graças a Deus tá estabilizado mas::... foi difícil no começo

Doc.: e o nascimento das suas filhas?... assim... como que foi?

Inf.: foi b[ẽw] graças a Deus deu tudo certo... tá as duas hoje criada foi b[ẽw]

Doc.: tá e:: e assim... fora essas histórias quê mais que você tem pra contar assim eh:: na sua adolescên::cia no seus serviços que você te::ve nas coisas que você... na sua faMÍ::lia assim... mais alguma história assim que marcou:: com seus irmã::os?

Inf.: éh::... a história que tem dos meus irmão é que::... é u/ nós foi criado sem o pai e todo mundo criou um prum lado outro po outro hoje... é:: um mora muito longe... e é aquele lá que a gente sente mais saudade dele que ele teve um pØb[r]ema de saúde... e:: operou pØecØsou operar quase veio ao::... veio à mor::te tudo sofre/ fez duas cirurgia... esse é o que mais... foi

uma história marcada pra nós assim... e:: nós v[ε]ve longe um do outro nós v[ε]ve... nós se vê
cada um a::no dois a::no

Doc.: uhum ((concordando))... mas quê que aconteceu com ele que ele precisou operar?

Inf.: ele fez uma cirurgia do estômago... deu úlcera... e:: fez um... como uma cirurgia acabou a
cirurgia na out/ daí dois dia pØecØsou voltar pa mesa de cirurgia de novo... FEZ outra
cirurgia... aí pØecØsou de doa/ doador de sangue... aí ele veio tomar um sangue uma doadora
uma própria colega dele do hospital... e nessa doação de sangue ele pegou::... hepatite... e aí
complicou MAIS ainda...

Doc.: uhn

Inf.: mas graças a Deus hoje ele tá bem tamØém... só que mora longe... mora em São Luís do
Maranhão

Doc.: uhn::... e:: ass/ e assim onde vo/ éh:: cê podia contar um pouquinho também sobre a sua
infâ::ncia?... na sua criação:: como que era assim? cê morava... com seu pai e com sua mã::e
depois eles se separa::ram e como que foi?

Inf.: eh eu num cheguei a conhecer meu pai quando ele separou de nós eu tinha do/ eu tinha
dois ano de idade... e::... naquela época era muito difí::cil era/ pa ser cria::do porque num
tinha/ naquela época num tinha... cre::che num tinha::... as coisa que hoje tem muito pa ajudar
uma crian::ça a esco::la era difícil... então foi muito difícil a da::/ minha criação nós começou
a trabalhar muito cedo com oito ano de idade nós já tava trabalhanØo e::... foi assim era muito
difícil

Doc.: uhn

NR

Doc.: D. cê podia me contar agora alguma história que alGUÉM te contou:: ou que aconteceu... com alguma pessoa que você coNHEce aSSIM... e você:: lembra pra contar assim pra gente?

Inf.: é de um conhecido meu... é:: ele estava no sítio do pai dele tava o pai de::le a mãe de::le o::... tinha dois primo de::le... e eles tava lá na represa se divertinØo brinca::nØo... e:: num pulo que ele deu ele veio fraturar... a::... a coluna... foi po hospital rapidamen[t]Ø o pai e a mãe socorreu... mas infelizmente aqui:: em Rio Preto ele num... num foi bem de cirurgia... ficou já de cama pa/ paralisado o corpo dele to::do... aí depois com o tempo os pai dele e a mãe dele... vi/ levaram ele pa Cuba... pa ele fazer um cirurgia... aí lá ele ficou::... um tempo em Cuba... que ele melhorou mui::to... depois que ele veio de Cuba depois da cirurgia... que ele voltou a sentar:: tudo movimentar um pouco... mas até hoje ele v[ε]ve de cadeira de roda... éh::... Hoje ele já faz os show dele... ele CANta em festa de aniversário casamento bai::le... ele traba[j]a com... com área de computador tudo hoje tá bem maiØ melhor... de quando ele fez a cirurgia aqui... em Rio Preto

Doc.: então mas assim quando ele:: sofreu o acidente ele paralisou e aí ele voltou a ter alguns movimentos ou não?... como que foi?

[

Inf.: não ele num voltou a ter movimento nenhum... ele precisou fazer a cirurgia em Cuba... mas o movimento que ele tem das mão é com aparelho é ele que coloca nas mão dele pa ele poder... éh:: mexer na teclado do computador:: do órgão dele... e pôr um aparelho pa ele beber um... um líquido tudo... mas sem esse aparelho ele num tem movimento nenhum ainda ((ouve-se vozes de crianças))

Doc.: tá e assim como que foi assim a reação da família dele assim?... cê sabe?... como que eles ficaram assim? cê teve contato com alguém::? ((novamente ouve-se vozes de crianças)) como que foi?

Inf.: ah na época pa família foi muito grande que nó^o conhecia/ conhece eles até hoje na época foi muito GRANDe... que ele era muito novo... era um rapaz... que o pai sonhava e ele tava se forman^o pa engenheiro agrícola... ele tinha onde aconteceu isso ele/ éh no sítio deles eles então eles tinha um sonho muito grande pa e/ pa esse rapaz... que HOje ele num pode fazer era um rapaz que ele andava... a cava::lo jogava bo::la... e hoje ele tá limitado a isso então pa família até hoje... éh::.... éh até hoje é muito chato pra eles que eles sonhava tanto e::... e hoje num/ ele num pode fazer

Doc.: mas hoje eles já lidam melhor né?

Inf.: é hoje eles já lida melhor porque ele melhorou mu::ito ele tem/ ele tem as atividade de::le... eh eh::... hoje ele já tá::... assim::... já tá melhor pa família ma^o na época foi muito... foi muito duro... uns do::is três ano foi... difícil

Doc.: e assim hoje ele já tá mais ve::lho ele casou::? como como que é?

[

Inf.: éh hoje ele já tá mais ve::lho já casou::... éh::... tem a vida dele separada da mãe e do pai... éh com a mulher:: tu::do

Doc.: uhum ((concordando))

DE

Doc.: D.... cê poderia me descrever assim como que é lá:: assim a fábrica onde cê trabalha assim? quantas pesso::as... éh::... o lugar onde fi::ca assim... eh se é gran::de se é peque::no as partes que tem... assim lá DENtro como que é?

Inf.: éh lá é grande nó^o trabalha numa base de umas de umas cento e cinquenta pessoa na produção... éh:: no parque da:: onde tem as indústria beiran^o a rodovia... e é grande ela tem:: hoje tem... três pavilhão... tá aumentan^o mais um que vai... provavelmen[t]o começa

esse ano aumentar mais um que tá ficando pequena... é: é por aí é um cois/ é um lugar meio assim:... pessoa que num conhece entra lá dentro fica assim espantado que ele... ele vê uma urna ele fica assim:... receio tem receio num põe a mão:... ele fica de longe o [j]ão ele quer chegar lá perto mas num chega...

Doc.: uhum

Inf: é um lugar meio que todo mundo passa fala assim “oh indústria de urnas” então é um lugar que... tem muita gente que tem medo só porque é urnas

Doc.: e a/ mais assim como que é dividido? tem o escritório tem:?

[

Inf.: é tem tem o:... tem o escri/ tem a gu/ cê chega tem a guita tem o escritório que é se/ é junto da firma mas... é separado em parede tem o escritório depois vem a produção... começa lá no fundo... tem os maquinário na parte de serra... a: onde a parte que CORta que corta a madeira tudo e VEM: depois o processo de: lixamento... acabamento aí que vem a parte da pintura... depois a forração... e depois a... onde carregam [d]scarrega... as urna...

Doc.: hum

Inf: pronta

Doc.: e assim lá lá na produção é HOMem muLHER? como que é? mais homem?

Inf.: não mulher só tem duas que é a parte de/ que elas costura as... as renda os baba:do só tem duas mulher que trabalha o resto é tudo homem

Doc.: ah então lá já sai assim a urna com: a parte costura:da tudo?

Inf.: já sai PRONta já a parte costura:da os baba:do as renda já sai pronta

Doc.: ah::ta

Inf: já vai pronta já

Doc.: e como funciona assim o o tamanho? como que é feito assim é:: cês fazem de vários tama::nhos? ou se/?

[

Inf.: é... em vários tamanho começa de sessenta centímetro que é pa recém-nascido... e vai até dois metro e quinze... a normal tem... a normal éh:: éh dois metros... tem a normal um e oitenta um e noventa é geralmente é que faz mais porque dois metro e quinze é menas... é menas que tem que é um tamanho mais já GRANde... e a:: e a gorda que é pa pessoas... é já gorda já então é umas urna que FAZ mas que a quantidade é menos

Doc.: uhum ((concordando))... e a cor? como que é assim bran::co marrom?

[

Inf.: não a branca é mais é é a pequena que começa de sessenta centímetro até um metro e oitenta um metro e sessenta... a maioria é branca... são branca... agora as outra tem uma cor marrom... um:: extrato batido e TEM... em cor MOGno... cor natural...tem:: a cor taBAco né?... e a cor dourada... que hoje nós chama de dourada

Doc.: e qual que assim vende mais assim que sai mais?

Inf.: é:: é a normal mesmo... que é batido faz tipo feito um desenho na... na madeira

Doc.: e assim a qualidade tem vários pre::ços várias qualidades? como que é? ou é tudo igual assim os preços?

[

Inf.: não éh:: tem várias qualidade porque tem uma a... é:: que não vo/ le/ não... vai verniz aí só bate um/ uma tinta... uma água lá a base d'água que num passa nada num Øma[ej]a nada só passa aquela tinta pa tampar a cor da madeira... que é a mais barata que tem... e tem um:: a tampa dela num é de madeira tamØém é de papelão... é a mais barata

agora tem a mais cara... que é a mo::gno... ou seja é uma das mais cara que tem a mogno e a imbuia... e a dourada

RP

Doc.: D.... eu sei que cê trabalha numa fá::brica assim cê podia me falar agora qual que é teu serviço lá... que que assim você faz lá dentro... da fábrica assim qual que é teu serviço lá?... dentro da fábrica

Inf.: minha profissão é pintor eu trabalho na indústria de urna... eh:: e lá eu pinto urnas... e urnas é caixão de defunto pra que num sabe

Doc.: aham ((concordando))

Inf: e eu sou pintor... de urnas

Doc.: e cê sabe como que é todas essas assim os processos de construção de uma urna assim que que tem que fazer assim?

Inf.: não o processo da urna TODO assim eu num te explicar que lá atualmente eu sou novo... eu aprendi trabalhar pintar mas pintar móveis... trabalhei vinte ano pintanØo móveis... era estan::te rack... agora faz pouco tempo que eu tô nessa indústria

Doc.: ahm:: tá... e assim que mais que você sabe fazer que você poderia assim falar pra mim como que é... éh:: pescar:: jogar alguma co::isa

Inf.: não um/ única coisa que eu sei fazer:: sem ser disso é trabalhar de garçom::

Doc.: ahn

Inf: é fazer churras::co... agora eu tô aprendenØo já... a lidar mais profundamen[t]Ø com churrasco é matar carnei::ro... matar novilha tu::do ainda to em par[ʔ]Øs de aprende/ de/

[

Doc.: como que é... (como que faz)

Inf: de aprender ainda

Doc.: não mas cê pode contar já o que cê sabe... é

[

Inf.: como que é?

Doc: ... como que é

Inf.: aí é difícil... como mata um carneiro? é di/ a gente tem que pegar ele pendurar ele pelas duas... perna dele num... numa travessa alta num pau... tem um processo começa cortar a corda pa garganta dele quase... corta se/ pa separar do couro mas corta só a garganta e as veia umas veia...

Doc.: uhum ((concordando))

Inf: aí depois tira o couro... a barrigada e vai pa processo pa serrar pa lavar::... temperar pa depo::is ele chegar na churrasqueira

Doc.: e::... matar assim bo::i vaca é igual?

Inf.: é... não é QUase igual eles eu tô aprendendo... tenho pouco pa pa pa... pa explicar ainda

Doc.: e baralho cê sabe jogar?

Inf.: sei

Doc.: que jogo cê sabe?

Inf.: só::... baralho é truco só... jogo

[

Doc: co/

Inf: cacheta mas num gosto

Doc.: cê cê podia explicar?

Inf.: como joga?

Doc.: truco

Inf.: como joga?eh precisa ter quatro pessoa pa jogar são duas duas... no::... duas de cada jeito entre quatro pessoa... ((na varanda conversam a esposa e a filha do informante)) então tem a dupla... então cada dupla é te/ é dois parceiro aí:: joga so[ɾ]ta eh os baralho tem quatro quatro ah:: quarenta cartas... e:: o que manda é a vira depen[d]Ø da vira se virar um sete o que manda é a dama... então a dama a:: o jogo maior a dama é dama de paus... depois é a dama de copas... dama de espada e dama de ouro são as carta principal mais... alta do baralho aí::... é saber jogar... aí::... tem hora que dá uma mentida... tem que aprender mentir pa jogar senão num...

Doc.: uhn

Inf: num dá certo

Doc.: tá... e:: mais tem alguma tática assim ou só ter essas manha assim?

Inf.: não:: tem cê tem que dar sinal:: cê tem que aprender dá sinal das carta que você tem de repente você num tem NAda... você tem que procurar dar sinal po ou::tro da dupla perceber que cê tem a[ɾ]guma coisa... mas às vez nunca dá certo porque se eles tiver a carta... eles vai saber que é sinal fa[ɾ]so... é a única coisa que tem

Doc.: uhum ((concordando)) e pescar? cê gosta de pescar?

Inf.: não

Doc.: não?

Inf.: não não gosta de pescar

Doc.: ah então tá bom ((o cachorro late ao fundo))

RO

Doc.: D. eu queria saber sua opinião agora... porque a gente agora acabou de sair de dois mil e cin::co e teve um monte de hisTÓria essas história de política de corrupçã::o... do mensalão

eu queria saber assim qual que é sua opinião sobre tudo isso assim... éh::... se você votou pro Lula se você votaria novamente se votou por QUÊ?... que que cê poderia falar sobre tudo isso assim?

Inf.: não... e:: eu votei po Lula... mas não votaria de novo porque::... era a única esperança do povo... menos favorecido tinha com ele... tudo que ele prometeu acho que que veio em vão... porque teve muito rou::bo muita corrupção::... o programa dele da fome até hoje a gen[t]Ø num viu resultado nenhum só que teve muita gen[t]Ø fav/ foi favorecida e num... e num precisava quem mais precisava até hoje... pelo que a gen[t]Ø acompanha em jornal tudo até hoje num recebeu... e a gen[t]Ø tá venØo que cada vez tá pior... então tudo que ele prometeu tá vinØo em v/ foi foi sendo em vão... hoje eu num votaria nele maiØ não

Doc.: e você acha que:: quando ele disse que ele num sabi::a de todo esse esquema aí de corrupção você acha que é verdade?

Inf.: e::u num acredito

Doc.: por quê?

Inf.: não c/ como é que uma pessoa... é:: é porque ele era o maior... ele num era o presidente do partido mas era::... a pessoa mais importante que o P.T. tinha... eu:: comparo assim como um pa/ é::... um pai de/ um pai de família dentro de casa acontece... uma coisa dentro de casa e ele nunca e ele nunca tá sabendo isso num é::... num foi nem uma vez nem duas... tem tem MUIta gen[t]Ø que foi... que levou lucro com isso... como é que ele sabia como é que ele num sabia?... e ele::... ONDE ele Ørrumou tanto dinheiro pa fazer tanta coisa se ele era um operário?

Doc.: uhum ((concordando)) hum... e:: assim você acha que qual setor assim... eh:: deveria ser melhorado mais Educaçã::o Saú::de?

Inf.: é principalmen[t]Ø a Saú[d]Øe né? Saú[d]Ø e a Educação que tá MUIto ruim

Doc.: tá

Inf: deveri/... deveria ser melhorado Saúde... que tá PRECÁRIA demais... e:: a Educação que tá muito que hoje eu acho que tá muito fraco... que eu fiz até a quarta série... minha menina já tá na quinta e::... tem coisa que ela num sabe que eu sei e eu parei de estudar faz tempo já

Doc.: uhum ((concordando))... e assim... agora também... cê acha que a violência tá relacionada com tudo isso com toda... essa decadência assim do gover::no que que cê acha assim... que causa mais essa violência assim que tá ... no país?

Inf.: a violência eu a/ eu acho que é cu[r]pa do g[u]verno pelo seguinte todas as pessoa que governa... teria que mudar a lei e num tem lei... por isso é que tem muita violência... a pessoa:: faz um crime bárbaro e tudo... num acontece nada ela vai presa fica lá um... um ano dois ano e já tá solta... ganha a liberdade noutros país... se ele é estudado ele tem...é sepaRAdo se ele é um um::... um mé::dico um advogado ele nunca vai no lugar que ele deve de ir... ninguém PAga pra só/ só vai preso... pessoas que às vez rouba às vez até pa c[u]MEr... esse fica preso aquele que faz um crime bár::baro como ma::ta est[r]upØa

Doc.: uhn

Inf: MUIto difícil ficar na cadeia

Doc.: cê acha que talvez a pena de morte seria a solução?

Inf.: eu acho que sim... desde com/ desde que foi comprovado que a pessoa matou... isso é se num foi livre defesa e e est[r]upØou uma crian::ça um mulher ou qualqueØ pessoa... deveria ter a pena de morte

Doc.: mas você acha assim que a gente tem o direito de tirar a vida de uma pessoa?

Inf.: não a gen[t]Ø num tem mas eles tamØém num tem o direito de tirar

[

Doc.:

é

Inf: porque se nóØ num tem porque que eles têm?... porque é::... pa pessoa sabe? sentir é só quem passa por isso é só quem tem uma filha est[r]upØada... quem o a/ o a/ o a pessoa tá aí num tem nada a ver toma um tiro mo::rre por causa de... um traficante... começa dar droga po po teus filho na escola... e d[i]pois ele quer cobrar... aí ele começa a vender a pessoa num tem começa a fazer dívida com ele ele vai e mata que direito que ele tem?... ele anda com uma arma na cintura num po[d]e... a gen[t]Ø que anda certo... é proibido ter uma arma ((ruído))

Doc.: é::

Inf.: então ((risos))

Doc: então... nesse caso... né?... e:: entã/ e assim nas cadeias você acha que:: o sistema penitenciário do Brasil... que que cê acha que os presos são muito bem trata::dos ou não?

Inf.: é eu na minha opinião tem mu/ é muito bem tratado é uma mordomia eu acho... quando a pessoa... TÁ presa ele teria... ele te/ ter um serviço próprio pra ele sustentar ele mesmo... pra ele ter a comida... eh:: tudo que ele tem dentro da cadeia do contrário... ele v[ε]ve lá COMe bebe... tudo de graça ainda põe fogo faz uma rebelião põe fogo... QUEIma tudo o g[u]verno vai lá compra tudo de novo FAZ presidiário novo... pois é um dinheiro GASTo... gasta um dinheiro muito grande com eles e eles num...num eh:: a/ se fosse uma pessoa decente num é porque a maioria que tem lá é tudo... pessoas... que num merecia às vez até num tá lá

B3

NE

Doc.: bom vou pedir po cê me contar uma história que aconteceu com você::... pode ser uma história:: feliz uma coisa:: tris::te pode ser um::...que c/ cê foi pra Itália né? que me falaram que cê morou lá um tempo pode ser alguma coisa que aconteceu lá alguma coisa que te marcou

Inf.: nossa M... alguma coisa que tenha ME marcado?

Doc.: é uma um acontecimento assim

Inf.: ah::

Doc.: pode ser recente ou muito antigo num:: tem num importa... num lembra de na::da?

[

Inf.: ()... é que tem tanta coisa mas assim uma narrati::va uma histó::ria... acho que da Itália o que eu posso lembrar assim que::... que foi uma coisa gosto::sa assim... foi de ter contato com os meus parentes... que eu num conhecia que eu só conhecia de no::me... eu tenho um pri::mo que mora lá () ele é pa::dre... ele veio ao Brasil uma vez mas eu não o conhecia... quan::do eu fui pra lá ele tam~~o~~ém num me conhecia... aí eu fui pra lá eu num sabia falar italiano na é::poca... uma amiga ligou pra e::le que já morava lá essa amiga... aí ela ligou:: ele veio até mim:: aí a gente começou ter amiza::de aí ele me conheceu::... é:: eu eu cheguei a visitar ele... na cidade:: onde ele morava na época que era (Como)...conheci toda/ a paróquia de Santo Antônio lá... e depois a:: a família da minha m/ é... do pai da minha mãe eles moram em (Campo Zampiero)... aí ele me levou um dia até lá... foi muito gostoso eu conheci to::das as irmãs de::le... os sobri::nhos... foi uma experiência muito gostosa... é eles pergunta::ram quantas pessoas tinha aqui perguntavam de pessoas já faleci::das... até hoje é:: eles eles num tem muito contato comigo assim de... é de telefonar:: ou de mandar carta mesmo porque a maioria de::les... principalmente o os:: os irmãos de/ desse meu primo... eles falam em dialeto vêneto ainda eles num num falam direito o italiano... eles sempre perguntam de mim pro meu

pri::mo...é:: telefonar aqui eles nunca telefonaram nenhuma vez meu primo que telefona sempre pra mim... eles mandam cartão:: às vezes escre::vem... mas o gostoso foi isso mesmo de de conhece::r aí eles ficam procuranOo traços na pessoa:: né? a gente também é é muito gosto::so isso

Doc.: e quando cê chegou lá assim como que foi até::... chegar num país onde cê num fala a lín::gua num conhece ninguém como que foi até você chegar até o seu primo?

Inf.: na época foi um susto porque:: eu num sabia falar praticamente nada e o pouquinho que você sabe falar:: assim que nem... pai... mãe:: vô vó o pouquinho que você sabe você esquece a hora que você chega lá se você num tem... primeiro porque é um choque que você chega num país diferente numa outra cultu::ra... é:: então o pouquinho que você sabe você esquece... é:: só que também é engraçado porque:: você apren::de falar muito rápido porque você só tem aquela língua pra se comunicar... então é muito rápido também... é que você aprende falar... é claro que regras gramaticais:: isso vai ficando pra trás eu procura::va... prestar bastante atenção em como eles eles formulavam as frases tudo como eles fala::vam... e eu sempre me dava bem porque mesmo que eu num soubesse conjugar um ver::bo ou num soubesse usar uma preposição alguma coisa assim... eu dava um jeito de usar de formular uma frase que usasse o verbo no infiniti::vo eu conseguia me virar então eu errava muito pouco... tanto é que muita gente que conversava comigo achava que eu num era brasileira...

Doc.: uhum ((concordando))

Inf.: era en/ engraçado isso eu já num ti/ chegou uma certa época que eu qua/ que eu tinha pouco sotaque já... mas aí depois quando eu voltei pra cá o tempo foi passanOo aí (cê/ cê esquece do mundo) né?

Doc.: e assim teve algum:: algum acontecimento um episódio lá que cê lembra que foi:: foi interessan::te

Inf.: é: ... assim de interessante logo que eu cheguei n/ no primeiro dia... que eu cheguei lá é foi no primeiro final de semana... ((barulho ao fundo)) é: eu fui é conhecer uma fe::ira de moto feira de Milão... e eu NUNca tive num lugar acho que tão grande na minha vida... mesmo em São Pau::lo... em qualquer outro lugar que tivesse assim... tanta coisa diferente... tanta tecnologia tanta coisa num lugar só... isso eu lembro que me impressionou bastante eu achei mui::to legal muito interessante muita coisa... (legal) mesmo que se faz lá fora... (porque) foi foi logo que eu cheguei acho que eu cheguei numa quinta-feira acho que foi no sábado já que eu fui nessa feira... e outra coisa que me marcou muito que eu acho que mais me marcou... quando eu cheguei nessa semana... éh:: a minha amiga ela morava perto do centro num era longe... aí ela foi me levar pra conhecer o *Duomo*... né? a igreja... principal de Milão... E ela é LINda porque el/ ela é to::da... de mármore.... ela é imensa a sac/ a::... a::... como que fala?

Doc.: as torres?

Inf.: as torres parece que elas vão alcançar o céu de tão grande... e a cidade é tudo muito junto né? é muito pré::dio muita casa muitas ruas estreitas... e a primeira visão que eu tive do *Duomo* foi de/ foi por uma ruinha lateral... aí eu fui/ eu fui vendo aquela igreja imensa (fui) abrindo os meu olhos acho que aquela/ aquela lá foi uma das coisas que mais me marcou eu acho na na Itália... à medida que eu fui cheganØo assim aproximanØo aquela visão foi se abrindo... então eu fui vendo a grandiosidade que é (aquilo)... é é muito bonito mesmo... acho que foi uma coisa que mais me marcou

Doc.: e:: assim de quando cê era peque::na:: também cê num:: num tem nada assim que cê/ algum evento que tenha te marcado?

Inf.: quando criança?... ((pensa por um tempo)) nossa num consigo me lembrar ((risos))

Doc.: então tá bom

NR

Inf.: deixa eu ver se eu lembro de alguma coisa

Doc.: e assim alguma coisa que alguém te contou que cê num tava mas alguém te contou que... foi em algum lugar:: ou aconteceu alguma coi::sa... cê é:: cê mora com a sua irmã né?

[

Inf.:

uhum

((concordando))

Doc.: às vezes ela chega conta alguma coisa “ah me aconteceu assim assim assim”

Inf.: é eu achei bonitinho porque minha irmã é::... ela tava indo na igreja... um dia desses num faz muito tempo não... e ela tem hábito de observar muito as coisas... ela observa muito a nature::za ela gosta muito de passari::nho essas coisas... e um dia ela tava ouvindo ela tava andan~~o~~o na rua e ela ouviu um beija-flor muito bravo... e o ao mesmo tempo um barulho muito esquisito também aí ela resolveu chegar perto pra ver o que que era... e à medida que ela foi chegando ela ela viu era uma árvore baixa... ela viu um louva-deus só que ela ela falou que ela nunca viu aquilo na vida dela porque o louva-deus é um bicho aparentemente tão inocente... ela vi/ o louva-deus estava três vezes maior do que ele era... e ele emitia um barulho horrí::vel... o beija-florzinho coitado tentava assustar o:: o louva-deus mas não conseguia... e a minha irmã falou assim “bom deve ter alguma coisa errada aqui nesse (meio) né? deixa eu olhar direito” aí ela viu que o beija-flor tinha um ninho... ali pertinho... e:: acho que o:: louva-deus coitado ((risos)) tava querendo comer os ovinhos do beija-flor ((fala rindo))... e aí minha irmã pegou o::... o louva-deus e levou pra bem longe daí porque ele realmente ele ia invadir o ninho né? eu achei interessante:: e/ ela falar do desespero do beija-florzinho pra tenta::r... defender o ... o ninho dele

Doc.: parece fábula ((risos))

Inf.: ((risos))

Doc.: tem mais alguma coisa que alguém te contou que cê lem::bra ou que ce achou legal ou acho::u... estra::nho

Inf.: engraçado né? acontece tanta coisa todos os dias mas a gente é::... é tudo tão automático a vida da gente tudo tão corri::do que a gente:: assim esque::ce

Doc.: alguma história que:: sua vó tua mãe te conta::vam que cê era pequena de antes de você nascer:: de coisa de famí::lia

Inf.: é:: tem um::... ele é ele é ti/ ele é meu tio-avô...ele era irmão do meu avo ele já morreu ele morreu há uns três anos... é::... a mulher de::le... ela morava em Cedral... quando era pequena ela é filha de italianos ela... ela conta que o:: pai dela... tinha um cava::lo e ele era muito apegado... com esse cavalo... e:: o velho bebia muito ((risos)) e diz que ele sempre ia pra vilinha lá perto né? que eles moravam no sítio... e:: o cavalo sempre trazia ele pra casa ele voltava pra casa completamente bê::bado o cavalo que abria a porteira pra ele era mais ou menos assim

Doc.: o cavalo carregava ele

[

Inf.: o cavalo carre/ carregava ele... e:: ele sempre falava que o dia que ele morresse... o cavalo morreria também ...

Doc.: ah::

Inf.: e:: um dia ele ficou muito ruim... é ele tava na cidade não voltou pra casa... e:: foram... né? a família que tava no sítio foi até a cidade ver o que tava acontecenOo porque ele num chegava em casa e viram que ele tava muito ruim::... e tentaram trazer ele pra Rio Preto... na época Rio Preto devia ser mui::to pequenininha acho que nem tinha assistência direito aqui... eu sei que ele tava já praticamente morren::do... a história é mais ou menos assim... e:: o cava::lo ficou lá... e:: uma pessoa da família foi tentar levar o cavalo... pro sítio... junto com

outros cavalos e nisso é::... ele tava vindo pra Rio Preto e ele passou muito mal acho que era até perto do cemitério da Ercília se eu num me engano... e ao mesmo tempo que ele passou muito mal porque tava morre::ndo o cavalo empacou... no meio da estrada e não queria mais andar... até o moço que tava levanØo o cavalo de volta pro sítio... ele:: tava com outros cavalo junto acho que ele tento::u ele fez de tudo pra tentar... fazer o cavalo continuar andanØo e num conseguiu... eu sei que foi assim... aconteceu realmente ao mesmo tempo que ele morreu... o cavalo tamØém morreu... eu sei que ficou ali na estrada na época foi um acontecimento assim::... muita gente falou “nossa mas porque que cês num num num põe no jornal:: num sabe? num divul::ga (alguma coisa) porque é uma cois/ foi algo muito diferente mesmo que aconteceu”... eu num sei contar assim mas a:: a filha dele né? que é a mulher do meu tio ela lembra tudo e ela contava assim do jeito dela né? ass/ assim misturanØo um pouco de dialeto ita/ é vêneto e tal... mito interessante ouvir ela contar... mas era realmente é um fato que aconteceu... eu acredito nisso eu acho que:: existe assim uma::... uma ligação entre animais e:: e seres humanos né? eu acredito sim... se/

[

Doc.: causos do interior ((risos))

Inf.: é ((risos))

DE

Doc.: R. eu queria agora ce fizesse uma descrição pra mim... po::de ser de algum lugar lá da Itália que f/ que:: cê falou da:: das igre::jas lá::... te impressiona::ram... é queria que cê fizesse uma descrição de algum lugar de alguma pessoa

Inf.: (uma descrição? deixa eu me lembrar) ((resmungo))... é:: na Itália tinha um... um caminhozinho... que eu sempre:: é::... a casa onde eu morava ela era um pouquinho afastada...

do centro eu morei uma bo/ uma época numa cidade praiana... e:: a gente percorria... num s/
 devia dar uns dez cinquenta metros mais ou menos (eu acredito)... era assim era um pouco de
 rua:: um pouco de::... de ma::to vamos dizer assim... tinha uma boa:: uma área bastante
 diversificada... e eu lembro que eu gostava muito de andar ali... tinha as ruas eram assim é::
 você só tem o asfalto na rua mesmo na calça/ a:: na rua só... num existe calçada...

Doc.: hum::

Inf.: a calçada geralmente é areia ou terra mesmo as pessoas num::... elas num (é) num
 asfaltam num é que nem aqui que a gente só vê cimen::nto tal... era interessante que tinha
 muito parque também e tinha muito (cabrito)... eu gostava de olhar

[

Doc.:

hum::

Inf.: era gostoso andar à noite... à noite você queria... tinha aquele... o vento gostoso da praia...
 cê via os animais ali pato cabri::ta:: a::... o céu enluara::do à noi::te cheio de estre::la... casas
 mui::to anti::gas... tinha até pedaços é:: cas/ casa assim de moinho... assim meio deteriora::do
 já meio estraga::ndo... aquelas casinhas boniti::nhas com::... com lare::ira é uma/... é assim é
 uma lembrança gosto::sa... janelinha assim lá no AL::to...

Doc.: uhum ((concordando))

Inf.: sabe? junto com o:: telha::do... assim que eu lembro que me marcava bastante esse
 caminho que eu gostava assim de ver... outra coisa também que:: que eu gostava muito de ver
 era nas estradas de de... de trem::... aquele (cascalho) branquinho... e flores... cê só via flor...
 margeando o caminho... aquelas florzinhas miúdas coloridas... praticamente em toda:: em toda
 estrada

Doc.: paisagem de qua::dro né? parece

[

Inf.:

(paisagem de/)mas é:: muito gostoso

Doc.: então tá bom

RP

Doc.: agora por último eu queria que cê me ensi/ ensinasse fazer alguma coisa

Inf.:((risos))

[

Doc.: como boa descendente de italiano ((fala rindo)) cê deve saber fazer macarrão:: umas coisa assim né?

Inf.: hum:: hum:: ((espantada))

Doc.: ou então pode ensinar fazer igual fazer outra coisa né? se num souber fazer comi::da num:: num sei é que geralmente fala “ah me ensina a fazer alguma coisa?”já vem receita na cabeça da pessoa né?

Inf.: deixa eu ver... tem um arroz lá que eles fazem... que é gostoso... é::... assim é é super simples é é o nosso arr/ é::... porque lá eles não cozinham arroz como a gente... é aquele arroz que é:: acho que é cultivado na água é um... é um arroz que tem um um grão mais... mais la::rgo tal eles cozinham como macarrão...

Doc.: ham

Inf.: então você::... cozinha o arroz normal... é:: até ele ficar mais ou menos... molinho você escorre... e tempera normal com sal azei::te... se quiser colocar mais alguma coi::sa... é se quiser fazer uma salada também... pode colocar presunto picadi::nho... o::vo... cheiro ver::de... tipo uma salada... seria o/ a *insalata*... italiano

[

Doc.: uhum ((concordando))

Inf.: assim é super ()

Doc.: e tem alguma outra coisa que cê aprendeu a fazer lá que cê... cê pode me ensinar a fazer?

Inf.: olha

Doc.: ou que cê não tenha aprendido lá também que cê já soubesse

Inf.: tem uma coisa muito gostosa que eu aprendi fazer em Tocantins...

Doc.: hum

Inf.: eu adoro... que é biju de tapioca... tem que ter polvilho... doce... é tem que tá bem soltinho... você:... é molha ele com um pouco de água... ou mesmo leite... coloca uma frigideira no fogo... aí você vai polvilhando... é:: o biju a:: a farinha na frigideira... ela vai ficar como uma panqueca... deixa ela dourar um pouquinho ela ce vê que ela aderiu ela mesmo né? você vira... um pouquinho... e depois você tira do... fogo você pode espalha::r queijo rala::do ou você pode passar simplesmente manteiga e enrolar como se fosse uma panqueca... eu adoro é uma é uma delícia ((risos))...

Doc.: ()

[

Inf.:e atualmente tá bastante na moda a gente vê em shopping em São Pau::lo o pessoal fazenOo é

Doc.: é crepe

Inf.: é... bem legal... é:: e:: num sei deixa eu ver alguma::

Doc.:outra que ce sabe faze::r fora comi::da

Inf.: fora comida... eu adoro fazer caixinhas ((risos))

Doc.: caixinha de de presente?... como que faz umacaixinha?

[

Inf.: caixinha de/ é... caixinha de pap/ caixinha de papelão... é:: tem que ter papelão...

Paraná que é um papelão bem grosso... é::... tem que ter medi::da... certinha né? pra gente

cortar o fundo... é eu risco depois eu... porque papelão é muito duro aí eu tenho que abrir com estilete... pra poder ficar mais fácil pra eu dobrar depois... no lugar onde eu risquei eu passo o estilete que fica mais fácil pra dobrar... aí eu colo as laterais... a tam...pa eu faço ela meio milímetro... maior que o fundo... da medida só um pouquinho... e depois eu encapo com papel colorido de qualquer tipo de papel

Doc.: uma distração ((risos))

Inf.: é uma distração ((risos))

Doc.: tá certo

RO

Doc.: qual que foi a impressão que você ficou de lá assim da Itália um lugar muito diferente... é num sei... ficou com a impressão de que é um lugar meio antigo assim pelo que você conta parece que... tem uma imagem antiga

Inf.: meio estranho isso... porque

[

Doc.: ()

Inf.: é antigo pra mim... porque lá: tudo é novo... a Itália é um país moderno... num tem nada... lá hoje num tem nada daquilo que a gente imagina... que é o país assim de tradição... de muita festa... eu acredito que aqui as comunidades que a gente tem aqui principalmente no sul ou no Espírito Santo... ou no sul do país... acredito que eles conservam muito mais: as/ assim as tradições dos antigos italianos do que... os próprios italianos modernos hoje... (acho) que eles conservam muito mais... mas ficou assim: é: uma imagem bastante positiva... acho que principalmente por assim... porque é as origens da minha família () também... e

também... é ficou uma impressão um pouco pejorativa... porque confir/ quando eu fui pra lá... eu vi confirmadas... aquilo que eu imagina::va já que os europeus... achassem da gente...

Doc.: uhum ((concordando))

Inf.: é que nós somos um país muito po::bre... que nós num temos educação... que aqui só existe negro só existe índio... cabeças rolam nas ruas::... é teve até uma pessoa que () aqui na casa assistia televisão::... e que a imagem que eles tem da gente ainda é bastante ruim bastante/

Doc.: e:: assim:: cê falou da:: da sua família de resgatar a origem cê acha importante assim... regatar a ori::gem é:: ah buscar a origem da sua famí::lia conhecer:: gente que cê nem sabia que existia:: em outros paí::ses

Inf.: eu (acredito) que sim... eu acho que deve haver essa:: esse resgate eu acho que (assim) que todos nós... devemos conhecer um pouquinho da nossa história eu acho que isso é importante

Doc.: cê acha que mudou alguma coisa assim depois que cê viu sua família lá::

Inf.: cê fala pra mim?

Doc.: é pra você a maneira de se ver a sua identidade

[

Inf.: (eu acredito) que sim... mudou bastante sim... mudou... e/ e/ e mudou também aquilo que eu te/ que eu falei... eu acho que desfez um pouco aquela imagem que eu tinha... que eu vejo que::... eles também::... é progredi::ram né?... porque a imagem que eu tinha deles era aquela imagem parada no tempo... e num é ...

Doc.: uhum ((concordando))

Inf.:ao mesmo tempo que a gente aqui mudOu eles lá também... mudaram

Doc.: é... uma opinião que a gente tem deles e a que eles tem nossa tamØém é [dz]istorcida

Inf.: é distorcida bem distorcida

Doc.: ta

B4

NE

Doc.: A. eu gostaria que você me contasse alguma hisTÓria que tenha acontecido com você e que de alguma maneira te marcou

Inf.: hum::... bom éh:: éh:: foi esse carnaval agora de dois mil e cinco::... éh:: nós íamos pra:: praia eu e meu amigo e ia encontrar a minha amiga em São Paulo... pra descer pra Ubatuba... isso começou:: na... quinta-feira... nós fomos no:: meu colega foi comprar passagem... na Cometa... ele comprou uma passagem... pro DIA da quarta-feira e a outra passagem... de volta... né? na quinta-feira não as duas passagens iguais... então chegou na hora de embarcar no ônibus embarcamos TODas as malas... e as passagens num chocavam... tivemos que:: esperar o ônibus queria ir embora:: tava inØo embora tudo e::... e ele resolveu... foi lá em cima resolveu o::/ a::...tu::/ a:: a PERda né? da passagem tudo lá aí voltou... ficamos pa... viajar no dia seguinte... então no dia seguinte... pegamos o ô::nibus tu::do nós fomos pra São Paulo sete hora da manhã::... chegamos lá praticamente quase meio-dia meio-dia e meio... aí descemos na Barra Funda... no terminal lá... a que chega de São José do Rio Preto... aí foi a primeira vez que eu peguei um metrô na minha vida... éh peguei o metrô... aí nós descemos na:: pegou na primeira::... estação/ estação de metrô que é a::... é a:: hum::... da Bar/ Barra Funda... da Barra Funda que é:: a:: a rodoviária e deixou até a Marechal... que é a primeira estação de metrô... aí nós descemos fomos lá no apartamento de uma amiga nos::sa... ficamos lá até dar um horário pra pegar um ônibus... no terminal Tietê... pra descer pra Ubatuba... aí

nós... fo::mos... to/ pegamos de no::vo o metrô da ba/ da::... da Marechal... fomoØ até a estação da Sé que é um formigueiro huma::no tem metrô pra tudo que é canto

Doc.: ((risos))

Inf.: ... conseguimos acertar de primeira o metrô pra ir pra uma::

Doc.: que bom ((risos))

Inf.: pa rodoviária do Tietê... chegamos lá::... aí nós esperamoØ a J. chegar::... aí era oito horas da noite a J. chegou::... nós pegamos ônibus pra descer pra... Ubatuba... descemos... a serra debaixo de CHUva... nós vamos pegar:: assim um carnaval debaixo de chuva em Ubatuba... mas graças a Deus foi... só sol... fomos lá o carnaval inte::iro... aí nós fomos num::... numa:: reu/ numa FESta que tinha lá... numa:: montanha que era uma::... uma boate ()... só que era MUI::TO caro... MUI::to caro acabamoØ resolvenØo e inØo embora... aí... foi gosto::so deu pra... curtir o carnaval tudo assim fora de casa::... em Ubatuba tudo... aí pegou::... eu tive que voltar MAIS cedo porque:: eu tinha que:: pegar:: fazer a:: inscrição... da UNESP que eu ia requerer a vaga... que eu tinha ficado na lista de espera... então eu tive que vim antes... (até aqui) né?... aí:: nó pegamos aí::... acho que foi:: quer ver?... sexta-feira assim... sexta-feira nós foi/ voltamos/ subimos de no::vo:: deu quase o mesmo trajeto... chegamoØde Ubatuba... fomos até::... ah ônibus agora foi até São José dos Campos... depois pegou:: e voltou... pela:: Via Dutra... foi a primeira vez assim que a/ e a::/ que eu vi o::/ um aeroporto... internacional né? de São

[

Doc.: uhum ((concordando))

Inf.: Paulo que é de Guarulhos e que assim... de cinco em cinco minutos tava... decolanØo avião... foi a primeira vez que vi um avião giGANte na minha vida nossa foi muito dez... aí nós chega::mos::... em São Paulo de novo... aí foi... nós dois compramoØ a para::/ o metrô/ a passagem do metrô... aí ele pegou... nós olhamoØ assim na primeira:: próximo::... da onde o

trilho do:: metrô passa::... daí ele pegou e falou assim ele falou “NÃO... num é esse lado né?” eu falei “NÃO... é assim... por que o metrô vem num la::do a gente vai ter que passar pro OU::TRO lado pra pegar o metrô que vai pra Sé” “NÃO num é?”... fizemoØuma aposta... ganhei a aposta... aí fomoØ... até chegar em/ até chegar na praça da Sé né? na estação da Sé... aí chegou na Sé... nós descemos no metrô... fomos até:: esperar o outro metrô... e num sei mas eu senti que aquele lado era o errado

Doc.: é

Inf.: ... eu falei “não óh esse aqui tá vinØo da Barra Funda a gente tem que pegar o do OU::tro lado de novo” ele de novo ele teimou... falou “NÃO a gente entra no metrô... e... a próxima estação se e[]tiver errado pega e retorna” ... num deu outra pegamoØo metrô fomoØ parar em ou::tra estação::... retornar::... aí até chegar na Barra Funda de novo aí nós... num paramoØ na Marechal:: descemoØ de no::vo na casa da nossa amiga em São Pau::lo... aí eu peguei... nós fomos... dar uma volta em São Pau::lo... comemoØcomida chinesa tudo lá... aí:: ele ia pa Sumaré::... e eu ia voltar pra Rio Preto pa fazer a inscrição na UNESP... aí eu peguei... peguei sozinho o metrô da Barra Funda (tô indo agora no da/) metrô não [d]Øsculpa na Marechal... até na Barra Funda era uma estação assim pertinho... aí eu peguei:: comprei a passagem me virei só/ primeira vez que eu fiquei em São Paulo me viranØo sozinho né?

Doc.: uhum ((concordando))

Inf.: peguei um Ônibus... e vim pra Rio Preto isso era cinco horas da noite... cinco horas da noite ((fala com tom irônico)) era cinco horas da tarde depois cheguei... aí fui chegar aqui em Rio Preto:: dez:: e: meia... assim::... no::/ na:: sexta-feira... assim... com a flor da pele esperanØo até terça- f[ej]ra pra fazer:: a inscrição da UNESP assim vai passa o domin::go... e vou/ ia chegar assim óh::/ ia chegar a outra semana mas nunca ia chegar terça-feira

Doc.: ((risos))

Inf.: ... ai vai... acordei de manhã:: vim::... vim terça-feira aqui pra UNESP... fui ver... eu tinha ficado em:: na lista de espera/ tinham lançado trinta pessoas na lista de espera e eu fiquei em dezesseis praticamente no meio da lista de espera... aí veio::... assim eu vim de manhã:: acho que era oito horas da manhã eu vim... aí eu fui na:: seção de graduação:... fui lá ver Matemática eu vi a primeira vez Matemática era NOTURno... tinha só cinco vagas eu falei “NOSSA ainda bem que eu num escolhi matemática noturno” que só tinha só cinco vagas remanescent[~~t~~]Os... aí::... fui ver... diurno... vinte e uma vagas

Doc.: hum::

[

Inf.: eu tô/ eu tô/ t dentro né? aí todo contente né? falei “NOSsa” aí eu fui lá desci no... acho que era no:: an/ é anfiteatro::... que eles falam do bloco C né? aquela no bloco C... desci::... fui lá a mo/ a/ a/ foi assim né? a moça falou “nossa cê deve tá todo contente” eu já falei “eu TÔ” ... daí eu fiquei todo contente desci em ca::sa... falei pra minha mãe que eu tinha passa::do e tu::do... daí ela já queria passar trote em mim já queria tacar ovo em mim já ía passar farinha... TUDO... aí vim à noi/ aí vim à tarde às duas horas... entrei perto da::... do auditório aí tinha (todo) aquele proces::so de preenchimen::to todas as documentação tudo eu entrei às duas horas fui sair as cinco horas... morRENØo de medo do trote... aí::... tinha as duas portas a porta que era pra levar trote e a porta que NÃO era pa levar trote... eu falei “uai eu vou levar trote pô demorei tanto ano pra num/vai pa porta e perder meu trote” mas::... tava TANta bagunça (foi aumentando tanto) que eu comecei a ficar com medo... falei “não eu vou sair pela porta de cima” aí saí por aquela porta de cima aí num deu outra uma colega minha falou “ah:: A. tudo jóia né?” ... aí eu falei “oi... tudo bem?” ela falou “ah vem cá” me catou no braço foi me levou onde tava tendo trote... aí rasPArAm me pinta::ram... me fizeram eu rolar na gra::ma tu::do::... aí pass/ aí foi cantamos o hino da UNESP que eu também num posso contar aqui

Inf e Doc.: ((risos))

Inf.: ah:: aí:: Øcabou... foi a hora que ia embora... aí na:: segunda-feira que a gente foi na terça aí na seGUNda-feira acho que foi no dia oito se eu num me engano... é:: todo mundo::... foi .. rever:: na faculdade mostranØo as salas tudo e fomos pro::... cada::/ cada:: curso tem um lugar nas avenidas de Rio Preto pra fazer o trote... aí eu fui na::... na avenida Bady Bassitt lá na:: Farroupilha... lá agora tem o novo Habbib's ali naquele (canto)... eu fiquei das duas horas até as sete horas da noite pedinØo diNHEiro::

Inf.: ((risos))

Doc.: ((risos))

Inf.: levei/ não/ ganhei moedinha de um centavo dez centavo três centavos uma moedinha de três centavos é boa né? de dois centavo tamØém é uma maravilha lá eu ganhei DE TUDO até de pão de queijo mexerica tangerina laranja ganhei de TUDO com aquele negócio... olha... mas/ foi MUIto divertido foi MUIto gostoso foi dez:: aí pegaram o ô/ aí vieram buscar:: ... nós né? um ônibus... voltamoØ deixou aqui na frente da UNESP... aí eu cheguei em ca::sa:: tomei um ba::nho:: aí eu tirei foto com todo mundo de no::vo em ca::sa que tava tudo pinta::do... aí f/... [dʒ]Øscansei... aí a meia-no/ acho que era mais ou menos meia-noite eu voltei pra:: festa né? que é a chopada aí::... eu ficava/ eu era mais liso que um sabão... aí os meus veterano “cê já trabalhou bixo?” “então eu num trabalhei até agora e tá me danØo serviço?” “então tá agora cê vai beber” escapei de todo mundo num trabalhei nada

Doc.: ((risos))

Inf.: aí então:: acho que foi gostoso assim aí depois nos primeiros dias de au::la::... foi legal né? conhecer todo mun::do na facuØda::de... já tinha bastante amigos meus aqui na facuØdade... só que é:: a Matemática é muito diFÍcil ((risos))... fiquei em depê em as/ (três) maté::rias tudo mas:: agora nesse próximo ano agora dois mil e seis é vou mandar BA::la:: pegar firme:: e:: oh... e:: DEZ

NR

Doc.: bom A. eu queria que você me contasse uma história que alguÉM tenha contado pra você

Inf.: oh:: a::/ a história é a da minha amiga P.... ela::... ela foi viajar com o namorado dela pØo Paraná... e a mãe dela emprestou o carro... pra ela... e o namorado viajar pro Paraná... só que ela foi diriginØo como o namorado num tinha muito::/ num/ é noção::... ele num tinha muita prática ainda no dirigir ele tem carta tudo maØnum tem::... prática pØa dirigir... então ela foi diriginØo até o Paraná acho que se num me engano a cidade Cascavel alguma coisa desse tipo mas é no Paraná... e ela foi... e ela/ ela falou... que num/ a ida foi até tranquilo mas assim que teve chu::va tudo... aí ela volt/ aí ela falou que na VOLta que foi... difícil aí ela falou na/ ah::... falou que ela dormiu [dʃ]Øescansou por que a:: a meta dela era sair às duas horas da tarde... pØa chegar em Rio Preto de man/ é assim... DIA ainda né?... aí ela:: dormiu num consegui saiu às cinco horas da tar::de atrasou tudo... e foi... ela falou que foi in::Øo... tal tal tal... ela falou que nã/ AN[tʃ]ØS de chegar no fi/ no:: limite de:: de Esta::do do Paraná com São Paulo... ela:: ficou de frente com um caminhão... e o caminhão:: parecia que ele tava... invadinØo a pista:... e ela falou que invaDIU mesmo a pista ela falou que era um caminhão (pra um) giGANte e vem na direção... e ela fugir desse caminhão nu/ num vai sair da pista... esse caminhão num vai num vai num vai... ela começou reduzir... reduzir... e:: tava/ falou (que) tava no acostamento e o caminhão passou... né? acho que:: passou assim ela já começou a ficar assustada começou ela já começou tremer tudo... ficou [dz]esespera:da:... e o namorado lá... tamØém [dz]esesperado... coitado... o R. paLHAço

Doc.: ((risos))

Inf.: aí o::... aí ela falou que a hora que chegou no estado de São Paulo... éh:: ela veio veio começou chover e tinha muito buraco a B.R. cento e cinquenta e três é cheia de buraco... e:: estourou um pneu... isso já tava à noite... o () falou que era:: dez horas da noite... ela parou:: eles pararam o carro tudo né? na rodovia viu lá:: o pneu traseiro tudo:: estourado... aí:: ela pegou:: o namorado dela ficou passan::do tal pum carro:: parar né?... pediu ajuda pra:: pelo menos pra iluminar... pra poder trocaram o pneu... e aí ela falou que parou o carro... aí parou:: um:: acho que era uns cinco jovens que tava dentro do carro cinco ami::gos... e:: tinha acontecido a MESma coisa... eles tavam s/ esperando alguém também parar/ alguém passar pa poder trocar o pneu... aí juntaram mais:: al/ e aí esperaram mais um carro aí chegou um casal... de senhores... japonês e/ era japoneses isso acho que era/ acho que era um casal de senhores/ senhores japonês era dois caSAIS... e tinham feito a MESma coisa com o carro então era os três carro... com o pneu estourado no meio da avenida/ da rodovia... isso... né::?... foi foi demorou aí::... acho qu/ acho que um/ UM do/ é um dos menino lá do outro carro tinha celular aí ligaram pro... pra polícia... até esperaram a poLÍcia... vim... éh:: aí foi uns dos:: das pessoas foram até um posto... não hora que a polícia... aí a polícia chegou:: ... aí uma polícia ficou::... aí a o/ pegaram a roda de um dos carro e levaram até... um posto próximo... só que o posto tava mu/ tava fecha::do num tinha borracharia... tiveram que ir... num o::utro aí demorou um século pra arrumar o carro... aí sei que:: ele... éh:: voltaram tudo arrumaram o car::ro... aí ela veio... embora assim... ela veio peganOo chuva diz que foi/ que foi um:: pé D'Água... acho ela falou que ela tava assim::... doía tu::do nela porque ela tava muito tensa e ela choranOo choranOo e choranOo... e diriginOo... vinOo embora... aí ela pegou:: ((risos))... ela::... falou que a hora que ela chegou:: a:: a:: uma cidade aqui perto assim ela:: viu uma borracharia aberta ela falou assim “não eu vou arrumar esse carro” ... ela arrumou o pneu arrumou tudo bonitinho desentortou a roda... aí:: veio pa Rio Preto... aí chegou acho que em Rio Preto aqui acho que era umas qua::tro da manhã ela falou que (outra) ela queria chegar às

DEZ horas da noite ela chegou quatro hora da manhã... estressaDÍSSima cansada:: disse que só num queria ver cama... aí:: o que foi... a mãe dela e a avó dela assim né? são super protetoras “o quê que acontece com a P.? e tá tá tá” ... sei que ela mentiu... ela falou que ela foi chegou... na na divisa do Paraná... com o:: São Paulo... falou que tinha uma fila iMENsa de carro (pa passar) detetizanOo por causa daquele negócio de teve da febre afto::sa tal:: aquela coisa de::... dos gado que num podia passar po estado de São Paulo falou então/ teve assim... que revistar car::ro passar::... detetizar o car::ro tu::do então foi isso que demorou mui::to... aí pararam de no::vo detetizaram o car::ro... ela mentiu mentiu mentiu mentiu até não querer mais... eu falei “puxa vida” falei “o[j]a” falei “pelo amor Dues mas como mente a menina”... ela é muito mentirosa ela já con/ o[j]a ela já/... TUdo que ela faz/ tudo faz até o fim com o namorado uma coisa ela sempre mente ela/... TUdo pior é assim falei “olha” falei pra ela... “quem tem mentira::... tem perna curta né?”

Doc.: e a mãe dela ficou sabem::do depois a verdade?

Inf.: A mãe dela pegou perguntou “ah mas essa roda tá::” ela perguntou alguma coisa de de/ da roda mas num/ lembro muito bem o que era ela perguntou da roda... ela falou “NÃO MÃE é que:: batida de... de/ aga/ pneu:: assim nos buraco lá deve ter (estragado) alguma coisinha mas num foi () a coisa não” só faltava quase capotar o carro na rodovia chega o carro assim queiman::Oo mas... mas assim ela::...uma aventura E TANTo ela na rodovia mas ela::... foda é o perigo né? mas dessa vez tá/ con/ terminou tudo bem

DE

Doc.: bom A. agora eu queria que você me descrevesse a praia de UbaTUBa que você foi

Inf.: bom eu cheguei na praia é:: fiquei... VINte minutos da:: praia de Ubatuba é fiquei numa praia chamada::... Domin/ é::/ Domin::gas... Sununga::... e:: agora eu num lembro a outra...

(como que é)... a:: praia onde ficou a casa... era uma praia tipo::... enseada assim
era cobe/ era montanha então era um a/ um ba/ aberto

Doc.: uhum ((concordando))

Inf.: ... era mon/ éh:: entre montanhas então você num tinha:: muitas ondas era calminho cê::
andava na água ia até:: lá na frente... né?... cheia de bar::cos tudo... e tinha várias::... casas/
umas casas chique assim bonito::nas assim... e:: tinha várias... barzinhos... uns barzinhos tudo
os quiÓsques... com cadeira jun/ hum cadeira tipo:: aquelas de plá[]ticos assim né?... e::
basta::te camelô:: ah tipo camelô né? que é::... num sei se fala tamØém praia camelô né?
mas é menos aqueles *hippie* camelô... assim... CHEIO né?... tudo colorido tem até tudo
aqueles/ que eles quadros de::... num sei como chama saída de Água:: saída de PRAIA (num
sei aquelas coisa que (quase) vendendo... LÁ::... e nessa praia ela é:: num é grande ela:: como
que ela fica entre a monta::nha... ela é/ ela:: é bem::... a água é escura... péssimo é bem escura
mas... é BEM calmo sabe? é bem pa criança pa senhora de idade... e:: tem uma praia do lado/
aí pra você passar:: pra PRAIA... do lado::... direito... que é Domingas... você passa por um::
por um condomínio...

Doc.: hum

Inf.: que muito em pe::dras umas pedras umas grando::nas assim bonitas... e é um caminho
com aREia... e:: e:: e pa/ entra e fica assim entre uma casa e/ e a monta::nha e/ mas é bem
estreito... pa/ dá pa passar duas pessoas assim uma do lado da outra é bem estreito... e fica do
la::/ e na entrada dessa::/ desse caminho... tem uma gruta... assim né::? uma gru::ta com pedra
é MUIto bonito... assim sabe? a água é gostosa geladinha... é bem gostoso... aí/ e essa outra
praia... é pa condomínios... essa já tem uma areia BEM clara e a água é um pouco mais clara
porque ela assim... ela fica um pouco mais aber::ta pro mar né?... uma área... que fica bem
aberta dá pra cê ver... o horizonte do mar... e:: e essa assim tem VÁrias pedras então você dá
pra subir pulanØo por pedras e pedras... caminhan::Øo... fazenØo o contorno dessa

monta::nha... que dá pra::... pra praia:... do Lago lembrei agora praia do Lago... mas dá pra
você fazer esse caminho pelas pe::dras... é bastante pedras pra fazer

Doc.: uhum ((concordando))

Inf.: esse caminho... e essa praia Domingas... ela:: ela é bem:: inclina::da areia bem
inclina::da... então ela já/ como::... ela num tem TANta onda FORte... mas ela é inclinada e é
gostosinha sabe? e nessa já num tem tanto camelô::... num tem tanto já num tem bar::co... é...
são casas... né? são casas de e[[j]]tilo::... bem moder::nas mesmo sabe? bem:: modernas
umas casas bonita com bastante coque::iros... coqueiros e:: samambaias né? ()... samambaias
assim... giGANte as coisa que cê vê e em casa cê fala assim “menino mas que samambaia
gigantes mesmo... LINdo” e verde verde verde... é legal que dessa:: dessa praia... você vê a
rodovia... que é a que:: a que chama Rio Santos você vê ela passanØo EM Cima da
montanha...

Doc.: hum::

[

Inf.: lá em cima... e:: e é onde fica a ca::sa... da praia... ela fica assim tipo no NÍvel à rodovia
então cê:: cê/ assim é pouco caminho de que... MIL QUILOMETRO são quinhentos metro cê
vê que já a montanha já tá be/ é alto... aí... voltanØo né?... volta pra praia do Lago... que é
essa que:: que eu contei que as ondas são::/que fica entre montanhas é como se fosse um::
uma baía né?

Doc.: hum

Inf.: uma baía... aí agora vem a mais legal né? que é a::... chama praia da Sununga... essa
praia... ela é assim... ela é inclinadona tamØém... só que ela fica com o mar BEM mais
aberto... e as ondas são GIGANTE... GIgannte giGANte giGANte... eu/ é assim é LINdo a ca/
a água/ a/ é verde... a/ essa água é verde... e ela bate e:: e tem uma montan/ como você tem
essa montanha que separa ela do (Lago) é uma:: uma praia de pedra giGANte assim mas tipo

assim se::... po cê ter noção... é como se fosse um prédio de quatro andares... só assim a pedra... e você pode ir subindo o escalão ela assim é como se fosse os/ um tobogã... e a onda é TÃO forte... que ela bate e ela sobe aqui... e vem quase (todo mundo) assim sabe? é como se fosse um *tsunami* mas é muito legal... é LINDO de ver... é lindo lindo mesmo... e fica muito dez... e:: nessa praia assim é:: n/ nessa aí é passam várias pessoas... elas pegam um disco tipo uma prancha redonda como se fosse uma tampa... elas deslizam na areia... e a hora que vem a onda e/... faz um:: um/ tipo um *looping*... e cai... e nessa praia da (tal) Sununga... ela tem até comunidade no *orkut* e tudo é:: da hora essa praia... ela tem umas () muito dez... muito lindo lindo mesmo... e ela é BEM pequena ela num tem assim::... é::... tipo:: (são pe/ os)::... BEM menor ele é assim é/... como se fosse o tamanho de um quarteirão de Rio Preto ela é BEM pequena ela é como uma praia/ tipo de praia mesmo particular mesmo... e nessa/ e do lado esquerdo dela... tem outra montanha e nela tem uma gruta... uma gruta muito linda assim sabe? e éh/ vai gotejando... eu num lembro o nome dessa gruta mas::... ela goteja:: água tudo... e é legal que você entra dentro dela... ela é bem escura cê vai entrando... eu num num entrei totalmente porque é tudo cheio de aranha cheio de cobra mas:: MORro de medo... e se você virar ao contrário... você vê assim... o céu azul... LINDo... a água verde e areia... e se você tira fo::to... de dentro pra fora... a SUA imagem... a seu corpo sai preto... né? sai preto você não vê sua fisionomia você vê só contorno... é só que você vê a água azul sabe?

Doc.: hum

Inf.: então fica uma foto assim de monTAgem... linda... e::...enfim linda linda linda mesmo... e é legal que:: é:: e nela tem uma pedra...que:: você sobe nela... e você::... é como se você tirasse... foto... você cê tira foto... de uma pessoa de trás pra frente... nessa água... é como se você tivesse em cima da água assim é MUIto legal

[

Doc.:

hum::

Inf.: ca/ muito lindo o pôr-do-sol lá é lindo maravilhoso... sabe? vai... ficanØo .. vai fi/ vai ficanØo um azul... é legal que vai... mudanØo simplesmente um azul... um azul escuro vai ficanØo verme::lho... um vermelho... assim... não um vermelho Ølaranja::do Ølaranjado vai ficanØo vermelho vai escurecenØo é LINdo demais... lindo... e:: é legal que nessa pedra eu vi uma tartaruga... marinha... passando eu fui o único... dos três a ver uma tartaruga marinha... lá:... e::... mas lá:: essa/ assim a Sununga/ das três praias a Sununga é a melhor... é a melhor praia... ela:: cê leva caldo eu levei dois caldo assim::

Doc.: ((risos))

Inf.: um caldo nela... e:: é legal porque assim é MUIta gente que fica (aqui) é muita muita gente lá::.... e ela num:::... ela tem uma rua... que ve/ que separa ela então as casas num ficam muito próximo dela... então ela fica... longe... né? dela... e:: é/ é linda é linda linda linda demais assim ela tem NÃO tem tanto coqueiro... é num tem muitas

[

Doc.:

hum::

Inf.: árvores são mais as montanhas... enfim... né?... ela é bem clara... ela é bem aBERta... você vê:: o o mar:: né? o horizonte lindo assim sabe?... muito dez a praia assim... () deu?

RP

Doc.: queria que você me explicasse... como que faz o *yakissoba*

Inf.: bom o *yakissoba* eu aprendi na:: co/ Ana/ com a Ana Maria Braga uma vez... eu queria/ eu ia fazer terapia mas a psicóloga telefonou::... disse que num era pra ir:: aí eu fiquei eu liguei a T.V. fiquei assØØtinØo a Ana Maria Braga ela ensinou rapidinho assim nem precisei anotar nada... é rápido... é assim você vai precisar de... dependendo da quantidade... que for fazer por pessoa... eu não sei assim tipo quantidade... mas você vai precisar de pimentão

ve[r]melho... amarelo:: verde... qualquer um quanto mais (colorido) melhor... é:: cenoura...
cebola:... é:: aquele:: grandão::... é chama:: salsão...

Doc.: uhum ((concordando))

[

Inf.: acho que é salsão... isso é salsão... e:: é:: frango co[r]tadinho... né?... cubinho:: tirinha
né? você faz... é:: shoyu... você pega shoyu... água... e açúcar... e maisena... você vai pegar o
pimentão::... alguns pimentões cê/ você vai cortar em tirinhas fininhas... né? mais ou menos...
no tamanho de um dedo assim de... de oito centímetros ou:: de tirinhas... então cê põe o
pimentão::... cê vai fazer isso também com a cebo::la... vai fazer também com a cenoura cê
vai começar a fazer por tirinhas... TUDO fazer tirinhas... aí você vai pegar... você vai ter que
fazer a:: /o frango você vai pegar/ pegar o frango... cê num tempera muito porque o shoyu é já
é salgadinho então você não vai temperar o:: o:: o frango... então cê vai lá frita o frango
(precisa)... deixa o frango fritando... até ficar douradinho bonitinho... aí você vai colocanØo
aos poucos o/... cê coloca a cenoura que a cenoura é um pouco mais dura então cê vai deixar
na::/ ela... cozinhar né?... fri/ é::: ela vai ficar um pouco mais molinha ficar *al dente*... aí você
vai colocar aos poucos cê coloca as/ a::... o pimentão... aí você vai colocar o::... a:: cebola aí
você deixa cozinhar... vai lá:: deixa lá fritanØo... tudo bonitinho... aí você vai pegar::...
assim... uma xícara de shoyu... pra duas de água... aí você/ o que dá o agridoce do/ do coisa é
você colocar uma colher de açúcar...

Doc.: hum

[

Inf.: você coloca uma colher de açúcar... e:: duas colheres de maisena... né? como diz a
Maria/ Maria Braga cê tem colocar duas colheres de maisena de MÃE mesmo... e ocê vai...
isso num num... num num po/ numa vasilhinha você::... [dʲ]Øssolve tudo... né?... e na hora
que:: tiver tudo al dente lá... o franguinho lá:: os::... os picadinho lá tudo tiver *al dente*... você

vai... [dʒ]Øspeja essa:/ esse/ esse shoyo a água tudo... cê [dʒ]Øspeja... e vai mexenØo mexenØo mexenØo mexen::Øo::... e como você tacou maisena... então se tá no frio então ele já [dʒ]Øssolve né? então

Doc.: hum

Inf.: você só mexer... aí cê vai mexenØo mexenØo... aí cê vai ver que ela vai ficand/ e vai ficanØo::... consistente vai encorpanØo... aí você vê a hora que vira aquele creme gostosinho assim aquela coisa:: melequenta meladinha assim você pega e... e pára...

Doc.: uhum ((concordando))

Inf.: aí se você quiser com mo:::/ assim bastante molho... assim sabe ficar bastante::... aquele creme né? aquele creme::... escurinho né? que é o creme chinês... você cozinha o macarrão... e:: é legal você fazer o quê? cê colocar o macarrão... e colocar em cima... e comer... agora cê você colocar o macarrão dentro e misturar tudo... você tem que fazer basTANte molhinho de shoyu... cê tem que fazer bastante molhinho pra... pra ficar porque o macarrão chupa o molho então ele vai chupar tudo aquele molho gostosinho então num vai ter muita coisa... então cê faz bastante molho... se você quiser misturar o macarrão junto... ou:: o macarrão separado... faz o macarrão separado e põe em cima... é gostoso viu? é... fica muito gostoso

Doc.: e tem outra receita... que você sabe fazer?

Inf.: eu sei fazer bolo

Doc.: então... me conte

Inf.: um bo::lo... oh... eu aprendi coma minha amiga A. fazer bolo... éh:: massa de pão-de-ló... ela pega::... éh eu num sei a quantidade de farinha mas assim... éh: (vamos) por xícaras acho que são duas xícaras de farinha você pega tem que peneirar... as xícaras de farinha... aí você pegar as duas gemas de ovos... (duas)/... são três [dʒ]ØscuØpa três gemas de ovos... cê coloca com LEIte... e [dʒ]Øssolve... e::... e:: com leite::... a gema de ovo... e:: u::/ uma colher de::

manteiga... você [dʒ]Øssolve tudo... põe no microondas que [dʒ]Øssolve... e coloca:... e coloca açúcar tamØém... tudo peneirado tudo que você por pó farinha você/... você peneira...

Doc.: hum

Inf.: e põe... e bate na batedeira e faz aquele creme mo::/ normal né?... aí você vai... [dʒ]Øspejar... a farinha peneirada... e:: vai bater de novo... aí:: ó/ a clara... os ovos né? que cê faz clara em neve você coloca ela e vai incorporando sem ser na batedeira... como se fosse um (pão-de-ló) é::... a coisa é que vai ser o que... que é o leite... e o ovo né? o leite e a gema::... e:: a manteiga vai tá quente...

Doc.: uhum ((concordando))

Inf.: né? tem que ser quente geralmente faz bolo::... normal né?... cê taca lá e bate normal... vai ter que ser quente... e os pós peneirados... então... se cê puder:: colocar o leite tudo... e::... e o::... e a clara em neve cê vai [dʒ]ØssolvenØo colocanØo a farinha... aos poucos peneirada... e vai batenØo à mão... né?... bate à mão... e cê põe o pó *Royal*... acho que são:: duas colherzinhas de pó *Royal*... e:: vai ficar MOle vai ficar Líquido não não tão líquido vai ficar consistente igual uma massa normal mas ficar uma massa líquida... e põe no forno... você pega unta a fa::/ a forma... né? com:: co/ é::/ com farinha... aí tem uma:: legal que cê pode assim... passar com:: a manteiga... na forma... e:: colocar açúcar... que na hora que você:: tirar ele vai ficar

[

Doc.: uhum ((concordando))

Inf.: com uma crosta bem:: cro/ crocante:: né? crocante... aí você põe no forno e vai ficar:: uma massa de pão-de-ló sabe? vai ficar uma/ ALto vai ficar uma massa alta só que uma massa... consistente... e fofa

[

Doc.: uhum ((concordando))

Inf.: é:: a diferença né? que fala que a diferença de bolo... com:: um bolo uma massa de bolo normal com a massa de pão-de-ló... e é muito bom porque essa massa de pão-de-ló que você poder cortar ela certinho:: e faz/ cê fa/ cê faz um recheio e tudo... legal é gostoso

RO

Doc.: A. eu queria então que você::... me falasse sobre:: a universidade... e os seus professores

Inf.: olha... eu falo pra você quando eu saí do cursinho... QUANDO eu estava no cursinho os professores sempre me falavam né?... os professor do cursinho “o::lha toma cuida::do os professor da facuØdade não é desse jeii::to... não mastigam na::da” .. eu falei “tudo bem” até aí bele::za né?... né::? num tem como eu num/ então aí é estudar vou mandar bala num vou fi/ lá eu vou ter que APRENDER mesmo né? tem que se virar... MAS:: eu num imaginava que lá era o extremo do extremo do extremo... é a ponta do *icebe[r]g* do extremo... po[r]quê?... eu:: [d]Øscobri/ eu/ fiquei chocado com a capacidade do ser humano assim porque olha tem professores E professores... vamos dizer assim O PROFESSOR... tem professor que é MUITO inteligente muito inteligente MESmo sabe MUIto só que pra ELE... ele num tem didática neNHUma eu tive um semestre de uma matéria que o professor dava... aula... assim como se:: ele confundia MAIS ainda sabe?... num:: num explicava ce[r]to... e num é aquela coisa que você “ah você num levanta a mão e num pe[r]gunta “ah professor porque::/... porque disso?”... to::do mundo perguntava to::do mundo fazia vá::rios tipos de perguntas fazia::... ia por um:: outro método trazia outro método... e ele conseguia confundir cada vez mais então ele num tinha uma didática pra dar aula ele era MUIto bom acho que pra pesqui::sa pra esse tipo de coisa... professor da facuØdade... mas pra... pra dar aula não... agora que nem... ele é/... ele é muito bom... ele é muito bom professor... ele conver::sa ele::... bate papo::... ele não é arrogante nada... agora por exemplo tem uma professora... um

professor né?... que é:: tam~~o~~ém muito inteligente... sabe? ela tem até um::... POUCO de didática mas só que ela se confunde deMAIS... só que::... é MUIto arrogante... muito arrogante só pelo fato de que tá numa facu~~o~~da::de o fato de ser professora de ter uma/um mestrado (acho errado) acho que... uma pessoa que tem um nível ()... na/ a menos... do que ela ela vai e pisar... num é desse jeito... eu num acho isso... e:: ela deu o::/ num lembro (acho) que assim::... ela::... num mais... do que um () tirou nota ve[r]melha... e::/ e/ e ela deu um projeto que era pra todo mundo... preencher... né?... preencher e:: se:: alistar né?... pra ela poder fazer um projeto ()... pra dar um seminário... só que ela/... o método de::... de escolha dela foi o quê? quem tinha uma nota mais alta então foi mui::ta gente foi... que podia ter capacidade de dar um seminário... de estudar... foram tirado fora... ela escolheu só um grupo de pessoas... e ela é muito arrogante... ela se acha o máximo ela:: (num/)... ela:: falou assim é/ ela num encoraja ela [d^h]o~~s~~encoraja... sabe? ela é muito chata mesmo... e:: é:: estranho porque você assim tem professores e professores porque tem um outro professor que ele é MUIto gente fina e ele tam~~o~~ém... ele num tem TANTA didática sabe? é tipo assim ele copia do livro o importante que assim sabe? ele tem capacidade de pegar:: passar:: do livro numa folha E:: passar pra lousa escrever eles copiado só que ele é MUIto gente fina... ele ajuda ele procura... a::...a passar certo pra pessoa... ele fala pra ir pra sala de::le... ele... procura de qualquer forma ajudar sabe? num:: num:: num/ ele num é estrelinha né? ele num é estrela ele procura ajudar... então essa:: passei por essa parte... num é que também num imaginava assim tudo bem... você tem::... que ganhar:: e mandar bala cê tem que estudar porque é isso que cê vai fazer da sua vida cê escolheu essa profissão cê vai mandar bala nela... só QUE... é MUIto chato quando você tem uma pessoa que te BARRA... né? é mui::to isso num/ é::... estressante é:: humilhan::te em certos aspectos em pontos é humilhante... porque... acaba te preju/ acaba prejudican::do a pessoa em si na formação da pessoa em si... pra mim na na:: minha opinião SIM acaba prejudican~~o~~o muito isso num ajuda em NAda... então:: isso é mui::to chato muito

chato... eu acho que::... tem que melhorar muito/ ah num sabe?... bem/ melhorar desde de que::... desde que uma cri/ desde que uma mãe/ assim numa escola normal mesmo que seja do estado fosse desde aquele momento... ATÉ... no final sabe? tem que mostrar cidadania mesmo sabe? e é:: até mesmo amor ao próximo mesmo sabe? respeito .. eu acho que tudo isso é melhor o respeito... ()

Doc.: bom A. agora eu queria que você falasse um pouquinho sobre a política do nosso país quê que tá achando dessas C.P.I's:...

Inf.: hum

[

Doc.: do governo Lula?

Inf.: olha eu num entendo nada de política eu só vejo mais ou menos o que ta acontecen~~O~~o porque eu vejo a televisão porque eu leio muito pouco... pouco coisa também eu num interajo muito MUItto com política não... é:: só que:: é por exemplo... é:: essa C.P.I. essas coisa que tão acontecen~~O~~o é tudo...como dizem né?... é pizza:: é laranja é tudo é:: [dʒ]Øsviação de foco... é lineaçã/ é:: alienação de... de massa... pelo fato do quê?... eles... dizem né? que por exemplo dizem que o Lula num sa::be Lula num viu is::so que aconteceu aqui::lo todo esse tipo de... o CoRREios de mensalão esse tipo de coisa ele SAbe... sabe sim o cara é o:: vamo~~O~~ dizer assim o *top* de linha do P.T::... ele tinha que saber ele sabe SIM... e:: só que:: eles fazem o quê?... tu::do esse carnaval tudo esse esquema pra poder:: [dʒ]Øsviar o fo::co:: não só pra [dʒ]Øsviar o foco mas pra... pra fazer esse... carnaval todo... só que o seguinte... é:: isso num é só agora no P.T. isso acontece desde épocas passadas desde Collor antes de Collor de Fernando Henrique tudo... só que:: eles num vão cê pode ver que eles num vão derrubar o Lula eles num vão querer vítimas de governo eles num vão querer NADA assim só ficar na dúvida porquê?... SE/... (vamos dizer assim) que se derrubar o Lula...

vamoØ dizer assim é um dominó se derrubar (ele vai) () que nem os po::dres dos outros partidos...

Doc.: uhum ((concordando))

Inf.: né? dos outros partidos aí vai:... éh::... vai cair todo/ eles não querem/ eles vão se/ vão tá/ essa alienação sabe (de que tá) coisa “ah... ah surgiu isso surgiu aquilo ah cê fez isso sabe?” que se conversa de dias e dias numa coisa que num vai resolver EM NADA... que num vai cair... EM NADA... que nun/ se num resolveu... NADA até agora... pra::... sabe? pra num virar nada sabe? éh::... tem MUItas outras coisa que eles podiam fazer::... sabe deixa eu ajudar outras coisas ()... tão gastanØo dinheiro à toa... tão gastanØo sabe? com políticas e coi::sas... né? pra::... pra fazer ta/ pra resolver essa C.P.I. que cada vez mais eles tão se dando vo::to se::... se perdenØo é:: isso sabe? é ()... é... eu num::/ é que nem eu... que nem... se o Lula se reeleger eu NÃO voto nele por fa/ porquê?... eu quero um outro partido eu quero um::... claro um novo um partido que possa... arrumar os deFEItos... que o P.T.... deixou... e assim por diante... sabe?... assim por diante o Lula teve... teve a chance dele fez umas coisa boa fez umas coisas ruins... mas:: eu quero um outro/ um outro... partido um ou::tro... pra ser um outro ideal... que possa arrumar os defeitos... que foi feito pela:: essa presidência de agora.

C1

NE

Doc.: V.... agora você pode me contar uma história que você tenha vivido... pode ser::... casamen::to...namo::ro... nascimento de fi::lhos... qualquer coisa

Inf.: éh... eu vou/ eu vou contar o que aconteceu logo que eu casei assim logo no... se tivesse um mês acho que era muito ((risos)) de casar... aí eu morava num fundo... e... num tinha televisão:: né? num tinha nada... aí:: eu::... a... dormi:: e acordei... eu num/ e acordei e vi o R. do meu la::do... e ele dava medo né? que tava é... nossa minha/ eu comecei a gritanØo...

Doc.: ((risos))

Inf.: que/ e a vizinha da casa da fren::te... ficou com o marido... “nossa meu Deus o que será que tá acontecenØo com o casalzinho que ela tá gritanØo” ai eu levei um susto... parou de brincadeira () ((risos))

Doc.: ((risos))

Inf.: ... mas por quê?... porque nunca se via sozinha nem nada eu num sei o que que me passou pa cabeça ((risos))... e o pior que eu... no grito que eu dei eu assustei ele... ele tamØém num/ num sabia porque eu dei aquele grito ((risos))

Doc.: ((risos))

Inf.: e minha irmã fala... mas essa foi engraçada viu N.?... quando eu lembro disso mas foi uma coisa... que num dá pa pa mim esquecer... foi/ foi demais ((risos))

Doc.: ((risos))

Inf.: mas eu num sei até hoje ele/ quando a gente/... eu e o R. lembra disso... eu pergunto pra ele () num/ num num sei... Øcordei... de rePENte... que eu vi ele... nossa mas eu dei um () de pavor depois que eu peguei amizade com ela... era até dentis::ta... uhn?

Doc.: pode falar... tava na sua casa?

Inf.: ta::va... eu morava no fun::do... e na frente tinha/ morava uma dentista... mas eu num tinha amizade com ela fazia pouco tempo que eu tinha casado né?... e eu tava lá... aí ela... nossa... depois que eu peguei amizade... ela falava “nossa... V. do céu... a gente achava que será que aquele rapaz tá fazenØo nela ()?”

Doc.: ((risos))

Inf.: eu dei um grito de pavor mesmo... de susto foi

Doc.: uhn

Inf.: ((risos))

Doc.: e como vocês se conheceram?... antes de né?... o namoro

Inf.: ah::... como eu conheci Ele?... éh ... o meu pai num deixava eu sair né? então::... tava tenØo uma quermesse... lá na... na igreja... dois quarteirões pra baixo de casa... aí a gente escondeu o pó de café... e aí a/ a / a:: a N. né? chegou e falou... assim “pai ai:: num num:: num tem café... eu num deu/ num vi de dia que num tinha café” né?... aí ele não ficava... de noite... tinha que fazer um pouquinho de café... aí então ela falou “pode ir buscar lá pai?” ... aí ele deixou:: a gente ir... aí nós que que fizemoØ ØtravessamoØ no meio da quermesse ((fala rindo)) foi o/ o.. tanto que eu conheci ele

Doc.: ah... então cês se conheceram no meio da quermesse?

Inf.: aí a gente pegou... oh/ oh/ eu não fiz... foi só golpe mesmo... foi porque... a gente queria ver a quermesse

Doc.: ah:: queriam ver quermesse nem conhecia... ele

[

Inf.: () não:: eu num conhecia ele... mas meu pai num deixava a gente sair

Doc.: aham ((concordando))

Inf.: a gente num tinha mãe né? num podia sair... aí então naquele prazo a gente... passou... no largo da/ da/ da... no parque da igreja e foi quando eu conheci ele... então foi assim uma coisa até rápida... aí e/ aí ele perguntou se eu tinha telefone eu disse que tinha ele então... ele.. falou que ia ligar aí eu falei “então liga cinco e meia pois eu sempre saía do ginásio né?”... aí quando aqui/ justamente no dia seguinte o J. quebrou o dedinho...

Doc.: uhn

Inf.: aí meu pai veio mais cedo pra casa... porque o J. tinha quebrado o dedinho... e quem atendeu o telefone foi:: o:: o meu pai... e aí aquele dia eu num falei com ele...()

[

Doc.: mas aí ele falou que queria falar com você?

Inf.: não::... acha? [dz]esligou vixe num falou nada

Doc.: e aí depois vocês

Inf.: aí depois é que... que a gente começamoØ... aí assim mais por telefone que era:: né?... mas tamØém né? cê num pergunta quantos anos eu tinha né?

Doc.: não:: ((risos))

Inf.: quatorze anos

Doc.: ((risos))

Inf.: ((risos))

Doc.: uhn

[

Inf.: então foi... foi assim

Doc.: tá jóia obrigada V.

NR

Doc.: V.... cê... sabe tipo assim pode me contar uma história que alguém te contou algum dia... que tenha acontecido... ou com seus pais ou o seu nascimento qualqueØ coisa assim

Inf.: com meu pai... ele:: veio de Portugal... porque ele era de mal né?...do... do meu avô... só que aí ele saiu num dia muito... assim... que marcou bastante... na noite de Natal

Doc... ah::... lá de Portugal né?

Inf.: é

Doc.: é

Inf.: ... aí quando ele tava no cais... né? a minha avó... né?... chamou ele... e jogou... que já num dava nem tempo... de ficar perto... e jogou uma lira esterlina é de ouro né?

Doc.: uhn

Inf.: que até então sumiu de dentro da minha casa essa essa lira

Doc.: ah é?

Inf.: e tinha um valor imenso na... assim po/ pro:: pa pessoas que::... colecionam mo/ moedas né?... ela era muito valiosa... então aí minha avó tadinha né?... todo Natal::... ela [i]scr[i]via... sempre... e... fixava essa/ essa cena né? de que ia ver ele ele no no cais... né? pedindo... pra vim embora

Doc.: mas assim porque que eles eram brigados... o vô?

Inf.: olha... me parece que ele contou que ele tinha... passado a gostar de uma mulher e a mulher era casada

Doc.: o vô I.?

Inf.: é... e o meu avô num admitia isso né? porque... éh::... éh::... além de tudo... ele era assim um rapaz novo

Doc.: uhum ((concordando))

Inf.: e ela já né?... e ela era parece que a dona... da on::de ele trabalhava ele trabalhava numa/ lá em ()... deve ser:: tipo de::... entregar lei::te né?

Doc.: uhum ((concordando))

Inf.: e aí ele passou a gostar dela... aí eu num sei se meu avô com medo... do que poderia acontecer né?... então ele às vezes quando ele chegava... ele saía pra ir ver a mulher::... eu num sei como que é... eu sei que quando ele chegava em casa o meu avô tava esperanØo... e aí aí a/ arre/ arras/... e são bravo esses portugueses né?... e meu pai e num... num se abaixava

num admitia que::... que ele... proibisse... eu sei que aí né? resolveu vim po Brasil... ele morreu... o::... tanto é que quando meu avô ainda morreu depois já de... muitos e muitos anos que meu pai tinha de Brasil morreu de mal... morreram de mal

Doc.: a ... sem se falar depois que o vô veio pra cá ele

[

Inf.: ah sem se falar

Doc.: nunca mais falou com?

[

Inf.: ele nunca mais

Doc.: nem com a mãe?

Inf.: não nem pai nem irmão ninguém ninguém ninguém... ele só... ela só::... depois quando ele casou... no Brasil meu pai casou no Brasil... aí a:: minha mãe [i]scr[i]via... e eles então eles/ () tanto meu avô quanto minha avó... eles escreviam pra minha mãe...

Doc.: ah::

[

Inf.: como se ela ... é que fosse a filha...

Doc.: entendi

Inf.: mas quanØo meu avô morreu eles Øinda eram de mal... agora minha avó não minha avó nunca foi de mal do meu pai de jeito nenhum

Doc.: tanto que foi ela que jogou né? a moeda

Inf.: e só que::... quando elas tiveram lá... ela ainda en/ aguardava assim... éh:: a:: a minha/ os meus tios falaram... que até no último instante da vida dela já com/ cheganØo quase aos cem anos... acho que por isso que ela... demorou até pa morrer... porque ela tinha aquela esperança ainda ia ver ele

Doc.: ah:: sei

Inf.: e nunca viu né?

[

Doc.: não

Inf.: (tudo) depois num viu... e ele veio po Brasil com vinte e dois anos

Doc.: e... mas a::... a avó A/ A. era daqui mesmo?

Inf.: era daqui tam~~o~~ém nunca conheceu nunca viu

Doc.: mas aí eles se conheceram aqui então o vô e a vó

Inf.: é:: então... é:: morava em São Paulo... minha mãe né?... e ele/ e ele veio... de Portugal ele veio pra São Paulo e lá que ele conheceu minha mãe

Doc.: ah::

Inf.: então... mas... casou né?... como se tivesse uma família no Brasil mesmo... certinho porque... né? embora ele tenha... vindo novo tudo mas ele era uma pessoa muito responsável viu?... ele foi uma pessoa né?... de muita fi::bra... com estudo... mas

[

Doc.: o vô casou tarde então

Inf.: não::

Doc.: logo que ele veio ele

Inf.: ele de/ num demorou:: muito/ ele num demorou muito tempo não pra casar... eu acho que... eu num lembro eu num sei assim bem dizer assim... quantos anos a minha mãe tinha quando casou... assim mas eu acho que eles num casaram tarde não... porque::... oh... oh ela morreu com aos quarenta e três anos quan~~o~~o a minha mãe morreu... ((tosse)) o o L... tinha... acho que era... vinte anos... então cê vê... então ela tinha o que uns/ um::... uhn... antigamente

[

Doc.: uhn

Inf.: logo ficava grávida

[

Doc.: é::

Inf.: ela devia ter... ter o quê? o quê? uns vinte anos

Doc.: por aí

Inf.: cê entendeu? uns vinte anos... quer dizer que... e:: e:: meu pai... o meu pai era q/ acho que quatro anos só mais velho que ela... quer dizer que então

Doc.: num demorou muito

Inf.: num demorou muito... depois que ele veio do/ de... de Portugal po Brasil ele num demorou muito

Doc.: aham ((concordando))

Inf.: então

[

Doc.:e ele/ ele Øcabou/ ele/ que nem o vô veio pra cá trabalhava ele conheceu a avó A.... no/ assim por acaso eram vizinhos?

Inf.: parece que ela trabalhava numa fábrica né?

Doc.: ah... ela trabalhava já

[

Inf.: é... ela trabalhava... e::... e::... e::... e ele passava né? assim... e cê vê u/ uma pessoa estranha estrangeira... que chega num lugar assim ((latidos de cachorro)) tudo muda né?

[

Doc.: ah:: é:: ele são como/ naquela ele er/ é é:: época é num era tão grande como é hoje né?

[

Inf.: cla::ro

vixe né?... então aquilo as meninas... as moças ficavam tudo né?... é::... de olho porque

Doc.: aham ((concordando))...

Inf.: e ele/ ele era bonito mesmo... e aí foi mas só que... que ela tinha namorado... e::... e quem que/ que é tava assim de olho nele era uma outra no fim foi que/ com a minha mãe que ele casou ((latidos de cachorro))

Doc.: é quando tem que ser

Inf.: né? () quanØo tem que ser é né? ((risos)) ((tosse))

Doc.: ((risos)) tá jóia V. obrigada

DE

Doc.: V. agora cê pode me descrever um lugar que você gos::te que passa... a maior parte do tem::po... pode ser qualquer lugar assim que você se sintia bem

Inf.: sem ser a minha casa... a escola onde eu trabalho ((fala rindo))

Doc.: aham ((concordando))

Inf.: uhn é... tem um... ela é assim bem ampla... né?

[

Doc.: aham ((concordando))

Inf.: mas o/ o lugar que eu mais gosto que eu mais gosto... é o ja/ ela ela... é cheia de árvores... tem bancos... on/ pas crianças tomar o lanche... e::... uma parte em volta da piscina é de grama e o resto são todos dessas pedrinhas de fazer asfalto

Doc.: sei

Inf.: então... eu falo assim lá é um lugar assim... até um... fazer um... na hora do meu almoço eu gosto de sair andanØo lá que essa hora num tem ninguém... onde eu... gosto de fazer oração lá... porque::

Doc.: é aberto?

Inf.: é aber::to... então... assim mas lá tem bastante árvore... então ele fica assim... é um lugar assim aconchegante

Doc.: uhum ((concordando))

Inf.: e::... mesmo quando ta choven::do assim a gente fica assim no pátio olhanØo... aí não só eu... mas todo/ qualqueØ pai que chega na escola... aquele lugar atraí... a gente até apelidou... ahn::...o pátio das pedrinhas

Doc.: ahn... aham ((concordando))

Inf.: então os pais agora têm outros lugares lá também...tem pa/ a::... a sala de de culinária onde as criança aprende... a::... a cozinhar é::... é um lugar muito gostoso também.... ah agora/ tem outra sala de pintura em

[

Doc.: e que que tem assim?

Inf.: te::las

Doc.: tem fogão nessa sala?

Inf.: tem... tem fogão geladeira tem as bancadas... aonde q/ eles aprendeØ a fazer de tudo menos

Doc.: mas eles mexem com fogo?

[

Inf.: com óleo... mexe

Doc.: criança mesmo?

[

Inf.: mexe...só não deixa fritar o resto tudo tudo... fazer pão... bolo... ahn bolacha... tudo tudo... menos fritura

[

Doc.: e lá tem tudo isso?... tem... ingredientes?

[
 Inf.: tem... tem... tudo tudo... tudo ()... quando vai ter aula ah::... cada um... é/ é... já é avisado an[t̃]Os

Doc.: uhum ((concordando))

Inf.: quem vai levar o ovo quem vai levar a farinha... então... depende o que for a receita então... divide... cada um leva né? os alunos... e tamØém os meninos... tamØém participam

Doc.: uhum ((concordando))

Inf.: então ali na:: na culinária também é uma sala assim muito gosTOsa... com vários quadrinhos já apropriados po ambiente... agora assim... a:: sala de pintura em tela tamØém é outro lugar que

Doc.: tem qua::dro?

Inf.: quadro

Doc.: que as crianças pintam ou não?

Inf.: crianças e lá... e dá direito aos pais fazer o curso então... tem... né? dos... mais...

(tem cozinha)... tem aquelas te::las ((barulho de motocicleta))... gran::des

[
 Doc.: aham ((concordando))

Inf.: né?... então ()... (tem/)

[
 Doc.: e isso/

Inf.: eu falo assim.. né? e tem a bibliote::ca tamØém... depois/ ainda mais agora depois dessa reforma né?... na

Doc.: como é? ela é grande?

Inf.: é grande... é grande com várias mesas de granito... né?... o/ os computadores... onde as crianças... têm acesso a internet a::... pra uso mesmo... exclusivo dos alunos

Doc.: e os livros ficam em prateleira?

Inf.: ficam em prateleira... podem ser

[

Doc.: vocês que/

Inf.: locados né?... uhn tanto:: pra qualquerØ unidade desde que seja aluno né?

Doc.: uhum ((concordando))

Inf.: da escola pra qualquerØ um qualquerØ um... de outra unidade... pode estar locando ele

Doc.: e a escola? ela tem andar ou ela é plana assim?

[

Inf.: não... a nossa unidade é plana...

Doc.: nossa

Inf.: agora com andar só a unidade um... e a:: unidade três também ela tem... set/... lugar que que tem escada agora a nossa não a nossa tudo é... é plana

Doc.: e tem muitos banheiros?

Inf.: tem... vários banheiros banheiros pa deficiente... (a gente) precisa tudo... embora que a gente só teve um:: aluno né?

Doc.: uhum ((concordando))

Inf.: deficiente... mas... já/ já tanto no primário quanto no ginásio já tudo já... adaptado né? pra

Doc.: e são salas são... ambientes ou não?... sala ambiente

Inf.: e to/ eh:: e as salas de aulas todas elas dão pro verde tamØém elas... né? num/ tem duas porta po fundo... abre... elas dão po verde... né? tem tipo de uma sacada...

Doc.: uhum ((concordando))

Inf.: em cada porta né?... e aonde aluno num passa ali num num têm como sair... mas eles fica já::... no verde... fica... né?:... o ar principalmente de manhã... né?

Doc.: bem fresquinho

[

Inf.: fica... fica bem gostoso

Doc.: e tem ar ou é ventilador? ((ruído ao fundo))

Inf.: os dois... ar

[

Doc.: ah tá

Inf.: condicionado... e ventilador

Doc.: em todas as salas?

Inf.: em todas as salas... tem laborató:rio... tudo... ar e ventilador

Doc.: e eles têm... informática tem sala?

[

Inf.: tem duas salas... dois laboratórios de informática... BEM grandes mesmo... bem grandes... laboratório de ciências...

Doc.: tem/

[

Inf.: a ho/ a horta... a horta também eu acho ela interessante porque... é:: as crianças plantam as sementinha em copinhos descartável... aí depois que elas já:/: que elas... germinaram... tem um tio que ele... trabalha lá na:: na horta só pra isso.... aí ele... ele vai e replanta... aí quando... tá em ponto de comer os alunos levam pa casa pra comer

Doc.: ah:: que legal... e a horta

[

Inf.: ()

Doc.: como... como é a horta?... tem bastante fruta?... verdura?

[

Inf.: tem... mas é mais com verdurinhas
 assim são mais... é verduras... do que/ frutas tem mas é mais verduras porque... pa criança...
 ah:... ver... né? porque as frutas geralmente ela demora muito (né? pa::)

[

Doc.: uhum ((concordando))

Inf.: então então alface a rúcula almeirão essas coisas eles planTAM... e aí depois... eles
 levam pra... ((latidos de cachorro)) depois que já tá em ponto de comer leva pra casa

Doc.: mas é que é bem:: grande mesmo né?

Inf.: a escola é bem grande MESMO... ela tem:: quatro quadras né? ... duas descobertas e duas
 cobertas...

Doc.: aham ((concordando))

Inf.: a piscina é bem grande

Doc.: ah tem piscina?

[

Inf.: tem

Doc.: tem uma piscina só?

Inf.: só uma piscina

Doc.: mas bem grande

Inf.: bem grande

Doc.: funda?

Inf.: funda mas tudo cercada... só... os alunos só entram com o professor fora disso nunca

Doc.: aham ((concordando))

Inf.: eles vão... a sala de jazz tam~~o~~ém é muito bonita

Doc.: ah é? como ela é?

Inf.: é... ela só... só uma parede que num é ((barulho de motocicleta))... espelhada... agora três são tudo de espelho... todas com barra... né? né?

Doc.: aham ((concordando))

Inf.: com com:: com três tipos de tamanho porque tem... tem as::... as crianças menores... depois tem outras tem as do colegial então... são três tipos de barra... é outro lugar tam~~O~~ém tipo né?... que é bonito que é... a sala de jazz

Doc.: então tá jóia... bem grande né?... é um lugar bem gostoso mesmo pra trabalhar

Inf.: por fora... às vezes os... os pais quando vão conhecer... eles falam... “nossa... por fora a gente não tem idéia”...

Doc.: não mas não tem mesmo

Inf.: de que ela seja tão grande” e eu até brinco falo “minhas pernas que o diga”

Doc.: aham ((concordando))

Inf.: é porque... ela É grande MESmo

Doc.: tem estacionamen::to pros professores ou num/ num

[

Inf.: aham ((concordando))ele tem aí na::/ assim na:: logo na entrada...

Doc.: aham ((concordando))

Inf.: e tem... e fica assim pro lado do::... de fora... tem estacionamento que num pode o outros assim... estacionar né?... que nem a direção tudo tem a a vaga... deles já certa... e:: tem também os lugar onde dos pais... se precisar vim falar () qualquer coisa também tem... porque é o/ os professores também não pode por no lugar deles...

Doc.: aham ((concordando))

Inf.: né? porque é reservado pos pais é dos pais

Doc.: ah... sim

Inf.: da direção da direção dos funcionários.. quer dizer lógico que num dá pra todos os funcionários porque hoje em dia quase tudo mundo tem carro

Doc.: mas já dá pra u/ uma parte né?

Inf.: já da pra uma parte... já dá pra uma parte

Doc.: certo V.... obrigada

Inf.: de nada

RP

Doc.: V.... agora você pode me contar... alguma recei::ta como é que faz alguma coi::sa que você tenha aptidão:: sai::ba

Inf.: pode ser esfirra?

Doc.: po::de...((risos))

[

Inf.: ((risos)) olha... essa essa receita que eu vou te falar eu era bem criança ass/ assim no::va né?... então tinha uma mulher perto de casa ela fazia pra fora... né?...então ela num dava a receita de jeito nenhum ((fala rindo)).... então eu... toda vez que ela... éh/ éh::...ela ensinava a confeitaria bolo então eu fui aprender... a enfeitar bolo... e NÃO:: o salgado que (ela num)... então eu fazia o seguinte... eu... tinha c[u]mido já e a/ e tinha adorado a esfirra... então eu chegava em casa eu eu se/... cada vez que ela ia fazer eu marcava uma coisa... então... () hum... cem gramas de açúcar... com... sessenta gramas de fermento esse... de padaria...

Doc.: aham ((concordando))

Inf.: dissolve ela... aí cê põe cento e cinquenta gramas de gordura... de/ põe e derrete ela... né? de/ põe cento e cinquenta grama... mistura nesse açúcar que esse... fermento ele... ele... ele vai virar assim tipo vai [d]Øssolver... aí cê põe a gordura põe três ovos... e um copo de:: desses

de requeijão... bem cheio de leite morno... e uma colher de sal você põe a gosto... eu ponho uma colher de sopa rasa...

Doc.: uhum ((concordando))

Inf.: aí você vai pondo a farinha até dar o ponto

Doc.: e isso tudo na panela

[

Inf.: () é tudo numa bacia... plástica ()... aí você:: põe a farinha até que não grude na mão vai QUASE um quilo de farinha... dependendo o tamanho dos ovos às vezes até passa de um quilo de farinha... aí você vai ponHO as bolinhas... vai fazenHO as bolinhas... a hora que ela

[

Doc.: com aquela massa que deu?

Inf.: com aquela massa... aí depois você pega uma... a última bolinha você põe num copo de água... a hora que ela... cobre a massa... a hora que ela crescer... você já começa... fazenHO a receita... aí você começa pela primeira bolinha... tem que ter uma sequência... você começa pela primeira que você fez

Doc.: aham ((concordando))

Inf.: e aí a carne você... (pica uma)

[

Doc.: e aí você faz o que com a bolinha?

Inf.: abre ela com a faca na palma da mão eu abro ela na palma da mão... aí põe a carne que/ né? com já::... carne:: com toma::te cheiro verde... e cebola alho não.. e... e o limão tamÉM num é bom você por... porque muita muita água depois a massa fica ruim... aí você põe essa carne num escorredor/ tempera ela bem temperadinha... põe no escorredor... pra pra tirar esse/ eh/ o:: a o excesso da água que tiver vai sainHO pra num... num soltar na massa... aí você... assa... faz ela... aí tempera com ovo... e::...uma pitadinha de sal... e põe assar

Doc.: e fica quanto tempo mais ou menos no forno?

Inf.: ah::... depende se::... aquele outro fogão/ o formo meu é::/ era mais rápido né? que tinha o turbo esse daqui demora mais um pouquinho...

Doc.: e rende/

[

Inf.: uns trinta minuto... essa daí se você fizer ela grande... grande... ela vai dar sessenta e cinco setenta... agora se fizer menorzinha... mas aqui eles gosta das grande

Doc.: e cê sabe fazer aberta também

Inf.: eu a/ aberta você pega ela... abre tam~~o~~ém na palma da mão só o centro dela... e deixa... aí cê põe a carne no centro... então a borda dela é... é sozinha... ela mesmo ela vai

Doc.: e é m/ a mesma massa

Inf.: a mesma massa... a mesma massa

Doc.: então aí

Inf.: aí depois... a/ só que eu gosto mais da fechada

Doc.: a fechada fica melhor né?

Inf.: ah eu gosto mais... aqui em casa Eles gostam mais tam~~o~~ém... ~~O~~inda/ ainda mais depois desse do Habib's aí cê... né::?... num sei no começo quando... eu ia lá em Jundiaí eu gostava de ir lá depois que veio aqui pa Rio Preto aí

Doc.: igual né?

Inf.: não num sou chegada não nessas esfirras daí do::... Habib's não... (gosto não)... agora tam~~o~~ém aí ó só brincadeira... gente pa/ tudo no lugar quando ele tam~~o~~ém era pequeno ele falava “mãe... faz esfirra e leva a vender na minha escola?”

Doc.: ((risos))

Inf.: ((risos)) então cê cê vê/

Doc.: esfirra grande dá sessenta setenta

Inf.: é:.... é com esse tanto aí...

Doc.: nossa

Inf.: que faz ela grandona... agora se cê quiser ela assim pa aniversário ela vai dar mais... se cê fizer menorzinha

Doc.: rende bastante

Inf.: rende bastante... e com aquele cê viu... cem gramas de açúcar... cento e cinquenta de banha ah:: eu esqueci... uma colher de mantei::ga

Doc.: mesmo que a da banha?

Inf.: isso cozinhar a banha uma colher de manteiga três o::vos... um copo de requeijão bem cheio de leite... e aí cê mi/ mistura tu::do isso... aí cê vai colocando a farinha... até que você vê que a massa não tá grudanØo... BA::te ba::te sova ela bastante bastante... bate bate bate bem batido

[

Doc.: tudo na mão

Inf.: tudo na mão... aí depois que cê bateu bem vai fazenØo as bolinha

Doc.: tá jóia V.

Inf.: depois só comer

Doc.: ah:: depois é o melhor

Inf.: ((risos))

Doc.: ((risos))... tá jóia obrigada

Inf.: de nada

RO

Doc.: V. é:: o que que você acha sobre... a educação::... de hoje em dia assim... comparando com a sua é::poca como é que ela tá o que aconteceu com ela o que você acha?

Inf.: olha N..... eu acho assim... bem diferente... eu falo... principalmente... eu falo... convivendo... com aquelas crianças já de um nível né?... financeiro... assim... melhor... então eu acho aquilo... péssimo péssimo... porque... nã/ o::... não sabe tratar o pai não sabe tratar a m/ mãe... num sabe... tem aqueles... que s/ são... melhorzinho mas tem aqueles... que:: ainda são... malcriados... “meu pai paga... e eu posso fazer” então eu acho que a educação tá... e quem são os culpados?... os próprios pais porque... esses dias mesmo... semana passada... um menino que tá na priMEIra... primeiro ano... primeiro ano... na hora de... tomar banho... né? que ele fica o:: dia inteiro na escola... na hora de tomar banho ele num... na... aonde ele leva... a malinha que ele leva... roupa... né? o rapaz que... que identifique a entrada no sanitário fica uma pessoa pa tomar conta... e ele já assim nervosinho jogou e no ele jogar... né?... o dinheiro trezentos reais... então o () cê vê que quem é:: e quem é... os pais

Doc.: é::

Inf.: e... e aí a escola levou pa falar... e ele disse que:: o::/ a mãe falou... “ele ganhou de aniversário é dele” .. mas assim mesmo num::... num devia né?... então é assim... eh ah e/... eles num o/ NÃO quer comer aqui... às vezes a mãe manda uma maçã:: ou:: ou qualcheOutro lanche e joga inteirinho fora... inteirinho fora... não dá nem o ovo que seja até né?... ou deixa que alguém vai comer não... joga fora... liga... a gente/ às vezes que não tem o dinheiro... liga e... e/ naQUELA HOra... ou o pai ou/ ou ah:: ou a mãe... pa trazer o dinheiro pa ir comprar o da cantina... então.. aí a mãe... ah vai e faz a vontade... quer dizer que cada vez eu acho... então é:: a educação tá cada vez pior... eu acho... cada vez pior... porque... antigamente se respeitava o/ o professor era super respeitado...

Doc.: uhum ((concordando))

Inf.: não é?... o:: o:: qualqueØ pessoa se respeitava... agora hoje eles num têm respeito nem pelo professor nem pelos funcionário... e e MUITO MENOS pelo pai e pela mãe

Doc.: e assim o que você acha que eles... uma solução né? o que falta... o que antigamente tinha que hoje num tem::... e porque aconteceu?

[

Inf.: () a minha opinião o que eu acho?... as mães num trabalhavam elas ficavam em casa eu acho que elas davam MAIS atenção... pos filhos... e hoje... é:: empregada... é motorista eles num convivem... vê às vez a mãe porque hoje a situação é difícil... a mãe tem que ir trabalhar... ah vê/ às vezes NEM vê... porque quando já chega às vezes a mãe... eles já tá dormindo... o pai... então

Doc.: e... você acha que

[

Inf.: e o modernismo eu falo uma também é que o::... pelo modernismo que também que se tá assim que é... que eu falo que é... que eles tão desse jeito... muitos já são por... né?... outros se a mãe é por necessidade que vai trabalhar né? porque

Doc.: e você acha que isso assim... é um fator que pode contribuir pra muitos jovens hoje em dia... usar dro::ga?

[

Inf.: ah muito... porque a facilidade que nem esse menino que/ é na no:: no no primeiro ano... ele já tem trezentos reais... e/ en/ então eu acho que::... a facilidade... a facilidade do dinheiro

Doc.: é:: o... assim eles têm né? de mão beijada

[

Inf.: tem é::... e e tudo sim tudo sim tudo sim... o dia que ele escutar o não pode passar po roubo... e e tudo mais então eu acho que... que tem sim e

que... quanto né?... a oportunidade porque... eu acho que tem sim.... tem muito a ver isso daí de::.... pa partir pra outros... né? ... porque às vezes... nem sempre às vezes a situação desse pai desse menino vai ser essa... o dia que ele se ver sem ele pode partir pra quê?... pa roubar

Doc.: e assim... um... um fato que é é muito comum hoje em dia mas que num sei se... você acha que tá relacionado com dinheiro e porque eu acredito que não esteja tanto... e a quantidade de garotas assim grávida na adolescência né V. ?

Inf.: bastante

Doc.: ce trabalha né? com... alunos...

Inf.: é

[

Doc.: num sei se já teve a experiência de alguma aluna... chegar com a notícia de que tava grá::vida?

[

Inf.: não... não... em tantos anos que eu tô lá há onze anos... nunca... nun/ né? a gente lá... ((ruídos)) de ir do:./ ou às vezes ou esperar o pai dá um jeitinho... né? mas... que a gente ficasse sabeno assim nunca... nunca lá a gente num... mas lendo e vendo né?... cresceu demais assim de... na faixa de doze... até dezesseis anos cresceu demais demais a... e/ e o/ e outra... que num era pra acontecer porque tão divulgado que ta senOo a/ né?

Doc.: e você acha que/ por que acontece isso... né? assim tem divulgação::?

Inf.: eu acho que hoje as menina ficam mocinha muito depressa né? elas é né?... antigamente... é:: cê brincava é... né?... de boneca aí cê já era né?... agora hoje você vê meninas de quinta quarta série primária já com namorico com tudo né?... e/ e tudo lá... eu acho que atribui à televisão

Doc.: é?

Inf.: é tudo a televisão tudo o que vê... num é?

Doc.: esses programas né?

Inf: programas essas coisa/ num é eu acho que é a televisão... é a televisão... outra... a internet... é instrutiva? É... mas cê tem que saber... e cê vê tanta coisa que cê vê eles ali que eles... tiram da internet quer dizer que então é... e/ ele... a internet é boa... é::... até um certo PONto... como a televisão... e então... né? tanta coisa que eles... que a gente que convive com eles né? vê:: né?

Doc.: é num é uma situação fácil né?

Inf.: não... num é não... num é não... então e tende a piorar... tende a piorar... porque... cê vê que cada vez que passa... tá ven~~O~~o que as coisas vai piorando... cada vez mais cada vez mais cada vez mais... é:: a gente vai::... assim... quando fizer assim... o R.... né? o/... o P. H.... a hora que esses menino tiver cê vê já Deus ajude que não né? que isso venha a... mas... as coisas vão piorar mais porque não... hoje já não né? cê vê que... o/ os pais num tem mais autonomia sobre os filhos... num tô dizendo assim no caso de você... () ... sempre... minhas aulas sempre eu falo isso né? eu falo “cês são... ainda... do tempo eu falo ainda do tempo...

Doc.: mais antigo né?

Inf.: do que já vem de pai e mãe... assim

Doc.: tem muita coisa que ~~O~~cabou mudando né?

Inf.: acabou mudando e::

Doc.: prejudicou... piorou

Inf.: piorou e::... e eu como tô te falan~~O~~o... vai piorar mais pelo que a gente vê né?... lá a gente vê os jovens que... as coisas num

Doc.: e essa situação é... como... soa pra você como ela aparece assim como você vê?

Inf.: eu acho também... N. que::... um... eu acho que tam~~O~~ém... tem que ter é::... tem que ter uma parte religiosa tam~~O~~ém né? eu acho que tem... né?... tem que ter um já/ um de de uma::... de ca::sa... né?... os pais é::... né? num::... num dá::... tanto crédito aos filho igual eles fazem

né?... é não... e às vezes... e fala... o pai mesmo incentiva que o filho seja:: ((ruído))... num leve desaforo pra ca::sa...

Doc.: uhum ((concordando))

Inf.: e/ sa/ tudo isso ele fala... né?... então... já desde pequeno “não... cê num pode::... bateu cê tem que revidar... cê num/” que hoje a gente vê isso lá

Doc.: ouve muito

Inf.: é e num é por aí... num é?

Doc.: claro

Inf.: então... acho que né

Doc.: então você acha que a rel/... que falta um pouco de religião::

Inf.: fal::ta um pouco de religião... falta um:: pouco o sentido falo assim família mesmo família... eu acho que isso... é importante então... porque né? hoje claro cê vê a mãe vai pum lado... o pai vai po outro

Doc.: é... muito desunido né?

Inf.: quer dizer muito desunido então::... você vai criar filhos... num é?... é:: a mãe vai puma reuniãozinha... o pai vai num sei pra onde... o filho... e/ e outra... e/ e/ e mãe... mãe e/ e pai... hoje eles... é... vai eles num vão lá ver se/ se o filho foi naquela festinha se ele tá bebenØo o que é que tá acontecenØo... já num num num... num tem mais isso... eles mesmos... às vezes promovem aquelas... a festinha de::les... mãe e pai nenhum participa NEM aonde tá senØo onde a mãe tá... é aonde tá aco/ acontecenØo a fe[]tinha... a mãe dali e o pai num vão porque... é o que eles falam... então num né?... eles falaØé aonde acontece muita coisa... onde acontece muita coisa

Inf.: tá jóia V.... obrigada

Doc.: de nada

C2

NE

Doc.: éh::... eu gostaria que o senhor me contasse alguma história que tenha acontecido com você:: que tenha sido engraça::da ou tri::ste ou constringedora

Inf.: ah M. eu vou contar um/ uma historinha pra você até v[i]rídica... é uma his/ é uma história ela é pode ser engraçada pos outros mas pra mim foi triste então é uma história engraçada e triste... um:: um certo domingo eu estava com uma dor de dente danada... e:: naquele apavoramento eu procurei um dentista... e:: ao chegar no consuÓtório o dentista me atendeu muito bem tal... mas::... eu estava muito nervoso e::... após a anestesia... dentista perguntou se era o dente que tinha que ser extraído... eu disse que era... tudo bem ele realizou... a extração... enquanto estava a anestesia eu num s[i]nti nada... mas ao chegar em casa a anestesia foi passando e::... mais tarde eu chamei a minha mulher e falei “ué... que que será que aconteceu?... porque meu dente continua doenØo” ... e mais tarde eu fui ver... o::/ e o::/ eu apontei... po dentista um dente que/ o vizinho... o dente errado então... é/ é parece engraçado depois que passou toda a dor porque... eu tive que retornar lá... tornar a Ørrancar o outro dente e foi terrível a dor que eu passei... mas só que em casa todo mundo achava graça porque eu Ørranquei o dente errado... pra mim num foi muito engraçado não porque eu sofri pa caRAMba... eu num sei se::... se isso é uma história engraçada ou... para o/ é pra mim mas pros outros é uma história engraçada mas muito triste porque:: pelo acont[i]cido que eu sofri muito naque/ naquele dia

Doc.: mas na hora o dentista num percebeu?

Inf.: eh ele até::/ até mostrei o dente na hora que eu cheguei... mas acho que na anestesia e por ser domingo também ele num tava muito a fim de fazer esse serviço... e ele:: ele Øcabou apontando o dente errado e eu confirmei... e eu acho que foi mais cu[r]pa minha do que do profissional

Doc.: é mais porque o senhor não apontou o dente certo que estava sentindo a dor?

Inf.: exatamente acho que a anestesia... fez com que todos ficasse adormecido e eu... aponte o dente errado e Ørranquei o dente errado e::/

[

Doc.: na hora da dor confundiu?

Inf.: confundi muito e:: a/ talvez até pelo medo que eu tenho de consuØtório eu::... eu apavorei

Doc.: o senhor já tinha ido outra vez nesse dentista?

Inf.: nesse não... eu fui em/ várias vezes mas muito:: muito à força porque eu tenho um... um pavor de de dentista

Doc.: então tá obrigada

Inf.: nada

NR

Doc.: seu J. agora eu queria que o senhor me contasse uma história que tenha acontecido com alGUÉM... que o senhor conheça... que esse alguém te contou e o senhor éh:: vai/... gostaria de me contar agora

Inf.: M. eu vou te contar uma história que aconteceu com alguém mas esse alguém é meu filho... final do ano::... de dois mil e cinco... quase nas vésperas de Natal... meu filho saiu pa passear e::... deu um pulinho no shopping... depois passou num posto de conveniência... esses

posto que têm esses showzinhos esses cantores... estava lá muito à vontade e... de repente o/...
 veio um indivíduo com um carro ah... que a gente até hoje num sabe a marca... ((latidos))
 abordar[**u**] ele e colocar[**u**]... entre o banco do... do motorista e do passageiro... nisso rodar[**u**]
 um bom tempo com ele pela cidade... acredito:: na área central... até que saír fora depois
 parar[**u**] num determinado ponto... e:: pararam o carro mandar[**u**] ele descer e colocar[**u**] no
 porta-mala... nisso:: a gente nem imagina que hora que era... mas na/ nessa/ nesse instante a
 gente já estava preocupado em casa... porque ele num apar[**i**]cia... mas e:: seguindo ele que
 me contou... andar[**u**] muito com ele que ele chegou ao ponto de:: ultrapassar o sono
 [d^j]Øsmaiar a canseira ou talvez o próprio nervosismo ou medo ele chegou até... dar alguns
 cochilo... e depois de muitas hora rodanØo rodanØo... pegaram a rodovia B.R. cento e
 cinquenta e três andar[**u**] uns bons qui/ uns bons quilômetros... passanØo num determinado
 posto que::... é o posto cinquenta e dois... e entrar[**u**] numa estradinha vicinal e:: soltar[**u**]
 ele... mas nessa altura... a gente que estava aqui em casa... já de madrugada... preocupados
 ((latidos e gritos)) porque ele seri/ ele tinha saído com os colega... com bastante coleguinha...
 e:: a gente começou::... minha senhora por exemplo minha mulher... começou a ligar pra casa
 desses colega e todos já se encontravam em suas casa... e aí e nisso foi... aumentando o:: o
 des/ o [dz]esespero da gente... num imaginando porque ele tem o costume que às vezes
 quando chega muito tarde... ele:: liga nem se for de um orelhão ou de algum lugar... ele avisa
 a gente que vai demorar um pouquinho... ((latidos)) mas horas passam horas passam e nada
 de:: comunicação com ele... ((gritos)) então é to/ to/ todos nós tanto eu... como:: a mãe como
 o irmão já... num conseguia mais deitar e dormir preocupado toda hora... acionando todos os
 colega... no qual todos já se encontravam em suas residências... e fomos aguardando e:: o dia/
 a hora passando... até que um determinado momento isso eu calculo... lá pelas cinco e meia
 seis horas da manhã...ele... depois de andar muito e::... e perdido no mato ele pegou a B.R. e

chegou nesse posto cinquenta e dois no qual eu citei pegou o telefone... e ligou aqui dizem~~o~~ que tem/... tinha sido sequestrado ou tem/ assaltado sei lá como é que se chama isso... mas:... aí que ligou... o irmão atendeu... ele:: já no [dz]esespero até chorando... porque tinha passado a noite que estava choven~~o~~ estava com frio com f[ɔ]me... ligou que estava nesse determinado posto... o:: o meu filho o outro... devido a gente num ter condução num ter carro... acionou a namorada e:: ele pegou e ela também avisou o pai pegou:: o pai dela e veio aqui... pra ir buscar o D. que é esse filho que foi... que sofreu/ que foi vítima desses menino... e:: foi buscar ele até esse posto cinquenta e dois... graças a Deus chegando lá ele:: tava além de frio e f[ɔ]me... che/ chegou em casa no qual a gente esperava com muita ansiedade... e:: nós... recebemo~~o~~ ele com muita alegria e agradecendo a Deus por nada ter acontecido... e depois... que ele tomou um banho a gente começou a conversar com ele e ele detalhou as coisa... que tudo passou só de um assalto... que num sofreu graças a Deus nenhuma violência... então:: tudo isso é um ocorrido é uma história que... veio do meu próprio filho que ele me contou... e:: que eu num gostaria de ter ouvido/ queria essa história/ num gostaria de ter acontecido comigo... mas infelizmente hoje é isso aí... então portanto eu... eu relato isso aí mas... é uma história que tamBÉM... eu num gostaria de ter... escutado e:: ter ouvido do meu próprio filho

Doc.: e:: chegaram a roubar alguma coisa dele ou foi só::... o/?

Inf.: é levar[u] assim alguns trocado talvez se::... algum alguns trocado que eu falo::...alguns reais assim mas os documentos num levaram... num levar[u] a carteira nada...num:: num maltratar[u] num levar[u] nada... apenas algum:: alguns miúdos alguns trocado que ele tinha porque... ele num tinha outra coisa pra levar

DE

Doc.: éh:: me conte como é sua casa

Inf.: olha minha casa é uma casa simp[r]es... mas... eu d[i]vido ser caseiro eu gosto muito...
 minha casa num é uma casa grande... ela tem dois quartos... um banheiro...uma cozinha... uma
 sala e ela tem um espaço um quintal pequeno mas serve pra gente... [dz]escansar... e:: tem
 também dois cachorrinho que me atrapalha muito que são minhas alegria no meu tempo de
 folga... e como eu já te disse eu gosto MUIto... de assistir televisão... de:: às vezes fazer um
 churrasquinho no fundo do quintal... que tem um espacinho até bom tem sombra... e:: eu
 procuro mais ficar em casa do que:: às vezes ir em algum c[r]ube ou algum lugar alguma
 chácara... eu:: minha casa é meu temp[r]o é meu/ é aonde... fica minha família tenho dois
 filhos minha mulher... de vez em quando ela::... me perturba um pouquinho mas a casa é:: é
 que/ o meu me/ melhor lugar de ficar... e:: meus cachorrinho são meu passatempo... faz parte
 dessa casa que eu gosto muito... como eu volto a r[i]p[i]tir eu sou caseiro... então pr[i]firo
 muito ficar nessa casa embora ser simples ser uma casa... que:: muito::... simples mesmo mas
 ela é tem uma felicidade que muitas casas grande num tem... então por isso eu:: prefiro ficar
 em casa... minha casa é:: um lugar onde eu... depois do trabalho eu me repouso... onde eu faço
 tudo aquilo que eu quero eu tenho o meu som... pra ouvir... eu tenho:: a televisão que eu gosto
 muito de futebol e notícia... e também tem a churrasqueira que é o:: o que faz parte do::...
 do lazer da gente... nas hora de [dz]escanso... e eu::... o que eu te falar pra você eu... eu sou::
 eu num troco minha casa por nada... portanto e/

[

Doc.: e::... e dentro da sua casa qual... o cômodo que
 o senhor mais gosta?

Inf.: olha... depende a hora... tem hora que eu gosto muito mais da cozinha... porque quando bate aquela fominha assim a cozinha é o melhor cômodo... mas quando bate o soninho é o quarto

Doc.: é como é a cozinha assim é grande é pequena tem

[

Inf.: a minha cozinha até que... em termos de espaço ela é ampla... ela é muito grande... a gente tem: uma/ uma/ duas geladeira... num é freezera são duas geladeira mais tem o fogão... uma pia... e uma mesa de quatro cadeiras que é: uma mesa familiar é só: eu a mulher e dois filhos então ela é suficiente pra gente passar... o:... as nossas refeições... eu adoro a minha cozinha ela é ampla e muito gostosa

Doc.: obrigada

RP

Doc.: é: o senhor sabe fazer alguma coisa?

Inf.: sei

Doc.: então me conte como se faz isso me explica como que faz

Inf.: olha eu mexo com a parte elétrica do carro... e muito: uma coisa muito comum é a partida do carro... como pôr o motor em funcionamento... então a pessoa chega... primeira coisa a gente vamo/ e verifica a bateria... se ela estiver correta... a gente:... [dz]esliga ela... e parte para o motor de partida... tirando esse motor de partida a gente coloca na bancada... [dz]esmonta so[r]ta todos os parafuso que fixa... e: depois de toda [dz]esmontada a gente testa componente por componente... e verificando aquele... que está com problema a gente substitui... montamos ajustamos é lógico... depois uma boa lubrificação e as (escasas)... a gente:... retorna a colocá-lo e e ((barulho de carro)) em seguida... aciona a partida do

veículo... se esse constatar mais algum p[ro]blema a gente verifica o alternador... o qual também faz parte da partida... e também tem o p[ro]blema da da da parte de ignição que é o comutador da chave... porque muitas vezes num é só um p[ro]blema que existe no carro são vários... mas é um serviço que eu executo... é uma coisa que eu sei fazer... e:: a gente trabalha nisso muito tempo... e estamos sempre as/... a:: a::... apto a resolver esse p[ro]blema da parte elétrica de um veículo

Doc.: então o senhor diz que o senhor SAbe resolver a parte elétrica de um veículo

Inf.: é... de veículo sim...

Doc.: uhn

[

Inf.: essa é uma parte elétrica que é diferenciada da parte residencial... ou da parte que... de de rua tensão essas coisa que num tem nada a ver... uma parte elétrica do veículo uma parte elétrica... do a/ automotiva... que é o que eu trabalho... e essa aí eu entendo e faço essas coisa

Doc.: tá certo

RO

Doc.: bom seu J. o senhor me disse que é:: casado há trinta e três anos então é:: eu vou perguntar o que que o senhor acha do casamento?

Inf.: olha o casamento hoje é::... é uma coisa::... que me/ até en/... o meu não o meu me deixa muito feliz porque faz trinta e três anos que eu sou casado... com uma mulher maravilhosa... eu tenho dois filhos... no qual a gente tem uma família tam[be]m uma estrutura muito boa... meus filhos muito bem educado... graças a Deus sem vícios... e trabalhadores... tenho uma mulher tam[be]m trabalhadora... e que... que me corresponde faz... faz tudo certinho... e:: o casamento pra mim... pra mim eu responden[do] pra mim é um/ é um:: ótimo inve[st]imento...

embora o que a gente se vê hoje o casamento... é uma instituição até quase [dz]escartável porque se casa e [dz]escasa... seguindo às vezes até MUITos artista e muitos jogadores de futebol::... a novela atrapalha muito o casamento... mas o casamento sem dúvida... nenhuma é a estrutura do mundo... o próprio Deus... formou a sua família... então o casamento é::... pra mim ainda continua sendo... muito importante... e eu gostaria que os jovens de hoje ((latidos)) se preparassem mais... pra esse casamento... para que não viesse essa união e desunião... o casamento ele tem seus pØob[r]emas suas consequências porque são duas pessoas diferente... e que/ e ao passar do tempo a gente também vai... vai:: a/ se acomodanØo... e tanto da parte do homeØ como da mulher... mas são::... às vezes os sofrimentos e o/... os os espinhos do casamento que faz a família crescer... e dessa/ desse::... crescimento... é que sai estrutura do dia de amanhã... então eu/ que eu gostaria que os jovens de hoje aproveitasseØmais ou se preparasseØ mais... e parassem com esse... eu fico eu fico... mas que ficasse pra sempre... e ficasse trinta e três anos ou quarenta ou cinquenta anos juntos... a fami/ a fami/ o casamento pra mim é uma família... e o/ e a família é uma constituição divina e... e muito::... formada que inc[r]usive Jesus Cristo teve a sua... a família... portanto eu acho que o casamento... é::... o que a televisão procura [dʒ]Øsmanchar... o homeØ tem que procurar construir cada vez mais... e que vocês jovens possuam um casamento feliz e pra sempre e duradouro igual ao meu

Doc.: e:: o senhor acha que a televisão atrapalha muito assim na vida das pessoas?

Inf.: olha hoje sim porque::... o casamento virou que nem uma roupa mas se troca de marido e de mulher a hora que quer... e casamento num é bem assim... na primeira dificuldade no primeiro pØob[r]ema se desfaz...casamento é uma coisa uma responsabilidade de ambos lado... que deve ser::... duradouro... a num ser por muitos sérios ou por motivo muito necessário que deve ser [dʒ]Øsfeito... ou senão só a morte que os separe

Doc.: obrigada

C3

NE

Doc.: então dona M... agora eu queria que a senhora me contasse... éh uma história assim que tenha acontecido com a senho::ra... que:: que... tenha sido divertida ou ale::gre... constrangedora enfim... pode contar

Inf.: é de tudo um pouco... é divertida alegre constrangedora... é:: que a gente trabalha com bordados e eu bordo pra várias firmas né? então eu a gente sempre tá escondenØo uma da outra porque o outro quer

[

Doc.: ahm

Inf.: de/ o dele da frente...

Doc.: ((risos))

Inf.: então às vezes acontece da pessoa chegar a gente tá bordando de outra pessoa e aquela correria e guarda e cê guarda uma coisa esquece outra peça então cê acaba num num tendo como esconder tudo a pessoa... [dz]esconfia é lógico né?

[

Doc.: uhum ((concordando))

Inf.: então é todo dia toda hora tá acontecenØo isso então a gente se diverte muito é o que acontece no dia a dia aqui... tem gente

[

Doc.: uhum ((concordando))

Inf.: trabalhando eu num trabalho sozinha tem outras meninas que trabalham... então é assim ao mesmo tempo que é divertido é constrangedor... a gente passa muito nervo::so né?

Doc.: uhum ((concordando))

Inf.: então é assim o nosso dia-a-dia aqui trabalhando...

Doc.: hum

Inf.: então é::... toda hora tem uma história nova alguma coisa interessante acontecendo

Doc.: a senhora se lembra assim de algum episódio específico assim... pra contar pra gente

Inf.: então... é como eu te disse né? tem éh:: a gente escond::de tenta esconder cê vê às vezes cê tá... éh... chega o dono... de uma de uma empresa que nós tamoØ bordando... é:: blusa... e ele chega nós tamoØ bordando calça... aí cê só vê calça voanØo uma joga pra lá outra joga pra cá porque num tem onde esconder

Doc.: uhum ((concordando))

Inf.: né?... então até a gente tá procuranØo deixar o portão fechado porque enquanto chega dá pra esconder daquele outro o que tá fazendo...

Doc.: uhum ((concordando))

Inf.: entendeu?... porque todos querem ao mesmo tempo... e num adianta às vezes eu falo “olha eu num vou bordar mais dá um tempo né? que eu tenho que terminar essa” mas eles num querem saber... eles querem que a gente borda... então cê acaba pegando não... assim... pra pra... éh:: num ser honesta com a pessoa mas é que eles exigem e a gente trabalha nisso vive disso então a gente acaba também... pegando né?... porque acha que vai ser fácil que vai terminar logo... às vezes acaba enrolando

Doc.: isso já acabou geranØo assim alguma bri::ga?... algum

[

Inf.: não

Doc.: mal entendido?... (algum problema)

[

Inf.: não:: teve sim porque:: éh éh::... eu sou muito::... é como que eu vou te dizer... é eu gosto das coisas certas... eu tô preferindo num fazer nada escondido então as pessoas às vezes obrigam a gente a esconder que nem tô te falan~~o~~o esconder... os bordados... e::... só que a pessoa ela tem que entender que nós num temos vínculos... nenhum com elas

Doc.: uhum ((concordando))

Inf.: então éh::... que nem outro dia mesmo esse A. chegou aí... e:: quis assim impor a/ éh por causa de uma saia que eu tava entregando

Doc.: hum

[

Inf.: então eu não gostei da atitude dele achei que ele foi uma pessoa muito prepotente...

Doc.: hum

Inf.: cê entendeu?... aí:: eu liguei na firma pra reclamar dele...

Doc.: hum

Inf.: cê entendeu porque afinal de contas eu não sou funcionária... nem dele nem da firma então acho que... a partir do momento que ele tá dentro da minha casa que eu tô prestando um serviço ele tem que me respeitar... como eu respeito ele também

Doc.: como que ele fe/

[

Inf.: né?

Doc.: que ele se dirigiu com a senhora como foi que ele?

Inf.: não que foi o seguinte eu tinha bordado uma quantidade de peças e o meu espaço é pequeno cê vê... coloco no chão onde eu tenho espaço... aí eu tinha já uma uma boa parte das saias terminada... e eu peguei que coincidiu de chegar ele... e chegar o moço que vem pegar...

as roupas prontas... aí eu... peguei de lá de dentro... dei na mão do moço falei... “espera aí que eu vou pegar o resto” mas eu ia contar quantas peças tinha... e ele não esperou ele falou assim... “quem é que tá levandoo... vai levar sem terminar todas?”

Doc.: ahm

Inf.: eu falei “ai vai né?” aí ele falou assim “mas você sabe quantas têm?... você já contou?”... sabe naquela... eu falei “não... num contei mas eu vou contar se cê esperar eu terminar de entregar pra ele” né?... aí eu num gostei eu fiquei muito brava cê entendeu?...

Doc.: uhum ((concordando))

Inf.: liguei na firma... né? e falei pra ele que ele parece uma carroça vazia

Doc.: ((risos))

Inf.: porque a carroça vazia ela faz muito barulho ((fala rindo))... e num faz nada... cê entendeu?...

Doc.: aham

Inf.: falei pra ele que ele tava aginoo como uma carroça vazia que ele tava fazendo barulho mas num tava fazenoo nada... e que eu num queria mais ele aqui...

Doc.: uhum ((concordando))

Inf.: né?... então é assim... é assim que as coisas funcionam hoje já veio motorista... buscar peça já quis crescer já dei uma cortadinha nele também né?... que ele veio buscar umas peça... falei que não estava pronta ele falou “quantas falta?” eu falei “olha tem vinte e quatro a hora que elas tiverem pronta eu ligo pra você cê vem buscar...”

Doc.: uhum ((concordando))

Inf.: sabe porquê? porque a gente não tem vínculo com eles...

Doc.: uhum ((concordando))

Inf.: então eles exigem muito da gente... tratam a gente como se fosse assim éh éh éh
funcionário deles... se tivesse ali... né? com aquele salário certinho pagano não... nós g/ nós
ganhamos aquilo que a gente faz aqui

Doc.: tá certo

Inf.: então eu num num gosto mesmo eu respeito todo mundo que vem na minha casa... cê
entendeu?... e:: e num gosto de ser tratada assim nem que trate as pessoas que trabalha

[

Doc.: claro

Inf.: aqui comigo... né?... então é isso que acontece no dia-a-dia

[

Doc.: e esse sujeito que você ligou lá na fir::ma
pØa reclamar de::le... cê reclamou com pa/ patrão dele?... como que foi?

Inf.: olha eu reclamei pra::... pra pessoa que::... me contratou pØa fazer o trabalho pra ele...

Doc.: ahm

Inf.: né?... porque essa pessoa ela é consciente porque quando ele veio aqui eu falei “olha eu
não bordo só... pra uma firma eu bordo pra várias firma... então se vocês não mandam
trabalho eu tenho que pegar de outra” certo... então quer dizer ele é consciente... ele falou “C.
eu sei mas o A. é assim” eu falei “olha mas só... que eu tratei com você... eu não escondi de
você que eu bordo” igual falei pra ele “se vocês não me trazem a/ a/ a/ o/ o trabalho como é
que eu faço?... eu num posso ficar parada então eu pego de outras pessoas” ele fala “ah mas
eu entendo e o A. num entende” eu falei “bom mas eu tratei com você então é com você... que
eu vou resolver... tá... cê manda o bordado a gente borda o R. vem e pega e tudo certo”

Doc.: uhm

Inf.: mas num resolve na::da bem ((risos))

Doc.: num aconteceu nada com ele?

Inf.: num aconteceu na::da... ((risos)) nada... não que eu quisesse que acontecesse eu queria assim que ele... respeitasse bom se bem que ele chegou aqui:: na segunda-fei::ra... bem tranquili::nho bem assim mas/

Doc.: a senhora continua então trabalhando com essa pessoa?

[

Inf.: continuo continuo trabalhando

Doc.: ham

Inf.: né?... ele chegou mais tranqui::lo... éh::... perguntou se as peças estavam pron::tas eu falei que a gente tava terminan::do... e é assim cê entendeu aí eu já tinha é é tudo engraçado que acontece aqui... aí eu já tinha um outro... uma outra pessoa que tava me entregando Outro tipo de roupa... aí eu tranquei a outra pessoa aqui dentro e deixei lá fora ((fala rindo))

Doc.: uhum ((concordando))

Inf.: eu falei pra ele “senta aí A. fica aí bonitinho”

Doc e Inf.: ((risos))

Inf.: () ((fala rindo)) cê tá entendendo?... então eles sabem dos outros mas eles num querem... é como se fosse uma loja que tivesse um concorrente cê entendeu?...

Doc.: uhum ((concordando))

Inf.: então eles querem assim... que a mercadoria deles mesmo se eles não precisam... eles fazem uma pressão violenta... cê entendeu?... e e e:: assim vai indo e assim a gente tá passanØo o dia... e vai

Doc.: ham

Inf.: trabalhando ((risos))

Doc.: tá certo dona M.

NR

Doc.: dona M. agora eu quero que a senhora me conta... uma história que tenha acontecido... com alguém que você conhece... é que alguém tenha te contado essa história

Inf.: éh... éh éh com relação ao meu sobrinho né? o me/ o meu sobrinho mais velho... éh:: ele sofria de hemofilia... a gente só [dz]escobriu quando ele tinha quatro anos de idade né?... e:: ele conseguiu levar até aos [dz]ezenove anos... então foi assim u/ u/ uma fase de muito:: sofrimento pra gente... porque é::... quando a gente veio [dz]escobrir a história éh éh::... a doença dele... e foi assim numa situação muito constrangedora que até então a gente NEM conhecia... a hemofilia né? nem sabia que existia essa doença... e ele... praticamente a cabeça dele ficou totalmente deformada

Doc.: ah é

Inf.: é... né? então ficou assim que nem aquelas crianças que nasce com a cabeça grande então ele ficou daquele jeito... mas depois voltou... a/ a/ ao normal... a cabeça dele só que... é/ depois teve assim até os dezenove anos aquela coisa de ter que sempre tá correndo ele foi uma criança que ele... éh::... num podia brincar como as outras crianças... um tratamento de dente qualquer coisinha que fosse fazer teria que ir pra clínica né? por causa DA

[

Doc.: uhum((concordando))

Inf.: hemorragia porque não coagula... né?

Doc.: ah é?

Inf.: mais as transfusões mais os trios tudo que se aplicava nele né?... então pra gente foi assim... muito triste porque o primeiro sobrinho...

Doc.: ah::

Inf.: né?... é... filho do meu irmão mais velho... então juntou tudo porque aí até então meu irmão... também já havia separado da mãe... dele cê entendeu?

Doc.: hum

Inf.: então foi assim... muito constrangedor muito triste a gente já esperava mas a gente... num quer que acontece né?

Doc.: como que foi assim os últimos anos dele?

Inf.: olha éh::... talvez a gente tenha sofrido mais porque foi assim ele voltou porque ele tinha que ir no médico todo mês... né?... e e principalmente quando ele assim o o o tinha que... mexer num den::te às vezes uma uma gripe qualquer tinha que sair correndo com ele pro hospital... e quando ele [dz]esencarnou na realidade a minha cunhada tinha levado pra um exame de rotina... só um exame de rotina

Doc.: hum

Inf.: ele entrou no hospital normal... tudo bem... aí a/ o médico consultou tudo falou “ah mas ele tá bem aparentemente ma/ a gente vai ter deixar ele... internado... né? pra observação”

Doc.: a sua cunhada que tava com ele nesse momento?

[

Inf.: a minha cunhada que tava com ele é... aí... fico::u e foi na sexta ele entrou na sexta-feira às quatro horas da tarde no sábado onze horas da noite ele tinha [dz]esencarnado

Doc.: ah é?

Inf.: né?... então foi assim é é:: é uma coisa assim que a gente... a gente sabe que tudo tem hora certa cê entendeu? mas... é:: a gente num esperava porque ele teve em outras situações BEM difíceis que ele entrou lá que a gente acreditava que ele num sairia... ((toca o telefone)) né?... mas éh:: pegou todo mundo assim de surpresa ((toca novamente o telefone)) porque foi um exame de rotina MESmo ele não está sentindo nada ele não tinha nada... ((o telefone toca novamente)) e ele... ((filha da informante atende o telefone e a gravação é interrompida)) então aí ele entrou... tava bem... e:: de repente assim do nada ele começou a passar mal a

passar mal aí tentaram tudo mas ele teve uma parada... cardio-respiratória... ele tinha [dz]ezenove anos então foi assim MUIto difícil pra gente... né?... e:: tão () assim tamOém não que o meu irmão num tenha dado... o apoio é é assim acompanhado não porque tudo que minha cunhada... né? minha ex-cunhada precisa::va ela liga::va ele... saía a minha cunhada atual nun::ca... éh éh interferiu em nada...

Doc.: uhum ((concordando))

Inf.: cê entendeu até eles... até se DÃO bem até hoje né?... só que ele dos... dos quatro aos dezenove anos... né? meu irmão/ num morava junto mas tava presente...

Doc.: uhum ((concordando))

Inf.: mas isso deixou a gente muito triste porque... primeiro neto ((cachorro late)) primeiro sobrinho tanto de um lado quanto do [ow]tro... né?... e depois desse episódio aí minha cunhada simplesmente... minha ex-cunhada... se [dz]esligou da gente num

[

Doc.:

é?

Inf.: quis mais falar com a gente

Doc.: como é que ela conta ((cachorro latindo ao fundo)) assim como que foi essas... esses anos essas últimas horas assim antes dele falecer?

Inf.: então ela num/

Doc.: ele foi internado num foi pra fazer

[

Inf.: foi

Doc.: exame

Inf.: de fato né? pra observação né? ele tinha feito um um exame tava tudo bem o médico disse que tava bem ele tava assim meiOque resfriadinho só... o que ele tinha então COmo ele tava resfriado e tudo tinha que ser com acompanhamento...

Doc.: uhum ((concordando))

Inf.: o médico mandou deixar PRA observação...

Doc.: hum

Inf.: e aí passou a noite... de sexta-feira... é o sábado aí quando foi cinco horas da tarde ele começou a passar mal...

Doc.: ah::

Inf: então... éh segundo a a:: irmã da minha ex-cunhada ela... disse... e cê vê como que é interessante a mãe fica assim vinte e cinco horas em cima do filho... dois minutos que ela saiu foi a hora que ele começou a passar mal... cê entendeu? ele tava com a tia dele... que é irmã da minha cunhada

Doc.: sei

Inf.: então ele começou a gritar “mãezinha mãezinha mãezinha” que era só... ele chamava ela de mãezinha né?... e::... e a irmã dela entrou em pânico porque ela não estava né? a cunhada não estava lá... até minha cunhada chegou só que ele não via mais ele perdeu a visão

Doc.: ah é?

Inf.: é... aí ele... aí minha cunhada chegou a hora que tavam levando ele e ele falava que num tava enxergando o que ele queria enxergar a mãezinha... ((risos)) ()

[

Doc.:

ai tadinho...

Inf.: então foi muito difícil... e:: então é isso assim é u/ uma história triste que aconteceu com a gente é o que tem assim... né? por/ eu falo assim é a gente é espírita tudo mas é difícil... ((risos)) a gente tem o conhecimento mas... é a mesma coisa cê... cê tá do lado de lá cê num quer vim po lado de cá... cê tá do lado de cá cê num quer vim po lado de lá né? então é complicado... mas... tamos aí já faz:: nove anos que isso aconteceu... né? mas a gente... é um:: pedacinho né?... da gente é o sangue da gente então a gente ainda sente um pouco

Doc.: é verdade claro

Inf.: então foi isso aí

DE

Doc.: dona M. agora eu quero que a senhora me descreve... um local... pra mim

Inf.: bom o local que eu vou [dʃ]Oscrever é a casa que eu morava entre meus... sete e e e doze anos... era uma casinha bem simples de três cômodos...

Doc.: ah

Inf.: né?... era quarto sala cozinha... éh::... nós éramos só em três... filhos... né? então... eu e a minha irmã dormia no quarto... onde meus pais dormiam e o meu irmão dormia na sala

Doc.: cês dormiam então

[

Inf.: né?

Doc.: cê e sua irmã... com seus pais... tudo

[

Inf.: é

Doc.: junto

Inf.: é... todos... no mesmo quarto né?... e:: o meu irmão dormia na sala... nesta sala/ éh esta casa ela era assim uma casinha bem simples... é::... piso era vermelhão

Doc.: uhm conheço

Inf.: éh... naquela época porque eu sou jovem ainda mas naquela época

Doc.: uhum ((concordando))

Inf.: não tínhamos televisão...

Doc.: ah

Inf.: né? então:: éh::... até foi a época que::... a minha ir/ a minha mãe engravidou... e a minha mãe sempre foi uma pessoa bem:: severa nunca deixou a gente assim... éh éh... sair pra éh brincar brincar fora que ela podia tá sentada lá fo::ra vendo a gente brincar... então a gente ajudava a minha mãe fazer tricô... fazer o enxovalzinho do meu irmão

Doc.: uhum ((concordando))

Inf.: né? isso eu lembro muito bem ela ligava um rádio a gente ficava ali sentadinho perto dela e tricotando junto com ela

Doc.: uhum ((concordando))

Inf.: né?... então éh éh então:: na nessa sala ainda tinha um sofá:: bem sim::ples um rádio

[

Doc.: era ali que seu irmão dormia?

Inf.: é onde meu irmão dormia... então dormia no sofá porque antigamente tinha esse sofá-cama né?...

Doc.: uhm

Inf.: então cê abria o sofá e virava uma cama... tinha esse rádio que a gente ficava ali sentadinho... fazendo o o crochê com ela... e:: nada mais no quarto... de/ deles né? e e de/ no qual era da minha irmã também... era:: a cama de casal de::les um guarda-roupa uma máquina de costura... e:: uma outra cama de casal... onde dormia eu e a minha irmã... né?... éh:: a cozinha... éh naquela época minha mãe tinha o fogão éh::... elétrico...

Doc.: uhum

Inf.: né? então tin/ era um fogão elé::trico... éh tinha um guarda-comida que se falava antigamente

[

Doc.: ah

Inf.: que era guarda-comida né?... tinha uma mesa... e:: quatro cadeiras... é o que a gente tinha... éh::... aí no fundo tinha/ num tínhamos geladeira também naquela época né?... então era o o o fogão o guarda-comida e:: a mesa... éh::... aí fora... tem os banheiros... antigamente era fora da casa

[

Doc.: sei

Inf.: né?... então tinha um banheiro... aliás... quase que do tamanho do quarto da minha mãe era BEM GRANDE o banheiro do lado de fora ((fala rindo))

Doc.: ah é?

Inf.: era bem grande né?... e::... aí tinha uma área... tinha um tanque... éh::... aí o quintal... todinho de terra... mas aí tinha... um pé de:: goiabe::ira um pé de jabuticabe::ira... aí tinha um pé de... João-bolão... num sei se cê conhece

Doc.: conheço

Inf.: né?... e::... era ali onde a gente brincava que eu:: plantava bananeira pendurava nos galhos

[

Doc.: era grande esse terreno do fundo assim?

Inf.: era... era grande... e:: aí onde a gente brincava pendurava nos ga::lhos... cê já viu né?... e do lado desse... da nossa casa tinha o o/ um um::... um lote onde meu pai trabalhava onde era a oficina mecânica do meu pai...

Doc.: hum::

Inf.: cê entendeu... então foi ali né? no Jardim Paulis::ta que a gente passou a infância... então é:: a casa assim que:: mais marcou porque depois dali a gente já saiu a eu já comecei a trabalhar:: então cê... acabou a tua infância acabou tudo né?

Doc.: uhum ((concordando))

Inf.: porque começa a trabalhar... então foi assim... é:: o o o lugar mais gostoso assim que a gente... gostou de morar tanto é que a minha hoje mora lá de novo

Doc.: ah é na mesma casa?

[

Inf.: voltou pra lá de novo... não... no/

[

Doc.: no mesmo bairro

Inf.: mas no mesmo bairro ((barulho de uma porta emperrada sendo aberta)) pertinho de onde a gente morava... cê entendeu?

[

Doc.: e como que era a frente dessa casa?

Inf.: é igual eu te... era uma casa de três cômodos na é na fren/ a porta da sala tinha uma... tinha três degrauzinhos né?...

Doc.: uhum ((concordando))

Inf.: aí tinha um pé de roseira...

Doc.: hum

Inf.: de um lado uma roseira branca do outro lado uma roseira amarela... né?... então... porque ela era/ ela não era de assim é construído... né? como é construído a casa ela era tipo assim feito... do lado...

Doc.: hum

Inf.: assim ((mostra com as mão))

Doc.: ta

Inf.: então... a a frente dela era de terra... éh... aí tirava só o o muro que tinha que an[t]Os separava o lote onde meu pai trabalha::va que tinha a oficina... né?... e o resto tudo era árvores... né?... e::

Doc.: e tinha asfalto essa rua?

Inf.: não... e num tem até hoje é paralelepípedo

Doc.: ah é?

Inf.: até hoje ainda é então a gente fala que o bairro Jardim Paulista Jardim/ é Vila Maceno aquele pedaço... é:... é pra cima daquele é aquele/ onde tem aquela igreja de mármore... é onde:... começa o Jardim Paulista

Doc.: desde aquela época já era?

Inf.: já era e continua sendo para/ inclusive... é nessa casinha onde eu morava ainda é paralelepípedo...

Doc.: olha

Inf.: () ali num teve mudança...

Doc.: aham ((concordando))

Inf.: né?... então são casas assim... bonitas é é conservada mas bem antiga tem

Doc.: sei

Inf.: construção hoje eles conserta danço reforma... mas as casas ali são bem antigas... né?... então é o local assim que... e o local que a gente mais gostou de morar foi lá

Doc.: tá certo

RP

Doc.: dona M. a senhora tava me falando que você sabe fazer muitas coisas né?

Inf.: exato

Doc.: que você também... é:: sabe cozinhar...

Inf.: uhum ((concordando))

Doc.: você pode me ensinar como que você faz algum prato?

Inf.: posso eu vou te ensinar você fazer assim um um um:: bolo de fubá...

Doc.: uhm

Inf.: com maione::se...

Doc.: no/

Inf.: tá:: que fica assim muito gostoso...

Doc.: tá

Inf.: falando assim maionese a pessoa falam bolo de fubá com maionese é estranho né?... mas num é não... é:: que jeito vai fazer esse bolo?... é cê vai colocar quatro ovos inteiros é muito fácil é tudo no liquidificador...

Doc.: hum

Inf.: né?... cê coloca quatro ovos inteiros... você coloca:: éh::... uma colher de::... manteiga né? ou margarina se a pessoa preferir... cê coloca meio copo de óleo... coloca duas colheres de maionese... você coloca:: éh::... um copo de leite morno... éh::... doi/ duas xícaras de açúcar... duas xícaras de fubá... uma xícara de farinha... né?... e duas colheres de fermento em pó... né?

[

Doc.: uhum ((concordando))

Inf.: aí você bate tudo no liquidificador... éh:: a assadeira já deve tá untada... aí você depois ele/ você bate sem colocar o pó *Royal*...

Doc.: certo

Inf.: uhum aí depois que cê bateu tudo você coloca numa tigela ou numa... numa vasilha... né?... qualquer que você... faz bolo... e aí você coloca as duas colheres de de:: pó *Royal*

Doc.: pó *Royal* mistura separadamente

Inf.: mistura separadamente... e:: mi/ e mistura ele bem num precisa bater cê vai misturando até... ele... éh::... ficar bem misturado com a massa coloca... você vai adorar... depois de assado cê deixa vinte cinco dependenØo do forno de vinte e cinco a quarenta minutos... aí

você faz uma calda de chocolate... joga por cima... e é só fazer um cafezinho... e tomar ((risos)) e comer ((risos))

[

Doc.: oba... o forno deve tá pré-aquecido ou não?

Inf.: pré-aquecido sempre né?

Doc.: uhum ((concordando))

Inf.: tudo é no forno pré-aquecido

Doc.: tá certo

Inf.: cê vai gostar muito da receita pode fazer que... é jóia ((risos))

Doc.: a senhora sabe mais de alguma receitinha pra gente?

Inf.: ai tem né? porque eu faço muita coisa

Doc.: uhum ((concordando))

Inf.: faço tru::fas

Doc.: ai que delícia

[

Inf.: eu faço bombom:: eu faço pão de mel... né?... a trufa simples cê pode tá colocando éh::... éh::... seiscentos... éh:: seiscentos gra::mas de chocolate:: ao leite... ai cê coloca::... ou você pode colocar quatrocentos gramas de chocolate ao leite... e duzentos e cinquenta gramas de chocolate meio amargo...

Doc.: ah ta

Inf.: você vai derreter em banho-maria.... né? e quando ele tiver derretido você vai colocar... uma colher de mel... éh:: meia colher de mante::iga... é:: uma colher... de::... de chá... de::... canela... e:: uma colher de conhaque...

Doc.: hum

Inf.: aí cê mistura... aí depois por último você joga uma lata de creme de leite sem soro... né?... mistura bem que aí é onde vai... vai:: ela vai dar uma/ porque quando você durante misturar o creme de leite ela vai ficar meio dura cê vai falar nossa né?... ahm cê misturou o creme de leite ela já ela começar ficar molinha

Doc.: fica macio

Inf.: fica macio aí você... éh::... tira né?... num precisa ser com o forno co/ com o fogo ligado não... assim que você derreter o chocolate... né? que é no banho-maria não pode deixar o o a água esquentar... MUIto... né? éh:: pra você derreter o chocolate é quando ela tiver assim... que você coloque a mão e você aguenta ficar com a mão dentro da água

Doc.: ah tá num pode ta

[

Inf.: não

Doc.: com a água ferven~~O~~o?

[

Inf.: não pode ferver senão queima o chocolate

Doc.: ah ta

Inf.: aí você conseguin~~O~~o ficar com a mão dentro da água você... desliga... e... põe o chocolate... e ele derrete é coisa de cinco minutos... aí é só você voltar lá mexer ele derrete

Doc.: aí acrescenta todos os

[

Inf.: é

Doc.: ingredientes

Inf.: aí você acrescenta os ingredien~~t~~^{is}os aí depois... éh:: que ela volta a ficar... macia você coloca na geladeira durante duas horas... e tá pronta a trufa

Doc.: esse aí é o recheio da trufa?

Inf.: é a trufa né?...

Doc.: ham

Inf.: porque a verdadeira trufa é isso daí

Doc.: ah tá

Inf.: aquela casqui::nha que vai por fora é coisa é invenção do povo

Doc.: ah é?

Inf.: a verdadeira trufa é isso aí então... depois de duas horas... pode enrolar ela como brigadeiro

Doc.: ah ela fica firminha pa enrolar?

Inf.: fica... aí você enrola ela como brigadeiro cê pode passar ou no cacau em pó...ou você pode passar no próprio:: chocolate...

Doc.: hum

Inf.: né?... agora se você quiser fazer como o pessoal vende aí fora essa trufa tradicional...

Doc.: uhum ((concordando))

Inf.: aí cê vai ter que pegar:: ... começar tudo de novo aí que cê vai fazer... éh o choco/ você vai derreter o chocolate... meio a meio né? metade ao leite metade éh::... meio amargo... aí cê vai dar o choque térmico você vai colocar numa::... pedra de mármore... dar o choque térmico até:: que ele fica assim... éh éh::... éh:: frio...

Doc.: uhum ((concordando))

Inf.: que cê possa colocar nos lábios pra sentir... que ele tá bem geladinho no seu lábio... aí você vai::... aí ele tá pronto pra você pegar formi::nha... e ir fazendo aí cê... põe uma camadinha... põe na geladeira aí cê dá outra você dar três pinceladas

Doc.: na forminha com aquele chocolate?

[

Inf.: na forminha é... aí... depois cê pega e coloca a trufa... né? aí cê volta pa geladeira... aí cê coloca a trufa... aí cobre ela com o resto de chocolate põe na geladeira daí:... cinco minutos ela tá pronta

Doc.: já tá pronta... ai que delícia

Inf.: ((risos))

RO

Doc.: dona M. éh:: a senhora me disse que a senhora é espírita né?

Inf.: é

Doc.: e/ então eu gostaria de saber... da senhora é::... se a senhora acredita na reencarnação né?... e por quê?

Inf.: bom eu acr/ lógico que eu acredito na reencarnação né? porque a própria doutrina ela prega a reencarnação...

Doc.: uhum ((concordando))

Inf.: né?... agora cê quer saber por que que eu acredito em

[

Doc.: isso

Inf.: reencarnação?... é:: porque... na minha opinião... né? e e pelo conhecimento que a gente tem da doutrina... éh::... Deus... ele num iria criar tudo isso daqui... pra simplesmente acabar... morreu acabou...

Doc.: uhum ((concordando))

Inf.: então num existe cê entendeu... seria... é é:: é muito incoerente... né?... de nós acreditarmos que ele queria criar tudo isso daqui... aí cê vai morrer cê vai... tudo acaba... ou que isso aqui vai acabar um dia... não num vai...

[

Doc.: uhum ((concordando))

Inf.: porque existe o ditado que... o pessoal fala muito que “aqui se faz é aqui que se paga”... então não é uma questão de aqui se faz aqui se paga... é que aqui... nós estamos éh éh:... num mundo de provas e expiações... então a gente vem aqui... pro nosso crescimento pra nós evoluirmos... cê entendeu?... então é é:... porque seria muito bom e muito cômodo se você nascesse crescesse... morresse e tudo acabado

Doc.: uhum ((concordando))

[

Inf.: ou você i/ ia ficar lá... deitado esperando... o juízo final num sei o que não sei das quantas é

Doc.: aham

Inf.: muita incoerente isso num existe né?... (porque tá aí:: tá::/) o universo tá aí... então acho que:... num tem nem porque não acreditar na reencarnação

Doc.: uhum

Inf.: cê entendeu?... éh::

Doc.: a senhora acredita que a pessoa reencarna pra... é:... pagar:: alguma coi::sa?

Inf.: não num seria pagar porque

[

Doc.: hum

Inf.: nós num devemos nada

Doc.: hum

Inf.: entendeu?... éh:... nós é que criamos as nossas dificulda[d]Os os nossos problemas cê entendeu?... porque nós não pagamos nada porque Deus num cobra nada de nós... cê entendeu?... nós tamos aqui... éh:... pra evoluir... pro nosso crescimento... cê entendeu...

éh::... e ao invés da gente crescer a gente evoluir a gente a/ acaba adquirindo mais débitos... certo? porque... graças a Deus nós temos o dom do esquecimento porque se a gente voltasse pra cá... lembrando tudo que nós fizemos em outra encarnação seria muito cômodo... né?... cê ia procurar num fazer aquilo ali... então a gente tem o esquecimento... exatamente... pro nosso crescimento... certo? porque a gente tem que crescer a gente tem que evoluir... e mesma coisa... é/ é/ é::... é ruim você repetir de ano...

Doc.: certo

[

Inf.: não é verdade?... cê vai ter

[

Doc.: ()

Inf.: que fazer tudo que você já fez de novo

Doc.: é

Inf.: certo?... então a/ a/ a/ a:: reencarnação é/ é pra isso cê vem aqui... pra você se corrigir pra você... se melhorar... cê entendeu? e/ e/ e ir pra frente... né?

Doc.: seria como uma evolução (isso daí)?

Inf.: uma evolução... é evolução é/ é/ é:: é::... espiritual

Doc.: uhum ((concordando))

Inf.: nossa né?... e:: então... por isso que eu acredito na reencarnação... cê entendeu?

[

Doc.: e:: assim eu sou católica

Inf.: hum

Doc.: eu não conheço como que é a doutrina do espiritismo... mas vocês espíritas... que que vocês acham da questão assim do aborto?... como que vocês encaram essa questão?

Inf.: olha

Doc.: a senhora assim especificamente o que que você pensa disso?

Inf.: [i]xiste é/ é/ veja bem é::... [i]xiste o livre arbítrio... cê entendeu?... agora nós num podemos julgar... nenhuma criatura... cê entendeu porque a/ a/ o livre arbítrio é dela... ELA que vai ter que responder... por tudo que ela faz... num vai ser eu num vai ser você... cê entendeu?... éh::... é um crime e a gente sabe que é um crime você tá interrompendo... éh::... que um espírito reencarna... pra própria evolução DELE... é mesma coisa o suicida... cê entendeu?... se bem que nós somos todos suicidas né? todos os dias a gente... se mata um pouquinho é fumo... é carne... vermelha... é comer demais é falar dos outros... cê entendeu?

[

Doc.: tô sabendo ((risos))

Inf.: então... tudo isso... como diz o outro tá lá tudo registradinho no nosso computador cê entendeu?...

Doc.: uhum ((concordando))

Inf.: é:: então é::... é lógico que a pessoa ela vai ter:: éh/ éh/ éh::... muitas consequências... né? numa próxima encarnação... cê entendeu?... de repente e/ ela::... ela... praticou um aborto... e e hoje né? hoje ela praticou um aborto... ou por ser sol/ solteira ou por num querer ter o filho naquele mo/ achar que num é o momento e quem somos nós pra achar qual é o momento né?... ela pode ter é/ é:: futuramente quando ela vir a querer ter um filho ela pode num/ não conseguir ter esse filho... como ela pode é/ é como ela pode vir a ter... um filho com... problemas mentais... com todo tipo de problema... imagináveis cê entendeu?... porque aque/ a a a aquele espírito... ele já ele veio preparado pra reencarnar... com aquela pessoa por que com aquela pessoa?... porque é/ é a gente tem débitos...

Doc.: uhum ((concordando))

Inf.: cê entendeu?... então você num tá na sua família por acaso... você tá ali... pra você... resgatarem... as coisas do passado cê entendeu?... então cê pode ver que é/ é/::... por isso que chama família... cê entendeu?... então é dentro do seu lar... com a sua família... é com seus pais com os seus irmão... é ali que você tem que resgatar... aquilo que vocês... tiveram... em vidas passadas cê entendeu?

[

Doc.: certo

Inf.: então tem aquele::... tem aquele::... filho que ele é mais amoroso com a mãe é menos amoroso com o pai e vice e versa e aquela mãe que... de repente gosta mais de um filho num é uma questão de gostar... é uma é/ é/ nem é afinidade é porque realmente eles tão ali... pra se amarem porque cê sabe que é a lei do amor... você tem que amar... tudo você tem que colocar o amor... então enquanto nós não e[]tiver assim... saber o que é o amor o verdadeiro amor mesmo... nós vamo[]tá aqui sempre em conflito... é o filho brigando com o pai é a mãe brigando com a fi::lha... cê entendeu? mas por quê?... porque... eles num se amam... ainda

[

Doc.: uhum

Inf.: né?... eles têm... é/ é/ é/ coisas de::... vidas passadas... então a gente tá... aqui justamente pra... recuperar... cê entendeu pra evoluir... pra:: resgatar os nossos débitos então isso são débitos... cê

[

Doc.: sei

Inf.: entendeu? então... a doutrina ela é muito maravilhosa cê entendeu? então eu falo pra você... é uma doutrina que num te deixa é/ é dúvida de nada... cê entendeu?... então é todo questionamento tudo que a gente quer é só você buscar que você encontra a resposta então cê começa a entender uma série de coisas que você fala... pois é... é é exatamente por isso que

aconteceu aquilo então cê... começa a entender... coisas que aconteceu com você... que no momento cê se... desespera cê::... cê entendeu?... mas cê encontra resposta... pra tudo

[

Doc.: uhum... tá certo

C4

NE

Inf.: isso

Doc.: J. conta pra mim alguma história que tenha acontecido com o senhor:: assim... que foi interessante alegre ou triste

Inf.: bom éh::... eu vou te falar da época em que eu trabalhava no banco...

Doc.: hum

Inf.: eu era:: supervisor administrativo... isso em dezembro de mil novecentos e:: oiTENTa... e:: o banco me solicitou pa prestar serviço na cidade de Porto Velho Rondônia... inclusive naquela época ninguém... gostava de::... de ir nesse lugar porque era muito lon::ge... o pessoal tinha medo até um tinha medo de avião... e eu na época eu fui... Porto Velho pertencia a regional de... de Campo Grande... e eu fui daqui junto com... o regional daqui até:: até Campo Grande... fiquei::... dois dias... pra arrumar passagem de volta... que eu ia voltar... perto do Natal dia vinte três de dezembro... e alguém aqui já tinha me enco/recomendado falou “óh cê num/... num vai pra lá sem a passagem de volta po cê num passar o Natal e o Ano Novo lá”... e nós paramoØ em:: Campo Grande... e a moça da secreta/ da... da regional lá num c[ũ]seguia... justamente achar a passagem que eu... ia vim de volta eu

fiquei quarenta dias lá... já num TINHA passageo pra voltar de de Porto Velho pra cá... aí ela c[ũ]seguiu achar... e eu fui pra Porto Velho fiquei lá:: acho que uns mais ou meno num lembro uns trinta quarenta dia... a gente::... trabalhava bastante até meia noi::te... onze hora da noite... era uma agência no::va... e:: eu nunca tinha andado de avião né?...

Doc.: hum::

Inf.: ((risos)) eu nunca tinha andado de avião... então quando eu cheguei no ae/ pra mim ir pra lá quando eu cheguei no aeroporto que/ daqui até Campo Grande eu fui de ônibus... quando chegou no::... no aeroporto eu:: num sabia... ((risos)) eu via descer o avião eu ficava com medo de ficar ali né?... num sabia o avião aí... perguntei pra... pra moça do embarque aí fui no avião... trabalhei lá esses... mais ou menos trinta quarenta dias... inclusive eles depois eles queriam que eu me transferisse pra lá... e::... de lá pra mim voltar pra se ter idéia de lá pra mim voltar... de Porto Velho eu fui pOa Manaus... pra poder dá certo... o outro vôo... aí pousei em Manaus... comprei uns... uns negocinho naquela Zona Franca lá ((fala rindo)) que era

[

Doc.: hum

Inf.: barato... e::... e peguei o avião em Manaus... eu peguei o avião quinze pras dez da MANHÃ... quinze pras dez da manhã... e cheguei em São Paulo nove e meia da noite... DENTRO do avião... e era aquele avião que vinha fazeno... todo o litoral... então passou::

Doc.: hum::

Inf.: ... éh São Luís do Maranhão:: Teresina Fortaleza... éh Reci::fe... RIO de JaNE::iro... e::... aí cheguei aqui em São/ cheguei em São Paulo... nove e meia da noite... aí fui pra/ peguei um táxi... peguei o (subúrbio) e fui pra casa da minha irmã em São Caetano... e cheguei aqui na::...em Rio Preto no outro dia peguei o ônibus cheguei aqui em Rio Preto no outro dia... e o pessoal gostou do meu serviço lá e queriam que eu me transferisse pra lá...

me ofereceram um::/ uma promoção de gerente administrati::vo pra ir pra lá:: tal... e eu:: era solteiro na época... e:: eu comecei a fazer umas exigências então eu fiz umas exigências porque eu num queria ir tamØém né?... e eu comecei a fazer umas exiGÊNcias... e::...e acabei nos/ acho que... achou que era muita coisa eu num fui... e:: depois disso aí eu trabalhei... bastante tempo tamØém aqui em:: no Mato Grosso aqui em Paranaíba... mas isso aí num chegou a prejudicar minha carreira no banco e depois eu fui promovido... aí fui trabalhar de gerente administrativo fui pa Tanabi

Doc.: hum... mas qual era sua função no banco?

Inf.: nessa época que eu fui pra lá eu era SUPervisor administrativo

Doc.: ah é?

Inf.: é... e:: depois eu fui pa Tanabi eu fui promovido passei pa geRENte administrativo

Doc.: hum

Inf.: aí eu fui... pa Tanabi ficamoØ... um ano lá foi quando nasceu a A. C.... e éh e::... ela... ela nasceu e ficou (uns ano)... ela é::/ ficamoØ moranØo lá em Tanabi ela chegou a morar lá em Tanabi...

Doc.: hum::

Inf.: aí depois o banco abriu uma... uma agência nova aqui em Rio Preto... e me transferiram pra cá...

Doc.: hum

Inf.: tá? aí eu vim de gerente administrativo pra cá... e:: fiquei no banco até:: quando o banco fechou em:: mil novecentos e oitenta e cinco quando o banco... QUEBROu né? vamoØfalar assim quando o banco quebrou eu fiquei até mil novecentos e oitenta e cinco

Doc.: ah é?... hum::

Inf.: bom em::... em:: oitenta e cinco em dezembro de oitenta e cinco eu vim pra agência... aqui da General Glicério... eu era gerente administrativo... eu cheguei trabalhar::... seis

meses só... aí o banco foi... liquidado né?... no no popular ele quebrou né?... o banco quebrou... aí nós ficamoØ mais... tinha garantia do Banco Central de seis meses nós ficamoØ três meses... eles mandaram outra pessoa... o banco que comprou... mandou outra pessoa no meu cargo que veio de::... de:: Belo Horizonte... aí o banco me [dz]ispensou... eles pagaram mais três meses pra frente né?... e::... e:: ele [dz]ispensou... AÍ entrou a fase ruim... porque num era só eu aqui na cidade o banco tinha/ o (Comini) tinha quatro agência em Rio Preto... então... foi uma porção de gente todo mundo... [dz]esempregado aqui na cidade... eu fiquei [dz]esempregado mais ou menos:: uns::... seis me::ses mais ou menos... aí eu trabalhei na::... de:: assistente administrativo na UNIMED... trabalhei lá tamØém foi pouco tempo sei lá uns dois meses num lembro... aí um amigo lá... sabia ligou pra mim eu fui trabalhar no departamento financeiro de uma construtora... trabalhei lá::... mais de dois anos... na construtora... aí resolvi sair fui pra::... um escritó/ tomar conta de um escritório de uma marmoraria... trabalhei::... mais uns dois ano dois ano e pouco lá na marmoraria... aí eu saí:: fui co/ começar a trabalhar no:: no escritório do:: aliás com esse mesmo amigo ele tinha saído de lá ele montou uma firma e me chamou pra::... trabalhar com ele num escritório de:: de:: pra mim tomar conta do um escritório de uma firma de::... uma indústria de de esquadrias... tá?... aí eu trabalhei nessa indústria com ele... mais ou menos uns oito anos... tá? fiquei com ele até::... há dois ano atrás agora... que::... eu fiquei lá ele tava meio em dificuØdade financeira... eu tinha requerido uma aposentad[u]ria tá?... aí até pa aliviar ele eu::...eu aceitei saí né? falei pra ele “não eu saio sem problema porque... eu já tinha requerido aposentad[u]ria”... e:: fiquei... aí eu saí... e comecei a trabalhar agora com com:: representação comercial

Doc.: seu J. fala alguma história que alguém te contou e quem te contou

Inf.: certo... eu vo::u... vou te falar uma... uma história... quem me contou é um... um amigo da gente aí o::... o A....

Doc.: hum

Inf.: ele é::... filho de:: de p[u]rtugueses... então... ele já deve tá com uns::... o A. uns:: seten::ta ano mais ou menoØ... ele é um cara muito... muito diNÂMico né? na idade dele ele::... então ele::... ele se/ de vez em quando ele conta até pa gente essa história... que::... o pai DEle... foi um dos::... dos primeiro as família de p[u]rtuguês que vieram AQUI pra Rio Preto... tá?... e::... inclusive o pai dele tinha:: teve um... um armazém... na rua Quinze de Novembro... de esquina com a Marechal Deodoro... se você passar lá hoje tem um pré::dio lá... aliás tem dois prédio é o/ o lado... de baixo... ali era um armazém chamava... Casa Mendes... (né?) e::... então ele conta que o:: o pai dele como era um dos primeiro que veio pra cá... então de vez em quando os... o o... o parente dele os amigo dele né? lá de P[u]rtugal... na/ naquela época que acho que telefone era meio difícil... então eles mandavaØcarta... eles mandavam eles contam que eles mandavam na carta falava “óh... tal época assim assim... vai chegar... por exemp[r]o... VINTE p[u]rtugueses por exemp[r]o trinta... e vinha/ vai chegar vinte trinta aí em Rio Preto” então... () como que era a função do pai dele o pai dele tinha a função... de distribuir esses p[u]rtugueses porque eles chegavam num tinha emprego num tinha lugar de morar num tinha nada... distribuía esses... p[u]rtugueses na casa dos outros p[u]rtugueses que já tava aqui... então ele/ o A. conta que ele era moleque né?... e chegava aquele... às vezes chegava de madrugada chegava aquele... aquele bando de... de p[u]rtugueses eles falava tio né? que é lá de P[u]rtugal tal... então tinha que chegar se os cara... chegava e ficava com/ que fi/... queria que eles ficava eles era moleque que eles ficava beijanØo a mão dos cara aquelas coisa de antigo né?... ficava beijanØo a mão... e::... aí ele saía... o pai dele... sentava lá pegava e falava “óh... fulano de

tal” e começava a fazer contato com os outros família de p[u]rtuguês que já moravam aqui... então mandava por exemplo “óh vai quatro pra sua casa... vai::... três dá po cê acomodar três?” ia mais três mais quatro pa casa do outro... então... mandava a pessoa ir pa ficar lá né? ficava quebrando um galho ali até arrumar empre::go arruma::r... éh:: éh uma ca::sa pra pessoa mora::r tal né?... então ele::... ele conta que::... nessa época aí... tem até um outro que é::... que o:: o pai dele veio pra cá... e::... ficaram mo/ ficou moranØo com eles... então... ele::... ele nos falava inclusive eles falaØ o nome de/ desses português aí eu num lembro de::/ ele lembra até hoje que os português que ficar[u] moranØo na casa do pai dele aí eu num lembro... eu sei que o pai dele pegava né? depois ele era... ele falou que ele era molequinho... e ele sabia onde era a casa dos outros português então falava “óh... pega esses quatro aqui oh leva na casa do fulano de tal ”... e cê sabe que aquela época ali::... morava todo mundo... maioria tudo centro da cidade né?... até porque a cidade tamØém só tinha o centro

Doc.: é

Inf.: era pouco... os bairro só esses bairro mais antigo... então ele saía... [dz]istribuinØo::... os portugueses e os cara ficava moranØo na casa de:/... um na casa dos outros... éh::... seis meses sei lá:: dois meses três meses seis meses até::... arruma::r colocação né?... e:: e o pai dele já tinha acho que na época já tinha esse armazém... e eles buscavam aquela ép[u]ca éh... negócio de vim buscar sal principalmente né?... buscavam aqui na... quando chegavam os trilho na/ na/ na/ aqui os vagão na estrada de ferro... eles buscavam com a carrocinha... aí [dz]istribuíam um pouco pa esses português aí pos cara ir quebranØo o galho

DE

Doc.: seu J. descreva pra mim uma casa que o senhor moro::u ou um lugar que o senhor tenha vivido ou que o senhor mo::ra... como que é assim

Inf.: bom eu vou te fala::r da casa::... que nós vivemos... hoje... atualmente...

Doc.: hum

Inf.: essa casa é na rua T. de F. três oito dois... essa casa nós:: nós compramoØela... em mil no-ve-cen-tos e oi-ten-ta e seis... tá?... a gente precisava... [dʒ]Øsocupar o outro imóvel que nós morava que era::... que era por conta do banco tá? que a gente/ que eu trabalhava... essa casa... quando nós compramoØ... era uma casa que tava::... bem:: assim estado bem ruizinho... bem judiada vamoØ dizêr né?... era casa que tava com inquilino... nós tivemoØ que espera::r... uns quatro meses po inquilino [dʒ]Øsocupar a casa... entendeu?... éh::... é uma ca/ era uma casa era já uma casa até bem construída mas::... ela tinha por exemplo na frente... uma grade... uma gradinha de ferro mas era uma grade... daquelas grade anti::ga baixi::nha... ela tinha na frente... um::... um jardinzinho que tava... inacabado (com::)... até tinha até um... um holofote... o forro da casa... era forro de::... de madeira... tá?... ela [ɛ]inha... sala... copa e:: cozinha... conjugada... e::... dois dormitórios... e um banheiro normal social... e:: no fundo... ela já tinha um um quartinho que tem até hoje... tá?... e um banheiro... só que ela tava::... com as lateral dela principalmente no quintal no piso né? no quintal... tava muito judia::do no/ no banheiro tamØém... aí nós fizemoØ a primeira reforma quando o/ quando o inquilino desocupou... nós fizemoØ a primeira reforma na casa... tá?... demoØ uma ajeitada no FORro... e::... trocamoØ o piso do... do banheiro... e da sala... trocamoØ tamØém umas::... as janela dos quarto e da sala... e trocamoØ... a gra[d]Ø da frente colocamoØ... essa gra[d]Ø que tem hoje que é uma gra[d]Ømais alta... aí em mil novecentos:: e::... noventa e::... três:: mais ou menoØ... nós resolvemoØ ou reformava essa ou vendia essa e comprava uma outra casa... um pouco maior:: um pouco m[i]lhor... aí o pessoal resolveu ficar aqui que as menina já estudavaØ na escola aqui perto... aí nós começamos fa/ fiz a reforma da casa novamente... aí nós tiramoØ TO[d]INHO o telhado da

casa... ~~Ø~~arrancamo~~Ø~~ todo o telhado da casa estucamo~~Ø~~ a casa tudo... aumentamo~~Ø~~... éh::...
 essa sala que nós tamo~~Ø~~ aqui... tá?... que num:: num tinha nós aumentamo~~Ø~~ essa sala
 aqui... éh:: madamo~~Ø~~ fazer o... um dos quarto lá que é tipo apartamento com banheiro...
 aumentamo~~Ø~~ a área... aí arrancamo~~Ø~~ quebramo~~Ø~~ o piso TO[d]INHO inclusive aquele que já
 tinha feito nós mandamos quebrar o piso INTEirinho... e colocamo~~Ø~~ piso INTeirinho na casa
 nós trocamo~~Ø~~ tudo... e::... a garagem nós mandamo~~Ø~~... d[i]rrubar uma lajinha que tinha aí
 fazer a laje tudo de novo... pra:: pra aumentar o tamanho da... da laje... mandamo~~Ø~~forra::r
 esse quartinho lá no fundo... éh:: que a minha sogra veio morar com a gente né?... então nós
 mandamos forrar... mandamos azulejar o banheirinho do fundo tam~~Ø~~ém... tá?... então fez
 uma reforma total na casa... a casa hoje... aqui cê tá ven~~Ø~~o que (só) tem aqui o... esse
 computador das meNIna... e:: e/ esse armário... na outra sala... que é a sala de do pessoal
 assiste televisão... só televisão e o jogo de sofá... o quarto das duas meninas né?... e... um...
 todos os dois quarto tem armário embutidos né?... e o quarto nosso que é o quarto
 apartamento... tá? na cozinha é uma cozinha copa e cozinha conjugada... (lá) só tem uma
 mesa um armário... e lá no fundo que a gente (agora)... min/ minha sogra faleceu a gente só
 usa::... lá mais po:: [dz]espejo tá?... a gente guarda

[

Doc.:

hum::

Inf.: ... umas coisinha só

RP

Doc.: seu J. fala pra mim como se faz alguma COI::sa que o senhor saiba fazer

Inf.: tá eu vo::u eu vou te fala::r ... como se faz... esquadria de de de aço... ela em série tá?...
 num é::... num é artesanal é ela em série... éh::... logicamente a esquadria de aço ela vai

usar... as chapa... de aço... tá?... essas chapa... ela vem... ela vem embobinada... tá? ela vem:... embobinada... e:... essa chapa depois que ela... que ela chega aqui na indústria... ela ela é:... essas bobinas são cortada tá? é mandada éh éh cortar elas... tá? e num:: um processo até demorado porque num é fácil cortar cortar ela INTEira ela enrolada... se for uma::... uma indústria pequena... depois de cortada essas chapa ou mesmo a chapa grande... ela é cortada numa máquina chamada... guilhotina... então... essa chapa é colocada na guilhotina... é regulada essa guilhotina... pa cortar as peça... já no tamanho de ser montada... se for uma::... uma:: indústria grande... a:: o corte e a dobra dessas chapa... é feito numa máquina... tá?... e:... essa máquina é só colocar b[u]bina na máquina... ela puxa... essas chapa sozinha... ela corta... e dobra na medida sozinha... tá?... essa::... essa::... essas máquina é usada hoje em várias indústria inclusive aqui da região aqui que monta aqui essas indústria aqui o grande parte delas já tem... já tem é:: essa máquina... se for uma indústria pequenininha eles num tem essa máquina... então é cortada na na na::... numa guilhotina... essa essa::... essa:: essa chapa é cortada na guilhotina... é passada puma outra máquina que chama... prensa dobradeira... ele vai dobrar... os canto dessas::... dessa dessa chapa... justamente pa fazer a montagem... ele vai passar depois pra:: po pessoal do departa/ o seção de de de... de solda... tá?... que é justamente pa soldar fazer a montagem... tem outra parte... que vai faze::r... as parte menor que vão ser encaixado dentro desse desse vitrô tô fa/ tô falando do caso de um vitrô... se for uma porta... ou mesmo:: portão que é feito em série... é feito da meØma maneira... então... é é tudo isso aí é feito de encaixe... a pintu/ de de montagem aliás por série... por fase... entendeu?... a:: a pintura disso daí... é feito pintura por:: imersão... cê sabe qual que é né? pintura de imersão... é um tanque no... no chão enfia ele lá dentro... ou... se for essas indústria maior ele já é:: é auto/ éh::... é elétrico automático... ele vem... vai penduranØo as peças assim ela vem... ela mergulha e passa dentro de um tanque de tinta... que::... essa tinta na verdade é um:: é mais um:: um fundo de proteção né?... ela num é

uma::... uma uma pintura::... permanen::te uma pintura que/ d[i]finitiva... é uma pintura mais pra de pro/ proteção... ele passa dentro do tanque e deixa fazer a::... a:: a secageØ... agora hoje essas indústria aí que é... o pessoal já faz... tá? dá um banho primeiro aquele banho pra::... pa evitar um pouco a:: a:: a corrosão... entendeu?... isso tamoØ falanØo de de esquadria de aço... se fosse esquadria de alumínio... aí o alumínio já vem... ele extrusado né?... feito a extrusão dele... lá em São Paulo então já chega aqui na... nas indústria aqui já chega... aí já no caso já vem os PERfil... tá? ele já vem::... dobrado e mon/ na na na... na medida certa... a fase daqui da da das indústria nossa aqui é::... fazer o corte... e a montageØ só... o::... essa esquadria de de de::... de:: alumínio... ela tem lógico a vantagem se é alumínio... tem a vantageØ de num ter... de ser uma coisa... vamoØdizer assim permanente que num... e a vantageØ dele é que ele num tem a::...a corrosão né?... então... é uma coisa que::... é um material:: nobre né? é um material que num... que num vai ter a corrosão

Doc.: pode continuar falanØo sobre alguma outra coisa que o senhor sabe como é que se faz

Inf.: tá?... eu vô::u te falar agora de... alguma coisinha de futebol

Doc.: hum::

Inf.: bom... éh::... se for uma:: numa partida de futebol... logicamente vai ter onze pa cada lado né?... ((risos)) tem que ter onze jogador pa cada lado... éh::... existe a::... a marca da área... tá?... então... por exemplo o que que é uma falta?... fora da área... que que é um pênalti?... uma falta... o pênalti na verdade é uma falta... tá?... o pênalti tamØém é uma falta... tem mas ele/ porque que chama pênalti? é uma penalidade na verdade chama penalidade máxima... por quê? porque::... ela só aconte/ ele acontece ele é marcado... quando o jogador tá dentro da área...

Doc.: hum

Inf.: tá?... não é sempre que o jo/ ((toca o telefone)) que o jogador cai... que vai ser marcado o pênalti precisa ver se o outro que tá defendenØo... se ele teve a INtenção... de de de

cometer a falta... num é só que ele caiu ou de/ ou de botár a mão na bola... por exemplo... se o::... se o joga/ o outro jogador chutár uma bola... SEM querer a bola bater no braço do outro... daí num é pênalti... tá? num teve a intenção ele... ele num::... num pode cortar o braço dele pa bola num bater... num num pode jogar sem braço né?... então... a bola... baTEU no braço dele ele num tem culpa... já num é considerado pênalti... agora... éh::... se ele::... bota a mão na bola... pa intercepta::r... a bola vai indo po gol:: ou vai indo po po po::... pro outro ele interceptar... aí... é considerado pênalti... outra coisa no pênalti... éh::... se ele tiver/ acontecer durante a partida... durante a partida... o pesso/ o o jogador chutar o goleiro rebater... ele pode... o/ so/ do jeito que a bola voltar ele pode fazer o gol... é DifeRENTe... quando é:: d[i]cidido no campeona::to... EM coBRANça de de de de de que falam em cobrança de pênalti... aQUEle pênalti num tem rebote... CHUtu o goleiro rebateu...Øcabou... tá?... no entanto... é:: num podia nem chamar pênalti né? o outro né?... num podia:: ser... aquele lá é chamado na verdade é chamado TIro Livre DIreto... direto porque ele tem que entrar direto...

Doc.: hum

Inf.: bateu ele bateu na bola ele num pode bater de novo cê tá entendeno né?

Doc.: uhum ((concordando))

Inf.: né? e/... é o que foi d[i]cidido agora no jogo do... do:: Brasil com a Argentina... aqueles que... que falavam “() em cobrança de pênalti” na verdade é tiro livre direto... porque se eles chutasse uma bola daquela a bola/ o goleiro rebater e ela voltar... ele num pode chutar

Doc.: quando é pênalti... que que o jogador tem que fazer tem distância como que é?

[

Inf.: tá... um pênalti éh::... tem aquela marquinha que éh:: a gente fala... onze... onze jarda né?... que eles fala... tem aquela marquinha... os outros jogador... os outros jogador tem que ficar FORA da

grande área... tá?... eles num pode a hora que... que que o outro o jogador quando for bater... eles num pode invadir a área... se eles invadir a área o juiz pode mandar voltar... tenha acertado o pênalti ou tenha errado... então eles/ os outros jogadores eles num pode invadir a área... e o goleiro também... ele num pode tirar o pé do chão... ele tem que ficar a um/ a posição dele lá... em cima da linha... ele num pode adiantar... ele pode ficar da linha... lógico que ele num vai ficar do lado de dentro pa pra trás da linha... mas ele não pode se mexer...

Doc.: hum::

Inf.: ele pode mexer o corpo () num pode tirar o pé do chão... porque:: normalmente... o quando o o/... o jogador corre pa bater o goleiro corre... o juiz pode mandar voltar...

Doc.: ham

Inf.: uma vez duas três dez... porque o goleiro num pode tirar o pé de cima da linha... entendeu?

Doc.: e quando é aquela falta que tem aquela barreira que tem que fazer

[

Inf.:

tá

Doc.: por quê?

[

Inf.: aí

Doc.: como é que faz?

[

Inf.: aí já é uma falta que aconteceu fora da área...

Doc.: hum

Inf.: existe dois tipo dessas falta... existe a falta em dois lance... que o jogador num pode bater direto pa fazer o gol...

Doc.: hum

Inf.: ele tem que tocar pum outro... por isso que fala dois lance... ou ele/ se ele quiser arriscar e chutar pa bola bater no::... no defensor a bola entrar... ela num pode ir direto po gol... esse é dois lance... e a falta... que pode se cobrar direto... que é essa falta com... fora da área que... cê tá falan~~o~~o que é a falta com:: com barreira...

Doc.: ham::

Inf.: essa aí... a falta... quando o juíz... levanta a mão... se for bater em dois lances... ela num pode ser batida

Doc.: hum::

Inf.: direto... tá?... quando ele num levanta a mão é porque a falta pode ser cobrada direto aí bateu... tá?

Doc.: pra fazer a barreira tem:: um determinado número de jogadores como

[

Inf.:

não

Doc.:como é que

[

Inf.: não

Doc.: faz

Inf.: não... o::... o o goleiro ele pode pedir o tanto que quiser...

Doc.: hum

Inf.: ele pode pedir um dois três cinco ele pode pôr o time inteiro na barreira aí::... num tem problema nenhum... existe é a distância que o juiz conta né?... (então ele dá)... dez passada... na verdade dá... em torno de::... doz/ quase do/ dez metro parece um pouco mais... tem (que ser respeitado) aquilo lá mas a quantidade de jogador o goleiro pode pô::r... até o time inteiro dele na barreira que num tem problema nenhum

RO

Doc.: seu J.... fala sua opinião sobre algum assunto sobre economi::a polí::tica futebol sobre algum assunto... fale sua opinião sobre

Inf.: ah::... eu vou te falar sobre a a... política econômica... tá?... num é uma uma economia... éh:: de empresa por [i]xemplo va/ vamoØ dizer assim macro economia vamoØ [d]Øzer... a::... economia pa gente... pra quem tá fora política econômica pra nós que tamoØ fora... a gente acha solução facinho pra ela...num é uma coisa por exemplo vou te dar um [i]xemplo... quando:: dá um aumento do salário mínimo todo mundo fala que um salário mínimo devia se::r ... mil reais oitocentos reais porque pa gente é fácil... acontece que po:: pro governo... a:: a:: situação é totalmen[t]Ø [d]iferente... porque num é só só por exemplo o I.N.S.S. que num Øguenta pagar aposentado... o I.N.S.S. num aguenta pagar aposentado... num é só o I.N.S.S.... você pega a as prefeitura principalmente do do norte nordeste... é todo mundo a maioria dos funcionário lá ganha um salário mínimo e a prefeitura num tem recurso pa pagar mais... que que aconteceria se ele aumentar muito o salário mínimo... ele quebra o I.N.S.S. ele quebra essas prefeitura... tá?... agora... a a é lógico que a::... que a economia... essa política econômica... ela vai influir... em vários setor... né?... e e e... da na na sociedade... entendeu?... porque eu acho o seguinte por exemplo... essa política que vem sendo feita no Brasil... é uma política de de de de remen::do... sempre foi feito assim... e num adianta ninguém vim falar aqui por [i]xemplo na minha opinião “ah o Brasil tem que chegar lá”... ((barulho de carro)) cortar por [i]xemplo com esse F.M.I. que todo mundo critica... num é bem por aí... num é bem por aí... tem que entender o seguinte... se chegar lá... se o Brasil falar “óh nós vamoØ cortar esse F.M.I. nós num vamoØ... mais ficar porque ele/” cê sabe que eles/ o F.M.I.... eles emprestam o dinheiro... e dão as regra pra gente

seguir... por isso que dá esse arro::xo entendeu?... o governo tem que seguir as regra deles... acontece que SE corTAr com esse FMI... na minha opinião... na MINha opinião... num é SÓ... o dinheiro do F.M.I. que num vem... acontece que as empresa... lá de fora principalmen[t]Ø da Europa... que que tão instalada aqui no Brasil e que gera o emprego aqui no Brasil e num é pouco.... as gran/ as maior empresas que nós temoØ aqui é:: é:: estrangeira... e eles... o Brasil corre o risco deles sair daqui... porque porque eles vão PERDEr a confiança no Brasil... o país nosso é um país que que... é:: que já tá estabilizado... ele num é um país estabilizado tanto é que... cê pode notar que... éh éh::... qualquer coisa que acontece lá fora prime/ re/ ref[r]ete mais rápido aqui do que lá... dá um problema lá no Oriente problema de petróleo... aqui já tá aumentanØo petróleo... nem... nos Estados Unidos que consome mais (neles num é tanto)... aqui nós já tamoØ balançanØo aqui já tá:: aumentando o petróleo aumentando num sei o que... então... essa política que que que é feita de de... COM esse F.M.I.... na minha opinião é um MAL... mas é um mal necessário... porque ATÉ... um dia num sei quando vai ser que o Brasil conseguir... estabilizar... que eu acho que:: na minha opinião num é tão... num é/ num vai ser tão cedo que isso vai acontecer

Doc.: o que que precisaria?

Inf.: veja bem... nós... num temoØ... NEM tecnologia aqui como é nós vamoØestabilizar?... como que nós vamos estabilizar se nós num temoØ tecnologia nós importamoØ dele?... cê tá entendenØo? outra coisa nós num temoØ recurso... nós já tamoØ o o o Brasil... já tá atoLado em dívida com eles... e nós num consegue sair dessa dívida... aí cê vai me perguntar assim “mas quanØo nós vamoØ sair quanØo nós vamoØ sair ?” num sei... eu acho que essa dívida... num sei nós num vamoØ ver eles pagar essa dívida... é uma coisa muito grande então que que ta acontecendo? o Brasil... hoje o governo... gira... parou diminuiu de pegar empré[s]timo... e ficar começanØo pagar... continua paganØo só o juro disso aí... é um:: é uma enormidade que o governo tem que pagar sempre... entendeu? então

que que vai acontecer? nós tamoØ sempre pendente... agora... tamoØ falanØo dessa... dessa ALCA... que é::... a ALCA é um... éh éh pra nós que tamos fora... nós num sabemoØ o que que é isso... há quem diga... que vai ficar pior... que::... eles vem lá de fora e... vamoØ dizer assim eles vão ter livre acesso aqui pra entrar fazer o que quiser botar uma empresa aqui e:: e sem pedi:r... autorização... Dizem né? dizem que eles quer aqui que será isso aí mas... o governo já garante que num é bem isso... né? o governo fala que::... que::... num é bem assim que o... o país continua sobera::no... que que... (precisa de ver que... nós)... como eu tava te falanØo... se nós num temoØ estabilidade e cê vê que na Amazônia... eles imp[r]icaØ com nós aqui na Amazônia... num imp[r]icaØ? eles fala que nós tamoØ acabanØo com a Amazônia eles criticaØ

Doc.: hum

Inf.: só que eles lá acabaram com a deles... tá?... eles acabaram hoje (eles implicam)... “não:: o Brasil tá fa/ fazenØo queimada num sei o que... ta destruinØo a Amazônia”... então po cê vê que... o TANto que nós somoØ dependente deles... agora... essa ALCA... o pouco que eu...que eles falaram né?... que eu tenho lido tenho visto... e que eles falaram dessa ALCA... é uma coisa que tem que se tomar cuidado... se for do jeito que tão falanØo

Doc.: que que pode acontecer se... éh:: colocar a ALCA pra funcionar?

Inf.: uai eles vão pegar... segundo dizem... eles têm livre acesso ATÉ... foi dado um exemplo se eles quiser botar um... uma empresa de de táxi... eles têm chega aqui pode pôr...

Doc.: hum::

Inf.: e nós aqui?... e nós se eles pegar o deles e manda pra cá e nós?... cê já pensou? no do::/ os nosso aqui... e as empresa nossa porque ele... porque que que... essa ALCA que que é a ALCA?... é é Livre Comércio... das América Livre livre... tá?... inclusive éh éh... o que eles quer... isso aí se for feita num vai precisar esse negócio de passaporte cê sabe né?... então

[

Doc.: hum

Inf.: é::... eles quer fazer assim... é livre totalmente livre... então aí se eles pega aqui chega aqui monta a empresa tranquilo...(ah eu tô aqui monta) num tem problema nenhum com se fosse uma empresa nossa... e... agora... éh éh::... a a::... a Europa eles criaram (aquele ter/ eu/) aquele::... o Euro... ta?... eles criaram o Euro... eles separaram ficou uma parte da da... deles ali... é Euro... lá... éh éh::... num sei se tem esse pro/ esse esse livre acesso esse livre... entrada e saída entre os europeu... me parece que tem num sei se exige passapor[t]Ø não... num se exige pa/ não... é o que eles quer fazer com essa ALCA... tanto é que... no governo passado ele protelo::u protelo::u esse negócio da ALCA ele patino::u protelo::u protelo::u... (nenhuma/ ninguém) assina... e agora continua... e quem que pressiona pra quem que é melhor a ALCA?... se analisar num é pos pequenininho aqui num é pra esses... vizinho nosso não... porque... e a ALCA é o seguinte... se o Brasil num entrar... ela num sai...

Doc.: hum::

Inf.: porque vai entrar com quem com esses países pequenininho aí... qual que é/ qual que é o mercado que eles têm interesse?... VAmoØ falar o nome QUEM que é o mercado que os Estados Unidos tem inteRESse... é aqui... é aqui que eles têm interesse... então se o Brasil num entrar... ((risos)) essa ALCA num funciona... mas eu... se num fizer um negócio muito bem feito... vai ficar pior ainda